RACHEL JOYCE

Operação Perfeito

"Você vai acabar recomendando este livro para todas as pessoas que você conhece."
The Times



SUMA de letras



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como

o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso

comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem

ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso

site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por

dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Operação Perfeito



RACHEL JOYCE

Tradução

Camila Mello

SUMA de letras

Leitura Facil

Copyright © Rachel Joyce 2013

Publicado originalmente por HarperCollins Children’s Books, uma divisão da HarperCollins Publishers. Direitos de tradução

negociados com Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.
Todos os direitos reservados.

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

Perfect

Capa

Marcela Perroni sobre layout original de Claire Ward

Ilustrações de capa e miolo

Andrew Davidson

Revisão

Cristhiane Ruiz

Carolina Rodrigues

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão de e-book

Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J79o

Joyce, Rachel

Operação perfeito [recurso eletrônico] / Rachel Joyce ; ilustrações Andrew Davidson ; tradução Camila Mello. - 1. ed. - Rio de

Janeiro : Objetiva, 2015.

recurso digital : il.

Tradução de: *Perfect*

Formato: Epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: world wide web

302p. ISBN 978-85-8105-261-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Davidson, Andrew. II. Mello, Camila. III. Título.

14-17275 CDD: 823 CDU: 821.111-3

Para minha mãe e meu filho Jo

(sem “e”)

O tempo só ganha vida quando o relógio para.

William Faulkner, *O som e a fúria*

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Prólogo – A adição de tempo

Parte Um – Dentro

1. Algo terrível

2. Jim

3. Talismãs da sorte

4. Coisas que têm que ser feitas

5. A senhorita contorcionista

6. O chapéu laranja

7. À beira do perigo

8. Uma saída

9. Lago

10. Plantando

11. Mães e psicologia

12. Outro acidente

13. O erro

14. A tristeza de Jim

15. A incineração do passado

Parte Dois – Fora

1. Uma ideia muito boa

2. Anjos

3. Dois pontos

4. Papai Noel

5. A visita à tarde

6. Procurando coisas pequenas

7. Amizade

8. O aconchego

9. Uma surpresa

10. Charneca

11. O órgão de Beverley

12. Perfume e desodorante

13. A captura de um ovo de ganso e a perda do tempo

14. Saindo

15. O show

16. Palavras como cachorros

17. A pessoa de fora

18. Adeus, Eileen

19. Jeanie e a borboleta

Parte Três – Besley Hill

1. Dança da chuva

2. Rituais

3. Um final

4. O fim da fita adesiva

5. Ruim da cabeça

6. O encontro

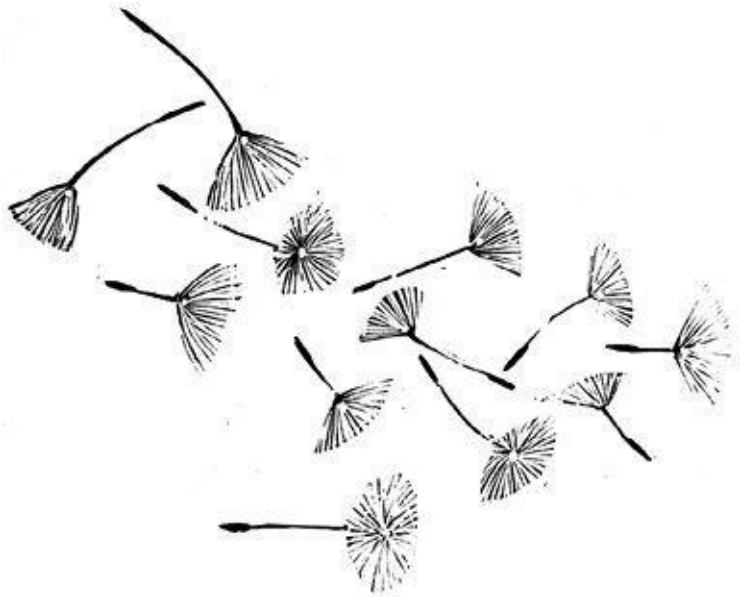
7. Um nome

8. Um final diferente

Epílogo – A subtração de tempo

Agradecimentos

PRÓLOGO



A adição de tempo

EM 1972, DOIS segundos foram adicionados ao tempo. A Grã-Bretanha concordou em se juntar

ao Mercado Comum, e *Beg, Steal or Borrow*, do grupo pop britânico New Seekers, foi a

música selecionada para o Festival Eurovisão. Os segundos foram adicionados porque aquele

foi um ano bissexto e o horário estava desencontrado com o movimento da Terra. O New

Seekers não venceu o Festival Eurovisão da Canção, mas isso não teve nada a ver com o

movimento da Terra, e nada a ver com os dois segundos também.

A adição de tempo deixou Byron Hemmings aterrorizado. Aos 11 anos, era um menino

muito imaginativo. Ficou acordado, imaginando o acontecimento, e seu coração bateu feito

asas de passarinho. Ele observou os relógios e ficou tentando pegá-los no flagra.

— Quando vai acontecer? — perguntou para a mãe.

Ela estava na frente da nova bancada de café da manhã, cortando uma maçã em quatro. O

Sol da manhã entrava pelas portas francesas em quadrados tão nítidos que Byron conseguia

ficar de pé sobre eles.

— Provavelmente quando estivermos dormindo.

— Dormindo? — As coisas eram ainda piores do que ele havia imaginado.

— Ou talvez quando estivermos acordados.

Ele teve a impressão de que ela não sabia de verdade.

— Dois segundos não são nada — disse ela, sorrindo. — Por favor, bebe seu Sunquick. —

Seus olhos estavam brilhantes, a saia bem-passada, os cabelos secos pelo secador.

Byron ouvira falar dos segundos extras pelo amigo James Lowe. James era o menino mais

inteligente que Byron conhecia, e lia o *The Times* todos os dias. A adição dos dois segundos

era extremamente empolgante, segundo James. Primeiro, o homem foi à Lua. Agora, eles iam

alterar o tempo. Mas como dois segundos existiriam onde não existiam antes? Era como

adicionar alguma coisa que não estava ali. Não era seguro. Quando Byron ressaltou isso,

James sorriu. Era o progresso, disse ele.

Byron escreveu quatro cartas, uma para o membro do Parlamento que representava sua

região, uma para a NASA, outra para os editores do *The Guinness Book of Records* e a última

para o sr. Roy Castle, repórter da BBC. Entregou as cartas para que a mãe as postasse,

reforçando que eram importantes.

Recebeu uma fotografia autografada de Roy Castle e uma brochura ilustrada sobre a

aterrissagem da Apollo 15 na Lua, mas nenhuma referência aos dois segundos.

Em poucos meses, tudo havia mudado e as mudanças nunca poderiam ser corrigidas. Por toda

a casa, os relógios que a mãe regulava meticulosamente agora marcavam horas distintas. As

crianças dormiam quando estavam cansadas e comiam quanto tinham fome, e dias inteiros

passavam, todos iguais. Então, se dois segundos foram adicionados a um ano em que se

cometeu um erro — um erro tão súbito que sem os dois segundos talvez nem tivesse

acontecido —, como poderia culpar sua mãe? Não seria a adição de tempo um crime maior?

— Não foi culpa sua — dizia ele para a mãe.

No final do verão ela ia frequentemente à beira do lago, no meio do prado. Ultimamente,

era Byron quem fazia o café da manhã; talvez um fino sanduíche triangular, queijo espremido

entre duas fatias de pão. A mãe ficava sentada, brincando com o gelo em seu copo e tirando

sementes de uma pluma de grama. No horizonte, a charneca reluzia sob um véu de luz da cor

de sorvete de limão; o gramado estava todo florido.

— Ouviu? — repetia ele, porque a mãe tinha propensão a esquecer que não estava

sozinha. — Foi porque eles adicionaram tempo. Foi um acidente.

Ela levantava o queixo. Sorria.

— Você é um bom menino. Obrigada.

Foi tudo por causa de um pequeno deslize no tempo, a história toda. As repercussões foram

sentidas durante muitos anos. Dos dois meninos, James e Byron, apenas um seguiu em frente.

De vez em quando, Byron olhava para o céu sobre a charneca, pulsando tão intensamente com

estrelas que a escuridão parecia viva, e tinha um enorme desejo — desejava a remoção

daqueles dois segundos extras. Desejava que o tempo fosse sagrado como deveria ser.

Se ao menos James nunca tivesse lhe contado.

PARTE UM

Dentro



Algo terrível

JAMES LOWE E Byron Hemmings estudavam na Winston House porque era uma escola

particular. Havia outra escola primária que ficava mais perto, mas essa não era particular; era

pública. As crianças que estudavam ali vinham do conjunto habitacional de Digby Road. Das

janelas mais altas dos ônibus, elas jogavam casca de laranja ou guimbas de cigarro nos bonés

dos meninos da Winston House. Os meninos da escola particular não andavam de ônibus.

Pegavam carona com a mãe porque tinham que percorrer um caminho muito longo.

O futuro estava traçado para os meninos da Winston House. A história deles tinha um

começo, um meio e um fim. No ano seguinte, fariam o exame de admissão para a escola

preparatória. Os mais inteligentes ganhariam bolsas, e aos 13 virariam alunos de internato.

Falariam de forma correta e aprenderiam o que era certo e conheceriam as pessoas certas.

Depois disso, seria Oxford ou Cambridge. Os pais de James estavam pensando na St. Peter’s;

os de Byron, na Oriel. Eles fariam carreira em Direito ou como servidores públicos, na Igreja

ou nas Forças Armadas, como seus pais. Um dia, teriam quartos privados em Londres e uma

casa grande no interior, onde passariam fins de semana com a esposa e os filhos.

Era o começo de junho de 1972. Um filete de luz matinal escapou por baixo das cortinas

azuis de Byron e destacou seus pertences perfeitamente organizados. Ali estavam as revistas

educativas *Look and Learn*, os álbuns de selos, a lanterna, a nova caixa mágica Abracadabra

e o conjunto de química com sua própria lente de aumento que ganhara de Natal. O uniforme

escolar havia sido lavado e passado por sua mãe, na noite anterior, e estava esticado na

cadeira. Byron conferiu o relógio e o despertador. Os ponteiros dos segundos se moviam de

maneira estável. Passando em silêncio pelo hall, ele abriu a porta do quarto da mãe e tomou

seu lugar na beirada da cama.

Ela estava deitada imóvel. Seus cabelos faziam um halo dourado no travesseiro e o rosto

vibrava a cada respiração, como se ela fosse feita de água. Ele conseguia ver suas veias roxas

através da pele. As mãos de Byron eram macias e gorduchas, como o exterior de um pêssego,

mas James já tinha veias, linhas pálidas que partiam das juntas dos dedos e que um dia

ficariam saltadas, como as dos homens.

Às seis e meia o despertador quebrou o silêncio e os olhos da mãe se abriram, um cintilar

azul.

— Oi, meu amor.

— Estou preocupado — disse Byron.

— Não é sobre o tempo de novo, é? — Ela pegou o copo e a pílula, e tomou um gole de

água.

— Eles não devem adicionar os segundos extras hoje?

— James também está preocupado?

— Acho que ele esqueceu.

Ela limpou a boca, e Byron viu que ela estava sorrindo. Duas covinhas apareceram como

furinhos em suas bochechas.

— Já conversamos sobre isso. Falamos sobre isso o tempo todo. Quando eles adicionarem

os dois segundos, vão dizer alguma coisa no *The Times*. Vão falar sobre isso no *Nationwide*.

— Está me dando dor de cabeça — disse ele.

— Quando acontecer, você não vai perceber. Dois segundos não são nada.

Byron sentiu o sangue ferver. Quase se levantou, mas ficou sentado.

— É isso que ninguém percebe. Dois segundos são muita coisa. É a diferença entre algo

acontecer ou não. Você pode dar um passo a mais e cair de um penhasco. É muito perigoso. —

As palavras saíram rapidamente.

Ela olhou para ele com o mesmo rosto franzido de quando tentava fazer contas.

— Temos mesmo que levantar — disse ela.

A mãe abriu as cortinas da janela e olhou para fora. Uma bruma de verão avançava desde

a charneca Cranham Moor, tão espessa que os montes depois do jardim pareciam em perigo de

extinção. Ela olhou para o próprio punho.

— Vinte e quatro minutos para as sete — disse ela, como se informasse o tempo certo para

o relógio. Tirou o roupão cor-de-rosa do gancho e foi acordar Lucy.

Quando Byron imaginava como seria dentro da cabeça da mãe, via uma série de gavetinhas

embutidas com alças cravejadas de joias, tão delicadas que seus dedos teriam dificuldade de

segurá-las. As outras mães não eram como ela. Vestiam camisas de crochê e saias em

camadas, e algumas delas tinham até os novos sapatos plataforma. O pai de Byron preferia que

a esposa se vestisse de maneira mais formal. Com suas saias justas e sapatos de salto fino,

bolsa de mão combinando e caderno, Diana fazia com que outras mulheres parecessem

grandes demais e inexperientes. Andrea Lowe, a mãe de James, parecia um gigante de cabelos

negros ao lado dela. O caderno de Diana continha colagens de artigos que ela havia recortado

das revistas *Good Housekeeping* e *Family Circle*. Escrevia aniversários dos quais tinha que

se lembrar, datas importantes para o período escolar, assim como receitas, lições de costura,

dicas de jardinagem, de penteados e palavras que ela nunca tinha escutado. O caderno era

cheio de sugestões para melhorias: “*22 novos penteados para deixar você ainda mais bonita*

nesse verão. ” “*Papéis de presente para todas as ocasiões.* ” “*Cozinhando com sobras.* ”

“*Regras gramaticais.* ”

— *Elle est la plus belle mère* — elogiava James de vez em quando. E ao dizer isso, ficava

corado e em silêncio por um momento, como se contemplasse algo sagrado.

Byron vestia o short cinza de flanela e o colete de verão. Lutou para fechar os botões da

camiseta, quase nova. Prendendo as meias, que iam até os joelhos, com ligas improvisadas,

foi para o andar de baixo. As paredes de madeira brilhavam, escuras como castanhas.

— Não estou falando com ninguém além de você, querido — cantarolou a voz da mãe.

Ela estava de pé na outra ponta do corredor, perto da mesa do telefone. Já estava vestida.

Ao seu lado, Lucy esperava que suas tranças fossem presas com laços. O ar tinha o cheiro

pesado de produto de limpeza e polidor, um cheiro tão reconfortante quando o de ar fresco.

Quando Byron passou, a mãe beijou as pontas dos dedos e tocou a testa dele. Ela era apenas

um pouco mais alta.

— Estamos só eu e as crianças — disse ela ao telefone. As janelas atrás eram de um

branco opaco.

Na cozinha, Byron se sentou à mesa do café e desdobrou um guardanapo limpo. A mãe

conversava com o pai. Ele ligava no mesmo horário todas as manhãs, e todas as manhãs ela

garantia estar escutando.

— Ah, hoje vou fazer o de sempre. Cuidar da casa, do jardim. Arrumação pós-fim de

semana. Parece que vai fazer calor.

Livre das mãos da mãe, Lucy foi para a cozinha e escalou o banco. Virou a caixa de cereal

Sugar Stars em cima da tigela do personagem Peter Rabbit.

— Devagar — disse Byron quando ela pegou o jarro azul. Observou o fluxo rápido de

leite na tigela. — Assim você vai derramar, Lucy — avisou ele, embora apenas por educação.

Já havia derramado.

— Sei o que estou fazendo, Byron. Não preciso de ajuda. — Cada palavra de Lucy

parecia um pequeno ataque aéreo. Ela devolveu o jarro à mesa. Era gigante em suas mãos.

Depois, fez uma parede de caixas de cereal em volta da tigela. Ele só conseguia ver o topo

amarelo-claro de sua cabeça.

A voz da mãe veio do corredor.

— Sim, Seymour. Ela está toda polida. — Byron deduziu que estavam falando sobre o

novo Jaguar.

— Posso pegar o Sugar Stars, Lucy, por favor?

— Você não deveria comer Sugar Stars. Tem que comer sua salada de fruta e seu cereal

saudável.

— Eu quero ler o pacote. Quero olhar para figura do Sooty.

— Eu estou lendo os pacotes.

— Você não precisa de todos ao mesmo tempo — disse ele com carinho. — E você nem

sabe ler, Luce.

— Está tudo no lugar — cantarolou a voz da mãe no corredor. Ela deu uma risadinha.

Byron sentiu algo quente no estômago. Tentou pegar uma caixa de cereal, apenas uma,

antes que Lucy pudesse detê-lo, mas ela levantou a mão quando a caixa se moveu. O jarro de

leite virou, houve um barulho estrondoso de queda, e o chão de repente virou uma correnteza

de leite branco e pedaços azuis de porcelana. As crianças ficaram olhando,

chocadas. Já era

quase hora de escovar os dentes.

Diana apareceu na cozinha em instantes.

— Ninguém se mexe! — gritou ela, levantando as mãos como se estivesse parando o

trânsito. — Vocês podem se machucar! — Byron ficou tão imóvel que seu pescoço doeu.

Conforme ela andava até a dispensa dos produtos de limpeza, nas pontas dos pés, com os

braços abertos e os dedos esticados, o chão chapinhava e estalava sob seus sapatos.

— Foi culpa sua, Byron — acusou Lucy.

Diana voltou rapidamente com esfregão e balde, pá de lixo e vassoura. Mergulhou o

esfregão na água com sabão e o arrastou pela poça. Com um olhar para o relógio de pulso,

juntou os cacos de louça e os pegou com a pá. Os últimos pedaços, ela pegou com os dedos e

os jogou no lixo.

— Pronto — disse alegremente. Foi quando notou a palma da mão esquerda. Havia um

corte vermelho e reto, transbordando.

— Agora você está sangrando — disse Lucy, ao mesmo tempo horrorizada e animada com

o ferimento.

— Não é nada — insistiu a mãe, mas o sangue escorria pelo pulso e, apesar do avental,

manchara a barra da saia. — Ninguém se mexe! — repetiu ela, virando-se e saindo da cozinha

com pressa.

— A gente vai se atrasar.

— A gente nunca se atrasa — disse Byron. Era uma regra do pai deles. Um inglês deve

sempre ser pontual.

Diana reapareceu com um vestido verde cor de menta e um cardigã feito de lã de carneiro

combinando. Enrolara a mão com um curativo, e agora ela parecia uma pequena pata e passara

batom vermelho-morango.

— Por que vocês ainda estão sentados aqui? — gritou ela.

— Você falou para a gente não se mexer — disse Lucy.

Pec, *pec*, ecoaram os saltos dela no corredor; as crianças correram atrás dela. Blazers e

chapéus escolares estavam presos em ganchos acima dos sapatos. Diana pendurou as mochilas

e as bolsas de educação física dos dois nos braços.

— Vamos.

— Mas não escovamos os dentes.

A mãe não respondeu. Abriu a porta da frente e correu para dentro da bruma. Byron e Lucy

tiveram que se apressar para alcançá-la.

Lá estava ela, uma silhueta difusa na porta da garagem. Olhou para o relógio, punho

esquerdo entre os dedos da mão direita, como se o tempo fosse uma pequena célula e ela a

estivesse examinando através de um microscópio.

— Vai dar tudo certo — disse ela. — Se corrermos, podemos compensar o tempo perdido.

A Cranham House era um prédio georgiano de pedras pálidas que brilhavam brancas como

ossos sob o Sol forte do verão, e rosa como carne nas manhãs de inverno. Não existia um

vilarejo. Era apenas a casa e o jardim e a charneca. O prédio se prostrava com as costas

firmemente voltadas para a massa de vento, de céu e de terra que pairava atrás dele, e fazia

Byron pensar em uma casa que gostaria de ter sido construída em algum outro lugar — em

acres de alguma planície inglesa, por exemplo, ou nas margens gentis de um córrego. A

vantagem da localização, dizia o pai dele, era a privacidade. Isso era o que James chamava de

eufemismo. Era preciso andar pelo menos quatro quilômetros de carro para encontrar um

vizinho. Entre os jardins e as primeiras colinas da charneca havia um campo com um lago

amplo e depois um cinturão de árvores. Haviam cercado a água, no ano anterior, e as crianças

foram proibidas de brincar ali.

A estrada de cascalho estalava sob as rodas do Jaguar. A bruma era como um capuz

cobrindo os olhos de Byron. Roubava as cores e a definição até das coisas mais próximas. As

colinas, as encostas gramadas e os gazebos de rosas, as árvores frutíferas, os muros de faia, as

hortas, os canteiros e as cancelas de madeira, tudo sumiu. O carro virou à esquerda e subiu um

monte. Ninguém falou nada. A mãe se sentava, tensa e inclinada para a frente, atrás do volante.

Na charneca, as condições estavam ainda piores. A bruma cobria mais de 15 quilômetros

em todas as direções — embora naquela manhã não houvesse divisão entre montes e céu. Os

faróis dianteiros do carro faziam buracos superficiais no lençol branco. De vez em quando, um

pequeno gado ou um galho protuberante tomavam forma e o coração de Byron dava um pulo

quando a mãe desviava. Certa vez, Byron dissera para James que as árvores eram tão

assustadoras na charneca que podiam ser fantasmas; James franzira o rosto. Parecia poesia,

dissera James, mas não era real, assim como um cão detetive que falava, na televisão, não era

real. Eles atravessaram pelos portões de aço e foram em direção ao Besley Hill, onde

moravam os loucos. Quando as rodas do Jaguar passaram pelo cercado do gado, Byron

suspirou de alívio. Então, ao se aproximarem da cidade, viraram em uma esquina e pararam

de repente.

— Ai, não — disse ele, se empertigando. — O que houve agora?

— Não sei. Trânsito.

Era a última coisa de que precisavam. A mãe levou os dedos aos dentes e roeu uma das

unhas.

— É por causa da neblina?

— Não sei — repetiu ela e puxou o freio de mão.

— Acho que o Sol está em algum lugar lá em cima — disse ele alegremente. — Ele vai

esquentar e acabar com isso daqui a pouco.

Havia carros bloqueando a estrada até onde a visão alcançava; uma fila que entrava no

véu de nuvens. À esquerda, a silhueta de um veículo queimado marcava a entrada do conjunto

habitacional de Digby Road. Eles nunca faziam aquele caminho. Byron viu a mãe olhar para o

lado.

— A gente vai se atrasar — resmungou Lucy.

Destravando o freio de mão, Diana colocou o carro na primeira marcha, depois girou o

volante e acelerou para a esquerda. Estava indo direto para Digby Road. Ela nem fez a

sequência espelho, sinal, manobra.

No começo, as crianças ficaram pasmas demais para conseguirem falar. Passaram pelo

carro queimado. O vidro das janelas estava estilhaçado e as rodas, as portas e o motor não

estavam faltando, de modo que o carro parecia um esqueleto esturricado. Byron cantarolou

com calma porque não queria pensar nisso.

— Papai diz que é para a gente nunca ir por este caminho — disse Lucy, levando as mãos

ao rosto.

— É um atalho pelo conjunto habitacional — falou a mãe. — Já passei por aqui antes. —

Ela pisou no acelerador.

Não houve tempo para considerar o que ela dissera; que, apesar da regra do pai, ela já

tinha feito aquele caminho. Digby Road era pior do que Byron tinha imaginado. Não era nem

asfaltada em alguns lugares. A bruma estava grudada às fileiras de casas, de modo que elas se

apareciam, fracas e indistintas, e depois pareciam se desintegrar. O lixo entupia os bueiros;

escombros, bolsas, lençóis, caixas, era difícil dizer o que era o quê. De vez em quando

apareciam varais cheios de lençóis e roupas descoloridas.

— Não vou olhar — disse Lucy e escorregou pelo assento para se esconder.

Byron tentou encontrar alguma coisa que não o assustasse. Alguma coisa familiar e que o

fizesse se sentir bem em Digby Road. Ele se preocupava demais; a mãe já dissera isso várias

vezes. E então, de repente, lá estava. Uma única coisa bonita: uma árvore que brilhava no

meio da bruma. Tinha enormes galhos arqueados enfeitados com flores cor-de-rosa como

chiclete, embora a época de floração já tivesse acabado havia muito tempo em Cranham

House. Byron sentiu uma onda de alívio, como se tivesse presenciado um pequeno milagre ou

uma gentileza, no momento em que menos acreditava na existência dessas duas coisas.

Embaixo da árvore, uma silhueta em movimento. Era pequena, do tamanho de uma criança.

Girava em direção à estrada e tinha rodas. Era uma menina em uma bicicleta vermelha.

— Que horas são? — disse Lucy. — Estamos atrasados?

Byron olhou para o relógio e congelou. O ponteiro dos segundos estava se movendo para

trás. Sua voz cortou a garganta e ele percebeu que gritara.

— Mãe, está acontecendo. Para. — Ele agarrou o ombro dela. Puxou com força.

Byron não conseguiu entender o que aconteceu depois. Foi muito rápido. Enquanto tentava

mostrar o relógio para a mãe, ou, mais precisamente, o ponteiro dos segundos, também se deu

conta da árvore milagrosa e da menininha andando de bicicleta na estrada. Eram todos parte

de uma mesma coisa. Todos aparecendo, de repente, do nada, no meio da bruma densa, no

meio do tempo. O Jaguar desviou e ele apoiou as mãos no painel de mogno para se segurar.

Quando o carro parou bruscamente, houve um som que pareceu um sussurro metálico e, depois

disso, silêncio.

Nos instantes que se seguiram, menores do que segundos, menores até do que um piscar de

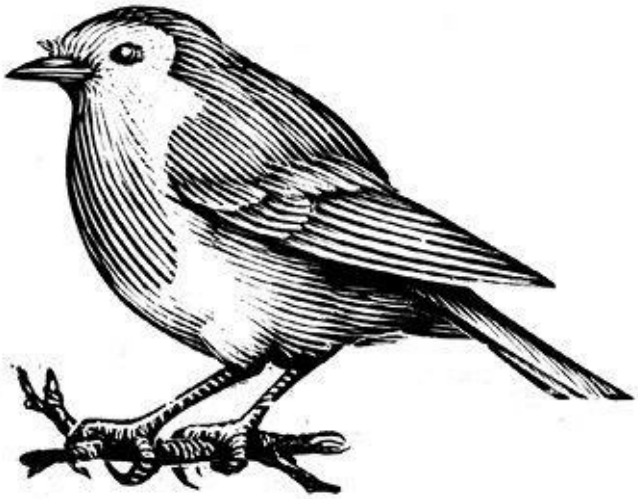
olhos, Byron procurou a menina na beira da estrada e não a encontrou; ele soube então que

algo terrível tinha acontecido e que a vida jamais seria a mesma. Soube antes mesmo de

compreender a situação.

Acima da charneca um círculo branco de luz brilhava. Byron tinha razão sobre o Sol.

Estava prestes a aparecer.



Jim

JIM MORA EM um trailer no limite do novo conjunto habitacional. Todo dia ele cruza a charneca

a pé ao amanhecer e volta a pé à noite. Trabalha no café reformado que fica no supermercado.

Tem conexão wi-fi e uma área para recarregar celulares, mas Jim não usa nem um nem outro.

Quando começou a trabalhar ali, seis meses antes, foi na seção de bebidas quentes, mas

depois de servir *cappuccinos* com cobertura de framboesa e canudo de chocolate, foi

rebaixado às mesas. Se falhar nesse emprego, não sobra nada. Nem mesmo Besley Hill.

O céu negro está trançado com nuvens, como cabelos prateados, e o ar está tão gelado que

machuca sua pele. Sob seus pés, o solo congelou de tal forma que as botas estilhaçam os

fiapos endurecidos de grama. Ele já consegue ver o brilho neon de Cranham Village enquanto

lá atrás os faróis dos carros cruzam a charneca, formando um colar de pequenas luzes

vermelhas e prateadas em movimento, uma linha no escuro.

No final da adolescência, ele foi encontrado ali vestindo apenas cueca e sapatos.

Entregara as roupas para as árvores; dormia ao relento havia dias. Foi capturado ali mesmo.

— Oi de novo, Jim — disse o médico, como se fossem velhos amigos, como se Jim

estivesse vestido como ele, de terno e gravata.

— Oi de novo, doutor — disse Jim para mostrar que não era perigoso. O médico

prescreveu terapia eletroconvulsiva. Isso lhe causou gagueira e, mais tarde, um formigamento

nos dedos que Jim sente até hoje.

A dor é assim; ele sabe disso. Em algum lugar de seu cérebro, o que aconteceu com ele

naquela época ficou desorganizado. Tornou-se outra coisa, não apenas a dor que sentia na

época, mas também outra dor, mais complicada, ligada a mais de quarenta anos atrás e com

tudo o que perdeu.

Ele segue pela estrada até o conjunto. Tem uma placa dando boas-vindas aos visitantes de

Cranham Village e pedindo que dirijam com cuidado. A placa foi vandalizada recentemente,

assim como o ponto de ônibus e os balanços das crianças — a mensagem agora é *Bem-Vindos*

a Cocôham. Felizmente, Cranham é o tipo de lugar que as pessoas só visitam se o GPS comete

um erro. Jim limpa a placa porque lhe dá vergonha vê-la daquele jeito, mas as letras não

voltam ao que eram.

As novas casas são tão próximas quanto dentes. Cada uma tem um jardim na frente, não

muito maior do que o espaço para um único carro estacionar, e um canteiro embaixo da janela

onde nada cresce. No fim de semana, vários residentes enfeitaram as calhas com luzes de

Natal e Jim faz uma pausa para admirá-las. Gosta especialmente daquelas que parecem

pingentes brilhantes de gelo. Em um dos telhados, um Papai Noel parece desmontar uma

parabólica. Provavelmente não é o tipo de homem que você quer ver descendo pela sua

chaminé. Jim passa pela praça de lama que os moradores chamam de Gramado e pela vala

sem cerca no meio. Cata algumas latas vazias de cerveja e as joga no lixo.

Quando entra na rua sem saída, olha para a casa alugada por estudantes estrangeiros e para

a outra, onde um homem se senta todo dia à janela. Passa pelo portão com a placa avisando

sobre o cão perigoso e pelo jardim com as roupas que nunca são tiradas do varal. Adiante, seu

trailer brilha sob o luar pálido feito leite.

Alguns meninos passam correndo de bicicleta, gritando animadamente, um no assento e

outro se equilibrando no guidão.

— Tome c-cuidado — ele berra, mas os meninos não escutam.

Como cheguei aqui?, pergunta-se Jim. Éramos dois, antigamente.

O vento sopra e não diz nada.



Talismãs da sorte

QUANDO JAMES MENCIONOU a adição dos segundos para Byron pela primeira vez, apresentou o

assunto como mais um fato interessante. Os meninos gostavam de se sentar do lado de fora da

capela, durante o almoço, enquanto os outros ficavam correndo pelo campo. Mostravam suas

coleções de figurinhas Brooke Bond — ambos estavam colecionando as de História da

Aviação — e James contava notícias do jornal para Byron. Não foi um artigo de

destaque,

explicou, e ele teve que ler rapidamente porque o ovo cozido estava pronto, mas a ideia geral

era que por causa do ano bissexto, o horário registrado estava desencontrado do movimento

natural da Terra. Para mudar isso, disse ele com sabedoria, os cientistas teriam que averiguar

coisas como a expansão da camada terrestre e também de que modo ela se movia em torno do

eixo. Byron sentiu o queixo caindo. A ideia o horrorizou. E mesmo que James tivesse dito que

era muito animador, a ideia de mexer na ordem natural das coisas cresceu e cresceu na mente

de Byron. O tempo era o que mantinha o mundo coeso. Mantinha a vida como deveria ser.

Ao contrário de James, Byron era um menino corpulento. Formavam uma dupla esquisita.

James era franzino e pálido, a franja caía nos olhos e tocava os lábios quando ele ponderava

alguma coisa; enquanto Byron, alto e contido, ficava sentado ao lado de James esperando que

terminasse. Byron às vezes beliscava a dobra de carne em sua própria cintura e perguntava à

mãe por que James não tinha também, e ela dizia que ele tinha, é claro que sim, mas Byron

sabia que ela estava sendo gentil. Era comum que seu corpo extrapolasse botões e costuras.

Seu pai dissera isso sem rodeios. Byron estava acima do peso, era preguiçoso. Então a mãe

dizia que era gordura de criança, havia uma diferença. Conversavam como se Byron não

estivesse presente, o que era estranho quando o assunto era o fato de que ele existia em

excesso.

Nos momentos após o acidente, ele de repente se sentiu feito de nada. Perguntou-se se

estaria machucado. Ficou sentado, esperando a mãe perceber o que tinha feito, esperando que

ela gritasse ou saísse do carro, mas nada disso aconteceu. Ficou sentado esperando a

menininha berrar ou se levantar do asfalto, mas isso também não aconteceu. A mãe ficou

imóvel no assento do motorista e a menininha ficou bem quieta embaixo da bicicleta vermelha.

Então, de repente, com um estalo, as coisas começaram a acontecer. A mãe olhou por cima do

ombro direito e ajustou o retrovisor; Lucy perguntou por que tinham parado. A menininha foi a

única que permaneceu parada.

A mãe deu a partida e colocou as mãos no volante exatamente na posição em que o pai

havia ensinado. Deu marcha a ré para alinhar o carro e mudou para a primeira marcha. Ele não

acreditou que a mãe estivesse indo embora, que estavam deixando a menininha no local da

colisão, mas então Byron percebeu que sua mãe não sabia. Ela não viu o que tinha feito. Seu

coração batia tão forte que doía na garganta.

— Vai, vai, vai! — berrou ele.

Em resposta, a mãe mordeu o lábio para mostrar que estava se concentrando e afundou o

pé no acelerador. Ela pegou o retrovisor e o moveu para a direita e para a esquerda, um pouco

mais para a direita...

— Depressa! — gritou ele. Tinham que fugir antes que alguém os visse.

Passaram pela Digby Road tranquilamente. Ele ficou olhando de um lado para outro,

girando o pescoço para espiar pelo vidro de trás. Se não se apressassem, a bruma

desapareceria. Viraram na High Street e passaram pelo novo bar Wimpy. As crianças da

Digby Road formavam filas obscuras no ponto de ônibus. Havia a quitanda, o açougue, a loja

de música e a sede do Partido Conservador da região. Mais à frente, assistentes uniformizados

que trabalhavam na loja de departamentos estavam polindo janelas e abrindo os toldos

listrados. Um porteiro de chapéu fumava na frente do hotel e uma van de entregas havia

chegado com flores. Byron era o único que estava se segurando no assento,

esperando que

alguém aparecesse e parasse o carro.

Mas isso também não aconteceu.

Diana estacionou na rua arborizada onde as mães sempre estacionavam e pegou as

mochilas. Ajudou as crianças a se levantarem e trancou o Jaguar. Lucy foi saltitando na frente.

As outras mães acenaram, deram bom dia e perguntaram sobre o fim de semana. Uma falou

alguma coisa sobre o trânsito e outra limpou a sola do sapato do filho com um lenço de papel.

A bruma estava se dissipando rapidamente. Alguns pedaços de céu azul já reluziam e gotas de

luz marcavam pequenos olhos nas folhas de sicômoro. Lá longe, a charneca vibrava em tom

pálido, como o mar. Apenas um rastro de fumaça pairava acima das colinas mais baixas.

Byron andou ao lado de Diana, achando que seus joelhos fossem ceder. Sentia-se como um

copo de vidro com água demais: se andasse muito rápido ou se parasse abruptamente,

transbordaria. Não conseguia entender. Não conseguia entender como ainda estavam indo para

a escola. Não conseguia entender como as coisas continuavam como antes. Era uma manhã

comum, mas não era. O tempo fora estilhaçado e tudo estava diferente.

No pátio, ficou parado ao lado da mãe, escutando com tanta atenção que seus olhos

viraram ouvidos. Mas ninguém disse “Eu vi seu Jaguar prata placa número KJX 216K em

Digby Road”. Ninguém disse que uma menininha fora machucada, assim como ninguém

mencionou os segundos extras. Ele acompanhou a mãe até a entrada da escola das meninas, e

Lucy parecia tão tranquila que nem se lembrou de dar tchau.

Diana apertou a mãe dele.

— Você está bem?

Byron fez que sim — com a cabeça, porque a voz não funcionaria.

— Hora de ir, meu amor — disse ela. Ele sentiu que ela estava observando enquanto ele

atravessava o pátio, e foi tão difícil ir que sua coluna doeu. O elástico de seu chapéu cortava-

lhe a garganta.

Precisava encontrar James. Tinha que encontrá-lo urgentemente. James entendia as coisas

de maneiras que Byron não conseguia; ele era como a peça lógica que faltava em Byron. Na

primeira vez que o sr. Roper explicou sobre a relatividade, por exemplo, James balançara a

cabeça de modo entusiasmado como se forças magnéticas fossem uma verdade da qual ele

suspeitava havia tempo, ao passo que para Byron a nova ideia era como nós na

cabeça. Talvez

fosse porque James era um menino tão cuidadoso. Byron o observava de vez em quando,

alinhando o zíper do estojo ou tirando a franja dos olhos. Havia tanta precisão que Byron

ficava encantado. Às vezes, tentava ser assim também. Andava com cuidado e arrumava as

canetas por ordem de cor. Mas então descobria que os cadarços estavam desamarrados ou que

a camiseta estava para fora da calça, e voltava a ser Byron de novo.

Ajoelhou-se ao lado de James na capela, mas era difícil chamar sua atenção. Até onde

Byron sabia, James não acreditava em Deus (“Não há provas”, dizia ele), mas uma vez

entretido na oração, assim como na maioria das outras atividades, levava a sério. Cabeça

baixa, olhos bem fechados, sussurrando as palavras com tanta intensidade que seria uma

blasfêmia interromper. Então, Byron tentou ficar ao lado de James na fila do refeitório, mas

Samuel Watkins perguntou o que ele achava do time Glasgow Rangers e James ficou ocupado.

O problema era que todo mundo queria saber a opinião dele. Ele pensava nas coisas antes que

você se desse conta de que tinha alguma coisa para se pensar sobre elas, e quando você

percebia que sim, James já estava pensando em outro assunto. Finalmente, a oportunidade de

Byron veio durante a aula de educação física.

James estava do lado de fora do pavilhão de críquete. O dia estava tão quente que se

mover doía. Não tinha nenhuma nuvem no céu e o Sol estava quase berrando. Byron já tinha

feito uma tacada e James esperava a vez dele no banco. Gostava de se concentrar antes dos

jogos e preferia ficar sozinho. Byron se sentou do outro lado do banco, mas James não

levantou a cabeça, nem se mexeu. A franja cobria os olhos e sua pele luminosa tinha começado

a queimar embaixo das mangas.

Byron só conseguiu dizer “James?” e então alguma coisa o fez parar.

Contagem. Um fluxo constante. James estava sussurrando como se um ser muito pequeno

estivesse entre seus joelhos e ele precisasse ensinar-lhe os primeiros números. Byron estava

acostumado a ver James murmurando, já vira aquilo várias vezes, mas geralmente era em voz

baixa, difícil de perceber. “Dois, quatro, oito, dezesseis, trinta e dois.” O ar acima de

Cranham Moor tremeluzia como se os picos mais altos fossem se misturar ao céu. Byron se

sentiu esquentar no uniforme de críquete.

— Por que você faz isso? — disse ele. Estava apenas tentando iniciar uma conversa.

James deu um salto, como se não tivesse percebido que tinha companhia, e Byron riu para

mostrar que tinha sido sem querer.

— Está praticando a tabuada? — perguntou. — Porque você sabe a tabuada melhor que

todo mundo. Eu, por exemplo. Eu sou inútil. Erro a tabuada de nove. *Aussi* a de sete. Essas são

très difficile para mim também. — Os meninos falavam em francês as coisas que eram ou

muito chatas ou muito difíceis para explicar em inglês. Era como ter uma linguagem secreta,

mas não exatamente porque qualquer pessoa podia entrar na conversa.

James enterrou a ponta do taco na grama aos seus pés.

— Estou conferindo se sei multiplicar os números por dois. Para ficar tudo bem.

— Para ficar tudo bem? — Byron engoliu a saliva. — Como assim para ficar tudo bem?

— James nunca havia falado daquela forma antes. Era muito incomum.

— É como correr para o quarto antes de a descarga parar. Se eu não fizer isso, as coisas

podem dar errado.

— Mas isso não faz sentido, James.

— Na verdade, faz muito sentido, Byron. Não vou me arriscar. A pressão já começou por

causa do exame para a bolsa. Às vezes eu tento achar trevos de quatro folhas, e agora tenho

um besouro da sorte também. — James tirou do bolso algo que brilhou entre seus dedos. O

besouro de bronze era fino e escuro, do tamanho do polegar de Byron, e tinha o formato de um

inseto com asas fechadas. Tinha um gancho de metal onde você poderia pendurar uma chave.

— Eu não sabia que você tinha um besouro da sorte — disse Byron.

— Minha tia mandou para mim. É da África. Não posso cometer erros bobos.

Byron sentiu uma dor atrás dos olhos e no topo do nariz e percebeu com uma pontada de

vergonha que ia chorar. Felizmente, alguém berrou “Fora” e depois veio uma salva de palmas

do campo de críquete.

— É minha vez de rebater — disse James engolindo em seco. Educação física era a

matéria de que menos gostava. Byron não mencionava o fato, mas James tendia a piscar

quando a bola ia na direção dele. — Tenho que ir agora — disse ele e se levantou.

— Você viu, *ce matin*?

— Vi o quê, Byron?

— Os dois segundos, eles adicionaram hoje às quinze para as oito.

Houve um pequeno hiato onde nada aconteceu, onde Byron esperou que James Lowe

dissesse alguma coisa e James Lowe não disse nada. Apenas olhou para Byron daquela

maneira intensa e pálida como cera, apertando o besouro na mão. O Sol estava logo atrás dele,

e Byron teve que estreitar os olhos para continuar encarando. As orelhas de James brilhavam

como camarões.

— Tem certeza? — perguntou James.

— Meu ponteiro dos segundos andou para trás. Eu vi. E depois, quando olhei de novo para

o relógio, ele começou a ir na direção certa. Com certeza aconteceu.

— Não tinha nada sobre isso no *The Times*.

— Não tinha nada sobre isso no *Nationwide*. Assisti a tudo ontem e ninguém falou nada.

James olhou para o relógio. Era suíço, tinha uma tira grossa de couro e havia pertencido

ao seu pai. Não havia dígitos para mostrar os minutos, apenas uma pequena janela para a data.

— Tem certeza? Tem certeza do que viu?

— Absoluta.

— Mas por quê? Por que eles adicionariam dois segundos e não nos diriam?

Byron franziu o rosto para conter o choro.

— Não sei. — Queria ter um chaveiro de besouro. Queria ter uma tia que mandasse

talismãs da sorte da África para ele.

— Você está bem? — perguntou James.

Byron acenou vigorosamente com a cabeça, o que sacudiu os olhos para cima e para

baixo.

— *Dépêchez-vous*. *Les autres* estão esperando.

James se virou para o campo e respirou fundo. Correu levantando bem os joelhos e os

braços subindo e descendo. Se continuasse naquela velocidade, desmaiaria antes de chegar em

sua posição. Byron esfregou os olhos antes que alguém o visse, e depois espirrou várias vezes

para que, se ainda estivessem olhando, pensassem que ele estava com alergia ou com algum

resfriado repentino de verão.

A chave do Jaguar novo fora um presente para a mãe depois que ela passou no teste de

direção. O pai raramente fazia surpresas. Diana, por outro lado, era mais espontânea.

Comprava um presente porque queria que você o recebesse e fazia embrulhos com papel e

fitas, mesmo que não fosse seu aniversário. O pai não embrulhou a chave, ele a colocou em

uma caixa, embaixo de um lenço de renda branco.

— Ai, meu Deus — dissera ela. — Que surpresa. — Ela nem percebeu a chave, a

princípio. Ficou apenas tocando o lenço com expressão confusa. A inicial do

nome dela estava

bordada com pequenas rosas.

Por fim, Seymour tinha dito:

— Meu Deus do céu, querida. — Mas a palavra saiu errada e não soou tanto como um

carinho, pareceu mais uma ameaça. Foi quando ela levantou o lenço e encontrou a chave com

o emblema especial do Jaguar impresso no couro.

— Ai, Seymour — repetiu ela várias vezes. — Você não devia. Você não fez isso. Eu não

posso.

O pai acenara daquele jeito formal de sempre, como se seu corpo estivesse louco para sair

pulando, mas as roupas não dessem espaço. Agora as pessoas vão notar, dissera ele. Ninguém

mais vai ignorar os Hemmings. Diana dissera sim, meu bem, as pessoas vão morrer de inveja.

Ela realmente era a mulher mais sortuda do mundo. Ela erguera a mão para acariciar a cabeça

dele; ele fechou os olhos e apoiou a testa no ombro dela, como se estivesse subitamente

cansado.

Quando se beijaram, o pai murmurou como se estivesse com fome, e as crianças foram

embora.

Diana tinha razão sobre as mães. Elas tinham se agrupado em volta do carro novo e tocado

o painel de mogno e os assentos de couro e se sentado no banco do motorista. Deirdre Watkins

disse que nunca mais ficaria satisfeita com seu Mini Cooper. O Jaguar tinha até cheiro de algo

caro, disse a mãe nova. (Ninguém tinha decorado o nome dela.) Diana as seguira com o lenço,

limpando as marcas de dedos e sorrindo constrangida.

Todo fim de semana o pai fazia as mesmas perguntas. As crianças estavam limpando os

sapatos? Ela estava polindo a grade de cromo? As pessoas sabiam? Claro, claro, dizia ela.

Todas as mães morreram de inveja. Contaram para os maridos? Sim, sim; ela sorria de novo.

— Elas falam sobre isso o tempo todo. Você é tão bom comigo, Seymour. — O pai tentava

esconder a alegria atrás do guardanapo.

Ao pensar no Jaguar e na mãe, o coração de Byron pulou tão forte dentro do peito que ele

temeu que fosse fazer um buraco. Teve que apertar o peito com a mão para evitar um infarto.

— Sonhando acordado, Hemmings? — Em classe, o sr. Roper fez com que Byron se

levantasse e disse para os meninos que aquela era a aparência de um ignorante.

Não fez diferença. Por mais que Byron tentasse se controlar, olhando para o livro

ou pela

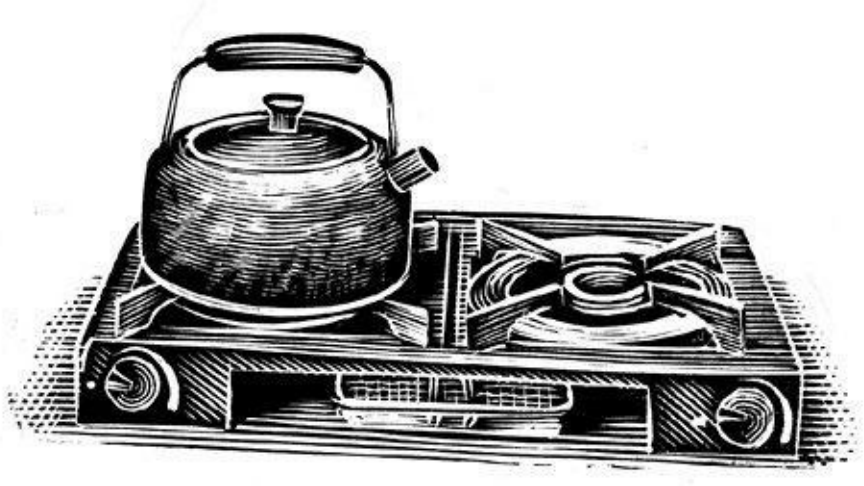
janela, as palavras e os montes flutuavam e saíam de foco. Só conseguia ver a menininha. A

silhueta encolhida logo à frente da janela do assento do carona, presa embaixo da bicicleta

vermelha, rodas girando no ar. Estava tão imóvel que era como se tivesse parado

repentinamente onde estava e decidido dormir. Byron olhou para o relógio e para o progresso

insistente do ponteiro dos segundos, e foi como se estivesse sendo devorado.



Coisas que têm que ser feitas

JIM DESTRANCA A porta do trailer e a abre. Tem que se curvar para entrar. O pálido luar do

inverno entra pela janela em um feixe e reluz nas superfícies laminadas. Há um fogão de duas

bocas, uma pia, uma mesa dobrável e à direita, um sofá que se abre e vira uma cama. Jim

fecha e tranca a porta, e os rituais começam.

— Porta, oi — diz ele. — Torneiras, oi. — Cumprimenta cada uma de suas posses. —

Chaleira, oi, colchão dobrável, oi, pequeno cacto, oi, toalha da Jubilee Tea, oi. — Nada pode

ficar de fora. Depois que cumprimenta tudo, ele destranca e abre a porta e volta a sair do

trailer. Sua respiração solta vapor na escuridão. Tem música na casa dos alunos estrangeiros e

o velho que fica sentado à janela o dia todo já foi dormir. A oeste, o final do trânsito da hora

do rush se movimenta pelos montes da charneca. Um cachorro late e alguém berra para que ele

pare. Jim destranca a porta do trailer e entra.

Ele faz o ritual 21 vezes. É a quantidade que tem que fazer. Ele entra no trailer. Ele

cumprimenta todas as coisas. Ele sai do trailer. Dentro, oi, fora. Dentro, oi, fora. Trancando e

destrancando a porta todas as vezes.

Vinte e um é seguro. Nada vai acontecer se ele fizer 21 vezes. Vinte não é seguro, nem 22.

Se alguma coisa passa por sua mente — uma imagem ou uma palavra diferente —, o processo

todo deve ser reiniciado.

Ninguém faz ideia dessa parte da vida de Jim. No conjunto habitacional, ele organiza as

latas de lixo e cata pequenos pedaços de sujeira. Diz “O-oi, tudo bem?” para os

meninos na

pista de skate e de vez em quando leva as caixas de reciclagem para ajudar os coletores.

Ninguém sabe o que passa quando está só. Tem uma senhora com um cachorro que, de vez em

quando, pergunta onde ele mora, se gostaria de ir com ela ao bingo no centro comunitário.

Eles têm uns prêmios ótimos, diz ela; às vezes, uma refeição para duas pessoas no pub da

cidade. Mas Jim dá suas desculpas.

Quando termina de entrar e sair do trailer, tem mais. Vai se deitar de barriga para baixo no

chão, para vedar a moldura da porta com fita adesiva, e depois as janelas, para evitar

invasores. Vai checar os armários e embaixo da cama dobrável e atrás das cortinas, várias e

várias vezes. Algumas vezes, mesmo depois de terminar, ele ainda não se sente seguro e o

processo todo tem que recomeçar, não só com a fita adesiva, mas também com a chave. Tonto

de cansaço, ele entra e sai, tranca a porta, destranca de novo. Diz tapete de entrada, oi.

Torneiras, oi.

Não tem amigos de verdade desde a época da escola. Nunca teve uma mulher. Desde que

fecharam Besley Hill, ele sente falta dos dois, de amigos e de amor — de

conhecer e ser

conhecido. Mas, quando se está entrando e saindo pelas portas, cumprimentando objetos

inanimados e vedando aberturas com fita adesiva, não há muito tempo de sobra. Além disso,

ele geralmente fica tão nervoso que não consegue dizer nada.

Jim analisa o interior do trailer. As janelas. Os armários. Cada abertura foi vedada, até

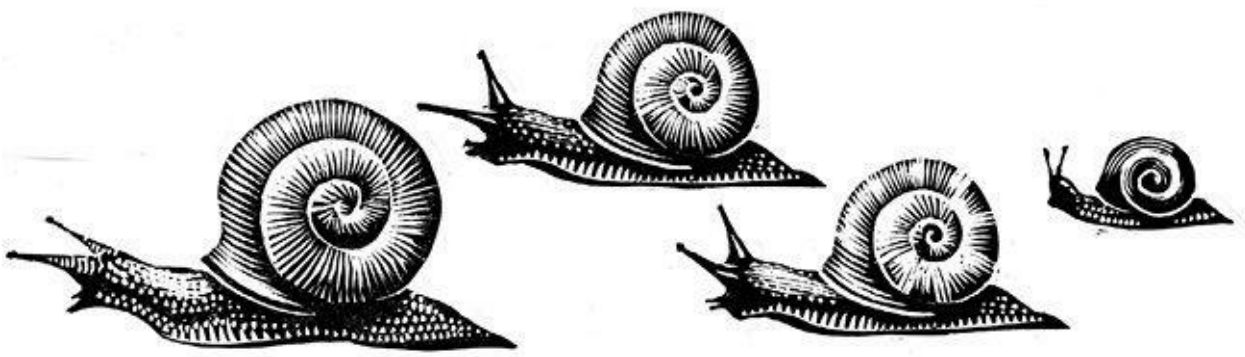
mesmo o teto solar. É como estar dentro de um embrulho apertado. De repente, ele tem certeza

de que fez tudo, e o alívio o toma. É tão bom quanto acabar de sair do banho. Do outro lado de

Cranham Moor, o relógio da igreja marca duas da manhã. Ele não tem relógio. Não tem

relógio há anos.

Restam quatro horas para dormir.



A senhorita contorcionista

JAMES LOWE CONTOU para Byron, certa vez, que fazer mágica era uma questão de brincar com

a verdade. Não era uma mentira. O que as pessoas viam, disse ele, dependia muito do que

estavam procurando. Quando uma mulher foi serrada ao meio, no circo de Billy Smart, por

exemplo, não foi real. Foi uma ilusão da realidade. Foi um truque para que você visse a

verdade de maneira diferente.

— Não entendi — disse Byron.

James arrumou a franja e explicou melhor. Ele até apontou o lápis e desenhou um

diagrama. A assistente, disse ele, entrava na caixa e o mágico fechava a tampa, de modo que a

cabeça ficava para fora de um lado e os pés do outro. Mas depois disso o mágico girava a

caixa, e quando os sapatos da assistente estavam na direção contrária do público, ela recolhia

os pés de verdade e os substituía por pés falsos. Essa senhorita seria uma contorcionista,

então dobraria as pernas na parte de cima da caixa e o mágico a serrava no meio.

— Entendeu? — indagou James.

— Eu ainda não consigo ver o mágico fazendo isso. Não gosto de imaginar os pés dela

caindo.

James havia concordado que era um problema sério.

— Talvez seja melhor você comer seu algodão doce nessa parte — disse ele.

A mãe de Byron não era contorcionista. De vez em quando ele a pegava ouvindo música

no gramofone e dançando. Uma vez ele até viu a mãe levantando os braços, como se estivesse

segurando o pescoço de alguém que não existia e depois rodopiar como se estivessem

dançando, mas isso também não fazia dela uma assistente de mágico. E, no entanto, depois da

escola, lá estava ela com Lucy, esperando, e não havia nada de diferente nela. Vestia o casaco

cor-de-rosa de verão, bolsa e sapatos combinando. Outras mulheres mencionavam encontros e

ela sorriu para cada uma e pegou o caderno. Ninguém imaginaria que apenas algumas horas

antes ela havia atropelado uma criancinha e fugido.

— Café com as mães na quarta-feira que vem — disse ela, anotando a data com atenção.

— Estarei lá.

— O que houve com sua mão, Diana? — perguntou alguém. Talvez Andrea Lowe.

— Ah, não foi nada.

Novamente, ninguém mencionou o acidente. Ninguém mencionou os segundos extras.

— *Au revoir*, Hemmings — disse James.

— *Au revoir*, Lowe — disse Byron.

Diana levou as crianças para o carro e destravou as portas sem hesitar. Ele a

observou

cuidadosamente, esperando que fosse demonstrar algum pequeno sinal de ansiedade, mas ela

perguntou sobre seu dia e checou a posição do assento. Nenhum sinal de nada diferente.

Quando passaram pela Digby Road com o veículo queimado na esquina, ele ficou tão ansioso

que teve que cantar. A mãe simplesmente ajustou os óculos de Sol e olhou para a frente.

— Sim, tivemos mais um ótimo dia — disse ela ao telefone para o pai dele naquela mesma

tarde. Ela enroscou os caracóis do fio do telefone no dedo indicador, de maneira que pareciam

vários anéis brancos. — Estava calor. Podei as roseiras. Coloquei as roupas para lavar. Fiz

alguma comida congelada. A previsão de tempo é de mais Sol. — Byron quis perguntar sobre

o acidente; para conseguir se conter foi como se tivesse que sentar em si mesmo. Foi para um

dos bancos na bancada de café da manhã enquanto ela preparava o jantar e se perguntou

quanto tempo teria que ficar calado até a mãe se virar para ele e dizer alguma coisa. Contou

cada segundo, cada minuto do silêncio dela, e então se lembrou novamente de que o motivo

daquele silêncio era que a mãe não sabia o que tinha feito.

— Você devia ir tomar um ar — disse ela. — Parece cansado, meu amor.

Byron aproveitou a oportunidade para ir até a garagem. Abaixou o portão depois de entrar,

deixando apenas uma fresta de luz do dia, e tirou a lanterna do bolso do blazer para examinar

o Jaguar. Não havia sinal de estrago. Lentamente, ele moveu o feixe de luz da esquerda para a

direita examinando com bastante cuidado, mas não havia nenhum arranhão. Tocou a pintura.

As portas. O capô. A estrutura metálica era lisa ao toque. Não encontrou nada.

A garagem estava escura e fria e cheirava a óleo. Byron tinha que ficar olhando para trás

para ver se alguém o observava. Na parede dos fundos estavam os antigos móveis de Diana,

cobertos com lençóis; tinham sido enviados da casa de sua mãe depois que ela morrera. Ele

levantara os lençóis uma vez com James e vira um abajur comum com cúpula bem vermelha, e

também um jogo de mesas e uma poltrona velha. James disse que provavelmente alguém tinha

morrido naquela poltrona, talvez até mesmo a mulher que fora a mãe de Diana. (Byron não

conseguia chamá-la de vovó porque nunca a conhecera.) Foi um alívio passar por debaixo da

porta da garagem e deixar isso tudo para trás.

Lá fora, o céu estava tão aberto quanto um prato azul, o ar estava denso e

perfumado de

tanto calor. Os tremoceiros se estendiam feito bastões coloridos e as rosas e peônias

floresciam. Tudo no jardim tinha um lugar; nada doía os olhos. Os arbustos cor-de-rosa

ficavam brancos e depois azuis, as menores formas aumentavam. As árvores frutíferas já

tinham pequenos brotos verdes, como bolas de gude, nos mesmos lugares onde havia um

emaranhado de botões brancos algumas semanas antes. Byron sentiu o cheiro doce do ar e era

tão denso que foi como entrar no hall e ouvir o gramofone da mãe antes de encontrá-la. Os

cheiros, as flores, a casa — essas coisas com certeza eram maiores do que o que ela fizera

naquela manhã. Além disso, embora a mãe tivesse cometido um crime, não tinha sido culpa

dela. O acidente acontecera por causa dos dois segundos extras. Teve medo do que o pai diria

se soubesse. Foi sorte nada ter acontecido com o Jaguar.

— Costeletas de carneiro para o jantar — disse a mãe. Serviu a carne com molho.

Ele não conseguiu comer. Só conseguiu despedaçar a carne e misturá-la com a batata.

Quando a mãe perguntou por que não estava com fome, ele disse que estava com dor, e ela foi

correndo pegar o termômetro.

— E seu Sunquick? — disse ela. — Também não quer?

Ele se perguntou o que havia acontecido com a menininha, se os pais a tinham encontrado,

ou os vizinhos. Se estava muito machucada.

— Eu bebo o suco do Byron — disse Lucy.

Byron sempre gostou da maneira como a mãe se referia a itens pelo nome da marca. Indicava

uma especificidade reconfortante. Era como os pequenos bilhetes que ela deixava para si

mesma no bloco de anotações perto do telefone (*Engraxar os Clarks da Lucy. Comprar graxa*

Turtle Wax.); um rótulo indicava que havia um nome correto para cada coisa, sem chance de

erros. Agora, conforme ele a observava arrumando a cozinha e cantando baixinho, a ironia

daquilo tudo criou um bolo na garganta. Ele tinha que fazer tudo o que estivesse em seu poder

para mantê-la a salvo.

Enquanto a mãe pegava água para a limpeza, Byron foi lá fora conversar com Lucy. Ela

estava agachada na laje de pedra do terraço, na frente de um canteiro de flores cor de pérola.

Estava arrumando quatro caracóis do jardim por ordem de tamanho da concha e de

velocidade. Ele perguntou casualmente como ela estava e ela disse que muito

bem, fora o fato

de ele estar ajoelhado em cima da linha de chegada da corrida. Byron mudou de lugar.

— Você está bem sobre hoje de manhã? — Ele limpou a garganta. — Com o que

aconteceu.

— O *que* aconteceu? — disse Lucy. Ainda havia um rastro de sorvete Angel Delight em

volta de sua boca.

— Quando a gente foi... você sabe aonde. — Byron piscou um dos olhos. Lucy levou a

mão ao rosto.

— Ah — disse ela. — Eu não gostei daquilo.

— Você... você viu alguma coisa?

Lucy realinhou um dos caracóis na linha de partida porque ele pareceu se mover para trás.

— Eu não olhei. Eu estava assim, Byron. — Ela cobriu os olhos com as mãos,

demonstrando como estivera assustada.

A situação requeria todas as habilidades de Byron. Enrolou a franja da mesma maneira que

James fazia quando estava pensando em algo. O pai poderia ficar chateado, explicou ele com

calma, se descobrisse que tinham ido pela Digby Road. Era importante não mencionar o

acontecido quando ele viesse para a visita do fim de semana. Era importante agir como se

nunca tivessem passado por lá.

— E se eu me esquecer? — A boca de Lucy começou a tremer, e ele temeu que ela fosse

chorar. — E se eu esquecer que a gente não passou lá? — Ela confundia as palavras, mais

ainda quando estava chateada ou cansada.

Cansado, Byron se inclinou para abraçá-la. Ela cheirava a açúcar e cor-de-rosa, e ele

entendeu naquele momento que eles haviam se tornado diferentes, que ela ainda era uma

criança enquanto que ele sabia de algo maior. Essa percepção lhe deu uma sensação no

estômago igual à que tinha na manhã de Natal, só que sem os presentes. Ele olhou para a mãe

na cozinha, secando pratos à janela, envolta no brilho vermelho de uma auréola de luz. Ele

sabia que havia alcançado um marco na vida, um divisor de águas, e, apesar de não estar

esperando um marco ou um divisor de águas, aquilo era parte de se tornar um homem, assim

como passar no exame da bolsa. Ele tinha que encarar os dois.

— Vai dar tudo certo. Prometo. — Ele assentiu como o pai fazia quando enunciava um

fato, como se estivesse tão correto que até a própria cabeça tinha que concordar. — É só

esquecer essa manhã. — Byron se abaixou e deu um beijo na bochecha dela.

Não foi másculo,

mas era o que a mãe faria.

Lucy se afastou e franziu o nariz. Ele achou que ela fosse chorar, então pegou o lenço.

— Você tem um bafo ruim, Byron — disse ela e voltou para a casa correndo, rabo de

cavalo batendo nos ombros, joelhos no alto. Esmagou pelo menos dois caracóis com os

reluzentes sapatos escolares.

Naquela noite, Byron viu tanto o jornal das seis quanto o *Nationwide*. Mais briga na

Irlanda, mas nada sobre o acidente ou sobre os dois segundos extras. Ele suou frio e se sentiu

enjoado.

O que James faria? Era difícil imaginar Andrea Lowe cometendo um erro. Se as situações

fossem inversas, James seria lógico. Desenharia um diagrama para explicar as coisas. Embora

as crianças não tivessem permissão para tal, Byron cuidadosamente abriu a porta do escritório

do pai.

Do lado de fora da janela, o jardim estava banhado em uma luz morna, as espiras dos

goivos vermelhos brilhavam sob o Sol da tarde, mas o escritório estava quieto e fresco. A

mesa e a cadeira de madeira estavam polidas como se fossem móveis de museu.

Até mesmo a

lata de doces e o decantador de uísque eram coisas que não se deveria tocar. Também era

assim com o pai. Se Byron tentava abraçá-lo, e às vezes gostaria de poder fazer isso, o abraço

fugia no último instante e virava um aperto de mãos.

Sentado na beirada da cadeira do pai para desobedecer o mínimo possível, Byron pegou

uma folha grossa de papel branco e a caneta do pai. Desenhou um mapa cuidadoso, traçando o

progresso do Jaguar na Digby Road com setas. Marcou os varais e a árvores cheia de flores.

Depois, mudando a direção das setas, mostrou como o carro desviou para a esquerda e parou

repentinamente contra o meio-fio. Desenhou um círculo onde haviam deixado a menininha. Ela

estava bem ao lado do carro, onde apenas ele conseguia ver.

Byron dobrou o mapa e o colocou no bolso, devolveu a caneta e limpou a cadeira com a

camisa para que o pai não soubesse que ele havia infringido as regras. Estava prestes a sair

quando a ideia de outro experimento lhe ocorreu.

Ajoelhou-se no tapete, depois deitou de barriga no chão. Experimentou ficar deitado

exatamente como a menininha ficara embaixo da bicicleta, ao lado dele, com os joelhos

encolhidos contra o queixo e braços ao redor deles. Se estivesse bem, a menina teria se

levantado. Teria feito algum barulho. Lucy fazia um escândalo se você apenas a arranhasse

sem querer. E se a polícia estivesse procurando pela mãe dele até agora?

— O que você está fazendo aí?

Assustado, ele olhou para a porta. Diana estava parada ali, como se não ousasse entrar.

Ele não fazia ideia de por quanto tempo ela estava ali.

Byron rolou de um lado para outro no tapete, para parecer que era um menino

perfeitamente normal, embora meio rechonchudo, que estava apenas brincando. Ele se moveu

tão rápido que queimou a pele dos braços e das pernas e ficou com a cabeça rodando. A mãe

gargalhou e os cubos de gelo em seu drinque tilintaram como cacos de vidro. Porque ela

parecia feliz, ele fez mais gracinhas. Depois se ajoelhou e disse:

— Acho que a gente devia ir para a escola de ônibus amanhã.

A figura da mãe oscilou da esquerda para a direita durante alguns instantes, porque ele

tinha exagerado ao rolar no tapete.

— De ônibus? — disse ela, gargalhando de novo. — Por quê?

— Ou então de táxi. Como a gente fazia antes de você aprender a dirigir.

— Mas não há necessidade. Não desde que seu pai me ensinou.

— Só achei que seria bom variar.

— Temos o Jaguar, meu amor. — Ela nem hesitou. — Ele comprou para eu poder levar

vocês à escola.

— Exatamente. O carro é tão novo, a gente não devia usar. Além disso, ele sempre diz que

as mulheres não sabem dirigir.

Ao ouvir isso, ela riu.

— Bem, isso claramente não é verdade. Embora seu pai seja um homem muito inteligente,

é claro. Muito mais do que eu. Nunca li um livro do começo ao fim.

— Você lê revistas. Você lê livros de receita.

— Sim, mas eles têm fotos. Livros inteligentes só têm palavras.

No silêncio que se seguiu, ela analisou a mão machucada, palma para cima, palma para

baixo. Não havia outra luz a não ser o feixe vindo da janela, onde via-se redemoinhos de

ácaros prateados, e o tique insistente do relógio acima da lareira.

— Foi só um deslize, hoje de manhã — disse ela com calma. — Só isso. — Olhou para o

relógio e se sobressaltou. — Meu Deus, está na hora do seu banho. — Ela voltou de repente a

ser a mãe, como um guarda-chuva se abrindo em sua forma plena, e sorriu. — Se quiser, pode

fazer a espuma maluca. Tem certeza de que não tocou em nada do seu pai?

Foi tudo o que disse sobre o acidente.

A semana continuou e tudo prosseguiu como sempre. Ninguém foi prender a mãe dele. O

Sol se erguia, fazia um arco bem grande e se punha do outro lado da charneca. Nuvens

passavam. Às vezes tocavam os topos dos montes, e às vezes cresciam e se escureciam como

uma mancha. À noite vinha a Lua, cópia pálida do Sol, derramando-se sobre os montes em

tons de azul-prateado. A mãe deixava as janelas do quarto abertas para que o ar entrasse. Os

gansos berravam no lago. Raposas uivavam noite adentro.

Diana continuou fazendo as pequenas coisas que sempre havia feito. Acordava com o

alarme, às seis e meia. Engolia a pílula com água e examinava o relógio de pulso para não se

atrasar. Vestia as saias antiquadas, do jeito que o pai gostava, e preparava o café da manhã

saudável de Byron. Na quarta-feira, o curativo havia desaparecido de sua mão e não havia

mais nada que a conectasse àquela manhã em Digby Road. Até mesmo James pareceu ter se

esquecido dos dois segundos.

Apenas Byron continuou lembrando. O tempo havia sido modificado. Sua mãe havia

atropelado uma criança. Byron vira, mas ela não. Como uma bolha no calcanhar,

a verdade

estava sempre ali, e mesmo que tentasse evitá-la sendo cuidadoso, ele de vez em quando se

esquecia de ter cuidado e lá estava ela. Tentou fazer outras coisas, brincar com seus

soldadinhos ou praticar truques de mágica para mostrar para James, mas as imagens ficavam

voltando, pequenos detalhes, como se agora pertencessem a ele. O vestido escolar listrado da

menininha, as tranças negras parecendo alcaçuz, meias nos tornozelos, as rodas em movimento

da bicicleta vermelha. Não se fazia nada sem gerar consequências. Como o sr. Roper dando

bronca porque se era ignorante, ou Byron jogando pedras por cima da cerca, dentro do lago,

para ver os anéis de água se abrindo como flores. Nada acontecia por si só. E mesmo não

sendo culpa da mãe dele, mesmo que ninguém soubesse do acidente, repercussões viriam. Ele

escutou os relógios da casa toda, ticando e clicando e cantando sua passagem pelo tempo.

Um dia — se não agora, então no futuro —, alguém teria de pagar.



O chapéu laranja

JIM JOGA SPRAY na mesa ao lado da janela. Uma vez. Duas. Passa um pano. Uma vez. Duas. Ele

tem sua própria garrafa de spray antibactericida multiuso e seu próprio pano azul.

O céu do começo de dezembro está denso com a neve que não cai. Talvez tenham um Natal

branco. Seria bom nevar em seu primeiro Natal no trailer. Clientes passam apressadamente

pelo estacionamento carregando bolsas recicláveis e criancinhas, corpos encolhidos contra o

frio, como se o ar fosse feito de pimenta. Alguns usam cachecóis e gorros natalinos, e uma

menininha está usando um arco com chifres de rena que fica caindo para trás. Atrás disso tudo,

os picos mais altos de Cranham Moor se destacam contra o céu. Os tons de verde, amarelo,

rosa e roxo que eram samambaias, urzes e orquídeas selvagens foram queimados pelo frio,

virando marrom. Ao longe, ele distingue Besley Hill e os veículos de construção que o

cercam. Segundo rumores, vai virar um condomínio de 15 casas de luxo. Desde a construção

de Cranham Village, várias obras de expansão começaram por toda a charneca. Emergem do

solo como fragmentos de ossos expostos.

— Você não tem trabalho para fazer? — diz o sr. Meade, aparecendo atrás de Jim. É um

homem baixo, de bigode impecável, que tem seu próprio par de cones de trânsito para

emergências.

— Desc-c...

Mas o sr. Meade o interrompe. Todo mundo o interrompe. Não querem ver um homem

gaguejando ao ponto de as palavras parecerem doer para sair.

— E falando nisso, Jim, seu chapéu está torto.

O chapéu de Jim está torto porque é pequeno demais. E, tecnicamente, não é um chapéu —

pelo menos não um chapéu sério. É laranja, assim como a camisa, o avental e as meias do

uniforme do trabalho; é feito de uma malha de plástico e parece um chapéu panamá. A única

pessoa que não usa o chapéu é o sr. Meade, porque é o gerente. Afinal de contas, não se

espera que a realeza fique balançando bandeirinhas; a ideia é o resto do povo ser

patriota por

ela.

Jim endireita o chapéu e o sr. Meade vai servir uma cliente. A cozinheira nova está

atrasada de novo.

Não que o café esteja cheio. Apesar das reformas recentes, há apenas dois homens

tomando café e estão tão imóveis que poderiam estar congelados. A coisa mais viva ali é a

árvore de Natal de fibra óptica, no topo da escada, para receber os clientes que entram no

supermercado pelo andar de baixo e acenar com uma luz festiva que pisca de verde para

vermelho para azul. Jim esguicha e limpa. Duas vezes. Uma. Aquele tipo de mania é aceitável

no trabalho. É como usar uma bandagem mágica até voltar para o trailer e realizar o ritual

apropriadamente todas as 21 vezes.

Uma mão delicada puxa a manga da camiseta dele.

— Você esqueceu minha mesa — diz uma voz feminina. É a mulher que o sr. Meade

acabou de servir. Jim se afasta dela como se tivesse sido queimado. Não consegue nem olhá-

la nos olhos.

Os pacientes internos andavam lado a lado em Besley Hill. Jamais se tocavam. Quando as

enfermeiras os ajudavam com as roupas era bem devagar, sem querer assustá-los.

— Está vendo? — A cliente faz a pergunta como se ele fosse burro.

Ela aponta para uma mesa no meio do café posicionada exatamente entre a janela e o

balcão na parede oposta. O casaco novo dela já está pendurado nas costas de uma cadeira e

ela deixou o café na mesa, ao lado dos condimentos e dos sachês de açúcar. Ele a segue, e a

mulher levanta o café para que ele possa limpar. Se ao menos ela não ficasse tão perto; as

mãos de Jim tremem. Ela suspira, impaciente.

— Sinceramente, estou chocada com o estado deste estabelecimento — diz ela. — Podem

até ter gastado um dinheirão renovando, mas ainda é uma espelunca. É por isso que ninguém

vem aqui.

Jim esguicha. Duas vezes. Uma. Limpa. Duas vezes. Uma. Esvazia a mente para relaxar,

como as enfermeiras lhe ensinaram. Pensa em luz branca, em flutuar, até que é puxado

bruscamente para o momento por outra interrupção:

— Merda de escada. Ai. Ai. Ai. Porra.

Ele não consegue continuar. Olha de lado para a cliente rude, mas ela está horrorizada,

assim como os dois homens que pareciam congelados. Estão todos olhando para

a árvore de

Natal no topo da escada.

— Que bosta — diz a árvore.

Jim se pergunta se o sr. Meade sabe que a árvore também fala e xinga, além de piscar — e

é quando vê a nova cozinheira, Eileen, aparecendo na escada. Ela se arrasta até o topo como

se tivesse escalado uma pedra lisa para chegar ali.

— Que merda — diz ela.

Pisca, pisca, pisca, faz a árvore de Natal.

Ela não deveria usar a escada dos clientes, mas a dos funcionários. Isso é o suficiente para

Jim sentir calafrios. E ela ainda interrompeu os rituais. Ele tem de esguichar de novo. Limpar

de novo...

— Eu não tenho o dia todo — diz a cliente. — Você pode, por favor, terminar logo?

Ele tenta não pensar muito em Eileen, mas ela é como a chegada de uma frente fria. É

difícil fingir que ela não está ali. De vez em quando ele a escuta gargalhar com as duas

meninas da cozinha e tem alguma coisa tão caótica no barulho, tão alegre e inequívoca, que ele

tem que tapar os ouvidos e esperar que passe. Eileen é uma mulher alta, de estrutura óssea

larga, com uma espessa cascata de cabelos vermelhos — um tom um pouco mais escuro do

que o chapéu do uniforme — que cai da raiz branca partida ao meio. Veste um casaco verde

esgarçado nas costuras de tanto esforço para contê-la.

— Pelo amor de Deus — berra a cliente. — Só pedi para você limpar a mesa. Qual é o

seu problema? Cadê o gerente?

Eileen franze o rosto como se tivesse escutado. Começa a ir para a cozinha. Vai ter que

passar bem ao lado dele. Jim recomeça. Esguicha e limpa. Tem de esvaziar a mente...

— Anda, vai logo — repete a cliente grosseira.

A despeito de seu tamanho, Eileen é surpreendentemente ágil, e a cliente está diretamente

no caminho dela. Por que ela não sai da frente? Por que Eileen não faz outra rota? Nessa

velocidade, vai esbarrar na mulher rude. A respiração de Jim fica mais rápida. A cabeça

lateja. Se a mulher não se mover, se ele não fizer aquilo direito, alguma coisa terrível vai

acontecer.

Esquerda, direita, esquerda, direita. Esquerda, direita. Ele mexe o braço tão rápido que os

músculos queimam. Os dedos formigam.

Eileen está quase ao lado dela.

— M-mesa — murmura ele. A limpeza obviamente não está funcionando, então ele tem

que usar as palavras também. — Oi.

— O *que* você está falando? — diz a cliente grosseira chegando mais perto para escutar.

Como se atravessasse uma represa, Eileen passa. A crise termina.

Não fica claro se Eileen esbarra na cadeira acidentalmente ou de propósito, mas ela

balança e o casaco da mulher escorrega e cai, formando uma poça de seda no chão.

— Caralho — diz Eileen, sem parar de andar. Rima com baralho.

É um desastre. A crise não terminou de verdade.

— Com licença — diz a cliente grosseira com a voz tão fina que as duas palavras tomam o

sentido oposto. — Com licença, senhora, você não vai pegar o casaco?

Eileen não para. Continua indo em direção à cozinha.

— Pegue meu casaco — ordena a mulher.

— Por que você mesma não pega? — diz Eileen por cima do ombro.

O coração de Jim galopa. O casaco fica aos pés dele.

— Eu não vou tolerar isso — diz a mulher. — Vou chamar o gerente. Vou registrar uma

queixa.

— Faça isso — diz Eileen.

Então — ai, não — ela para de andar. Ela se vira. Eileen está olhando para a

mulher rude

e a mulher rude está olhando para Eileen; entre elas, Jim. Esguichando e limpando e

sussurrando Saleiro, oi, Adoçante, oi, para consertar as coisas. Se ao menos o casaco voltasse

magicamente para a cadeira. Ele fecha os olhos, coloca a mão no bolso e aperta o chaveiro.

Pensa em fita adesiva e em calma, mas nada funciona. A mulher vai se machucar. Eileen vai se

machucar. Os clientes do supermercado e o sr. Meade e as meninas da cozinha vão se

machucar e é tudo culpa de Jim.

Ele se abaixa e pega o casaco. Parece água nos dedos. Ele o coloca no encosto da cadeira,

mas suas mãos estão tremendo tanto que o casaco cai, e ele tem de se abaixar de novo, pegar o

casaco de novo, pendurá-lo de novo. Sente as mulheres olhando para ele, tanto Eileen quanto a

cliente de voz metálica. É como ser descascado. Ele é mais elas do que ele próprio. Então a

cliente grosseira se senta; cruza as pernas, mas não agradece.

Na cozinha, Eileen para. Vira o rosto para Jim e abre um sorriso largo que ilumina seu

rosto. Depois abre a porta e desaparece. Jim está tão abalado que precisa de ar fresco, mas

não deve sair. Deve limpar outra mesa e dessa vez tem que fazer direito.

— Por que você tem que fazer os rituais? — perguntou uma psiquiatra certa vez. — O que

você acha que vai acontecer se você não fizer?

Era uma garota de aparência agradável, tinha acabado de se formar. Disse que ele estava

catastrofizando demais, que devia confrontar seus medos.

— Aí você vai vê-los como são. Vai ver que os rituais não fazem diferença.

Ela falava com tanta doçura sobre os medos dele, como se fossem peças de mobília que

pudessem ser movidas para outro cômodo e esquecidas, que Jim queria que ela estivesse

certa. Ela recebeu permissão dos médicos para levar Jim a uma estação de trem onde as

pessoas iam e vinham livremente, onde não havia oportunidade de checar os espaços

escondidos e as saídas e entradas seguras.

— Está tudo na sua mente, entende? — disse ela quando saíram do ônibus e passaram pelo

pátio em frente à estação.

Mas naquele ponto ela estava errada. Havia tanta gente, tanto caos — trens velozes e

plataformas cheias, pombos sem pé, janelas quebradas e passagens de ar cavernosas — que o

que ele aprendeu naquela manhã foi que a vida era muito mais perigosa do que havia

percebido. Na verdade, ele não prestava atenção suficiente naquilo, nem ele nem

ninguém.

Estava catastrofizando de menos. Tinha que fazer alguma coisa. E tinha que ser imediatamente.

Correndo para o banheiro para fazer os rituais com privacidade, colidiu com a caçamba a

vapor no salão de chá da estação, o que causou ferimentos graves em vários viajantes. Foi

demais. Jim apertou o alarme da estação. Uma hora depois — após a chegada de tantos

caminhões de bombeiro que todas as partidas para o sudeste foram atrasadas — ele foi

encontrado encolhido embaixo de um banco. Nunca mais viu a jovem médica. Ela perdeu o

emprego, e isso foi mais uma coisa que aconteceu por culpa dele.

Mais tarde, Jim está pegando um rolo novo de papel toalha para os lavatórios quando ouve

Eileen novamente. Agora ela está na cozinha, perto da dispensa, conversando com as duas

jovens que são responsáveis por despachar comidas quentes.

— Então, qual é a do Jim? — Ele a escuta perguntar. Ouvir Eileen usando seu nome é um

choque. Sugere que têm uma conexão que claramente não têm.

Ele fica imóvel com um rolo de papel toalha azul encostado na barriga. Não que queira

escutar a conversa dos outros; ele não quer nem estar ali, e agir como se não estivesse lhe

parece a melhor alternativa.

— Ele mora em um trailer — diz uma das meninas. — Lá no conjunto novo.

— Ele não tem casa nem nada — diz a amiga. — Está só estacionado lá.

— Ele é meio...

— Meio o quê? — diz Eileen, sem paciência, porque seja qual for o problema de Jim, as

pessoas parecem não querer dar nome a ele.

— Você sabe — diz a primeira menina.

— Lento — diz a outra.

— Ele tem esquemas — corrige a primeira menina. Ele percebe que entendeu errado. O

que ela disse foi que ele tem problemas. — Morou em Besley Hill a maior parte da vida.

Quando foi fechado, ele ficou sem ter para onde ir. É de dar pena. Ele não vai machucar você

nem nada. — Ele não fazia ideia de que ela sabia daquilo tudo.

A segunda menina diz:

— Ele planta. Brotos e sementes, essas coisas. Compra com desconto no supermercado.

De vez em quando arruma esterco e tal. Tem cheiro de merda.

Eileen emite um som tão imperfeito, tão colossal, que ele demora a perceber o que é. É a

risada dela. Mas não é maldosa, o que o espanta. É como se estivesse rindo *com* Jim; é

estranho, mas ele não está rindo. Está apertado à parede, encostado em um rolo azul com o

coração batendo como uma explosão.

— Ai, puta que pariu — diz Eileen —, como é que querem que a gente use essa porra

desse chapéu?

— A gente usa grampos — diz a primeira menina. — Tem que colocar bem na tela.

— Dane-se. Não vou usar essa merda.

— Você tem que usar. É o regulamento. E a touca de cabelo, você também tem que usar.

Jim não consegue escutar o que acontece depois. A porta se fecha e as vozes delas não são

mais audíveis; são um som, porém indistinto, como é o resto do mundo quando ele está

plantando. Ele espera mais um pouco e, quando é seguro, coloca os rolos de papel crepe azul

nos lavatórios e desinfeta as pias e torneiras. No resto da manhã, Jim limpa mesas e carrega

bandejas para as meninas que o descreveram como lento. Os clientes vêm e vão, mas são

poucos. Além das janelas, a nuvem de neve está tão pesada que mal se move.

Ele passou a vida adulta em internações intermitentes. Anos se passaram; ele nem

consegue se lembrar de alguns deles. Depois do tratamento, ele às vezes perdia dias inteiros;

o tempo era meramente uma seleção de espaços vazios e desconexos. De vez em quando ele

tinha que perguntar às enfermeiras se havia comido naquele dia e se havia caminhado. Quando

reclamava de perda de memória, os médicos falavam que era por causa da depressão. A

verdade é que ele achava mais fácil esquecer.

Mesmo assim, foi terrível deixar Besley Hill em definitivo. Foi terrível ver os outros

residentes indo embora, com malas e casacos, sendo levados por micro-ônibus e carros de

parentes. Alguns choraram. Um paciente tentou até fugir pela charneca. Não queriam voltar

para familiares que tinham se esquecido deles havia muito tempo. Não queriam morar em

pensões ou asilos. Depois da reavaliação de Jim, foi uma assistente social que lhe conseguiu o

emprego no supermercado. Era conhecida do sr. Meade; faziam parte do mesmo grupo de

teatro amador. E afinal de contas, ressaltou ela, Jim podia morar no trailer dele. E, se

quisesse, podia ter um celular algum dia. Podia fazer novos amigos. Podia mandar mensagens

para eles e marcar encontros.

— Mas estou com medo — disse ele. — Não sou como as pessoas normais. Não sei o que

fazer.

A assistente social sorriu. Ela não o tocou, mas colocou as mãos ao lado das dele na mesa.

— Ninguém sabe como ser normal, Jim. Estamos todos tentando o melhor que podemos.

Às vezes nem pensamos nisso, mas às vezes é como correr atrás de um ônibus que já está lá no

final da rua. Mas não é tarde demais para você. Você tem apenas 50 e poucos anos. Pode

começar de novo.

Quando passa por Eileen novamente, ele desvia o olhar e começa a se distanciar, mas ela se

vira e diz:

— E aí, Jim? Tudo bem? — Ela está entregando um sanduíche grelhado para outro cliente.

A pergunta é clara e simples. Mas ele não consegue responder. Olha para os próprios

sapatos. São compridos e estreitos. As calças nem chegam aos tornozelos. Desde que era um

menino, seu corpo parece ter tomado o céu como meta, em vez de os ternos e as cadeiras que

os outros corpos buscavam preencher. Ele compra botas e tênis um número maior porque teme

que corpo vá pegá-lo de surpresa e crescer mais alguns centímetros de um dia para o outro.

Jim continua olhando para os pés como se fossem muito interessantes. Ele se

pergunta por

quanto tempo vai conseguir manter aquilo e se Eileen vai embora logo.

— Não ligue para mim — diz ela.

Mesmo sem olhar para Eileen, ele vê que ela está parada com uma das mãos na cintura e

os pés retos no chão. O silêncio é insuportável.

— Até mais — diz ela finalmente.

Está prestes a ir embora quando Jim levanta a cabeça. Olhar nos olhos dela é demais, mas

ele quer que ela saiba — o quê? Ele tenta sorrir. Eileen está segurando um sanduíche com

guarnições; ele, o spray antibactericida. O sorriso não sai muito grande. É um exercício ínfimo

dos músculos faciais. Tudo o que quer é que ela compreenda; embora o que exatamente ele

quer que Eileen compreenda seja difícil dizer. O sorriso é como balançar uma bandeira. Ou

piscar uma luz no escuro. É como dizer: “Estou aqui. Você está aí. Só isso.”

Ela franze o rosto como se ele estivesse ferido.

Ele vai ter que aprimorar o sorriso.



À beira do perigo

— ACHO QUE houve uma conspiração — sussurrou James Lowe na sexta-feira à tarde. Os

meninos estavam inclinados sobre as carteiras, aprendendo sobre reprodução celular e a

ameba.

— Uma conspiração? — repetiu Byron.

— Acho que foi por isso que não mencionaram os dois segundos. Não era para a gente

saber da verdade. Como das aterrissagens na Lua.

— O que tem as aterrissagens na Lua?

— Li que foi tudo inventado. Os astronautas nunca foram lá. Fizeram um cenário de Lua

em um estúdio e tiraram fotos.

— Mas por que não é para a gente saber dos dois segundos? — sussurrou Byron. — Não

entendo. — Também não entendeu sobre as aterrissagens na Lua porque tinha

fotos da NASA

mostrando os astronautas na Apollo 15. Não podiam ser falsas. Sua cabeça rodou.

O calor não ajudava. O ar na sala de aula estava tão quente e abafado que parecia sólido.

Conforme a semana progrediu, a temperatura aumentou. O Sol incendiava a terra lá do céu

embranquecido. Em casa, a sensação do gramado sob os pés de Byron era dura e pinicava, e

as pedras que pavimentavam o terraço queimavam como pratos quentes em um jantar. As rosas

da mãe estavam de cabeça baixa, como se estivessem pesadas demais; folhas murchavam em

suas hastes e as pétalas dos brotos estavam capengas. Até mesmo as abelhas pareciam sentir

calor demais para zunir. Para além do jardim, a charneca era uma colcha borrada de retalhos

verdes e roxos e amarelos.

— Por que o governo não queria que a gente soubesse dos segundos? — repetiu Byron

porque James estava desenhando um diagrama e parecia ter se esquecido dos segundos mais

uma vez.

O sr. Roper olhou para eles de sua mesa no tablado de madeira à frente da sala. Analisou

o mar de cabeças como se estivesse decidindo qual iria devorar. James esperou.

Quando o sr.

Roper abaixou a cabeça, explicou:

— Para evitar que as pessoas protestem. A situação já está bem feia com os mineradores.

Se continuar assim, mais medidas drásticas serão tomadas. O governo não quer mais

problema, então adicionou os dois segundos e torceu para que ninguém notasse.

Byron tentou voltar ao livro de biologia, mas os diagramas não significavam nada. Eram

meras formas, assim como as palavras perdiam o sentido quando ele as repetia várias e várias

vezes em seu quarto. Continuou visualizando a menininha em Digby Road. Sua imagem se

sobrepunha a tudo. O vestido acima do joelho, as meias nos tornozelos, os pés embaixo das

rodas. Ele não conseguia mais ficar calado.

— James — sussurrou ele —, estou com um problema.

James alinhou o lápis à borracha. Esperou. Byron não falou nada, então ele perguntou:

— Por acaso tem a ver com amebas?

Não, murmurou Byron. Não tinha a ver com amebas; se bem que, agora que ele tinha

mencionado, Byron tinha que admitir que ainda estava confuso sobre como uma célula decidia

virar duas.

— É muito complicado. É um erro.

— O que é um erro?

— Tem a ver com os dois segundos...

Nesse momento, alguma coisa dura bateu na orelha de Byron e o interrompeu. Viu o sr.

Roper pairando sobre ele com um dicionário, o rosto brilhando com uma raiva que parecia

escurecer-lhe os olhos e dificultar-lhe a respiração. Byron recebeu cem frases por ter

conversado durante a aula, e outras cem por ter atrapalhado um colega de turma. (“Devo me

esforçar para não ser mais burro do que Deus planejou.”)

— Eu posso escrever as frases para você — ofereceu James mais tarde. — O fim de

semana é bem tranquilo. Só tenho que estudar para a bolsa. E, além disso — e então ele se

aproximou tanto de Byron que este chegou a ver as amígdalas do amigo —, eu não cometeria

nenhum erro.

Byron agradeceu, mas disse que o sr. Roper perceberia a diferença. James não era o tipo

de menino que fazia borrões ou cuja letra se cursava em ângulos improváveis, como faziam as

letras de Byron.

— Você vai ver *votre père au* fim de semana?

— *Oui*, James.

— *Moi aussi*. Ele...?

— Ele o quê?

— Ele brinca com você e *choses comme ça*? Ele conversa?

— Comigo?

— Isso, Byron.

— Bem, ele está cansado. Tem que relaxar. Tem que pensar na semana seguinte.

— O meu também — disse James. — Acho que vai ser *égal pour nous* um dia. — Os

meninos ficaram em silêncio, contemplando o futuro.

Byron visitara a casa de James apenas uma vez. O lar da família Lowe era uma casa

gelada e nova em um pequeno condomínio com portões elétricos. Tinha um calçamento de

pedra, em vez de grama, e havia tapetes de plástico dentro da casa para proteger o carpete

creme. Os meninos comeram na sala de jantar, em silêncio. Depois, brincaram na rua fechada,

mas foi uma brincadeira sem empolgação, quase solene.

Eles deixavam a escola sem voltar ao assunto dos dois segundos ou do segredo de Byron.

Pensando bem, Byron estava aliviado. Temia sobrecarregar o amigo com informações demais.

Às vezes, James seguia a mãe com os ombros magros caídos e cabeça baixa, como se sua

inteligência estivesse toda entulhada na mochila e fosse pesada demais para carregar.

Além disso, Byron tinha outras preocupações. Agora que as aulas daquela semana tinham

acabado, não havia nada entre ele e a visita do pai. O menor erro, e o pai certamente

desconfiaria de Digby Road. Em casa, Byron viu a mãe fazer arranjos frescos com rosas do

jardim e arrumar os cabelos, e seu coração disparou. Ela ligou para o Hora Certa para

confirmar se seu relógio estava pontual, e enquanto ia de cômodo em cômodo checando se as

toalhas de mão estavam limpas no banheiro e aprumando as edições do *Reader's Digest* na

mesinha de centro, Byron foi até a garagem. Analisou o Jaguar novamente com a lanterna, mas

não havia sinal do acidente.

Esperavam pelo pai na estação, ao lado das outras famílias, na sexta-feira à noite. Ainda

estava quente demais para ficar ao Sol, então se esconderam na sombra de uma cerca, na ponta

da plataforma, um tanto afastados. Afinal de contas, o pai lidava com estranhos todos os dias

no banco; não queria sair do trem e encontrar a mãe conversando com desconhecidos.

Enquanto esperavam, ela não parava de pegar o estojo de pó compacto na bolsa e erguê-lo na

frente do rosto, como se quisesse checar se tudo estava no lugar certo. Byron ensinou Lucy a

adivinhar a hora soprando a flor de um dente-de-leão, mas o ar estava tão espesso que não

conseguiam soprar as pétalas para muito longe.

— São treze horas — cantou Lucy. — São quinze horas.

— Shhh, vocês dois — disse a mãe. — Lá vem o trem.

Portas de carros se abriram na frente da estação e mães e crianças correram para a

plataforma. Onde antes havia um calor branco e quietude e silêncio agora havia cor e

movimento e risadas.

Uma vez, tinham se atrasado, na época em que a mãe ainda não sabia dirigir. Seymour não

falara nada no táxi porque não era educado se queixar diante de estranhos, mas explodira em

Cranham House. Diana sabia quão humilhante fora ser o único homem deixado na plataforma?

Como se ela não se importasse? Não, não, repetia ela; foi um erro. O pai não parou. Um erro?

Ela não sabia ver as horas? Foi outra coisa que a mãe não tinha ensinado para ela? Byron se

escondeu sob as cobertas e cobriu os ouvidos para não escutar. Toda vez que tirava as mãos,

ouvia as súplicas da mãe, os desaforos do pai, e mais tarde escutou outro som, um som bem

mais baixo que vinha do quarto, como se o pai estivesse com dificuldades para respirar. Isso

era o que geralmente acontecia.

O trem parou na plataforma. Lucy e Byron observaram com atenção enquanto os outros

pais cumprimentavam os filhos. Alguns davam tapinhas nos ombros, outros abraçavam. Lucy

riu alto quando certo pai colocou a maleta no chão e pegou a filha no colo.

Seymour foi o último. Caminhou a plataforma toda com o Sol em suas costas, o que o fazia

parecer uma sombra avançando. Os três ficaram em silêncio. Ele deixou uma marca úmida

com a boca na bochecha da esposa.

— Crianças — disse ele. Não as beijou.

— Oi, pai.

— Oi, querido. — A mãe tocou o próprio rosto, como se quisesse restaurar a pele.

Seymour tomou o assento do carona com a maleta apoiada no colo. Observou Diana

intensamente, a maneira como ela virou a chave na ignição, ajustou o assento e destravou o

freio de mão. O tempo todo sob a vigilância dele, a língua dela entrava e saía da boca,

lambendo o lábio inferior e se escondendo novamente.

— Espelho, alerta, manobra — disse ele quando ela saiu do estacionamento da estação.

— Sim, querido. — Seus dedos tremiam no volante e ela ficava colocando os cabelos

para trás da orelha.

— Talvez fosse melhor ir para a faixa da esquerda agora, Diana.

O ar parecia ficar mais gelado nos fins de semana. Byron notou que a mãe frequentemente

passava os dedos pela gola do cardigã quando o pai estava em casa.

A despeito dos medos de Byron, a visita pareceu correr bem. Lucy não falou nada sobre Digby

Road. A mãe não falou nada sobre o Jaguar. Ela o estacionou na garagem, onde devia ficar, e

não houve menções à maneira como freou bruscamente. Não houve menções aos dois

segundos. O pai de Byron pendurou o terno de trabalho no armário e se vestiu com uma das

calças de veludo, jaquetas de lã e gravatas de seda que era parte da indumentária do campo.

As roupas ficavam sempre retesadas no pai, mesmo quando ele devia estar relaxando.

Pareciam mais papelão do que roupas. O pai leu os jornais no escritório e caminhou até o lago

com a mãe de Byron, no sábado à tarde, para vê-la jogando milho para os patos e gansos. Ela,

por sua vez, lavou as camisetas e roupas íntimas dele. Era como se a Rainha estivesse no

Palácio, com a diferença de que eram as cuecas do pai penduradas ao Sol em vez

de a

bandeira da Grã-Bretanha. Foi durante o almoço de domingo que as coisas deram errado.

Seymour estava observando Diana colocar legumes em seu prato. Perguntou a Byron como

estava indo nos estudos para conseguir a bolsa, mas olhava fixamente para as mãos da esposa,

para a forma como pegava uma batata de cada vez com a colher, então levou certo tempo para

Byron perceber que queria que ele respondesse. Byron disse que estava indo bem. A mãe

sorriu.

— Tão bem quanto o menino Lowe?

— Sim, pai. — As janelas estavam abertas na sala de jantar, mas a sensação era de que

estava insuportavelmente abafado. O calor era espesso como uma sopa.

Byron não conseguia compreender por que o pai detestava tanto James. Ele sabia que

houvera um telefonema depois do incidente com a ponte, que Andrea reclamara e que o pai

prometera cercar o lago, mas depois disso ficou tudo resolvido. Os dois pais trocaram um

aperto de mãos na festa de Natal e concordaram que não estavam chateados. Desde então,

Seymour dizia que Byron devia fazer outros amigos; o menino Lowe estava cheio de ideias

polêmicas, disse ele, mesmo que seu pai fosse formado e parte do Conselho da Rainha.

Diana tirou o avental e se sentou. O pai jogou sal no frango assado. Falou sobre os

problemas na Irlanda e os mineradores, disse que ambos mereciam. A mãe respondeu sim,

sim, e depois o que ele disse foi “Conte sobre o Jaguar novo”.

O estômago de Byron revirou. Seus intestinos saíram voando.

— Desculpe, o quê? — disse Diana.

— As mães ainda notam?

— Todas gostariam de ter a minha sorte. Sente-se direito, por favor, Byron.

Ele olhou para Lucy. Ela tinha a boca fechada com tanta firmeza que os lábios pareciam

em risco de disparar na direção das orelhas.

— Pensei em a levarmos para passear depois do almoço.

— Quem, Lucy? — disse a mãe.

— Não, o Jaguar novo — respondeu o pai.

A mãe tossiu para limpar a garganta. Foi um som mínimo, mas a cabeça do pai se ergueu.

Ele apoiou garfo e faca na mesa e olhou para ela atentamente.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou ele finalmente. — Aconteceu alguma coisa com

o carro?

Diana pegou o copo e talvez estivesse tremendo um pouco porque os cubos de

gelo

tilintaram.

— Eu só queria... — Independentemente do que fosse, ela pareceu pensar melhor e parou

de falar no meio da frase.

— Você queria o quê, Diana?

— Que você parasse de chamar o Jaguar de ela.

— O quê?

Ela sorriu. Tocou a mão do pai.

— É um carro, Seymour. Não é uma mulher.

Byron riu porque queria que o pai visse que o comentário não fora uma crítica. Na

verdade, era hahaha tão engraçado que tinha que botar a mão na barriga e gargalhar. E

considerando a seriedade potencial da situação, o comentário também fora extremamente

astuto. Para alguém que se dizia sem estudo, a mãe de Byron era cheia de surpresas. Byron e

Lucy trocaram olhares e ele fez que sim com a cabeça, incentivando-a a rir também. O alívio

de o segredo não ter sido revelado os contagiou; Lucy ria tanto que parecia enlouquecida, as

pontas das suas tranças ficaram sujas de molho. Quando Byron olhou para o lado, viu que o

lábio superior do pai havia congelado e estava cheio de pequenas gotas de suor.

— Eles estão rindo de mim?

— É claro que não — disse a mãe. — Crianças, não é engraçado.

— Eu trabalho a semana toda. — O pai falou com cuidado, enunciando as palavras como

se fosse difícil formá-las entre os dentes. — Faço tudo por vocês. Comprei um Jaguar para

você. Nenhum dos outros homens compra um Jaguar para as esposas. O camarada no mecânico

não acreditou quando contei.

Quanto mais ele falava, mais velho parecia. A mãe concordava com a cabeça e repetia “Eu

sei, querido, eu sei”. Havia uma diferença de 15 anos entre os dois, mas naquele momento ele

parecia ser o único adulto no recinto.

— Por favor, podemos conversar sobre isso depois do almoço? — Ela olhou para as

crianças. — Tem bolo Floresta Negra de sobremesa. Seu preferido, querido.

O pai tentou não parecer satisfeito, mas deixou transparecer quando um sorrisinho infantil

curvou sua boca, parecendo estar colado ali de cabeça para baixo. Felizmente, ele pegou a

faca e o garfo e a família terminou a refeição em silêncio.

Era assim com o pai dele. Às vezes uma criança surgia em seu rosto, mas Seymour fazia

caretas para tentar espantá-la. Na sala de estar havia duas fotografias emolduradas dele

quando criança. A primeira fora tirada em seu jardim em Rangum. Estava com roupa de

marinheiro e segurava um arco e uma flecha. Atrás dele havia palmeiras e flores grandes, com

pétalas do tamanho de mãos, mas pelo jeito como segurava os brinquedos, distantes do corpo,

não parecia brincar com eles. A segunda fora tirada assim que os pais desembarcaram na

Inglaterra. Seymour parecia com frio e assustado. Estava olhando para os pés e a roupa de

marinheiro estava amarrotada. Nem a mãe de Seymour sorria.

— Você não sabe como tem sorte — dizia ele para Byron de vez em quando. — Para mim,

tudo foi sempre uma luta. Não tínhamos nada quando chegamos à Inglaterra. Nada.

Não havia fotografias de Diana. Ela nunca falava da infância. Era impossível imaginá-la

como qualquer outra coisa além de mãe.

Em seu quarto, Byron examinou novamente seu mapa secreto da Digby Road. Gostaria que

Diana não tivesse comentado sobre o hábito que Seymour tinha de se referir ao carro no

feminino. Gostaria de não ter rido. De todos os momentos em que poderia questionar o pai,

aquele com certeza era o pior. Isso lhe causava uma sensação grave e frouxa no estômago

parecida com o que sentiu sobre a festa que os pais deram para os outros pais da Winston

House no Natal anterior. Havia vozes vindo do andar de baixo. Ele tentou não escutar porque

o pai tinha elevado o tom de voz, mas Byron descobriu que mesmo cantarolando, ainda ouvia.

As linhas do mapa começaram a nadar e as árvores na frente da janela eram um rascunho de

verde contra azul. De repente, a casa ficou tão silenciosa que foi como se tudo tivesse se

dissolvido em pó. Ele foi até o hall nas pontas dos pés. Nem Lucy ele ouvia.

Quando encontrou a mãe sozinha na cozinha, Byron teve que fingir que tinha corrido, mas

ofegava de medo.

— Cadê o pai?

— Voltou para Londres. Tinha que trabalhar.

— Ele não examinou o Jaguar?

— Por que ele faria isso? Pegou um táxi para a estação.

— Por que você não levou ele de carro?

— Não sei. Não tive tempo. Você está fazendo muitas perguntas, meu amor.

Ela ficou em silêncio e ele temeu que a mãe estivesse chateada, até que se virou e soprou

bolinhas de sabão no ar. Rindo, Byron as pegou entre os dedos. Ela soprou outra, pequena

como um botão, para a ponta do nariz dele. Sem o pai, a casa parecia suave

novamente.

A festa de Natal havia sido ideia de Seymour e aconteceu vários meses após o incidente do

lago. Era hora de mostrar algumas coisinhas para aqueles pais da escola, disse ele. Houve

convites especiais em cartão branco. Diana comprara uma árvore tão grande que tocava o teto

de reboco do corredor. Ela pendurou cordões de papel, poliu as paredes de madeira, recheou

pastéis e espetou cerejas em palitos para coquetéis. Todos foram, até Andrea Lowe e seu

marido do Conselho da Rainha.

Ele era um homem taciturno, vestindo blazer de veludo e gravata borboleta. Seguia a

esposa segurando seu copo e canapé em um guardanapo de papel.

Diana havia distribuído os copos que estavam no carrinho de chá, e todos os convidados

admiraram o novo chão aquecido, a mobília da cozinha, os banheiros em tom de abacate nas

suítes, os armários embutidos nos quartos, as lareiras elétricas e as janelas de vidros duplos.

A tarefa de Byron foi recolher os casacos.

— Novos ricos — ouviu certa mãe dizendo. Byron supôs que fosse bom pessoas jovens

terem dinheiro. O pai de Byron estava passando quando a mulher fez o comentário, e Byron se

perguntou se ele também ficaria feliz, mas a expressão dele era a de quem tinha descoberto

algo estragado em seu pastel de champignon. O rosto de Seymour desanimou; mas ele nunca

fora muito fã de vegetais sem carne.

Mais tarde naquela mesma noite, Deirdre Watkins sugeriu um jogo; Byron também se

lembrava disso, embora àquela altura estivesse assistindo a festa do topo das escadas.

— Ah, sim, um jogo — dissera a mãe, rindo. Ela era sempre gentil. E embora o pai de

Byron não fosse uma pessoa de jogos, a não ser que jogar paciência ou fazer alguma palavra-

cruzada bem difícil contassem, os convidados concordaram que um jogo seria tremendamente

divertido, portanto ele foi forçado a ceder. Afinal de contas, era o anfitrião.

Byron sentiu que o pai vedou os olhos de Diana com força um pouco exagerada, mas ela

não reclamou. O jogo é Diana me achar, disse o pai.

— Minha esposa adora brincadeiras. Não é, Diana?

Às vezes, Byron achava que o pai exagerava ao tentar ser uma pessoa animada. Dava para

compreendê-lo melhor quando opinava sobre o Mercado Comum ou sobre o túnel do Canal.

(Era contra ambos.) Mas então a sala de estar estava cheia de adultos rindo e bebendo e

chamando a mãe de Byron enquanto ela apalpava e oscilava e tropeçava ao passar por eles.

— Seymour — chamava ela. — Cadê você?

Ela tocou as bochechas, os cabelos e os ombros de homens que não eram seu marido.

— Ai, não — dizia ela. — Meu Deus, você não é Seymour. — E o grupo ria. Até Andrea

Lowe conseguiu dar um sorriso.

Balançando a cabeça como se estivesse cansado ou magoado, ou até mesmo entediado —

difícil dizer —, o pai tinha ido embora. Ninguém viu, só Byron. Mas Diana continuou

procurando. Às vezes esbarrava nos convidados, às vezes passava de um para outro como uma

bola, ou uma boneca. Todo mundo ria e torcia; quase a empurrando para a árvore em

determinado momento, mas ela continuou procurando o pai de Byron com as mãos esticadas,

trêmulas.

Foi a última festa que deram. O pai disse que se houvesse outra, seria sobre o cadáver

dele. Byron não achou que seria um lugar muito interessante para dar uma festa. Contudo, ao

se lembrar disso e da sensação de enjoo e confusão que o tomou enquanto assistia a mãe à

deriva, como madeira flutuando no oceano, novamente desejou que ela tivesse

ficado quieta

quanto ao novo Jaguar.

No domingo à noite, Byron mudou os lençóis e a colcha para o chão. Colocou a lanterna e a

lente de aumento ao seu lado para o caso de uma emergência. Previa momentos difíceis, e

embora não fosse uma questão que envolvesse morte ou passar fome, era importante saber que

ele conseguiria resistir e tirar o melhor proveito das coisas. No começo a colcha parecia

grossa e macia; ele ficou satisfeito ao ver que resistir era bastante fácil. Dormir já não era tão

simples.

O calor não ajudava. Byron se deitou nas cobertas e desabotoou a camisa do pijama.

Estava começando a cair no sono quando os sinos deram dez badaladas, do outro lado de

Cranham Moor, despertando-o novamente. Ouviu a mãe desligando a música na sala e ouviu

seus passos leves na escada, o clique da porta do quarto e a calmaria que veio depois. Não

importava para onde ele se virasse ou como arrumasse as cobertas; sua pele macia sempre

encontrava a superfície rígida. O silêncio era tão gritante que ele não entendia como as

pessoas conseguiam dormir. Ele ouvia as raposas na charneca. Ouviu uma

coruja, os grilos, e

de vez em quando a casa dava um estalo ou até um estampido. Byron pegou a lanterna e a ligou

e desligou, ligou e desligou, jogando luz para cima e para baixo nas paredes e cortinas contra

possíveis invasores lá fora. Os formatos familiares do quarto se destacavam do escuro e

depois mergulhavam nele. Não importava o quanto tentasse fechar os olhos, a única coisa em

que conseguia pensar era no perigo. Estaria cheio de hematomas de manhã.

Foi então que Byron compreendeu. Para salvar a mãe não bastava manter o Jaguar em

segredo. Não bastava resistir. Precisava pensar no que James faria. Precisava ser lógico.

Precisava de um plano.



Uma saída

PARA ALÉM DA janela do supermercado, a nuvem de neve está tão pesada que é uma surpresa

que ainda esteja no céu. Jim a imagina caindo sobre a charneca com um baque surdo. Imagina

a nuvem se abrindo para jorrar branco pelos montes, e sorri. E quase imediatamente após esse

pensamento lhe vem outro, e ele não sabe por que, mas esse segundo pensamento é como um

soco no peito. Mal consegue respirar.

Apesar dos anos que perdeu, de vez em quando uma memória ressurge. Pode ser bem

pequena, um detalhe que ilumina um pedaço do passado. Outra pessoa que tivesse aquele

vislumbre talvez nem prestasse atenção. E, no entanto, um detalhe insignificante pode se

destacar do contexto e causar tanta tristeza que Jim se sente torcido por dentro.

Foi em uma tarde de inverno como essa, há muitos anos, que o liberaram de Besley Hill

pela primeira vez. Ele tinha 19 anos. Havia uma fina cobertura de neve na charneca. Ele

observou a cobertura pela janela enquanto a enfermeira de plantão buscava sua mala e o

casaco de gabardine azul. Ele teve que se esforçar para que o casaco coubesse nos ombros.

Quando tentou achar as mangas, o casaco prendeu seus braços nas costas e beliscou-lhe as

axilas.

— Acho que você vai precisar de um número maior — disse a enfermeira,

olhando para

ele. Foi só então que ele percebeu o tempo que passou no hospital. Ela disse para ele ir para a

sala de espera. Ficou sentado sozinho com o casaco no colo. Dobrou-o no formato de um

bichinho de estimação e fez carinho nas costuras. Não ia à sala de espera desde que o

carregaram para dentro no dia em que chegou ao hospital. Ele ficou confuso porque não sabia

mais o que era. Ele não era um paciente; tinha melhorado, mas não sabia direito o que

exatamente isso significava. Quando a enfermeira voltou, ficou surpresa.

— Por que ainda está aqui? — disse ela.

— Estou esperando alguém vir me buscar.

Ela disse que com certeza os pais dele chegariam em breve. Ofereceu uma xícara de chá

para Jim.

Ele estava com sede e gostaria de tomar chá, mas estava pensando nos pais e não

conseguia falar. Ouvia a enfermeira cantando na cozinha enquanto esquentava água. Era um

som tranquilo, como se tudo em sua vida estivesse indo bem. Ele ouviu até mesmo o barulho

discreto da colher na caneca. Ele tentou praticar assuntos para conversar com outras pessoas.

Pescaria, por exemplo. Ele tinha escutado os médicos falando sobre isso, assim como ouvira

as enfermeiras conversando sobre bailes, ou sobre um namorado novo. Ele queria saber

dessas coisas. Mas poderia aprender. Agora que estava melhor, poderia fazer tudo aquilo.

Pescar e namorar e sair para dançar. Não era tarde demais. Ele estava recomeçando.

Na janela, a luz começou a esmorecer. A camada fina de neve na charneca tinha cor de

estanho. Quando a enfermeira voltou, quase deu um pulo.

— Ainda está aqui? — disse ela. — Achei que você já tivesse ido embora há anos. — Ela

perguntou se ele estava com frio, e ele estava, a sala era um gelo, mas ele disse que estava

confortável. — Deixe-me pelo menos fazer aquela xícara de chá — disse ela. — Tenho

certeza de que alguém vai chegar para buscar você a qualquer minuto.

Enquanto ela cantava na cozinha, ele percebeu a verdade. Ninguém viria. Claro que não.

Ninguém lhe ensinaria sobre pesca e sobre como convidar uma garota para dançar. Ele não

sabia se era a sala que o fazia tremer ou a nova certeza. Ele se levantou e saiu pela porta da

frente. Não queria insultar a enfermeira com seu desaparecimento repentino, então deixou o

casaco dobrado com cuidado na cadeira para mostrar que a xícara de chá não fora em vão.

Ficou na expectativa de que alguém sairia correndo e pegaria seu braço para levá-lo de volta

para dentro, mas ninguém apareceu. Ele caminhou até a saída. Visto que os portões estavam

trancados e ele não queria incomodar a enfermeira de novo, pulou o muro. Depois disso,

andou na direção da charneca porque não fazia ideia de aonde mais poderia ir. Passou dias ali

e não sabia o que estava sentindo. Só sabia que era todo errado, um deslocado, não estava

curado, estava cheio de culpa, não era como todo mundo — até que a polícia o encontrou de

cueca e o levou de volta para Besley Hill.

— Você gosta daqueles montes. — Ele ouve do lado direito.

Jim se vira rapidamente e vê Eileen atrás dele. Dá um pulo como se ela fosse contagiosa.

O chapéu laranja está em um ângulo tão estranho na cabeça de Eileen que parece prestes a

voar. Ela está segurando um sanduíche de presunto em um prato.

Eileen abre um sorriso grande e sincero que ilumina seu rosto inteiro.

— Não quis assustar você — diz ela. — É um efeito que eu tenho. Mesmo quando acho

que não estou sendo chocante, ainda choco as pessoas. — Ela dá uma risada.

Depois daquela experiência com o sorriso, Jim gostaria de tentar alguma coisa diferente.

Talvez devesse gargalhar, embora não queira dar a entender que está caçoando

de Eileen ou

que concorda que ela é chocante. Quer rir da mesma maneira que ela: um rugido gutural e

generoso. Ele forma um sorriso e depois faz um barulho.

— Você precisa beber água? — diz ela.

Ele tenta uma risada maior. Chega a torcer as amídalas. Essa soa pior ainda. Ele para de

rir e olha para os pés.

— As meninas me disseram que você é jardineiro — diz ela.

Jardineiro. Ninguém nunca o chamou disso. Já o chamaram de outras coisas. Boca de sapo,

louco, estranho, retardado; mas nunca disso. Sente uma onda de prazer, mas talvez não seja

boa ideia fazer a risada de novo, então tenta parecer casual. Tenta colocar as mãos nos bolsos

da calça de maneira relaxada, mas o avental fica no caminho e as mãos acabam presas.

— Eu ganhei um bonsai uma vez — diz ela. — Aceitar aquele presente foi o maior erro da

minha vida. E o negócio é que eu realmente queria cuidar dele. Li as instruções. Coloquei o

vaso no lugar certo na janela. Reguei com um dedal. Comprei até tesoura de jardinagem. E aí

adivinha o que aconteceu? Aquela merda murchou e morreu. Fui ver de manhã e todas as

folhas tinham caído no chão. E estava meio torto. — Ela imita uma arvorezinha

morta. Ele

quer rir.

— Talvez você tenha molhado demais?

— Eu gostava demais dele. Esse foi o problema.

Jim não tem certeza do que deve fazer com a história do bonsai. Faz que sim com a cabeça

como se estivesse distraído pensando em outra coisa. Tira as mãos dos bolsos rapidamente.

— Você tem dedos bonitos — observa Eileen. — Dedos de artista. Vai ver é por isso que

é bom com jardinagem. — Ela olha para o café, e Jim percebe que ela deve estar procurando

uma desculpa para ir embora.

Ele gostaria de dizer alguma outra coisa. Gostaria de ficar mais um pouco com aquela

mulher de pé com as pernas afastadas, cujos cabelos têm cor de chamas. Mas ele não faz ideia

de como ter conversas casuais. É fácil, disse uma enfermeira certa vez em Besley Hill. É só

dizer o que vier à cabeça. Um elogio é sempre bom, disse ela.

— Eu g-g-gosto do seu sanduíche — diz Jim.

Eileen franze o rosto. Olha para o sanduíche, olha para ele.

A boca de Jim parece uma lixa. Talvez o sanduíche não tenha sido um bom começo.

— Eu gosto do jeito que você botou as batatas — diz ele. — No lado.

— Ah — diz ela.

— E o... e o... alface. Gostei desse jeito que você cortou o tomate como es-es-estrela.

Eileen concorda com a cabeça como se não tivesse pensado nisso antes.

— Posso fazer um para você, se quiser.

Jim responde que gostaria muito e a observa servir o sanduíche. Ela diz alguma coisa para

o cliente que o faz rugir de tanto rir. Jim se pergunta o que pode ser. Enquanto ela volta para a

cozinha, o chapéu laranja balança sobre os cabelos e ela levanta a mão para prendê-lo como

se estivesse espantando um mosquito. Ele sente alguma coisa por dentro, como um pequeno

interruptor sendo ligado. Não quer mais pensar sobre o dia em que ninguém foi buscá-lo.

Embora estivesse curado de novo aos 21 anos e tenha sido liberado novamente, em seis meses

Jim estava de volta a Besley Hill. Naquela ocasião, ele havia tentado acertar. Havia tentado

ser como todo mundo. Matriculou-se em aulas à noite para completar os estudos. Tentou

conversar com a senhoria e com os outros homens que alugavam quartos. Mas era difícil se

concentrar. Desde a segunda sessão de tratamento de choque ele parecia se esquecer das

coisas. Não apenas coisas que tinha aprendido naquele dia, mas também coisas

mais básicas,

como repetir seu nome, por exemplo, ou a rua onde morava. Certa vez, não foi preencher os

papéis para receber ajuda do governo porque não conseguia lembrar onde devia saltar do

ônibus. Tentou trabalhar com os caminhões de limpeza, mas os outros homens riam quando ele

arrumava as lixeiras em ordem de tamanho. Chamaram-no de veadinho quando Jim disse que

não tinha namorada. Mas nunca o machucaram, e logo antes de perder o emprego, sentiu que

estava começando a se enturmar. Às vezes, ficava à janela do conjugado observando os

coletores de lixo carregando lixeiras nas costas e se perguntava se era a equipe dele ou

alguma outra. Trabalhando com eles, Jim começou a entender um pouco sobre ser forte e fazer

parte de um grupo. Era como olhar pela janela de outra pessoa e ver a vida por uma nova

perspectiva.

Havia um lado negativo. Meses depois, ele ainda sentia o cheiro do lixo nas roupas.

Passou a ir à lavanderia todos os dias. A mulher atrás do balcão fumava um cigarro atrás do

outro; encostava a guimba quente de um cigarro na ponta nova do próximo. Depois de certo

tempo ele não conseguia mais distinguir se era a fumaça ou o lixo nas roupas, mas fosse o que

fosse ele tinha que voltar e lavar tudo porque as roupas nunca estavam inteiramente limpas. E

um dia ela disse:

— Você é meio maluquinho, com certeza. — E por isso ele não pôde mais voltar lá

também.

Vestir roupas sujas era o que mais o chateava. Nem conseguia se vestir em alguns dias.

Dali saíam pensamentos que ele não queria ter. E quando tentava fazer outras coisas para se

livrar dos pensamentos, como dizer não para eles ou dar uma volta, os outros inquilinos

começavam a notar e a se afastar dele. Então, ao abrir a porta do conjugado certo dia, ele por

acaso disse oi para o minifogão. Não importava tanto. Foi apenas por gentileza, porque o

fogão em miniatura parecia muito só. Mas ele notou que algo aconteceu depois — ou melhor,

que não aconteceu, o dia todo. Ele não teve pensamentos ruins. Um pouco depois disso, a

senhoria soube das internações dele em Besley Hill e o conjugado passou a não estar mais

disponível.

Depois de várias noites na rua, Jim se entregou à polícia. Era um perigo às outras

pessoas,

disse ele. E embora soubesse que jamais machucaria ninguém de propósito, começou a berrar

e a chutar as coisas como se fosse capaz disso. Levaram-no direto para Besley Hill. Chegaram

até a ligar a sirene, mesmo que ele não estivesse mais berrando e dando chutes. Estava apenas

sentado imóvel.

Não foi exatamente a depressão clínica que o levou de volta pela terceira vez. Não foi

esquizofrenia ou transtorno de personalidades múltiplas ou psicose, nenhum desses outros

nomes que as pessoas davam para aquilo. Foi mais uma questão de hábito. Ele achava mais

fácil ser aquela pessoa perturbada do que uma pessoa reformada. E mesmo que agora tivesse

começado a fazer os rituais, voltar a Besley Hill foi como vestir roupas antigas e descobrir

que as pessoas o reconheciam. Foi seguro.

Alguém está fazendo barulho na cozinha do café, uma mulher. Outra pessoa está tentando

acalmá-la, e essa pessoa é um homem. A porta se abre rapidamente e Eileen passa por ela com

os cabelos de fogo esvoaçando. Não há sinal do chapéu laranja e o casaco está jogado sobre o

ombro, como algo que ela matou. A porta se fecha, provocando um grito.

Quando o sr. Meade

aparece, segundos depois, está com a mão no nariz.

— Srta. Hill! — berra ele por entre os dedos. — Eileen! — Ele corre atrás conforme ela

marcha por entre as mesas. Os clientes começam a apoiar suas bebidas quentes na mesa.

— Ou eu ou essa porra de chapéu — diz Eileen por cima do ombro.

O sr. Meade balança a cabeça, a mão ainda no rosto, como se temesse que algum

movimento vigoroso pudesse fazer seu nariz cair. Clientes na fila para comprar a Promoção

Lanche Festivo (uma bebida quente com torta de carne moída; doces e bolinhos não incluídos)

observam boquiabertos.

Eileen para tão repentinamente que o sr. Meade esbarra no carrinho de produtos de Natal.

— Olhe para a gente — diz ela, falando não apenas com ele, mas também com o salão

inteiro: clientes, funcionários de chapéu laranja e até as mesas e cadeiras de plástico. — Olhe

para a nossa vida.

Ninguém se mexe. Ninguém responde. Há um momento de inércia como se tudo fosse

paralisado ou desligado, como se tudo e todos tivessem esquecido o que fazer em seguida.

Apenas a árvore de Natal parece lembrar e continua sua alegre transformação de verde para

vermelho para azul. Então o rosto de Eileen se franze em descrença e ela emite aquele som

selvagem de buzina que na verdade é uma gargalhada. Novamente, não é como se ela estivesse

rindo deles, mas com eles. Como se estivesse observando a cena de fora, incluindo ela

mesma, e de repente visse uma piada ultrajante.

Eileen se vira e revela pernas brancas-acinzentadas onde a saia ficou presa na costura da

calcinha.

— Ah, foda-se — diz ela, bufando. Ela segura o corrimão e desce o primeiro degrau da

escada exclusiva para clientes.

Sem Eileen, há um novo silêncio. Alguma coisa inespecífica ocorreu e ninguém está

preparado para se mover antes de compreender a escala do desastre. Alguém murmura, e

quando nada acontece — nada se abre nem se quebra — alguém ri. Gradual e calmamente, as

vozes invadem a densidade do silêncio até que o café volta a ser novamente o que é.

— Aquela mulher está demitida — diz o sr. Meade, embora se possa dizer que ela já se

demitiu. — De volta ao trabalho, equipe. Jim? Chapéu? — acrescenta ele.

Jim o endireita. Talvez seja melhor mesmo não ver Eileen de novo; ela traz muito caos

consigo. E, no entanto, suas palavras de despedida ressoam na cabeça dele, assim como sua

risada generosa. Ele se pergunta que tipo de sanduíche ela teria levado para ele, se o teria

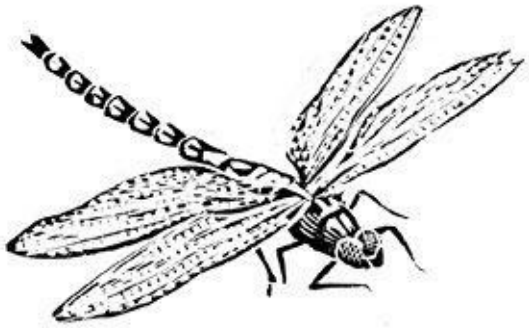
servido com batatas e alface e um tomate em formato de estrela. Ele se lembra de um tempo

longínquo em que havia sanduíches em um gramado, onde havia chá quente. Ele tem que

segurar a cabeça para que não perca o chapéu laranja enquanto a balança.

Os primeiros flocos de neve começam a cair em silêncio e giram como penas pelo ar, mas

ele não olha.



Lago

O SOL ESTAVA alto e o céu da alvorada já estava coberto de nuvens com bordas cor de cobre.

Uma luz dourada gotejava na charneca feito mel. Seis dias, 21 horas e 45 minutos haviam se

passado desde o acidente. Finalmente, Byron tinha um plano.

Passou decididamente pelo jardim em direção ao campo. A mãe e a irmã ainda

dormiam.

Equipado com ferramentas essenciais e um pacote de biscoito — caso o trabalho fosse muito

difícil —, trancou a cancela de madeira. Havia caído muito orvalho durante a noite, e gotas

gordas se grudavam à grama selvagem, parecendo pingentes. Suas pantufas, a calça do pijama

e a barra do roupão de tecido atoalhado ficaram encharcadas em poucos minutos. Quando fez

uma pausa breve para olhar para a casa, viu também o caminho escuro que seus pés trilharam,

e o nascer do Sol brilhando como fogo nas janelas do quarto. Tanto a mãe quanto Lucy

dormiam; ao longe, um cão de fazenda latia pelos montes.

James Lowe disse certa vez que um cão não era necessariamente um cão. Era apenas um

nome, assim como um chapéu era apenas um nome, ou freezer. Talvez, disse ele naquela

ocasião, um cão na verdade seja um chapéu.

— Mas como pode um cão ser um chapéu? — perguntou Byron. Estava imaginando o

chapéu de caça do pai em uma coleira, e aquilo era confuso.

— Só estou dizendo que chapéu e cão são palavras que alguém escolheu. E se são apenas

palavras que alguém escolheu, é razoável dizer que podem ter colocado os nomes errados.

Além disso, talvez nem todos os cachorros sejam cachorros. Talvez sejam diferentes. Só

porque demos um nome para todos eles não significa que realmente sejam cachorros.

— Mas mesmo assim não são chapéus — disse Byron. — E também não são freezers.

— Você tem que pensar além do que você sabe — disse James.

Usando a lupa do conjunto de química, uma lanterna e a pinça da mãe, Byron começou a

busca. Encontrou uma pedra amarela com listras, uma pequena aranha com uma bolota azul

cheia de ovos, tomilho selvagem e duas penas brancas, mas não a coisa importante da qual

precisava. Talvez estivesse procurando no lugar errado. Apoiou um dos pés na tábua mais

baixa da cerca ao redor do lago e deu um impulso para cima. Era estranho estar no lado

proibido da cerca, depois de tanto tempo. Foi como entrar no escritório do pai, onde o ar era

cortante. Os gansos grasnaram e esticaram os pescoços, mas não correram atrás dele.

Perderam o interesse e desfilaram até a margem da água.

Os restos da ponte ainda cruzavam o lago. Esticavam-se como uma espinha dorsal negra e

reluzente, desde a margem até a pequena ilha no centro. Ele também via onde a estrutura frágil

saía da ilha e desaparecia no meio do caminho antes de tocar o lado oposto. Ajoelhando-se na

grama, Byron tentou retomar a busca com a lanterna e a lupa, mas não deu certo, ele não

conseguia se concentrar. Sua cabeça ficava se distraindo e se lembrando de coisas.

A ponte fora ideia de James. Byron forneceu apenas força manual. James pensara naquilo

durante semanas. Fizera planos. Na escola, falava sobre isso constantemente. No dia da

construção, os dois se sentaram lado a lado na margem e observaram a extensão da água por

entre dedos esticados para terem uma perspectiva profissional. Foi Byron quem carregara

pedras para o lago e pegara os galhos maiores das árvores no final do campo.

— Muito bem, muito bem — murmurou James sem nem se levantar.

Byron empilhara as pedras nas partes rasas, usando-as como apoio para os galhos mais

grossos.

— Quer testar? — perguntara Byron.

James consultou o diagrama.

— Acho que temos que conferir a sustentação de peso.

Byron insistira que era apenas um lago. Dera um passo.

Lembrou-se de como seu coração balançou, da mesma forma que a estrutura embaixo de

seus pés. A madeira era escura e oleosa; os dedos dos pés não conseguiam se firmar. A cada

passo, esperava cair, e quanto mais esperava o fracasso, mais inevitável ele parecia.

Lembrou-se também de que James ficou murmurando números e insistiu que não era porque

estava preocupado, mas sim porque estava fazendo cálculos.

A memória daquele dia era tão nítida que era como observar duas crianças fantasmas ao

lado da água. Então, outra coisa começou a acontecer.

Quanto mais Byron olhava para a água, mais via não só o reflexo da ponte, mas também do

céu, como se embaixo da superfície da água existisse um segundo mundo refratado que

também tinha nuvens de cobre e luz solar tremeluzente. Se algum menino não estudava na

Winston House, talvez fosse perdoado por acreditar que havia dois céus naquela manhã, um

acima da cabeça e outro embaixo da água. E se, no final das contas, os cientistas estivessem

errados? Sem dúvida tinham feito uma bagunça com o tempo. E se realmente existissem dois

céus? Até o acidente, Byron presumia que tudo era o que parecia ser. Agora, olhando

fixamente para o lago e para o céu dentro da circunferência reluzente, ocorreu-lhe que as

pessoas sabiam das coisas só porque alguém tinha dito que eram verdadeiras. James tinha

razão. Não parecia uma base sólida para crer ou não.

Era tanta coisa para pensar que Byron achou melhor comer um biscoito. Um vento brando

moveu a água e lançou pequenos diamantes de luz na grama toda. Já eram seis e quinze. Ele

espanou as migalhas do roupão e voltou à tarefa. A lupa e a lanterna não faziam diferença

significativa; o Sol velejava mais alto a cada minuto. Aquilo tudo só lhe faziam se sentir um

menino encontrando coisas. Não precisaria nem de um nem de outro se James estivesse ao seu

lado.

— Meu Deus, você está ensopado — disse a mãe quando o alarme disparou e seus olhos se

abriram. Pegou a pílula e a água. — Você não esteve no lago, esteve?

— Eu acho que vai ser mais um dia quente — disse ele. — Tenho que ir para a escola?

Diana o puxou para si e o abraçou. Byron mal podia esperar para mostrar o que havia

encontrado.

— A sua educação é muito importante — disse Diana. — Se você não tiver um começo

decente, vai ficar como eu.

— Prefiro ser como você a ser como qualquer outra pessoa.

— Não prefere, não. Pessoas como eu nunca acertam. — Ela apoiou o queixo no ombro

dele, de modo que sua voz parecia vir de dentro dos ossos de Byron. — Além disso, seu pai

quer que você tenha o melhor. Quer que sua vida seja um sucesso. Ele é bem decidido quanto

a isso.

Ficaram abraçados por algum tempo. O rosto dela estava perto do dele. Ela beijou-lhe os

cabelos e afastou a coberta.

— Vou preparar a banheira para você, querido. Para não pegar um resfriado.

Ele não entendeu o que ela quis dizer. Por que não gostaria de ser como a mãe? O que quis

dizer quando falou que nunca acertava? Ela com certeza não tinha se dado conta de Digby

Road. Assim que a mãe saiu, Byron ajeitou a haste do trevo no bolso do roupão. Estava meio

enrugado e encharcado, e não tinha quatro folhas, tecnicamente tinha três, mas ele sabia que a

salvaria porque James disse que trevos davam sorte. Byron o colocou embaixo do travesseiro

dela para que a protegesse mesmo que ela não soubesse.

Cantarolando levemente, seguiu a mãe até o banheiro. A luz que vinha das janelas era

como pedras brancas no carpete. Ele pulou de uma para outra. Pensou na mãe preparando a

banheira. Não era uma frase que ela já tivesse usado antes. Ela dizia coisas daquele tipo de

vez em quando, ou como o comentário sobre não querer que ele ficasse como ela. Eram frases

tão súbitas que parecia que havia outra pessoa dentro dela, assim como havia um menino

dentro do pai e outro mundo dentro do lago.

Ele queria não ter comido todos os biscoitos. Não era o tipo de coisa que James faria.

10



Plantando

A NEVE CAI de maneira inconstante por mais três dias. Embranquece até mesmo a noite. Assim

que o degelo começa vem outra nevasca e a terra é novamente escondida. O silêncio unifica o

ar e a terra, e logo Jim só consegue discernir os movimentos dos flocos que caem se olhar

fixamente para o pôr do Sol. O céu complementa o solo.

No conjunto habitacional, os carros são abandonados em diagonais junto ao

meio-fio. O

velho que nunca sorri observa da janela. O vizinho do cachorro perigoso tira a neve da

entrada da casa com uma pá, e em poucas horas o caminho desaparece de novo. Galhos nus

são salpicados com neve como se estivessem desabrochando; as folhas das perenes se

inclinam com o peso. Os alunos estrangeiros saem com jaquetas pesadas e gorros de lã, e

usam sacolas de plástico como trenó. Pulam a cerca e tentam patinar na vala congelada no

meio do campo. Jim observa de longe enquanto eles riem e gritam uns para os outros usando

palavras que ele não compreende. Torce para que não quebrem nada. De vez em quando ele

checa os canteiros embaixo das janelas, mas não há sinal de vida.

No trabalho, as meninas da cozinha reclamam que não têm nada para fazer, e o sr. Meade

diz que o supermercado já está reduzindo os preços dos mantimentos de Natal. Jim limpa as

mesas e ninguém se senta nelas, ele apenas esguicha e limpa. Ao anoitecer, a neve recente

range baixinho sob os pés, e a charneca dorme pálida à luz do luar. Pequenas estalactites de

gelo decoram os postes de luz e as cercas vivas.

Certo dia, tarde da noite, Jim tira a neve de algumas flores de inverno. É seu

projeto mais

recente. Não precisa de rituais ali. Não precisa de fita adesiva, nem de cumprimentos. Quando

está plantando, não há nada além de si próprio e a terra. Ele se lembra de Eileen e do bonsai,

de tê-lo chamado de jardineiro; e apesar do frio cortante, sente-se aquecido por dentro.

Gostaria que ela visse o que ele fez.

Foi uma das enfermeiras em Besley Hill a primeira a perceber que ele ficava mais feliz a

céu aberto. Ela sugeriu que ele ajudasse no jardim. Afinal de contas, disse ela, estava um lixo.

Ele começou devagar, um pouco de limpeza com o ancinho, um pouco de poda. O prédio cinza

e quadrado ficava para trás; as janelas com grades eram esquecidas, assim como as paredes

verde-limão, os cheiros de molho de galinha e de desinfetante, os rostos intermináveis. Ele

aprendeu conforme foi fazendo. Viu como as plantas mudaram com o passar das estações.

Descobriu do que precisavam. Em poucos anos ele tinha seus próprios canteiros. Havia

calêndulas, esporas, dedaleira e malva-rosa. Havia moitas de tomilho, salva, menta e alecrim;

as borboletas flutuavam acima delas, parecendo pétalas. Ele plantou de tudo. Conseguiu até

plantar aspargos, bem como arbustos de groselha, de cassis e de um híbrido entre amora e

framboesa. As enfermeiras também deixaram que ele plantasse maçãs, mas o asilo foi fechado

antes que ele as visse florescendo. Às vezes, as enfermeiras contavam sobre seus próprios

jardins. Mostravam catálogos de sementes e perguntavam a ele qual deveriam escolher. Em

uma das vezes em que recebeu alta, um médico lhe deu um pequeno cacto para dar sorte. Jim

voltou em poucos meses, mas o médico disse que ele podia ficar com a planta.

Foram tantos anos entrando e saindo de Besley Hill que Jim perdeu a conta. Foram tantos

médicos e enfermeiras e pacientes que todos pareciam dividir um rosto, uma voz, um jaleco.

Às vezes, Jim nota um cliente parar no café e olhá-lo por um momento, e não faz ideia se é

porque o conhece ou se porque ele é estranho. Existem lacunas em sua memória, lacunas de

semanas, de meses, e às vezes até de mais. Relembrar o passado é como viajar para um lugar

onde ele esteve uma única vez, e descobrir que tudo foi suspenso e desintegrado.

Uma coisa da qual não se esquece é a primeira vez. Tinha apenas 16 anos. Ainda se vê no

assento do carona, com medo e se recusando a sair. Vê os médicos e enfermeiras que correram

pelos degraus de pedra até o carro gritando “Obrigado, sra. Lowe. Nós cuidamos dele de

agora em diante”. Lembra-se de como desprenderam seus dedos do assento de couro e de

como já era tão alto que eles tiveram que abaixar sua cabeça para que não batesse com ela.

Lembra-se até da aparência da enfermeira que mostrou o lugar para ele, depois que lhe

medicaram e ele dormiu. Foi enviado para uma ala com cinco homens velhos o suficiente para

serem avôs dele. Choravam à noite chamando por suas mães e Jim também chorava, mas não

fazia diferença, pois ela nunca ia.

Depois do primeiro emprego com os caminhões de lixo, ele tentou outros. Nada ousado.

Cortou grama, empilhou madeira, varreu folhas, distribuiu panfletos. Entre as internações em

Besley Hill, passou por quartos em apartamentos e conjugados. E centros de acolhimento

também. Nenhum deles durou. Ele recebeu mais tratamentos de choque para a depressão e

coquetéis de remédios. Depois das injeções de morfina, viu aranhas saindo das lâmpadas e

enfermeiras com navalhas no lugar dos dentes. Durante a maior parte dos seus trinta anos,

estava tão desnutrido que sua barriga afundou entre os ossos do quadril, como um túmulo.

Enquanto estava no departamento de terapia ocupacional, aprendeu cerâmica e desenho, além

de habilidades rudimentares de carpintaria e francês para iniciantes. Nada disso o impedia de

ter colapsos repetidamente, às vezes semanas ou meses depois de receber alta. Na última vez

em que voltou para Besley Hill, ele se resignou a não sair mais. E então eles fecharam o

hospital.

A neve enlaça as cercas vivas e os bigodes dos idosos. Os galhos esbranquiçados das

árvores balançam como se houvesse uma música no ar que só elas conseguem ouvir. Os carros

engatinham nos cumes congelados da charneca e a luz nas colinas mais baixas tem um tom

refinado de azul.

É cedo demais para ter sinais de vida. O frio ainda mataria novos brotos e a terra está

dura como pedra. Jim se deita na neve ao lado dos seus bulbos e estica os braços para passar

calor para eles. Às vezes, dar carinho para alguma coisa que já está crescendo é mais

arriscado do que plantar algo novo.

11



Mães e psicologia

— EU NÃO estou entendendo — disse James. — Por que você acha que a gente tem que contar

para a polícia?

— Porque talvez eles não saibam dos dois segundos — respondeu Byron. — E talvez você

esteja certo sobre a conspiração. Pessoas inocentes podem estar em perigo e não é culpa

delas.

— Mas, se existe uma conspiração, a polícia deve saber. E o governo também. A gente tem

que pensar em outra pessoa. Alguém em quem a gente possa confiar.

Até o acidente, Byron não sabia que manter segredo era tão difícil. Só conseguia pensar no

que a mãe tinha feito e no que aconteceria se ela soubesse. Ele disse para si mesmo para não

pensar naquilo o tempo inteiro. Sempre que começava uma frase, tinha medo de que palavras

erradas lhe escapassem. Consequentemente, tinha que examiná-las enquanto eram

pronunciadas, como se estivesse checando as mãos para ver se estavam limpas. Era exaustivo.

— *Est-ce qu'il faut parler avec quelqu'un d'autre?* — perguntou James. — *Mounsieur*

Roper peut-être?

Byron balançou a cabeça, parecendo assentir. Não tinha certeza do que James havia dito,

ficou esperando por mais informações.

— Tem que ser alguém que entenderia — disse o amigo. — *Votre mère? Elle est très*

sympathique. — Ao mencionar Diana, a pele de James ruborizou. — Ela não ficou chateada

com a gente por causa do lago. Fez chá e aqueles sanduichinhos. E ela não bota você de

castigo se estiver sujo de lama, por exemplo.

Mesmo que James estivesse certo quanto à mãe de Byron, mesmo que ela não tivesse

berrado como Seymour depois do incidente do lago, nem ficado calada como Andrea —

mesmo que Diana tivesse insistido que a queda de Byron na água fora um acidente —, Byron

sugeriu que não contassem sobre os dois segundos para ela.

— Você acha que uma pessoa pode ser culpada mesmo que não saiba que cometeu um

erro? — perguntou ele.

— Isso tem a ver com os segundos extras também?

Byron disse que era uma pergunta geral e pegou os cartões Brooke Bond no bolso do

blazer para descontrair a conversa. Tinha a série completa agora, até o número um.

— Não sei como alguém pode ter culpa se não sabia o que estava fazendo — disse James,

encantado pelos cartões. Esticou os dedos, mas não os tocou. — Você só pode ser culpado se

cometer um crime deliberadamente. Se matar alguém, por exemplo.

Byron disse que não estava pensando em assassinato. Estava apenas pensando em um

acidente.

— Que tipo de acidente? Como cortar a mão de alguém no trabalho?

Às vezes, Byron achava que James lia jornais demais.

— Não — disse ele —, só fazer alguma coisa que não era a intenção.

— Acho que se você pedir desculpas pelo erro — disse James — e se mostrar que as

desculpas foram realmente sinceras, tudo bem. É o que eu faço.

— Você nunca faz nada errado — lembrou Byron.

— Eu confundo o “h”. Escrevo “ora” e “higreja” quando estou cansado. E teve uma vez

que pisei em uma coisa saindo da escola e entrei com ela no carro. Minha mãe teve que

esfregar o tapete. Fiquei fora de casa a tarde toda.

— Por causa dos sapatos?

— Porque ela não me deixou entrar. Quando ela faz a faxina, tenho que ficar do lado de

fora. Às vezes não sei se minha mãe me quer. — Ao confessar isso, James olhou as pontas dos

dedos e ficou em silêncio de novo. E então: — Você tem o cartão do Montgolfier Balloon? —

perguntou. — Esse cartão na verdade é o número um da coleção.

Byron sabia que o cartão era o número um. Era a figura de um balão azul com enfeites

dourados, e era seu preferido; nem mesmo Samuel Watkins tinha aquele cartão. Mas havia algo

tão sólido e solitário na maneira como o amigo estava sentado que Byron colocou o cartão do

balão na mão de James. Disse para James ficar com ele. Quando James disse "Não, não, você

não pode me dar isto. Não vai mais ter a coleção completa", Byron fez cócegas nele para

mostrar que não tinha problema. James se curvou e gritou de tanto rir quando os dedos de

Byron encontraram os pequenos espaços das axilas e embaixo do queixo.

— Por favor, p-para — uivou James. — Você está me dando soluço. — Quando James

gargalhava, parecia uma criança.

Aquela noite não foi mais fácil. O sono veio em blocos, e quando vinha Byron tinha

sonhos assustadores e acordava enrolado em lençóis úmidos. Quando se olhou

no espelho do

banheiro, na manhã seguinte, ficou chocado com a imagem de um menino grande e pálido com

sombras sob os olhos que pareciam hematomas.

A mãe ficou igualmente chocada. Quando o viu, disse que ele precisava ficar em casa.

Byron explicou que tinha um trabalho importante para a bolsa, mas ela apenas sorriu. Um dia

não faria diferença. E tinha o café da manhã com as mães também.

— Pelo menos não vou ter que ir — disse ela.

Isso preocupou Byron. Se ela fizesse qualquer coisa diferente, as outras mães ficariam

desconfiadas. Ele concordou em ficar em casa, mas só porque planejou fazer com que ela

fosse ao café das mães.

— Eu gostaria de ficar um dia em casa — disse Lucy.

— Você não está doente — disse a mãe.

— Byron também não está — disse Lucy. — Ele não tem pintinhas.

Uma vez por mês, as mães da Winston House se encontravam para tomar café da manhã na

única loja de departamentos da cidade. Havia outros cafés, mas eram daqueles

estabelecimentos situados na parte menos sofisticada de High Street, que serviam hambúrguer

americano e milk-shakes de vários sabores. O salão de chá da loja de departamentos abria às

onze horas. Tinha cadeiras de madeira dourada com estofamento de veludo azul. As

garçonetes vestiam aventais brancos e asseados e serviam bolinhos em pratos com toalhas de

papel decorativas. Se você pedisse café, vinha com leite ou creme e um pequeno chocolate de

menta embrulhado em papel preto.

Havia 15 mães presentes naquela manhã.

— Que encontro maravilhoso — disse Andrea Lowe, cortando o ar com o cardápio.

Seus olhos eram claros e pareciam arregalados ao máximo, como se estivesse

permanentemente vendo coisas que a chocavam. Deirdre Watkins, que tinha chegado por

último, estava sentada em um banco mais baixo que havia pedido para buscarem no lavatório

porque as cadeiras adornadas encontravam-se todas ocupadas. Seu rosto estava suado por

causa do calor; ela precisava secá-lo constantemente.

— Eu não sei por que não nos encontramos com mais frequência — disse Andrea. — Tem

certeza de que consegue nos ver aí de baixo, Deirdre?

Deirdre disse que se sentia esplêndida e pediu para que lhe passassem o açúcar.

— Para mim, não — disse a nova mãe. O marido dela era algum tipo de vendedor, mas

não de porta em porta. Ela levantou a mão como se tocar no açúcar fosse engordar seus dedos.

— Byron está doente? — perguntou Andrea virando a cabeça para ele, no lado oposto da

mesa.

— Está com dor de cabeça — disse Diana. — Não tem nada contagioso. Não tem inchaço,

nem manchas.

— Meu Deus, claro que não — disseram as mães em coro. Quem levaria um filho com

uma doença contagiosa para uma loja de departamentos?

— Não teve mais nenhum acidente, então? — disse Andrea.

Byron engoliu em seco, a mãe respondeu que não, nenhum outro acidente aconteceu. O

lago estava cercado agora. Andrea explicou para a nova mãe que James e Byron tentaram

construir uma ponte em Cranham House no verão anterior.

— Quase se afogaram — disse ela, rindo. E acrescentou que não havia ressentimentos.

— Apenas Byron caiu — murmurou Diana. — A água não passa dos meus joelhos. E

James nem se molhou.

Foi o comentário errado. Andrea Lowe mexeu bruscamente o café com uma colher de chá.

— Mesmo assim, você não vai querer que Byron deixe de fazer as tarefas da bolsa de

estudos. Se eu fosse você, mandaria um médico examiná-lo. Meu marido conhece um muito

bom na cidade. O nome dele é Howards. Fizeram faculdade juntos. É especialista em

crianças.

— Obrigada, Andrea — disse Diana. — Não vou me esquecer. — Ela pegou o caderno e

o abriu em uma página em branco.

— Na verdade, é um psicólogo.

A palavra atingiu o ar como um pequeno tapa. Sem olhar para ela, Byron percebeu a mãe

se demorar sobre o livro. Sabia qual era o problema. Ela não sabia soletrar psicólogo.

— Não que eu tenha precisado dos serviços dele — disse Andrea.

A caneta de Diana escreveu, escreveu, escreveu. Diana fechou o caderno e o colocou na

bolsa.

— Mas tem gente que precisa. Tem muita gente doente por aí.

Byron abriu um grande sorriso para mostrar às mulheres que não era uma dessas pessoas;

que era normal, só estava com um pouco de dor.

— Como minha sogra — interrompeu Deirdre. — Ela escreve cartas de amor para aquele

DJ na Rádio 2. Qual é o nome dele?

Andrea disse que não fazia ideia. Não era fã de DJs, falou. Preferia Beethoven.

— Falo sempre para ela “Mãe, a senhora não pode escrever para ele todos os dias”. Ela

tem aquele negócio, como se chama? — As mães balançaram a cabeça de novo, mas dessa vez

Deirdre lembrou. — Esquizofrenia. É isso. Ela diz que ele conversa com ela no rádio.

— Eu gosto de escrever cartas — disse Byron. — Escrevi para a rainha uma vez. Ela

respondeu, não foi, mamãe? Quer dizer, a dama de companhia dela respondeu.

Andrea o olhou com a boca franzida como se estivesse chupando uma pastilha para a

garganta. Ele se arrependeu de mencionar a rainha, embora, pessoalmente, tivesse orgulho

pela correspondência dela. Ele a mantinha em uma lata especial de biscoitos Jacob's, junto

com as cartas da NASA e do sr. Roy Castle. Sentia que possuía um talento especial para

cartas.

— Mas você não deve ter escrito usando só roupas de baixo — disse Deirdre. — É isso

que a minha sogra faz.

As mulheres caíram na gargalhada e Byron quis desaparecer. Até suas orelhas ficaram com

vergonha. Não dissera nada relacionado a roupas íntimas e agora tinha uma imagem na cabeça

de todas as mães com corpetes pêssegos. E não sabia o que fazer com essa imagem. Sentiu a

mão macia de Diana segurando a sua embaixo da mesa. Enquanto isso, Andrea

dizia que

problemas mentais eram uma doença. Que você tem que colocar pessoas assim em Besley

Hill. Era a atitude mais generosa a longo prazo, disse ela. Era como os homossexuais. Tinham

que receber ajuda para melhorarem.

Depois disso as mulheres conversaram sobre outras coisas. Uma receita para escalope de

frango. Os Jogos Olímpicos no verão; quem ainda tinha um conjunto preto e branco? Deirdre

Watkins disse que toda vez que se inclinava sobre o freezer novo ficava com medo de o

marido a jogar lá dentro. Andrea não estava preocupada com a segurança de Anthony,

perguntou a nova mãe, depois dos últimos bombardeios do IRA? Andrea disse que, em sua

opinião, os terroristas deviam ser enforcados, eram fanáticos. Felizmente, a área do marido

era crime doméstico.

— Nossa — disseram as mulheres.

— Acho que ele recebe até mulheres. Às vezes mães.

— Mães? — disse Deirdre.

O coração de Byron pulou como uma panqueca e se espatifou nas entranhas.

— Acham que só porque têm filhos podem sair ilesas. Anthony faz a linha dura. Se há

crime, alguém tem que pagar. Mesmo que seja mulher. Mesmo que seja mãe.

— Está certo — disse a mãe nova. — Olho por olho.

— Às vezes elas berram coisas terríveis quando são levadas para a prisão. Anthony nem

me conta o que dizem, de vez em quando.

— Meu Deus — cantaram as mulheres.

Byron não conseguia olhar para Diana. Ele a ouviu arfar e murmurar como as outras

mulheres, ouviu o estalo de seus lábios quando tocaram a xícara, o tilintar das unhas rosa na

porcelana e o clique molhado e sutil do ar quando ela bebeu. Sua inocência era clara, tão

palpável que ele achou que poderia tocá-la, e, no entanto, mesmo sem saber, ela era culpada

havia nove dias. A tristeza desse fato era incrivelmente cruel.

— Esse é o preço do feminismo — disse Andrea. — O país está sendo jogado aos

cachorros.

— Sim, sim — murmuraram as mulheres, tocando os lábios no café como se fossem bicos.

Byron sussurrou para Diana que queria ir embora, mas ela balançou a cabeça. Seu rosto

era uma lâmina de vidro.

— É isso o que acontece quando as mulheres trabalham — disse Andrea. — Não podemos

ser homens. Somos mulheres. Temos que nos comportar como mulheres. — Deu ênfase ao

“mulheres” para que a palavra se destacasse na frase e soasse longa e importante. — O

primeiro dever de uma mulher casada é ter filhos. Não deveríamos querer mais do que isso.

— Claro, claro — disseram as mulheres.

Pléc pléc, mais dois cubos de açúcar no chá de Deirdre.

— Por que não? — perguntou uma voz fininha.

— Como? — A xícara de café congelou a caminho da boca de Andrea.

— Por que não podemos querer mais do que isso? — disse a voz fininha de novo.

Quinze rostos se focaram em Byron. Ele balançou a cabeça para demonstrar que não tinha

feito nada quando percebeu, para sua infelicidade, que a voz fina era da mãe. Ela havia

colocado os cabelos atrás das orelhas e estava com a postura ereta, como fazia ao dirigir para

mostrar ao marido que estava concentrada.

— Eu não quero passar a vida inteira em casa — disse ela. — Quero ver coisas. Quando

as crianças estiverem crescidas, talvez eu arrume outro emprego.

— Você quer dizer que já trabalhou antes? — indagou Andrea.

A mãe inclinou a cabeça para a frente.

— Só quis dizer que pode ser interessante.

O que ela estava fazendo? Byron secou o suor do lábio superior e se afundou na cadeira.

Mais do que tudo, ele queria que ela fosse como as outras. Mas lá estava ela, falando sobre

ser diferente quando já se destacava de maneiras que nem podia imaginar. Ele quis se levantar,

bater os braços e berrar com ela apenas para causar uma distração.

Deirdre pediu o açúcar de novo. A nova mãe levantou as mãos quando o açúcar passou

por ela. Várias mulheres se ocuparam com fiapos de algodão nas mangas de suas blusas.

— Ah, *interessante* — disse Andrea, gargalhando.

Passaram pela High Street em silêncio, Byron e a mãe. O Sol era um buraco cegante, e um

abutre pairava sobre a charneca esperando para dar o bote. O ar estava tão estagnado e baixo

que era como um punho pressionando a terra. Mesmo quando uma nuvem aparecia, o céu

parecia beber a umidade antes que ela pudesse derramá-la. Byron se perguntou quanto tempo

mais tal calor poderia durar.

Depois do que a mãe tinha dito no salão de chá quanto a trabalhar, a conversa entre as

mulheres esmoreceu, como se estivesse doente ou muito cansada. Byron segurou a mão dela e

se concentrou em pisar entre as rachaduras das pedras. Queria fazer tantas

perguntas. Ela se

movia dentro do vestido verde-limão, passando pelas janelas da loja do Partido Conservador,

e seus cabelos reluziam sob o Sol.

— Elas não fazem ideia — disse ela. Parecia estar olhando fixamente para a frente.

— Quem?

— Aquelas mulheres. Nem imaginam.

Ele não soube direito o que fazer com aquela informação, então disse:

— Eu acho que vou dar uma olhada na minha carta da rainha quando a gente chegar em

casa.

A mãe sorriu para Byron como se ele fosse esperto. Foi a mesma sensação de quando ela

segurava a mão dele.

— Boa ideia, meu amor. Você é muito bom com cartas.

— Depois posso fazer outro brasão do *Blue Peter*.

— Achei que o programa de TV já tivesse um brasão.

— Eles têm. Um prateado e um dourado também. Mas você tem que fazer alguma coisa

como salvar uma pessoa em perigo para ganhar o dourado. Você acha que é possível?

Ela assentiu, mas parecia não estar mais escutando — pelo menos não ao que ele dizia.

Estavam parados na frente da loja de bebidas. A mãe olhou para trás. *Tap, tap, tap*, faziam os

pés dela no chão.

— Espere aqui um minuto, seja um bom menino — disse ela. — Preciso de água tônica

para o fim de semana.

O tempo virou naquela noite. Byron acordou quando uma rajada de vento escancarou sua

janela, o que fez com que as cortinas parecessem as velas de um navio. Um raio em formato de

garfo partiu o céu e a charneca brilhou como uma fotografia azul emoldurada pela janela. Ele

ficou imóvel e contou, esperando o barulho do trovão. Gotas de chuva começaram a cair,

passando pelas cortinas abertas do quarto. Se ele não se levantasse para fechar a janela, o

carpete ficaria com uma mancha molhada. Ficou deitado nas cobertas sem conseguir dormir

nem se mexer. Tudo o que ouvia era a chuva, o bater dela no telhado, nas árvores e no terraço.

Não conseguia imaginar seu fim.

Byron pensou sobre o que Andrea dissera a respeito de mulheres que pagam por seus

crimes. Não sabia como manteria a mãe a salvo. A tarefa parecia grande demais para apenas

um menino. Considerando a maneira como havia falado sobre trabalhar e a

maneira como

reclamara no fim de semana quando o pai se referira ao carro no feminino, não era apenas o

que tinha feito em Digby Road que diferenciava Diana. Havia alguma coisa nela, algo puro e

fluido que não podia ser contido. Se ela descobrisse o que tinha feito, a verdade

transbordaria. Ela não seria capaz de detê-la. Ele imaginou novamente aquelas gavetinhas

embutidas com alças cravejadas de joias na mente da mãe; talvez fosse por causa da chuva,

mas só conseguiu visualizar as gavetas se enchendo de água. Gritou.

De repente, a silhueta prateada da mãe estava à porta, brilhando sob a luz do hall.

— O que houve, meu amor?

Ele disse que estava com medo e ela foi rapidamente fechar a janela. Reorganizou as

cortinas em belas dobras azuis.

— Você se preocupa demais — disse ela, sorrindo. — As coisas nunca são tão ruins

quanto pensamos. — Sentada na beira da cama, passou os dedos pela testa de Byron. Cantou

uma música calma que ele desconhecia, e ele fechou os olhos.

Independentemente do que tivesse acontecido, ele jamais deveria contar para a mãe o que

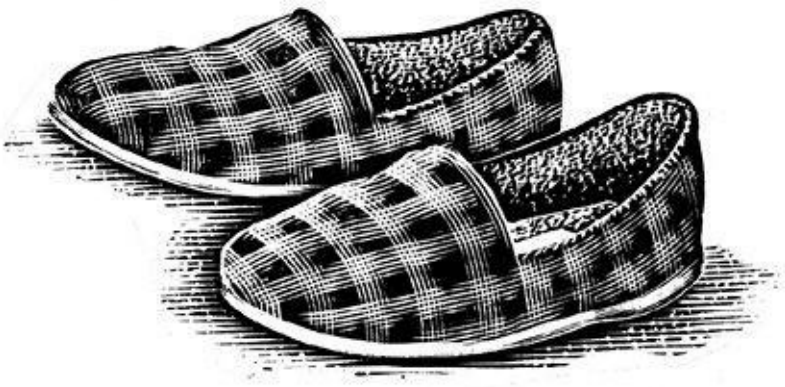
ela fizera. De todas as pessoas para ter aquela informação ela certamente era a mais perigosa.

Ele repetiu isso para si mesmo várias e várias vezes enquanto os dedos da mãe passeavam por

seus cabelos, a chuva batia nas folhas e os trovões se abrandavam. Byron foi titubeando em

direção ao sono como se manuseado por cordas.

12



Outro acidente

CINCO DIAS DEPOIS da saída de Eileen do café, Jim a encontra de novo. A neve havia

começado a derreter. Durante o dia ela escorre das árvores; em todos os lugares há o

tamborilar da água, o *pec pec* do gelo derretendo. Conforme a terra reaparece, suas cores

suaves — os verdes, os marrons, os roxos — parecem chamativas, muito cheias de si. Apenas

no topo da charneca o manto branco da neve permanece.

Jim está saindo do estacionamento depois do trabalho. A rua está escura. Os trabalhadores

estão voltando para suas casas. Os postes jogam uma luz alaranjada nas calçadas úmidas e nos

montes de neve suja nos meios-fios. Ele caminha na direção da rotatória para atravessar a rua

com segurança quando um Ford Escort marrom passa chacoalhando. Um adesivo no vidro

traseiro diz *Meu outro carro é um Porsche*. Com um guincho e um cheiro metálico de fogos de

artifício, o carro freia bruscamente na faixa de travessia. Jim passa por trás do carro.

Não há motivo óbvio para que o carro, agora parado, mude de ideia e dê marcha a ré, mas

ele faz as duas coisas. Com um grunhido e uma emissão repentina de fumaça, o Ford parece

pular para trás e depois dá outra freada brusca em cima de Jim. Ele percebe que alguma coisa

significativa acabou de acontecer e então sente a dor. Ela percorre seu corpo, do pé, passando

pelas pernas até a coluna.

— Meu Deus — berra uma voz masculina do outro lado da rua.

A porta do carona se abre e lá está ela. Ou melhor, lá está seu rosto em um

ângulo

inclinado. Ela deve ter pulado para o assento do carona. O brilho dos cabelos laranja. Olhos

arregalados. Só há o carro dela entre eles.

— Puta que... — Não há como confundi-la com outra pessoa.

Jim levanta as mãos. Se tivesse uma bandeira branca, também a teria levantado.

— E-e-eu. Seu carro... Seu carro... — Tem muita coisa na mente dele, além de 1.105

quilos de Ford Escort na ponta de sua bota.

Eileen o encara e sua expressão é de espanto. Ele não sabe porquê, mas olha para Eileen e

vê a imagem da hortênsia que encontrou em flor naquela manhã, tão rosa que chegava a ser

vulgar. Ele se lembra de como quis tocar as pétalas e proteger a flor até a primavera.

Eileen e Jim continuam se encarando sem se mover, ele pensando em hortênsias, ela

murmurando “Merda”, até que a voz do outro lado da rua berra de novo:

— Pare! Pare! Houve um acidente!

Por um instante, as palavras não lhe dizem nada. Depois, percebendo o que significam, Jim

sente uma onda de pânico. Ele não quer nada daquilo. Tem que parar de acontecer. Grita “Não

tem nada errado”. As pessoas estão começando a notá-los. Ele bate os braços como se Eileen

estivesse plantada no caminho dele, e pudesse espantá-la com movimentos vigorosos da mão.

— Vá embora! — berra ele, ou algo parecido. — Vá embora! Anda logo! — É quase

grosseiro.

Eileen recua a cabeça, a porta é fechada com violência e ela sai com o carro. A roda do

lado do carona bate no meio-fio quando ela passa pela rotatória.

O homem que havia berrado atravessa a rua correndo, desviando dos carros. É jovem, tem

cabelos escuros e veste uma jaqueta de couro; seu rosto é magro como o de um esqueleto. Sua

respiração alcança o frio em pequenos halos de vapor.

— Eu anotei a placa — diz ele. — Você consegue andar?

Jim diz que com certeza consegue. Agora que a roda traseira de Eileen saiu de cima de seu

sapato, ele se sente surpreendentemente leve, como se o pé fosse feito de ar.

— Quer que eu ligue para a polícia?

— E-eu...

— Uma ambulância?

— N-n...

— Aqui. — O jovem lhe entrega um pedaço de papel onde parece ter anotado os detalhes

sobre o carro. Sua letra é infantil.

Jim dobra o papel e o coloca no bolso. Está com dificuldade para conectar seus

pensamentos. Foi atropelado e está machucado. Tudo o que quer é remover a bota na

privacidade do trailer e examinar o pé sem ninguém correndo até ele e ameaçando chamar

pessoas que o aterrorizam. Então percebe que dobrou o papel do jovem apenas uma vez.

Deveriam ser duas, e depois mais uma. Afinal de contas, houve um acidente. Ele deveria estar

executando os rituais, até mesmo ali na rua. Mas agora já está feito; ele cometeu algum erro.

Apesar do frio, uma onda de suor lhe cobre a pele. Começa a tremer.

— Tem certeza de que está bem? — diz o jovem.

Jim tenta redobrar o papel dentro do bolso, mas ele fica preso no chaveiro. O jovem fica

olhando.

— O carro bateu no seu quadril também? — pergunta ele.

Pronto, conseguiu. O papel está dobrado duas vezes.

— S-sim — diz Jim para si mesmo porque agora está seguro.

— Bateu? — diz o homem. — Que merda.

Está seguro, mas Jim não sente que sim. Pensamentos ruins clamam atrás dele. Jim

consegue ouvi-los e senti-los. Mais rituais são necessários. Só vai se sentir seguro se vir um 2

e um 1. Tem que encontrar os números. Tem que encontrá-los neste instante ou

tudo vai piorar.

— A-ajuda — diz ele olhando para as placas dos carros que passam.

O jovem olha para trás.

— Socorro! Socorro! — grita ele. O trânsito está começando a ir mais devagar, mas

nenhum dos carros tem os números corretos.

Se Jim se apressar pode voltar para o supermercado. O café está fechado, mas a loja ainda

vai estar aberta. Ele pode ir até o corredor de produtos de higiene pessoal, onde colocam o

xampu 2 em 1. Isso já deu certo uma vez. É mais um quebra-galho para emergências. Quando

dá as costas para o jovem, uma sensação quente dispara perna acima. Ele se pergunta se o pé

ainda está preso ao resto do corpo. Ele tem que fechar as mãos em punhos para que o jovem

não perceba, mas infelizmente Jim está no caminho de outra pessoa. Ela vê tudo.

— Jim? O que aconteceu? — Sem a tela de cabelo e o chapéu laranja, ele demora a

perceber de quem se trata. É uma das meninas do café do supermercado que o descreveu como

lento. Ela tem uma juba de cabelos cor-de-rosa e tantos pinos nas orelhas que parecem ter

sido estofadas.

— Você conhece esse cara? — diz o jovem.

— Trabalho com ele no café. Ele limpa as mesas, eu faço comida.

— Ele foi atropelado.

— Um acidente? — Ela arregala os olhos.

— A motorista não parou.

Os olhos saltam em seu rosto.

— Atropelamento e fuga? Está brincando.

— Ele diz que está bem, mas está em choque. Ele precisa ir para o hospital. Precisa fazer

raio X e essas porras todas.

A boca da menina se curva em um sorriso, como se ela estivesse provando alguma coisa

deliciosa pela qual não esperava.

— Jim? Vamos para o hospital? — Não há necessidade para que ela chegue tão perto,

exagere as palavras ou grite como se ele fosse surdo ou retardado, mas ela faz as três coisas.

Jim balança a cabeça para negar.

— E-e-eu...

— Eu conheço ele. Entendo a linguagem dele. Está dizendo que sim.

E é assim que Jim acaba em um táxi entre dois jovens que parecem gostar de conversar.

Ele precisa ver os números 2 e 1 ou a garota vai se machucar. O jovem vai se machucar.

Assim como o motorista do táxi e os pedestres encolhidos nas roupas de frio.

Jim tenta

respirar fundo. Tenta esvaziar a mente. Mas só consegue ver tragédia.

— Coitado, está tremendo — diz a jovem inclinando a cabeça para a frente para falar com

o rapaz. E depois: — Aliás, meu nome é Paula.

— Prazer — diz o jovem.

Haverá ambulâncias, haverá médicos, haverá feridos em todos os cantos. Uma espiral de

dor gira pelo corpo de Jim quando o táxi entra no estacionamento do hospital e ele lembra.

— Meus pais me deram esse nome por causa daquela cantora. Aquela que morreu — diz

ela.

O jovem assente como se agora tudo fizesse sentido e fica olhando para ela com um

sorrisinho.

Quando admitiam pacientes para o tratamento, as enfermeiras pediam que usassem roupas

largas. Isso não era difícil. Eles viviam usando as roupas uns dos outros de qualquer maneira.

— Quem vai fritar hoje? — Ouviu um dos pacientes perguntar na primeira vez. Eles

andavam pelos corredores em silêncio. Havia portas de entrada e portas de saída para que os

pacientes prestes a receber o tratamento não se encontrassem com os que já o haviam

recebido.

Na sala de cirurgia a equipe sorriu para ele de maneira tranquilizadora, a psiquiatra, as

enfermeiras, o anestesista. Pediram que tirasse os chinelos e se sentasse na cama. Era

necessário estar descalço, explicou a enfermeira, para que pudessem ver o movimento dos

dedos dos pés quando ajustassem o apoio. Jim se inclinou para tirar os chinelos, mas tremia

tanto que quase caiu. Queria que todo mundo risse porque queria que fossem gentis e não o

machucassem, então fez uma piada sobre o tamanho dos pés. Todo mundo riu. Todos pareciam

estar se esforçando para serem bons, e isso o assustava ainda mais. A enfermeira colocou os

chinelos embaixo da cama.

Não demoraria muito, disse ela. Ele devia relaxar.

— Não relute, Jim. Lembre-se de respirar fundo, como a gente mostrou para você.

A enfermeira pegou uma de suas mãos e o anestesista, a outra. Ele tinha sorte, disse uma

voz, tinha sorte por ter veias boas. Sentiu uma picada na mão e um vazio tomou as juntas dos

dedos, o braço, a cabeça. Logo ouviu uma gargalhada de mulher vinda de um dormitório, o

grasnado de corvos no jardim, e depois as mulheres estavam voando e os

barulhos eram nada.

Ele retomou a consciência em outra sala. Havia mais pacientes ao lado dele, sentados em

silêncio. Um homem vomitava em um balde. A cabeça de Jim latejava como se tivesse ficado

grande demais para o crânio. Havia canecas de chá e latas de biscoitos.

— Você tem que comer — disse a enfermeira. — Vai se sentir melhor se comer. —

Ofereceu um biscoito wafer cor-de-rosa para ele em um prato. O cheiro foi como um ataque.

Ele também sentia o cheiro do vômito e o perfume de violeta da enfermeira. Tudo parecia

cheirar demais, e o fazia se sentir ainda pior. — Todos os outros estão comendo — disse a

enfermeira.

Ela estava certa. Os outros estavam sentados com as suas respectivas enfermeiras,

tomando chá e comendo biscoitos, e todos os pacientes tinham duas marcas vermelhas na testa,

como se as queimaduras tivessem sempre existido. Ninguém falava. Ele percebeu isso e era

terrível presenciar aquela cena, e depois, de alguma maneira, não viu mais nada. Perguntou-se

se também tinha as marcas, mas, quando se lembrou de averiguar, várias noites haviam

passado, talvez mais. Era assim que acontecia. O tempo era mais fragmentado do

que

costumava ser. Era como jogar um punhado de penas no ar e vê-las flutuando. Os momentos

não fluíam mais de um para o outro.

A sala de espera da Emergência está tão cheia que só tem lugar para esperar de pé. É por

causa do fim de semana, diz Paula; o pai dela sempre ia para a Emergência nos sábados à

noite. Há homens com rostos ensanguentados e olhos inchados, e um menino de rosto

acinzentado com o queixo para cima. (“Aposto que esse menino colocou feijão no nariz”, diz

Paula). Há mulheres chorando nos ombros de outras mulheres e várias pessoas com curativos

improvisados e tipoias. Sempre que a equipe da ambulância entra correndo com um paciente

em uma maca todo mundo vira o rosto. Apenas Paula fica olhando fixamente por um bom

tempo.

Ela explica à enfermeira no balcão de recepção que Jim foi atropelado. Foi um

atropelamento com fuga, explica. A recepcionista responde dizendo que vai precisar de alguns

detalhes simples. Nome, CEP, número de telefone e o endereço do médico dele.

— Jim? — diz Paula. Ela dá uma cutucada nele porque todos estão esperando e ele não

fala nada, apenas treme.

— Identidade — repete a mulher.

Jim mal consegue escutar. A pergunta é como ser atingido mais uma vez por uma enxurrada

de memórias que são tão profundas, tão selvagens, que ele tem que lutar para continuar em pé.

Sente como se o pé estivesse partido em dois; a dor intensa parece responder à dor na cabeça.

Pensar em tantas coisas é demais. Ele se segura ao peitoral da janela da enfermeira e balbucia

Telefone, o-oi. Caneta, oi.

A voz de Paula interrompe o silêncio.

— Tudo bem, ele está com a gente. Pode colocar meu endereço? — Os registros dele

estariam todos em Besley Hill, sugere ela. — Ele passou anos lá, mas é completamente

inofensivo. — Paula faz uma expressão que sugere que sua boca está prestes a verbalizar algo

pelo qual o resto do corpo não se responsabiliza. — Ele fala com plantas e tal.

— Pode se sentar — diz a recepcionista.

Quando uma cadeira de plástico azul fica vaga, Jim a oferece para Paula, mas ela ri e diz

animadamente:

— Você é quem está machucado. Foi você quem foi atropelado. — Ela tem um jeito de

falar as frases, como se a conclusão de cada uma delas estivesse pendurada no ar. É como ser

levado a um precipício repetidas vezes e deixado lá, o que o deixa tonto. Enquanto isso, o

jovem pega trocados no bolso e os coloca na máquina de bebidas. Ele abre uma lata de

refrigerante e a oferece para Jim e Paula.

— Não quero — diz Jim. Mal consegue engolir a saliva. Não consegue ver os números 1 e

2 em lugar algum.

— Estou sem ar — diz Paula. — É estresse — adiciona. — O estresse faz coisas

estranhas com as pessoas. Conheço alguém que perdeu os cabelos da noite para o dia.

— Mentira — diz o jovem.

— E conheço outra pessoa que comeu mexilhão e teve um ataque cardíaco. E teve uma

outra mulher que se engasgou até morrer com uma pastilha para a garganta.

Uma médica chama Jim e o leva para dentro de um cubículo. Ela usa um jaleco branco,

igual a todos os outros, e ele se pergunta se é um truque para fazer com que passe pelo

tratamento de novo. Ele quase cai.

— Ele devia estar numa cadeira de rodas — diz Paula. — É revoltante.

A médica explica que não há cadeira de rodas disponível antes do raio X, e Paula segura o

braço de Jim. Ela segura com muita força e ele quer gritar, mas ela está sendo gentil e ele não

deve fazer isso. A médica está usando sapatos de borracha que guincham no chão de linóleo

verde como se tivessem um animal preso na sola. Ela analisa o prontuário e faz sinal para que

Jim suba na cama. Ele treme tanto que eles têm que segurar seus braços e ajudá-lo. Quando a

médica puxa a cortina de plástico em torno do cubículo, os anéis de cromo silvam na haste.

Paula e o jovem vão para o canto, onde as botas de Jim estão apoiadas na cama. Parecem

preocupados, mas ansiosos. Toda vez que o jovem se mexe, sua jaqueta de couro range como

uma cadeira de plástico.

— Presumo que tenha sido um acidente — diz a médica. Novamente pergunta o nome de

Jim.

Dessa vez, Paula não arrisca. Responde a pergunta.

— E meu nome é Darren — diz o jovem, embora ninguém tenha perguntado.

— Mentira — diz Paula.

— Verdade — diz Darren, e até ele parece surpreso.

A médica revira os olhos.

— Podemos voltar para o acidente? A polícia já foi informada?

Darren faz uma expressão mais sensata e descreve em detalhes como a motorista deu

marcha a ré sem avisar, e Jim, por sua vez, para de escutar. Em vez disso, pensa

na expressão

de espanto de Eileen, como se ela fosse alguma coisa outra, não a pessoa que parecia ser, mas

outra pessoa presa dentro de si, uma versão frágil e pequena de si mesma, como a última

boneca russa dentro das outras.

— Ele não quer prestar queixa — diz Paula. — Aliás, conheço uma mulher que sofreu um

acidente e perdeu as duas pernas. Teve que colocar pernas de plástico. Ela guardava as pernas

embaixo da cama à noite.

— Mentira — diz Darren.

A médica pede para ver o pé de Jim e finalmente há um silêncio profundo.

São dez e meia quando estão prontos para sair do hospital. Os raios X revelaram que não

houve fratura nos ossos dos dedões do pé, mas a médica residente de plantão suspeitou de

dano nos ligamentos. Por precaução, Jim tem um gesso azul que vai até o joelho, um frasco de

analgésico e duas muletas emprestadas.

— Sempre quis muletas — diz Paula para Darren.

— Aposto que você ia ficar fofa — responde Darren. Os dois ficam vermelhos como

bolas de enfeitar árvore de Natal.

Jim tem sorte, diz a médica, soando confusa: por causa do tamanho exagerado

do sapato

dele, o dano é mínimo. Ela lhe entrega um panfleto sobre como cuidar do gesso e marca uma

consulta de retorno para checagem em duas semanas. Quando pergunta se Jim reconheceria a

motorista, Jim gagueja tanto para dizer “N-n-não” que ela tem tempo de rearrumar os cabelos.

Sugere para Paula que Jim entre em contato com a polícia quando o choque passar. Mesmo

que ele não queira prestar queixa, tem o Suporte a Vítimas e a terapia por telefone. Não é

como no passado, quando psicologia era um palavrão. Existem várias maneiras eficazes de

ajudar.

O jovem casal insiste em pegar outro táxi e levá-lo ao conjunto habitacional. Eles se

recusam a aceitar o dinheiro dele. Paula conta para Darren sobre vários acidentes que

testemunhou, incluindo um acidente envolvendo vários carros na estrada e uma amiga

queimando as orelhas com chapinha. Jim esta tão cansado que só pensa em dormir. A cama

dobrável parece tomar forma no escuro, assim como a coberta e o travesseiro. Consegue até

ouvir o barulho das dobradiças.

Assim que passam da placa dando boas-vindas, do Gramado e das rampas de

skate, Jim

pede para sair.

— Mas cadê seu trailer? — pergunta Paula olhando para as casas apertadas umas nas

outras e para as luzes natalinas pulsando em Cranham Village como dores de cabeça azuis. Jim

aponta para a rua sem saída. Mora bem no final, diz ele, quando a rua termina e a charneca

começa. Atrás do trailer, os galhos negros das árvores tremem quando uma rajada de vento

passa.

— A gente pode levar você lá dentro — diz Paula — e esquentar água.

— Talvez você precise de ajuda — diz Darren.

Mas Jim recusa. Ninguém jamais esteve em seu trailer. É sua parte mais profunda, a parte

que ninguém deve ver. Com isso em mente, ele toma consciência da dor lancinante que parece

uma fenda entre ele e o resto do mundo.

— Tem certeza de que vai ficar bem? — pergunta Darren.

Jim assente porque não consegue mover a boca para falar. Acena para o táxi para mostrar

que está bem, que está feliz.

Para lá das casas, a charneca se agiganta, escura e sólida. Camadas atemporais de terra e

grama cobrem as pedras. A Lua antiga brilha sobre o terreno e milhares de

estrelas emitem

pontos de luz através dos anos. Se o chão se abrisse agora, engolindo casas, estradas, torres

de eletricidade, luzes, não haveria memória de nada humano. Haveria apenas o escuro, os

picos sonolentos e o céu ancestral.

O táxi passa pelo Gramado com os faróis traseiros brilhando. Quando vira a esquina,

some repentinamente; sobra apenas Jim observando o escuro.

13



O erro

QUANDO O SEGREDO escapou, foi sem querer. Ele se pronunciou sozinho. Foi como ter um

cachorro que corre para o jardim do vizinho antes que você possa impedi-lo; exceto que eles

não tinham um cachorro, é claro, porque pelo de bicho fazia o pai espirrar.

A mãe fora ao quarto de Byron apenas para checar sua temperatura antes de ir

dormir.

Lucy já estava dormindo, e ele esperava a visita da mãe, mas o pai telefonou. Ele não

conseguiu ouvir o que a mãe dizia porque sua voz estava lenta e baixa. Não houve risadinhas.

Quando entrou no quarto, ela ficou parada por um instante, com o rosto virado para o chão

como se estivesse em outro lugar, não no quarto, não vendo o filho — foi quando ele

mencionou a dor de barriga. Foi como se lembrasse à mãe quem ele era.

Analisando o termômetro, Diana suspirou e disse que não conseguia entender qual era o

problema.

— Você não parece ter nenhum sintoma real — disse ela.

— Eu estava bem antes de aquilo acontecer. — As palavras escaparam; ele percebeu e

cobriu a boca com a mão.

— Como assim? — disse a mãe. Estava ocupada limpando o termômetro com um pano.

Ela o recolocou no fino compartimento prateado. — Você estava bem antes de o que

acontecer? — Ela inclinou a cabeça. Esperou.

Byron analisou as próprias unhas. Achou que se ficasse calado, se agisse como se não

estivesse ali, a conversa acabaria. Perderia interesse em Byron e se transformaria em um

conjunto inteiramente diferente de palavras sobre um conjunto inteiramente diferente de

problemas.

— Nada — respondeu ele. Novamente, só conseguia ver a bicicleta vermelha e a

menininha.

A mãe se inclinou e deu-lhe um beijo na testa. Tinha um cheiro doce de flores, e os

cabelos macios fizeram cócegas na testa de Byron.

— Ela não devia estar andando na estrada — disse ele. Essa frase também saiu tão

depressa que foi quente e fluida.

A mãe gargalhou.

— Do que você está falando?

— Não foi culpa sua.

— Culpa minha? O que não foi culpa minha? — Ela riu de novo, ou pelo menos foi sorriso

acompanhado de um barulho.

— Você não fez nada errado porque não sabia. Tinha a neblina, e os dois segundos extras.

Você não tem culpa.

— Não tenho culpa do quê?

— A menininha. A menininha em Digby Road.

O rosto da mãe se franziu.

— Que menininha? Não sei o que você quer dizer.

Byron sentiu como se o chão tivesse sumido de repente, como se estivesse novamente

pisando em pedras e galhos enquanto a água subia pelos pés. Só continuou a conversa porque

a opção de recuar parecia ter velejado além do alcance. Torcendo a ponta do lençol,

descreveu ter visto a menininha saindo do portão do jardim na bicicleta vermelha, e que a viu

novamente depois que o carro parou, imóvel. Byron percebeu que tinha um conjunto limitado

de palavras à sua disposição, então ficou repetindo-as. Digby Road. Neblina. Dois segundos.

Não é culpa sua. Então, porque a mãe não estava falando — estava apenas ouvindo com as

mãos sobre a boca —, ele disse:

— Eu falei para você continuar dirigindo porque não queria que você ficasse com medo.

— Não — disse ela de repente. Foi um som baixo e também a resposta que ele menos

esperava. — Não. Não pode ser verdade.

— Mas eu vi. Eu vi o acidente todo.

— Acidente? Não teve acidente. — A voz dela aumentava a cada frase. — Eu não bati em

uma menininha. Sou uma motorista cuidadosa. Muito cuidadosa. Dirijo exatamente como seu

pai me ensinou. Se tivesse uma menininha, eu saberia. Eu teria visto. Eu teria parado o carro.

— Ela manteve os olhos fixos no chão. Parecia responder a um pedaço do carpete. — Eu teria

descido do carro.

A cabeça de Byron girou. Ele respirou de maneira ofegante, respirações cada vez mais

curtas que ardiam o peito e a garganta. Havia pensado tantas vezes em ter aquela conversa —

ou melhor, em não tê-la — que agora que estava acontecendo tudo parecia errado. Era demais.

Era demais ter que dizer a verdade à mãe e descobrir que depois daquilo tudo ela não

conseguia enxergá-la. Ele queria se deitar no chão e não pensar. Não sentir.

— Você está bem? — disse ela. — O que está acontecendo, meu amor?

Quando não tinha mais nada para dizer — quando todas as palavras foram usadas e o

quarto estava girando, paredes deslizando e chão inclinando —, Byron disse:

— Com licença. Vou vomitar.

Não ia. Ele se segurou na privada e baixou a cabeça. Tentou até forçar o vômito com os

músculos da barriga e contrair os da garganta. Seu corpo teve a ânsia, mas nada veio. Quando

a mãe bateu na porta e perguntou se podia entrar, se podia pegar algo para ele, Byron repetiu

que estava bem. Ainda não entendia por que ela não acreditava nele. Ele abriu as

torneiras e

se sentou bem quieto no chão, esperando que ela fosse embora. Quando finalmente ouviu os

saltos da mãe na escada, devagar como se ela não estivesse com pressa, mas vagando ou

imersa em pensamentos, ele abriu a porta e voltou discretamente para o quarto.

Byron sentiu muita falta de James naquela noite. Não que tivesse algo específico para

dizer, era mais porque James estava em sua cabeça, assim como a memória da ponte que eles

haviam construído no lago. Se soubesse do acidente, James saberia o que fazer, assim como

entendia sobre sustentação de peso e gravidade.

Byron se lembrou da sensação da queda; o momento entre perder o equilíbrio e aterrissar

na água fria. O choque daquilo. O solo lamacento sob os pés. Mesmo sabendo que o lago era

raso, tinha se debatido, de repente temendo se afogar. A água entrou nos ouvidos e na boca e

no nariz.

— Sra. Hemmings, sra. Hemmings! — berrou James da margem.

Ele não conseguia fazer nada. Apenas balançou os braços. Byron viu a mãe correndo tão

rápido para salvá-lo que seus braços e pernas voavam e ela parecia estar caindo. Entrou na

água sem nem tirar os sapatos. Voltou para a casa com os braços nos ombros dos

dois

meninos, e embora James estivesse seco, ela envolveu ambos com toalhas.

— Foi minha culpa, foi minha culpa — James ficou repetindo, mas a mãe de Byron o

interrompeu e o segurou pelos ombros. Disse que ele havia salvado Byron e que deveria estar

orgulhoso. Depois, ela fez sanduíches e chá para eles lancharem no gramado, e James falou

com os dentes batendo: — Ela é tão boa... ela é tão boa, sua mãe.

Byron abriu o mapa que desenhara no escritório do pai. Com a ajuda da lanterna, analisou-

o embaixo da coberta. Traçou o caminho de setas com a ponta do dedo e o coração bateu forte

quando chegou à marca vermelha onde o Jaguar parara repentinamente. Sabia que estava certo

quanto ao acidente. Afinal de contas, vira tudo. Ouvira o barulho da geladeira sendo aberta

pela mãe no andar de baixo, e a batida da forma de gelo no escorredor de louças. Um pouco

depois, ouviu a música do gramofone, e era uma música tão triste que ele se perguntou se ela

estaria chorando. Pensou de novo na menininha de Digby Road e na confusão em que a mãe se

metera. Queria ir até ela mais do que tudo, mas não conseguia se mover. Disse para si mesmo

que iria em um minuto, mas esse minuto passou, e depois outro e outro, e ele

ainda estava

deitado. Ao contar para Diana sobre o que ela fizera, sentiu que se tornara parte do acidente

também. Se ao menos tivesse ficado calado a coisa toda poderia ter desaparecido. Poderia ter

permanecido irreal.

Mais tarde, quando a mãe abriu a porta silenciosamente, criando um arco intenso de luz

que fez a cabeça dele doer, e quando sussurrou “Byron, você está acordado?”, ele ficou quieto

com os olhos bem fechados. Tentou deixar a respiração pesada como a de quem dorme. Ouviu

os passos dela estalando o carpete e sentiu seu cheiro doce; então o quarto voltou a ficar

escuro.

— Você está bem? — perguntou ela na manhã seguinte.

Era sexta-feira de novo; ele escovava os dentes no banheiro. Não percebeu que a mãe

estava atrás dele até ver os dedos em seu ombro. Ele deve ter dado um pulo, porque ela riu.

Seus cabelos eram uma nuvem dourada em torno do rosto, e a pele era macia como sorvete.

— Você não veio esperar o despertador comigo esta manhã. Senti sua falta.

— Dormi demais. — Ele não conseguia se virar e olhar para ela. O filho do espelho

falava com a mãe do espelho.

Ela sorriu.

— Bem, que bom que você dormiu.

— É — disse ele. — E você?

— Eu...?

— Dormiu?

— Ah, sim — disse ela. — Dormi bem, obrigada.

Ficaram em silêncio por um momento. Ele sentiu como se estivessem procurando pelas

palavras mais aceitáveis — da mesma forma que a mãe experimentava roupas antes da

chegada do pai, vestindo-as e suspirando e tirando-as. Então Lucy gritou pedindo pelo

uniforme da escola e os dois riram. Deram uma gargalhada longa e forte como se fosse um

alívio fazer alguma coisa que não fosse falar.

— Você está pálido — disse ela quando a gargalhada se esgotou e não restou mais nada.

— Você não vai à polícia?

— Polícia? Por que eu faria isso?

— Por causa da menininha em Digby Road.

A mãe balançou a cabeça como se não conseguisse entender por que ele falaria essas

coisas de novo.

— Nós já conversamos sobre isso ontem à noite. Não tinha nenhuma menininha.

Você

cometeu um erro.

— Mas eu vi. — Ele começava a gritar. — Eu estava sentado bem na janela. Eu vi tudo.

Eu vi os segundos extras e depois vi a menininha. Você não viu porque estava dirigindo. Não

viu por causa da neblina.

A mãe apoiou a testa nas mãos e depois passou os dedos pelos cabelos como se estivesse

abrindo uma brecha por onde olhar.

— Eu também estava no carro. E não aconteceu nada. Tenho certeza. Não aconteceu nada,

Byron — falou ela lentamente.

Ele esperou que a mãe falasse mais alguma coisa; no entanto, ela simplesmente ficou

olhando para ele sem dizer nada. Então tudo o que restou entre eles foi o que a mãe já dissera.

As palavras dela vibraram acima da cabeça deles e pulsaram nos ouvidos de Byron como um

eco; até mesmo no silêncio, encontraram uma voz. Não aconteceu nada. Não aconteceu nada,

Byron.

Mas aconteceu, sim. Ele sabia.

O pai os visitou no fim de semana, portanto não houve oportunidade para conversar com a mãe

de novo sobre o acidente. O único momento em que a encontrou sozinha foi enquanto o pai

checava as finanças do mês no escritório. Ela andava de um lado para outro na sala. Sem nem

olhar, pegava objetos e os recolocava no lugar. Quando o pai apareceu na porta e disse que

tinha um problema, ela levou as mãos ao pescoço e arregalou os olhos. Havia um canhoto em

branco, disse ele.

— Em branco? — Ela repetiu as palavras como se não soubesse o que significavam.

Não era a primeira vez, disse o pai. Ele ficou parado, mas a mãe voltou a arrumar os

objetos que já estavam arrumados e a roer as unhas. Ela não entendia como podia haver um

canhoto em branco, disse ela. Prometeu ser mais cuidadosa no futuro.

— Eu gostaria que você não fizesse isso.

— Eu já disse que foi um erro, Seymour.

— Estou falando sobre suas unhas. Eu gostaria que você não as roesse.

— Ah, querido, tem muita coisa que você gostaria que eu não fizesse. — Ela riu e foi

cuidar do jardim. Novamente, o pai foi embora no domingo de manhã.

Conforme a terceira semana começou, Byron seguiu a mãe como uma sombra. Ele a

observava lavar a louça. Ele a observava cuidar das rosas. Os brotos estavam tão abertos

agora que ele mal conseguia ver as hastes, as pétalas estavam todas pesadas e rosas: cobriam

o gazebo como um céu repleto de estrelas. À noite ele ouvia Diana no andar de baixo com o

gramofone. A única coisa em sua mente era Digby Road. Não acreditava que tinha contado

para ela. Pela primeira vez havia alguma coisa entre eles, como a cerca que separava o lago

da grama, e isso porque ela acreditara em uma coisa e ele tinha certeza de outra. E até parecia

que ele estava, de um jeito horrível, acusando-a.

Ele queria poder contar para James. No almoço de terça-feira, chegou a perguntar:

— Você tem segredos?

James engoliu uma garfada de torta de carne e disse:

— Sim, tenho, Byron. — Olhou para os lados para conferir se os meninos estavam

olhando, mas Watkins tinha um balão novo que imitava sons de flatulência, então todos os

colegas estavam ocupados colocando o balão no banco, sentando-se nele e rindo.
— Por quê?

Você tem? — Havia alguma coisa viva na maneira como James observava Byron, esperando

por uma resposta, sem comer a torta.

— Não sei bem. — Byron sentiu uma onda de adrenalina, como se estivesse prestes a se

jogar de um muro.

— Por exemplo — disse James —, de vez em quando eu enfio o dedo no creme de rosto

Pond da minha mãe.

Não pareceu um grande segredo para Byron, mas James continuou, devagar e

deliberadamente, e Byron presumiu que alguma coisa pior seria dita.

— Só uso um pouquinho. Faço isso quando ela não está olhando. É para evitar rugas. —

James voltou a mastigar a torta de carne e a engoliu com água. Foi só quando continuou em

silêncio e colocou sal na comida que Byron percebeu o que ele tinha acabado de falar.

— Mas eu não entendo. Você não tem rugas, James.

— Porque eu uso o creme Pond, Byron.

Mais um exemplo de como James planejava com antecedência.

Byron decidiu compensar ter contado para a mãe sobre o acidente. Depois da escola, ele a

seguiu até a área de empregada, onde ela separava roupas sujas para a máquina de lavar, e

disse que estava enganado. Foi um erro, disse ele. Ela não fez nada em Digby Road.

— Quer parar de falar nisso? — respondeu ela, o que foi estranho porque era a primeira

vez que ele mencionava o assunto nos últimos cinco dias.

Byron se equilibrou com um pé sobre o outro, como se ocupar menos espaço no

chão o

fizesse menos inconveniente.

— Não existem provas — disse ele. — O carro não tem marcas.

— Pode me passar a goma, por favor?

— Se a gente tivesse atropelado a menininha, teria algum amassado no Jaguar. — Ele

entregou a goma; ela a salpicou aleatoriamente sobre as roupas brancas. — E não tem nada

amassado — disse ele. — Eu chequei. Já chequei várias vezes, na verdade.

— Então pronto.

— E também ninguém viu a gente em Digby Road.

— É um país livre, Byron. Podemos ir de carro aonde quisermos.

Ele gostaria de ter dito “Bem, na verdade, papai disse que a gente não pode ir à Digby

Road e que o enforcamento devia voltar a existir, e essas coisas não me parecem tão livres”,

mas era uma frase longa e ele sentiu que não era o momento. A mãe colocou roupas na

máquina de lavar e fechou a porta. Ele repetiu que estava errado, mas ela já estava a caminho

da cozinha.

No entanto, Byron começou a perceber, naquela tarde, que ela estava pensando no que ele

dissera. Apesar dos protestos dela, ele a viu olhando pelas portas francesas várias vezes com

um copo em mãos e uma expressão preocupada. Quando o pai ligava para conferir se ela

estava escutando e se as coisas estavam como deveriam, ela dizia “Desculpe, o que foi?”. E

quando ele repetia a pergunta, ela até elevava a voz.

— Meu bem, o que você acha que acontece? Eu nunca vejo ninguém. Ninguém nem faz

ideia de onde eu moro. — Finalizou com uma risadinha, mas pela forma como foi

interrompida de repente, não pareceu estar achando aquilo tão engraçado.

Por que ela se esqueceria da verdade daquela maneira? Afinal de contas, houvera a festa

de Natal em Cranham House; todas as mães sabiam onde Diana morava. Byron entendeu esse

erro como mais uma evidência da ansiedade dela.

— Desculpe, perdão, Seymour — disse a mãe ao telefone. Ela desligou e não conseguiu se

mover.

Então, novamente, Byron tentou confortar a mãe. Embora o que ele tinha falado antes não

fosse verdade, explicou ele, embora ela tivesse de fato atropelado uma menininha, o acidente

não fora culpa dela.

— O quê? — disse a mãe como se não falasse a língua dele. Balançou a cabeça e pediu

que ele desgrudasse do pé dela, tinha coisas a fazer.

— O negócio — disse ele — é que não era o tempo certo. Era tempo adicionado. Era

tempo que não devia estar ali. E não estaria ali se eles não tivessem parado os relógios para

adicionar dois segundos. Então ninguém pode culpar você porque não foi culpa sua. Talvez

tenha sido uma conspiração, como o presidente Kennedy e as aterrissagens na Lua. — Repetir

James dava um peso extra às suas palavras, embora ele não fizesse ideia do que estava

falando.

A mãe pareceu menos impressionada.

— É claro que eles aterrissaram na Lua. É claro que o tempo não parou. Esse é o objetivo

do tempo. Continuar indo para a frente.

Ele tentou explicar que o tempo talvez não fosse tão confiável, mas ela não estava mais

escutando. Enquanto as crianças lanchavam, ela folheou a revista tão rápido que era

impossível que estivesse lendo alguma coisa. Deu banho nos filhos, mas se esqueceu de

buscar o sabonete líquido que fazia a espuma maluca. E quando Lucy pediu que ela lesse

fazendo vozes engraçadas, como sempre pedia, a mãe suspirou e perguntou se uma voz apenas

não era suficiente.

Byron ficou deitado, acordado, grande parte da noite, tentando decidir como ajudar a mãe.

Na manhã seguinte ele se sentia tão cansado que mal conseguia se mexer. O pai ligou e

novamente a mãe garantiu que não havia ninguém ali.

— Nem mesmo o entregador de leite — riu ela, e depois falou rapidamente: — Não, eu

não estou sendo grosseira, querido. — Enquanto escutava a resposta do pai, bateu no carpete

com a ponta do sapato várias vezes. — É claro que me importo. É claro que queremos ver

você. — Mais uma vez, ela desligou o telefone e ficou olhando para ele.

Byron acompanhou Lucy até a escola e voltou para o carro com a mãe. Diana continuava

suspirando sem dizer nada, apenas suspirando. Ele tinha certeza de que ela estava pensando

em alguma coisa que a fazia sofrer, e essa coisa devia ser o acidente.

— Ninguém sabe — disse ele.

— Oi?

— Eles já teriam prendido você, mas não prenderam. Ninguém falou nada no *The Times*.

Não apareceu nada no *Nationwide*.

Diana levantou as mãos e deu um suspiro impaciente.

— Você não para nunca? — E ao dizer isso, parecendo falar com o chão, começou a andar

tão rápido que Byron teve que trotar para acompanhá-la.

Ao lado do carro, a mãe jogou a bolsa no chão.

— Olha — disse ela, apontando para a carroceria prateada. — Não tem nada ali. E não

tem nada ali porque não houve acidente em Digby Road. Você se enganou. Você imaginou.

Subindo a saia para acima dos joelhos, ela chegou a se ajoelhar na calçada. Apontou para

o capô, para as portas, o motor. Outras mães se aproximavam enquanto caminhavam para seus

carros. Diana não olhou para elas para dizer oi; manteve o olhar fixo em Byron como se

nenhuma delas importasse.

— Está vendo? Está vendo? — repetia. Ele teve que sorrir para as mães para mostrar que

estava tudo bem, e o esforço era tão grande que seu rosto doeu. Tudo o que ele queria era

entrar no carro.

Byron chegou mais perto.

— Não é melhor a gente fazer isso em casa?

— Não — disse ela. — Já chega. Você não para. Eu entro no jardim, eu vou lavar as

roupas, e você continua falando sobre isso. Eu quero que você veja que está tudo bem. — Ela

passou os dedos pela pintura para mostrar a ele como o carro estava intocado. E estava certa;

reluzia como uma faca, brilhava com calor e luz. As unhas dela pareciam pequenas conchas

peroladas sobre o carro. — Não tem nem um arranhão. Não tem nada. Está vendo? — Ela se

inclinou e virou o pescoço para a parte inferior do carro. — Está vendo? Está vendo, amor?

Byron sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Agora ele entendia. Ele entendia que devia

estar errado, que não houvera acidente, que estivera enganado quanto ao que tinha visto. A

vergonha o tomou como uma onda de calor. A mãe arfou. Afastou-se do carro com o rosto

entre as mãos.

— O que foi? — perguntou ele.

Ela estava tentando se levantar, mas a saia era justa demais e não dava espaço para as

pernas. As mãos ainda cobriam a boca, prendendo alguma coisa lá dentro.

Byron olhou para o carro, mas não viu nada. Ele ajudou a mãe a se levantar, ela ficou de

pé de costas para o Jaguar, como se não aguentasse olhar. Seu rosto ficou branco, os olhos

aterrorizados. Ele não sabia se ela estava prestes a vomitar.

Byron se ajoelhou. Apoiou os dedos no cascalho e olhou para o local que ela estava

indicando. Havia um cheiro quente de óleo, mas ele não via nada. E quando estava prestes a

rir e dizer “Fique calma”, ele viu. Ele viu a prova. Seu coração palpitou tão rápido que

parecia alguém batendo na porta. Era como se, na verdade, estivessem dentro dele batendo em

seus órgãos. Ele se inclinou para mais perto da calota.

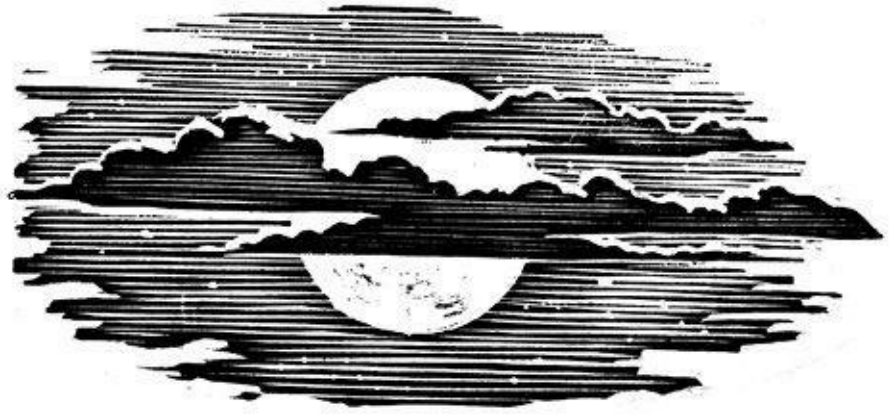
— Entre no carro — murmurou a mãe. — Entre agora.

Lá estava. Um pequeno entalhe logo acima do emblema do Jaguar. Não muito maior do que

um corte ou arranhão no metal. Ele não sabia como havia deixado passar. Era vermelho.

Vermelho-bicicleta.

14



A tristeza de Jim

UM FRAGMENTO DE nuvem movendo-se rápido encobre a Lua. As folhas das perenes

chacoalham feito plástico. Vai chover. Jim entra no trailer cuidadosamente. O som de seus

passos não lhe é familiar. Ouve o clique das muletas na calçada. O avanço lento

do gesso.

Sente o frasco de analgésicos pesando no bolso. Seu pé não é um pé. É um tijolo. Um tijolo

azul.

As cortinas das casas estão fechadas contra o escuro, a charneca e os estranhos como Jim.

Alguma coisa aconteceu nesta noite. Não apenas o acidente que fatiou o espaço entre

passado e presente. Jim deseja sua cama em Besley Hill e os pacientes que usam os pijamas

uns dos outros. Deseja a comida que chegava nos horários das refeições e as enfermeiras que

levavam os comprimidos. Deseja o esvaziamento da mente. O sono.

Mas sabe que não vai ter nenhuma dessas coisas. Fragmentos de memórias passam por sua

mente, é como levar um golpe. Para além de Cranham Village, para além da charneca, há anos

perdidos, há pessoas perdidas, há tudo isso. Ele se lembra da expressão confusa no rosto de

Eileen e do menino que um dia foi seu amigo. Pensa na ponte do lago e nos dois segundos que

deram início a tudo.

A dor no pé é nada comparada à outra ferida profunda dentro dele. Não há como reparar o

passado. Há apenas os erros que foram cometidos.

Os rituais vão durar a noite toda. E quando finalmente acreditar que fez o

suficiente,

haverá o amanhã, e o processo todo deverá recomeçar. Haverá o dia depois de amanhã. O dia

seguinte; e o seguinte. Ele tira o chaveiro do bolso e o bronze rapidamente reflete a luz.

Uma chuva negra começa a cair. Explode nas pedras das ruas de Cranham Village, nas

lixeiras, nos telhados de ardósia e no trailer. Jim avança lentamente. Qualquer coisa, pensa

ele, qualquer coisa seria melhor do que o que está adiante.

15



A incineração do passado

— FOI UM erro terrível.

Quando Byron confessou a verdade, o rosto de James perdeu a pouca cor que tinha. Ele

escutou a história da menina que correu em direção à rua exatamente no mesmo momento em

que os segundos foram adicionados, e uma ruga surgiu entre suas sobrancelhas, tão profunda

que parecia ter sido cortada com uma faca. Enrolou a franja até formar um laço quando Byron

descreveu como havia tentado manter segredo, sem sucesso. James ficou bastante tempo

sentado com a cabeça nas mãos. Byron começou a temer que tivesse sido um erro pedir a

ajuda dele.

— Mas, Byron, o que vocês estavam fazendo em Digby Road? — disse James por fim. —

Sua mãe não sabe que é perigoso? Uma vez alguém levou tiros nas pernas. E algumas casas

nem têm banheiro.

— Eu não acho que minha mãe estava pensando nessas coisas. Ela falou para a gente que

já tinha ido lá.

— Eu não entendo como isso aconteceu. Ela dirige com cuidado. Eu já vi. Algumas outras

mães não são boas motoristas. A sra. Watkins, por exemplo. Na verdade, ela é perigosa. Mas

sua mãe não é assim. Ela está bem?

— Ela não está falando nada. Lavou o carro duas vezes ontem. Se meu pai descobrir,

vamos ter problema. Não sei o que vai acontecer no fim de semana.

— Mas não é culpa dela. O acidente só aconteceu por causa dos dois segundos.

Byron disse que foi sorte James ter lido sobre a adição do tempo. Era um alívio muito

grande poder contar com ele.

— Você tem certeza de que viu a menininha? — perguntou James.

— Sim.

— Pode dizer correto se quiser.

— Correto, James.

— E sua mãe não viu?

— Correto. Sim.

— A gente não quer que ela seja presa.

(Embora isso também fosse correto, a garganta de Byron fechou e a palavra ficou presa.)

— Se a menininha estivesse morta, a gente teria escutado alguma coisa. Teria saído no

jornal. Então vamos eliminar essa possibilidade. E se ela estivesse no hospital, eu também

saberia. Minha mãe não lê o *The Times*, mas sabe desse tipo de coisa porque é voluntária na

loja do Partido Conservador. Além disso, mesmo que sua mãe tenha fugido, ela não sabia o

que tinha feito. Isso é importante.

— Mas eu não acho que ela seja muito boa em mentir. Ela é mais propensa a contar, no

final. Não vai conseguir evitar.

— Então temos que pensar no que fazer. — James pegou o besouro de bronze no bolso e o

apertou. Fechou os olhos e começou a murmurar. Byron esperou pacientemente, sabia que o

amigo estava formulando uma ideia. Eles tinham que pensar de maneira científica, disse James

devagar. Precisavam ser bem lógicos e precisos. — Para salvar sua mãe — disse ele —,

precisamos de um plano de ação.

Byron poderia tê-lo abraçado, exceto pelo fato de que eram meninos da Winston House.

Ele sabia que tudo ia dar certo agora que o amigo estava envolvido.

— Por que está fazendo essa cara engraçada? — disse James.

— Estou sorrindo para você — respondeu Byron.

No final das contas, Byron não precisava ter se preocupado com o pai. A mãe passou aquele

fim de semana na cama com dor de cabeça. Só desceu para cozinhar e lavar roupas. Estava

passando mal demais para se sentar com eles à mesa de jantar. O Jaguar permaneceu na

garagem e Seymour permaneceu em seu escritório. Byron e Lucy brincaram em silêncio no

jardim.

Na segunda-feira, a mãe os levou de carro para a escola, mas Byron teve que lembrá-la

duas vezes de checar o retrovisor e de ficar na pista da esquerda. Ela mudou de

roupa várias

vezes, antes mesmo de terem que sair de casa. Era como se agora que sabia algo novo sobre si

mesma estivesse tentando descobrir quem era e qual sua aparência. Colocou óculos de sol,

embora o céu naquela manhã estivesse cheio de nuvens. Fizeram um caminho diferente para a

escola, pelos montes, para evitar a entrada de Digby Road. Byron disse para Lucy que era

porque o caminho novo era mais bonito. A mãe gostava da charneca.

— Mas eu não gosto — disse Lucy. — Não tem nada para ver aqui.

O plano de ação de James era extenso. Ele passara o fim de semana todo trabalhando nele.

Envolvia checar o jornal para obter mais notícias sobre Digby Road e também sobre

quaisquer outros acidentes relacionados aos dois segundos. Não encontrou nenhum. Fez uma

lista das características de Diana, caso fossem necessárias como referência, e havia uma

cópia para Byron. A letra era precisa. Havia linhas separadas para cada item.

Numéro un: O acidente não foi culpa dela.

Numéro deux: DH é boa mãe.

Numéro trois: DH não parece uma criminosa, nem pensa como uma.

Numéro quatre: Quando o filho Byron começou na escola, DH foi a ÚNICA mãe a

visitar a sala de aula.

Numéro cinq: DH tem carteira de motorista e paga impostos.

Numéro six: Quando o amigo do filho (James Lowe Esq.) foi picado por uma vespa, DH

levou a vespa para outra parte do jardim, mas se recusou a matar o inseto por motivos

humanitários.

Numéro sept: DH é linda. (Esse último fora cortado.)

— Mas o que vamos fazer com a prova? — perguntou Byron.

James também havia pensado nisso. Os meninos levantariam fundos para trocar a calota,

mas até conseguirem o dinheiro Byron deveria esconder a marca com tinta de pintar

brinquedos prateada. Ele tinha bastante, disse.

— Meus pais ficam me dando modelos de carros, navios e aviões todo Natal e a tinta me

dá dor de cabeça. — Tirou do bolso um pequeno pote e um pincel especial. Instruiu Byron

sobre como colocar a ponta do pincel na tinta, como tirar o excesso na ponta do pote, e como

pintar com pinceladas leves, sem pressa. Gostaria de fazer a tarefa pessoalmente, mas não

teria a oportunidade de ir a Cranham House. — Você tem que fazer quando ninguém estiver

olhando — disse ele.

Byron pegou o mapa que havia feito de Digby Road e James assentiu em sinal de

aprovação. Mas, quando Byron perguntou se era hora de incluir a polícia na história, James

arregalou tanto os olhos que Byron teve que se virar para checar se tinha alguém atrás dele.

James sussurrou furiosamente.

— A gente definitivamente não deve contar para a polícia. A gente nunca deve trair nossas

mães. Além disso, ela salvou nossa pele no lago, lembra? Tirou você da água e disse que não

era minha culpa. Foi gentil com a gente. Vamos precisar de um código secreto para discutir o

caso. *Il faut que le mot est quelque chose au sujet de ta mère.* Só para a gente lembrar.

— Por favor, pode não ser em francês? — disse Byron.

James escolheu “Perfeito”.

No dia seguinte, James inventou um motivo inteligente para passar pelo Jaguar. Ele foi até

onde o carro estava estacionado, parou e se ajoelhou como se estivesse amarrando o sapato.

Depois disse para Byron que ele havia feito um bom trabalho. Realmente não tinha como ver,

disse ele, a não ser que você estivesse procurando.

Houve momentos naquela semana em que Diana pareceu se esquecer de Digby Road.

Jogou Serpentes e Escadas com as crianças e fez bolos confeitados, mas de repente parava de

sacudir o dado ou de peneirar a farinha e se afastava. Minutos depois, enchia um balde de

água e sabão. Esfregava o Jaguar e depois o enxaguava com mais baldes de água fria. Ela o

polia com camurça, em círculos lentos e deliberados, exatamente como Seymour gostava de

fazer. Só vacilava quando chegava na calota. Aproximava-se dela com a cabeça ligeiramente

inclinada para trás e o braço esticado. Parecia mal conseguir tocá-la.

No pátio da escola, Diana falava pouco. Quando uma das mães perguntou como tinha sido

a quinta-feira, ela simplesmente deu de ombros e desviou os olhos. Byron percebeu que ela

estava fazendo de tudo para esconder seus verdadeiros sentimentos. A outra mãe pareceu não

entender.

— Aposto que você se preocupa em dirigir aquele Jaguar novo. Eu morreria de medo —

disse ela. Estava apenas sendo educada.

O rosto de Diana murchou.

— Eu gostaria de nunca nem ter visto aquela coisa — respondeu Diana.

Byron só vira aquela expressão no rosto da mãe uma outra vez, quando recebera a notícia

da morte da sua mãe. A mulher ficou evidentemente surpresa com o tom afiado

da resposta e

tentou rir e deixar a situação leve, mas Diana se virou e foi embora. Ele sabia que a mãe não

estava sendo rude. Sabia que Diana ia chorar. Estava tão assustado e preocupado que, em vez

de segui-la, ficou conversando com a mulher, esperando pelo retorno da mãe. Mencionou o

clima várias vezes e o fato de o Jaguar estar em perfeita ordem. Não havia absolutamente nada

de errado com o carro, adicionou. A mãe era uma motorista tão cuidadosa. Nunca tiveram

acidentes. Byron gostaria que sua boca parasse de falar.

— Meu Deus — disse a mulher, olhando em volta. Diana não estava em lugar nenhum. Por

fim, a mãe deu um sorrisinho e disse que tinha sido ótimo conversar com ele, mas tinha

milhares de coisas a fazer e devia se apressar.

Naquela noite, um barulho estranho de algo se quebrando acordou Byron e o fez ir até a janela.

Olhou para fora e viu que o jardim estava escuro, fora uma centelha de luz piscando no canto,

logo ao lado da cancela de madeira. Byron pegou o roupão e a lanterna e foi até o quarto da

mãe, que estava vazio. Conferiu o banheiro e o quarto de Lucy, mas não havia sinal dela.

Começou a ficar ansioso e desceu as escadas, mas nenhuma lâmpada estava

acesa. Byron

colocou os sapatos e foi procurar pela mãe.

Havia um brilho fraco nos picos mais altos da charneca, ao passo que a escuridão das

partes mais baixas só era quebrada pelas ovelhas, pálidas como pedras. As flores estavam

eretas e paradas; as prímulas noturnas eram como lâmpadas amarelas. Ele atravessou o

gramado, passou pelo gazebo de rosas, pelas árvores frutíferas, pela horta, sempre seguindo o

estalo do fogo e a auréola alaranjada de sua luz. Embora as frutas ainda não estivessem

maduras, o ar tinha um peso doce com sua promessa. Uma Lua rosa estava baixa, tão singela

que não passava de um sorriso pousado na face da charneca.

Ele não ficou surpreso quando viu a mãe esquentando as mãos nas chamas. Era comum que

ela fizesse uma fogueira. O que o surpreendeu foi vê-la bebendo e fumando. Ele nunca tinha

visto a mãe fumar, embora pela maneira como ela levava o cigarro à boca e tragava parecesse

gostar. Sombras profundas estavam talhadas em seu rosto, e tanto os cabelos quanto a pele

brilhavam. Ela se inclinou para tirar alguma coisa de uma bolsa que estava a seus pés. Depois

fez uma pausa, fumou e bebeu, então jogou o objeto não identificado no fogo.

As chamas

diminuíram diante do peso, a princípio, mas depois projetaram uma língua de calor.

A mãe levou o copo à boca novamente. Bebia de maneira eficiente, como se o copo

quisesse que ela o esvaziasse, e não o contrário. Terminou o cigarro e o jogou no chão,

amassando-o com a frente pontuda do sapato como se fosse um erro.

— O que está fazendo aqui? — disse ele.

Ela virou a cabeça para ele. Parecia aterrorizada.

— Sou só eu. — Byron riu e virou a lanterna para si para mostrar que não queria assustá-

la. O cone denso de luz o cegou. Tudo passou a ter um buraco azul no meio, até a mãe. Ele

teve que continuar olhando para ela para ter certeza de que não estava cego. — Não consegui

dormir — disse ele porque não queria que ela achasse que estava espiando. Os buracos azuis

começaram a sumir.

— Você costuma vir aqui fora quando perde o sono? — perguntou ela.

— Não.

Ela sorriu de maneira triste, e ele sentiu que se tivesse respondido outra coisa, se tivesse

dito que sim, venho aqui o tempo todo, ela também teria dito outra coisa e, fosse o que fosse,

essa coisa teria levado a conversa para outra direção, e lhes dado explicações.

A mãe pegou outro item da bolsa. Parecia um sapato de bico fino e salto agulha. Também o

jogou no fogo. O ar estalou quando os dedos de chamas o tomaram.

— Você está queimando suas roupas? — disse ele, alarmado. Não tinha certeza de como

explicaria esse desenrolar dos eventos para James.

A mãe pareceu não encontrar resposta.

— São as roupas que você usou no dia? — perguntou ele.

— Eram antiquadas. Nunca gostei delas.

— Papai gostava delas. Ele comprou para você.

Ela encolheu os ombros e bebeu mais.

— Pois bem — disse ela. — Tarde demais. — Levantou a sacola e a abriu em cima das

chamas como um bocejo. Duas meias caíram com o outro sapato e o cardigã de lã. As chamas

novamente subiram e ele ficou observando as roupas enegrecendo e se desintegrando. Uma

auréola de calor derreteu a escuridão. — Eu não sei o que fazer — disse ela.

Era como se estivesse falando com outra pessoa que não ele; Byron observou e temeu o

que viria depois.

Mas ela não falou mais nada. Em vez disso, começou a tremer. Ela curvou os ombros para

se conter, mas mesmo assim ele veio, perpassando seu corpo todo, um não, não, não, até

mesmo nas roupas. Byron tirou o roupão e o colocou nos ombros dela. Ele não sabia explicar,

mas naquele momento se sentiu realmente mais alto do que a mãe, como se tivesse crescido

naquele tempo em que estiveram ao lado do fogo. Ela pegou a mão dele.

— Você precisa dormir, meu amor — disse ela. — Amanhã tem escola.

Quando voltaram, passando pelo prado e pelo jardim, o perfil quadrado da casa se

destacava no ombro escuro da charneca. As janelas brilhavam como joias de vidro espalhadas

na escuridão. Passaram pelo lago, onde os gansos aguardavam sombras na beira da água. A

mãe se desequilibrou nos saltos como se tivesse alguma coisa solta em seus tornozelos, e ele

estendeu os braços para segurá-la.

Byron pensou no amigo. Pensou no besouro da sorte de James e no plano de ação. Pensou

nos fundos para comprarem a calota. Juntos, ele e James seriam como o roupão que cobria os

ombros da mãe. Eles a protegeriam.

— Vai dar tudo certo — disse ele. — Você não precisa ter medo. — Ele a guiou para

dentro da casa, escada acima.

Quando Byron foi conferir, na manhã seguinte, as roupas dela eram apenas uma

piscina de

cinzas.

PARTE DOIS

Fora



Uma ideia muito boa

— EU ACHO que precisamos fazer alguma coisa — disse Byron.

Diana estava cortando maçãs na bancada; levantou a cabeça e não respondeu. Esvaziou o

copo e o colocou ao lado de todos os outros copos vazios. Lançou um olhar distante para ele,

como se estivesse tão perdida nos próprios pensamentos que não conseguisse voltar ao

presente. Então abriu um sorriso fraco e retornou à tarefa.

Era começo de julho. Haviam-se passado 29 dias desde o acidente, e 12 desde a

descoberta da evidência na calota. Em todas as bancadas da cozinha havia pilhas mal-

equilibradas de pratos e tigelas sujos. Se Lucy queria uma colher limpa, Byron tinha que

encontrar uma e lavá-la para ela. E também havia um cheiro tão forte de mofo na dispensa que

ele tinha que fechar a porta constantemente. Diana não estacionava mais na rua, ao lado de

todas as outras mães. Deixava o carro onde ninguém podia vê-lo, e eles andavam o resto do

caminho. Os sapatos escolares de Lucy estavam arranhados nas pontas. Byron havia estourado

mais um botão da camiseta do uniforme. Os cardigãs da mãe ficavam escorregando por seus

ombros. Era como se todo mundo tivesse se esquecido das coisas.

Quando Byron relatou esse desenrolar para James, ele disse que tinham que fazer outro

plano de ação.

— Mas qual? — perguntou Byron.

— Ainda estou pensando nisso — disse James.

O comportamento da mãe no fim de semana também tinha que ser levado em consideração.

Diana não conseguia fazer as coisas direito. Ela ficou com tanto medo de se atrasarem para

buscar Seymour que eles esperaram quase uma hora na plataforma da estação. Ela pintou a

boca várias e várias vezes, até que começou a parecer que era a boca de outra pessoa. Byron

tentou distrair Lucy com uma brincadeira chamada Eu Vejo, mas acabou aborrecendo a irmã

porque não adivinhou a palavra que começava com “H”. (“Hárvores,” disse ela, soluçando.

Ainda chorava quando o trem chegou.) Depois a mãe correu para o carro e falou nervosamente

sobre coisas desconexas: o calor, a semana de Seymour, alguma coisa gostosa para o jantar.

Podia muito bem estar berrando “Calota, calota, calota”. No caminho, o carro morreu várias

vezes.

Em casa, as coisas também não foram bem. No almoço do sábado, Byron tentou amenizar a

tensão perguntando o que o pai achava da Comunidade Econômica Europeia, mas ele apenas

limpou a boca. Não tem sal na mesa, por favor, disse ele.

— Sal? — respondeu a mãe.

— Sim — repetiu o pai. — Sal.

— O que tem o sal?

— Você me parece preocupada, Diana.

— Não é nada, Seymour. Você estava falando alguma coisa. Sobre sal.

— Estava dizendo que não sinto o gosto dele. No meu jantar.

— E eu acho que está salgado demais. — Ela empurrou o prato para o lado. — Eu nem

consigo comer essa comida.

Foi como se as palavras significassem outra coisa, algo não relacionado ao sal, por favor,

mas a alguma coisa completamente diferente. Byron ficou atento aos pais, depois do jantar, e

eles ficaram em cômodos diferentes. Sempre que o pai entrava, a mãe saía rapidamente. De

novo, Seymour foi embora no domingo de manhã.

— Parece que ela está preocupada — concluiu James.

— O que a gente pode fazer?

— Temos que ajudá-la. Temos que provar que não tem motivo para ela se preocupar.

— Mas tem — disse Byron. — Na verdade, tem vários.

— Você tem que continuar olhando para os fatos. — James pegou um papel do bolso do

blazer e o abriu duas vezes; claramente havia feito mais uma de suas listas no fim de semana.

— Operação Perfeito — leu em voz alta. — Um: Não achamos que a menininha foi seriamente

ferida. Dois: A polícia não foi prender sua mãe. Três: Não foi culpa dela por causa dos dois

segundos extras. Quatro. — Aqui ele parou de ler.

— O que é o quatro? — perguntou Byron.

— O quatro é o que vamos fazer — disse James. E explicou o plano em detalhes.

A luz matinal que batia nas portas de vidro destacavam as marcas e manchas, como se o Sol

preferisse não mais entrar. Essa luz se reunia em feixes secretos e repletos de poeira, e

mostrava a trilha suja das pegadas de Lucy partindo das portas francesas.

— Escutou, mãe? — perguntou Byron. — Temos que fazer alguma coisa. Sobre aquilo que

aconteceu em Digby Road. — Seu coração batia forte.

Corta, corta, corta era o movimento da faca na maçã. Se ela não tomasse cuidado,

machucaria os dedos.

— O que a gente tem que fazer é voltar lá. Temos que explicar que foi um acidente —

disse ele.

A faca parou. A mãe levantou a cabeça e o encarou.

— Você está brincando? — As lágrimas já estavam inundando os olhos dela, mas Diana

não fez nada para impedi-las, apenas deixou que escorressem por rosto e caíssem no chão. —

Eu não tenho como voltar agora. Aconteceu há um mês. Vou falar o quê? E de qualquer

maneira, se seu pai descobrir... — Não terminou a frase; começou outra. — De jeito nenhum

volto lá.

Era como machucar alguém sem querer. Ele não conseguia olhar. Simplesmente repetiu o

que James dissera, palavra por palavra.

— Mas eu vou com você. A mãe da menininha vai ver como você é gentil. Vai ver que

você é mãe. Vai entender que não foi culpa sua. E depois a gente troca a calota e acaba com

isso.

Diana segurou o rosto como se tivesse alguma coisa tão pesada dentro da cabeça que mal

conseguia se mexer. Então uma nova ideia pareceu despertá-la. Ela atravessou a cozinha e

colocou a fruta cortada na mesa de maneira decidida.

— É claro — disse ela quase berrando. — O que foi que eu fiquei fazendo esse tempo

todo? É claro que tenho que voltar. — Tirou o avental do gancho e o colocou na cintura.

— Podemos esperar um pouco — disse ele. — Não quis dizer que temos que fazer isso

hoje.

Mas a mãe não deu ouvidos. Deu um beijo nos cabelos despenteados dele e correu para o

segundo andar para acordar Lucy.

Não houve oportunidade para avisar James. No assento do carona, Byron analisou as ruas,

mas visto que o carro não estava nem perto da escola, ele sabia que não adiantaria. Sabia que

não encontraria o amigo. O céu naquela manhã estava tão liso e novo que parecia passado a

ferro. A luz do Sol estilhaçava as folhas das árvores, e os picos distantes de Cranham Moor se

derretiam em lilás. Quando Diana começou a andar pelas últimas ruas com Lucy, outra mãe

disse oi, mas ela acelerou o passo e apertou os braços em volta da cintura como se para se

manter inteira. Byron se deu conta de que estava com muito medo e que o último lugar que

queria visitar era Digby Road. Não sabia o que diriam quando chegassem; James não havia

chegado nesse ponto do plano. Tudo estava indo bem mais rápido do que os dois meninos

haviam previsto.

Quando a mãe abriu a porta do carro e se sentou ao seu lado, Byron deu um pulo. Seus

olhos brilhavam intensamente, quase prateados.

— Tenho que fazer isso sozinha — disse ela.

— Mas e eu?

— Não é certo levar você. Não é certo você faltar aula.

Rapidamente, Byron tentou pensar no que James diria. Já era muito ruim que o plano

estivesse progredindo sem ele; o amigo fora bem claro quando disse que os dois

acompanhariam Diana para tomar notas.

— Você não pode — disse ele. — Você não sabe o lugar exato. Você não pode ir sozinha.

Precisa de mim.

— Meu amor, eles vão estar com raiva. Você é uma criança. Vai ser difícil.

— Eu quero ir. Vai ser pior para mim se eu não for. Vou ficar muito, muito preocupado. E

vai ficar tudo bem quando eles virem a gente. Eu sei que vai.

Então ficou decidido. Em casa, Byron e a mãe evitavam se olhar e trocavam palavras

breves, mencionando apenas pequenos detalhes. Digby Road já havia se tornado uma presença

na sala, como um sofá; eles se moviam cuidadosamente em volta dela.

— Preciso mudar de roupa antes de ir — disse ela finalmente.

— Você está bonita.

— Não. Preciso do traje certo.

Ele foi para o andar de cima com a mãe e checou seu reflexo no espelho. Desejou que não

estivesse usando o uniforme escolar. James tinha um terno preto que a mãe o fazia usar para ir

à igreja, embora ele não acreditasse em Deus. Enquanto isso, Diana demorou para escolher a

roupa, um processo que fazia com muito cuidado, de pé diante do espelho, colocando vestidos

e mais vestidos na frente do corpo. Por fim, escolheu uma túnica justa em tom de pêssego. Era

uma das roupas favoritas do pai; mostrava a brancura dos braços nus e as elevações da

clavícula. Às vezes, ela usava a túnica para jantar quando o pai estava em casa, e ele a guiava

escadas abaixo com a mão na base das costas dela como se Diana fosse uma

extensão de seu

braço.

— Não vai colocar um chapéu? — disse Byron.

— Um chapéu? Por que eu usaria um chapéu?

— Para mostrar que é uma ocasião séria.

Ela mordeu o lábio, pensando a respeito, e levou as mãos às omoplatas. Sua pele estava

toda arrepiada; provavelmente também precisava de um cardigã. Arrastou a poltrona estofada

até o armário e ficou de pé nela enquanto mexia em algumas caixas na prateleira mais alta.

Vários chapéus voaram para o chão, chapéus com penas e redes — boinas, redondos com o

topo achatado, com abas enormes, um chapéu russo com pelugem, e também um turbante de

seda branca e uma peça com joias e pluma.

— Ai, meu Deus — disse a mãe, pegando chapéus e descartando-os. Parou na frente da

penteadeira testando os modelos mais discretos, um depois do outro, e jogando-os no chão.

Seus cabelos flutuaram com o contato com os chapéus, era como se ela estivesse na frente de

uma janela. — Não, acho que não vou usar chapéu — disse finalmente.

Passou pó compacto no nariz e uniu os lábios para espalhar o vermelho. Era como vê-la

desaparecendo; ele foi tomado por uma tristeza tão grande que teve que assoar o nariz.

— Talvez eu devesse usar alguma roupa do papai.

— Eu não faria isso — respondeu ela quase sem mover a boca. — Ele saberia que você

usou a roupa dele.

— Estava pensando em alguma coisa pequena, como uma gravata. Ele não descobriria.

Byron abriu as portas duplas do armário de Seymour. Os paletós e as camisas estavam

alinhados em cabides de madeira, como versões decapitadas do pai. Byron pegou uma gravata

de seda e o chapéu de caça do pai, depois bateu as portas antes que os paletós e camisas

pudessem gritar com ele. Colocou a gravata cor de ameixa em volta do pescoço. Ficou

segurando o chapéu porque não devia ser usado dentro de casa. James dizia que dava má

sorte.

— Pronto — disse ele. — Tudo resolvido.

Ela virou a cabeça para trás e olhou para o quarto.

— Tem certeza? — perguntou ela, não para ele, mas para os móveis, a poltrona estofada e

as cortinas e lençóis de chita que combinavam.

Ele engoliu em seco, emitindo um som transbordante que ecoou no quarto.

— Daqui a pouco acaba. Lá vamos nós.

Ela sorriu como se nada fosse mais simples, e partiram.

Diana nunca dirigiu com tanto cuidado. As mãos estavam na posição certa no volante. O Sol

queimava sobre a charneca através do céu vasto como um holofote. O gado ancorado a

enxames de moscas negras, batendo os rabos sem sair do lugar, apenas esperando que o calor

passasse. A grama estava descolorida, parecia palha. Byron queria falar alguma coisa, mas

não sabia por onde começar, e quanto mais tempo ficava sem falar, mais difícil era tocar o

silêncio. Além disso, sempre que o carro ia para a esquerda ou para a direita, o chapéu de

caça do pai cobria-lhe o nariz. Parecia ter vida própria.

— Você está bem? — perguntou a mãe. — Está com o rosto bem vermelho aí embaixo.

Ela achou melhor estacionar no final de Digby Road, logo após o carro queimado. Quando

perguntou se ele se lembrava da casa, ele tirou o mapa do bolso e o mostrou para ela.

— Entendi — disse ela, apesar de não ter olhado. Agora que estava decidida a prosseguir,

não havia como impedi-la. Tudo o que disse foi: — Talvez fosse melhor você tirar o chapéu

agora, meu amor.

Os cabelos de Byron estavam grudados na testa em forma de espetos úmidos. Ouviu os

saltos da mãe batendo no pavimento como pancadas precisas de um martelo e desejou que ela

fosse mais devagar porque as pessoas começavam a notar. Uma mulher usando um avental

ficou olhando por cima do cesto de roupas. Homens encostados em um muro assobiaram.

Byron se sentia mole por dentro e estava tendo cada vez mais dificuldade de respirar. O

conjunto habitacional era ainda pior do que ele lembrava. O Sol mordiscava as casas de pedra

e criava rachaduras na pintura. Várias tinham pichações como *Fora Porcos* ou *IRA Pilantras*.

Toda vez que olhava para a rua, Byron sentia uma chicotada de medo; quis parar de olhar, mas

não conseguiu. Lembrou-se do que James havia contado sobre tortura em Digby Road, pessoas

levando tiros nos joelhos, e se lembrou do comentário que a mãe havia feito sobre já ter

passado por ali. Novamente se perguntou por que ela faria isso.

— Estamos chegando? — perguntou ela.

— Vai ter uma árvore florida. O portão vem logo depois.

Mas, quando Byron viu a árvore, outro choque. Nas quatro semanas que se passaram desde

que estiveram em Digby Road, a árvore havia sido vandalizada: os galhos

compridos haviam

sido arrancados e as flores estavam espalhadas pelo chão. Não era mais uma árvore, era um

tronco cortado e sem membros. Estava tudo tão errado. A mãe parou no portão que pertencia à

menininha e perguntou se era aquele. Segurou a bolsa com as mãos e, de repente, pareceu

pequena.

O portão gemeu quando ela levantou a tranca. Byron rezava em silêncio.

— É dela? — Diana apontou para uma bicicleta vermelha encostada em uma lixeira do

lado da casa. Ele fez que sim.

Ela foi até a porta, e ele seguiu bem de perto. O jardim era tão pequeno que caberia dentro

de um dos canteiros de Cranham House, mas a entrada estava limpa e havia pedras pequenas

em ambos os lados cheias de florzinhas. As cortinas estavam fechadas nas janelas superiores.

O mesmo se via nas janelas de baixo.

Talvez James tivesse errado? Talvez a menininha estivesse morta? Talvez os pais

estivessem no funeral ou visitando o túmulo. Voltar a Digby Road foi uma péssima ideia.

Byron pensou desejosamente em seu quarto com cortinas azuis. O chão de ladrilhos brancos

no hall. As novas janelas com vidros duplos.

— Acho que eles saíram — disse ele. — Vamos para casa?

Mas Diana tirou os dedos da luva, um por um, e bateu na porta. Ele deu mais uma olhada

na bicicleta vermelha. Não havia sinal de dano. A mãe bateu uma segunda vez com um pouco

mais de urgência. Ainda sem resposta, ela deu alguns passos para trás, saltos alfinetando a

grama dura.

— Tem alguém lá dentro — disse ela, apontando para uma janela no segundo andar. — Oi!

— chamou.

A janela se abriu e revelou um rosto de homem. Era difícil ter uma imagem real dele, mas

parecia usar um colete.

— O que você quer? — Ele não soou amigável.

Ela interrompeu o silêncio com um pequeno estalar da língua no céu da boca.

— Desculpe incomodar. Posso falar com o senhor?

Byron pegou os dedos da mãe e os apertou. Uma imagem havia surgido em sua cabeça e

ele não conseguia afastá-la. Por mais que tentasse, só conseguia imaginar a mãe levitando do

solo, leve como uma pena ou um fragmento de nuvem, e indo embora à deriva.

Quando a porta da frente se abriu, o homem os olhou fixamente. Preenchia a porta toda. Era

evidente que havia penteado os cabelos enquanto descia e colocado uma camisa,

mas havia

marcas de sangue no colarinho do tamanho de tomates cereja e alguns botões estavam faltando.

O pai de Byron jamais deixaria a camisa aberta; a mãe jamais deixaria de costurar os botões.

A pele do rosto do homem era cinza e cheia de dobras oleosas, com sombras na mandíbula

onde não tinha feito a barba. Permaneceu bloqueando a porta.

— Se for para vender alguma coisa — disse ele —, pode ir embora.

Diana parecia assustada.

— Não, não — murmurou ela. — O assunto é particular.

Byron fez que sim com a cabeça para mostrar que era bastante particular.

— É sobre sua filha — disse ela.

— Jeanie? — Os olhos do homem brilharam. — Ela está bem?

Diana olhou para trás. Um pequeno grupo de pessoas havia se reunido perto do portão —

a mulher de avental e os jovens do muro, e outros mais. Observavam com rostos petrificados.

— Seria bem mais fácil explicar dentro da casa.

O homem foi para o lado e deixou que entrassem. Fechou a porta; o cheiro era tão úmido e

velho que Byron teve que respirar pela boca. As paredes não tinham papel listrado e florido

como em Cranham House; o papel ali era amarelado e tinha uma estampa florida que o fazia

pensar em senhoras idosas. Perto do teto, o papel estava descolando.

— Beverley — chamou o homem em direção à escada.

Uma voz fina respondeu.

— Que foi agora, Walt?

— Visitantes, Bev.

— Como assim visitantes?

— Gente que veio nos ver. Querem falar sobre Jeanie. — Ele se virou para Diana e falou

com voz branda. — Ela está bem, não está? Eu sei que ela se mete em encrenca e tudo o mais,

mas é uma boa menina.

Diana não conseguia falar.

— Vamos esperar Beverley — disse ele.

Apontou para uma sala à esquerda e se desculpou. Muitas mulheres vendiam cosméticos,

disse ele.

— E as mulheres gostam de coisas boas. — Diana fez que sim para indicar que havia

entendido. Byron fez que sim também, mas não entendeu.

Depois da escuridão do hall estreito, a pequena sala de estar era surpreendentemente

limpa e clara. Havia uma coleção de porcelanas na janela, gatinhos em cestos e filhotes de

coalas em galhos. O carpete tinha estampa floral e o papel de parede tinha

estampa de

madeira. Não havia televisão, mas um espaço vazio onde um dia existiu uma, e acima do

espaço, três patos de gesso voavam. À esquerda havia uma vitrola com uma seleção de vinis

dentro de capas de papel. Byron sorriu para as revistas femininas na mesa de centro e para os

animais em miniatura no parapeito, para os patos voadores e o abajur com adornos, e sentiu

uma onda avassaladora de ternura em relação aos móveis e seus donos. Havia bonecos de

pelúcia no sofá de couro artificial; ele reconheceu alguns, como o Snoopy; e outros com

chapéus e camisetas que diziam “Eu te amo!” ou “Me abrace!”

— Por favor, podem se sentar — disse Walt. Ele era grande demais para a sala.

Byron se acomodou em uma posição entre os bonecos de pelúcia, com cuidado para não

amassar nenhum pequeno membro ou acessório. A mãe se sentou na outra ponta do sofá, ao

lado de alguma coisa gigante e azul que devia ser um urso, ou talvez um dinossauro. Batia

quase nos ombros dela. Walt ficou de pé na frente da lareira. Ninguém falou nada. Ficaram

olhando para o carpete marrom enrugado como se nunca tivessem visto nada tão interessante.

Quando a porta se abriu, eles se viraram. A mulher que entrou era magra como a

mãe de

Byron; cabelos pretos e curtos emolduravam seu rosto. Vestia uma camiseta, uma saia marrom

sem corte definido e sandálias plataformas.

— O que está acontecendo, Walt? — disse ela. Quando viu os convidados, pulou como se

tivesse levado um choque.

— Eles vieram para conversar sobre algum assunto particular, Beverley.

Ela colocou os cabelos para trás. Ficaram grudados aos lados das orelhas como se fossem

duas asas negras. Seu rosto era pálido, quase sem cor, as feições eram pontiagudas. Seus olhos

foram do marido para as visitas e de volta ao marido.

— Não é a polícia?

Não, não, disseram todos em coro; nada a ver com a polícia.

— Já ofereceu uma bebida?

Walt encolheu os ombros em desculpa. Diana assegurou que não estavam com sede.

— Tem a ver com Jeanie — disse Walt.

Beverley puxou uma cadeira de plástico e se sentou na frente de Diana. Analisou a

visitante de cima a baixo com seus rápidos olhos verdes. Com mãos finas e pele pálida, boca

franzida e maçãs do rosto bem-definidas, sua aparência geral era de fome, como se

sobrevivesse com restos de comida.

— Então? — disse ela.

Diana ficou imóvel com joelhos unidos e sapatos cor-de-rosa lado a lado. Não falou nada.

— Gostei dos ursos da sua filha — disse Byron tentando soar adulto, como James.

— Os ursos são da Beverley — disse Walt. — E também os bonecos de porcelana. Ela

coleciona. Não é, Beverley?

— É — respondeu Beverley. Não tirou os olhos de Diana.

Não havia sinal da menininha, a não ser por uma foto de escola no console da lareira.

Parecia estar fazendo careta para a câmera, franzindo os olhos. Não era como na foto de

escola de Lucy, onde o flash claramente a tomou de surpresa. A expressão daquela menininha

era como se alguém tivesse dito “Olha o passarinho”, mas ela preferira não olhar. Tinha os

traços pequenos e tensos de Beverley.

— Beverley quer a banda Robertson — disse Walt. — Gosta dos instrumentos em

miniatura e tal.

— Minha mãe também gosta de coisas pequenas — disse Byron.

— Mas Robertson é muito caro.

Byron olhou de novo para Diana. Seu corpo estava tenso como se estivesse

espiando da

beirada de um desfiladeiro e torcendo para não cair.

— Olhe só — disse Walt —, Jeanie não fez nada de errado não, fez?

Finalmente Diana abriu a boca. Com voz trêmula, começou a contar a história do acidente.

Escutando a mãe, Byron sentiu a boca tão seca que parecia rachada. Mal conseguia olhar para

ela. Em vez disso, ficou olhando para Beverley, observando a maneira como ela observava

Diana. Parecia focada nos anéis dela.

Diana explicou que algumas semanas antes eles cortaram caminho por aquela rua e que ela

perdeu o controle do carro no mesmo instante em que a filha deles passou na bicicleta. Assoou

o nariz enquanto chorava.

— Mil desculpas. Eu não vi — repetia. No silêncio que se seguiu, ela pegou o boneco azul

de pelúcia que estava ao seu lado, colocou-o no colo e segurou-o pela barriga.

— Você está dizendo que atropelou Jeanie? — disse Walt finalmente. Seu rosto estava

todo contraído em confusão. — É por isso que você está aqui?

O animal azul nas mãos dela começou a tremer como se tivesse adquirido nervos próprios.

— Eu devia ter parado. Não sei por que não parei. Não sei por que não saí. Sua filha... ela

está bem?

O coração de Byron batia nos ouvidos.

Walt olhou para Beverley com uma expressão duvidosa. Ela também o encarou.

— Deve haver um engano — disse ele por fim. — Tem certeza de que foi Jeanie?

Byron se levantou para checar a fotografia da escola. Ele tinha certeza, disse. E adicionou

que era a única e principal testemunha, vira tudo. E havia provas, continuou — porque

ninguém mais falou nada; estavam apenas olhando para ele. Foi como estar na mira de

refletores. Explicou sobre o arranhão na calota. A evidência era incontestável, disse ele. Era o

tipo de palavra que James usaria.

Mas Walt ainda estava confuso.

— É gentileza da sua parte ter vindo, mas Jeanie está bem. Nunca mencionou carro algum.

Nunca mencionou um acidente. Mencionou, Beverley?

Beverley ergueu os ombros para indicar que não tinha certeza.

— Ela está andando por aí, como sempre — disse Walt. — Às vezes eu não consigo

acompanhar o ritmo dela, não é?

— É, Walt.

Diana soltou uma exclamação de alívio. Byron teve vontade de acariciar todos os bonecos

de pelúcia, lhes passar a mão na cabeça. Mal podia esperar para contar para James. Diana

falou o quanto esteve preocupada, que não dormia havia dias; Byron a lembrou de que ela

também teve medo do pai descobrir. Foi um comentário à parte e particular, mas todo mundo

ouviu.

— E eu achei que você estava vendendo aquela maquiagem — disse Walt, sorrindo. Todos

riram.

Houve um som tão afiado que parecia uma tesoura sendo fechada no ar. Todo mundo olhou

para Beverley. Sua testa estava franzida como se ela tivesse recebido uma pancada, e os seus

olhos verdes passeavam para cima e para baixo no carpete. Walt tentou segurar sua mão, mas

ela a afastou antes que ele completasse o movimento.

— Do que você está falando? Ela se machucou. Um corte no joelho.

Byron olhou para Diana e Diana olhou para Walt. Ele suspirou.

— Foi mais ou menos quatro semanas atrás — continuou ela. — Pensando bem, deve ter

sido naquele dia. É claro que quatro semanas é muito tempo, mas tinha sangue na meia dela.

Não foi um corte profundo. Eu tive que pegar meias novas, lembra? Tive que buscar curativo.

Walt baixou a cabeça como se tentasse se recordar.

— Ele não faz ideia — disse ela para Diana como se fossem amigas agora. — Você sabe

como são os homens. — Ela sorriu. Byron viu dentro de sua boca, as pontas afiadas dos

molares.

— Que tipo de corte? — A voz de Diana era quase inaudível. — Foi sério?

— Foi pequeno. Não foi nada. No joelho. — Beverley levantou a bainha da saia para

indicar o local no próprio joelho. Era branco e pequeno, parecia mais um cotovelo do que um

joelho; Diana ficou olhando. — Ela não precisou de pontos nem nada. Como você mesma

disse, foi um acidente.

Apertaram as mãos à porta. Walt assentia para Diana.

— Não se preocupe — disse ele várias vezes.

E ela respondeu várias vezes:

— Obrigada, obrigada. — Estava tão feliz por tudo estar bem, repetia. A bicicleta foi

danificada? Foi um presente? Ela nem precisava pensar nisso, disse Walt.

— Até mais! — disse Beverley acenando à porta. — Até outro dia! — Foi a primeira vez

que pareceu feliz.

Indo embora de Digby Road, Byron sentiu uma onda de animação. A mãe abaixou os vidros

das janelas para que pudessem sentir a brisa na pele.

— Eu diria que foi tudo muito bem.

— Você acha? — Ela parecia não ter certeza.

— Eles pareceram legais. Até papai gostaria deles. Isso só mostra que tem gente boa em

Digby Road.

— A menininha se cortou. A mãe teve que jogar a meia fora.

— Mas foi um acidente. Eles entenderam isso. E a menininha está bem. Isso é o mais

importante.

Um caminhão passou rápido por eles e os cabelos da mãe flutuaram como se fossem

espuma. Ela batucou os dedos no volante.

— Ela não gostou de mim — disse Diana.

— Gostou, sim. E lê as mesmas revistas que você. Eu vi. O pai da menininha com certeza

gostou de você. Ficou sorrindo.

De repente, a mãe freou tão bruscamente que ele temeu que outro acidente estivesse

acontecendo. Ela parou do lado do meio-fio sem acionar a seta e um motorista que estava

passando buzinou. Quando Diana olhou para Byron, viu que ela estava rindo. Pareceu nem

perceber o outro carro.

— Já sei o que vamos fazer. — Esperou uma abertura no trânsito, fez o contorno e voltou

em direção à cidade.

Estacionaram perto da loja de departamento. A mãe estava animada como ele não via desde

que ela encontrara a evidência. Não seria maravilhoso, disse ela rapidamente, se eles

pudessem dar para Beverley a banda Robertson inteira? Quando o porteiro abriu as portas de

vidro, foram recebidos por conversas animadas e os acordes iniciais de um piano elétrico. Um

novo modelo de Wurlitzer estava sendo demonstrado para os clientes por um músico de

smoking. Mostrou como o apertar de um botão fornecia formas variadas de acompanhamento:

baterias, cordas, samba. Tratava-se da nova era da música, disse ele, e alguém respondeu que

“Não a esse preço”. Os clientes riram.

Byron sussurrou que teriam que comer muito arroz com feijão para comprar a banda, e que

o pai suspeitaria. Sugeriu um boneco de pelúcia em vez disso.

A loja brilhava com as luzes refletidas no chão e as joias e os frascos coloridos de

perfume. As mulheres se agrupavam nos balcões testando cheiros e cores de lábios. Poucas

compravam. A mãe passou rapidamente de um mostruário para outro, saltos clicando no

mármore, unhas tocando os itens levemente. Se não fosse por James, Byron

sabia que nunca

mais ia querer ir para a escola. Sentia como se tivesse trombado com alguma coisa de aroma

doce e proibida, como as fotos no livro de *As Mil e Uma Noites* que mostravam mulheres com

roupões finos que mal cobriam-lhe a pele macia. Gostaria que pudesse ser sempre assim, sem

preocupação, sozinho com a mãe comprando presentes para melhorar as coisas. No

departamento de presentes, escolheram um carneiro azul com colete listrado e dois pratos de

bateria costurados às patas de veludo. Vinha em uma caixa com laçarote azul brilhoso.

— Você não acha que devíamos escolher alguma coisa para Jeanie também? — disse ela.

Ele sugeriu bolinhas bate-bate. Todo mundo gostava delas. Ela já estava quase correndo

para o elevador que levava ao departamento de brinquedos quando ele teve que detê-la. Claro

que bate-bate era perigoso. Um menino quase perdeu o olho certa vez. James contara isso para

ele.

— Bem, não queremos isso — disse ela. — Essa menininha parece ser bem perigosa. —

Quase sorriram com esse comentário.

— Nem a bola canguru — disse ele. — Senão ela pode acabar pulando de uma

confusão

para outra.

Agora riram de verdade. Escolheram outro carneiro, dessa vez com uma pequena guitarra.

O instrumento chegava a ter cordas. Foi apenas quando foram para a fila de pagamento que a

mãe teve outra ideia. Chamou a assistente com uma voz tão ofegante que tinha o tom de uma

gargalhada.

— Vocês vendem bicicletas vermelhas?

Já estava com o carnê de cheques em mãos.

A mãe ofereceu levar Byron para comer alguma coisa. Ainda não era a hora do almoço, mas

ele estava faminto. Ela escolheu o hotel no centro da cidade. As mesas estavam arrumadas

com toalhas brancas e retas, e o chão brilhava tanto que parecia gelo. O ar estava denso por

causa da fumaça e das conversas em voz baixa, o tilintar de talheres em porcelanas. Os

funcionários se moviam em silêncio, examinando talheres e polindo copos. Várias mesas

estavam vazias. Byron nunca estivera naquele lugar.

— Mesa para dois? — perguntou o garçom ao sair de trás de uma palmeira em um vaso.

Tinha costeletas que cruzavam a mandíbula feito lagartas de algodão e uma gravata-borboleta

na gola de uma camisa rosada com babados. Byron pensou que um dia gostaria de usar uma

daquelas camisas coloridas. Perguntou-se se banqueiros podiam ter costeleta ou se seria

apenas para os finais de semana.

Os clientes olharam quando Byron e Diana passaram. Assimilaram os saltos finos da mãe

e a maneira como o corpo sussurrava dentro do vestido pêssego. Notaram os volumosos

cabelos dourados e a elevação arredondada dos seios. Movia-se como uma onda, criando

ondulações no chão brilhoso. Byron queria que as pessoas não olhassem, mas também queria

que continuassem olhando. A mãe continuava como se não percebesse. Talvez as pessoas

achassem que ela era uma estrela de cinema. Se ele fosse um estranho e a estivesse vendo pela

primeira vez, pensaria que era.

— Não é divertido? — disse Diana quando o garçom afastou a cadeira para ela,

novamente sem fazer barulho.

Byron colocou o guardanapo engomado na gola da camisa porque foi isso que o cavalheiro

na mesa ao lado fez. O homem havia passado gel nos cabelos, de modo que pareciam uma

tampa de plástico, e Byron pensou em pedir à mãe que comprasse um pouco daquele gel

também para lustrar os seus cabelos.

— Não teve aula hoje, filho? — disse o garçom.

— Estamos fazendo compras. — Diana nem hesitou. Olhou para o menu, batendo nos

lábios com a ponta do dedo. — O que você quer, Byron? Pode pedir o que quiser hoje. É uma

comemoração. — Quando sorriu, parecia acesa por dentro.

Byron disse que gostaria muito do creme de tomate, mas que também gostaria do coquetel

de camarão, então não conseguia se decidir. Para sua surpresa, ela pediu os dois, e ao fazê-lo

o senhor da mesa ao lado piscou para ele.

— E o que a senhora vai querer?

— Ah, para mim nada.

Byron não sabia por que o senhor havia piscado para ele, então piscou de volta.

— Nada? — disse o garçom. — Nada para uma dama elegante como a senhora?

— Só água, por favor. Com gelo.

— Uma taça de champanhe?

Ela riu.

— Não é nem meio-dia.

— Ah, aceite — disse Byron. Não evitou outra troca de olhares com o senhor porque

agora ele parecia estar sorrindo. — Afinal de contas, é um dia especial.

Enquanto esperavam pelos drinques, Diana ficou mexendo as mãos. Ele pensou na maneira

como Beverley havia olhado para os dedos da mãe, como se estivesse medindo o tamanho dos

anéis.

— Uma vez conheci um homem que só bebia champanhe — disse ela. — Acho que até no

café da manhã. Você teria gostado dele, Byron. Ele fazia botões aparecerem atrás da sua

orelha. Era engraçado. Até que um dia... ele foi embora.

— Foi embora? Para onde?

— Não sei. Nunca mais o vi. Ele dizia que bolhas o faziam feliz. — Ela sorriu, mas de um

jeito triste e corajoso. Byron nunca a havia escutado falando daquela forma. — Eu me

pergunto o que aconteceu.

— Ele morava em Digby Road? Por isso você foi lá?

— Ah, não — disse ela. — Aquilo foi outra coisa. — Diana fez um movimento discreto

com as mãos, como se tivesse achado migalhas de pão na mesa e precisasse limpá-las. —

Estou falando de anos atrás. Antes de conhecer seu pai. Sente direito. Nossas bebidas estão

chegando.

A mãe envolveu a taça fina com os dedos e a levou aos lábios. Byron observou como as

bolhas se grudavam no copo. Pensou ter escutado as bolhas estourando conforme o líquido de

um amarelo amanteigado deslizava para a boca da mãe. Ela deu um gole minúsculo e sorriu.

— Um brinde a tudo que já se foi.

O garçom riu, assim como o senhor com cabelos plásticos. Byron não sabia o que aquilo

significava. Os homens olhando a mãe, ela ficando corada, e o brinde a tudo que já se foi. Ela

nunca tinha falado sobre pessoas que faziam botões aparecer de trás da orelha, e também

nunca mencionara a época antes de conhecer seu pai.

— Espero que minha sopa chegue logo — disse Byron.

Ele riu também, mas não porque a mão do garçom estava perto da mão de Diana, e não

porque o senhor da mesa ao lado olhava para ela fixamente, mas sim porque estava prestes a

tomar sopa e comer coquetel de camarão, e nem era a hora do almoço. Era como sair do

tempo normal e ver o mundo de uma nova perspectiva. E ao contrário da adição dos dois

segundos, aquilo era decisão da mãe. Não era um acidente.

Naquela tarde, os presentes foram entregues em Digby Road. Diana ligou para o mecânico

para perguntar sobre uma nova calota. Falou com o pai também e deu sua risadinha de sempre.

Foi outro dia bom, disse ela. James estava certo. Se você pensasse de maneira lógica, havia

solução para tudo.

Quando Byron foi conferir, na manhã seguinte, o copo ao lado da cama da mãe estava

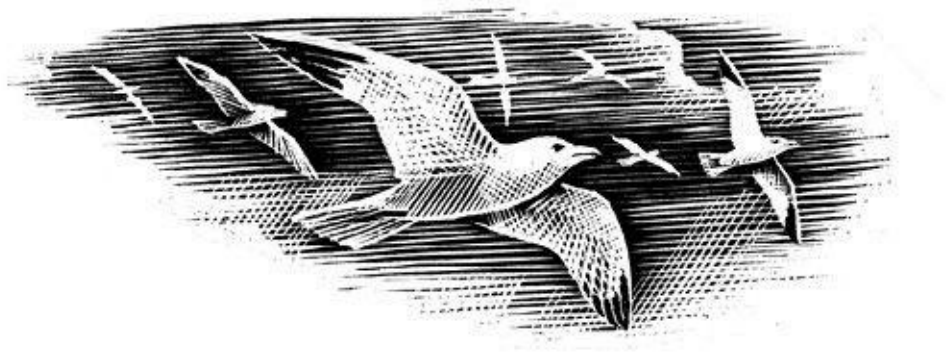
vazio e a tampa do frasco de pílulas estava aberta. Ela dormia um sono pesado. Mesmo

quando o alarme disparou ela não se moveu. Havia esquecido de fechar as cortinas, e uma

torrente de luz reluzente tomava o quarto; lá fora, uma bruma frágil como a teia de uma aranha

abraçava a charneca. Tudo estava tão imóvel, tão em paz consigo mesmo, que era uma pena ter

que acordá-la.



Anjos

ÀS VEZES, QUANDO o vento para, o ar carrega música pela charneca. Jim fica à porta do trailer

e escuta. Observa o último fio de luz dourada que escorre na borda ocidental das

montanhas.

Não sabe qual é a música nem quem a toca. O som é triste, músicas com palavras que ele não

consegue ouvir. Em algum lugar alguém está tocando para preencher a solidão, e mal sabe que

ali está Jim, escutando também. Não estamos sozinhos; porém no mesmo instante em que tem

esse pensamento percebe que não há ninguém com quem compartilhá-lo. Fecha a porta do

trailer e pega as chaves, a fita adesiva. Executa os rituais suave e eficientemente, e depois

dorme.

Não sabe se é por causa do machucado ou da pressão do trabalho, mas acha que desde o

acidente tem estado mais cansado. A gagueira está forte, assim como a dor nas mãos. E o café

ficou mais agitado. Os Recursos Humanos do escritório central decidiu que nas vésperas do

Natal a atmosfera geral da loja precisa ser mais festiva. Devido ao mau tempo e à recessão, as

vendas decaíram. Alguma coisa tem que ser feita; pelo visto, uma árvore piscando não é o

suficiente. Em consequência disso, o RH contratou os serviços de uma jovem banda de metais

para tocar canções de Natal na entrada da loja. A gerente, que geralmente não é amorosa e

criativa, teve mais outra ideia. Toda semana um boneco de neve de pelúcia será escondido na

loja, e o primeiro cliente sortudo a encontrá-lo vai ganhar uma cesta de Natal. Enquanto isso,

toda a equipe recebeu crachás que dizem "*Oi! Meu nome é...! Boas Festas!* " Paula pintou as

unhas alternadamente de vermelho e verde, e colou desenhos brilhosos nelas. A amiga dela,

Moira, tem um par de brincos de rena. O crachá colorido de Moira berra no seio esquerdo

como um convite, ao passo que Jim usa o crachá como se o resto dele fosse um pedido de

desculpas.

A notícia do acidente dele circulou pelo café do supermercado. A princípio, o sr. Meade

ofereceu uma licença por doença, mas Jim implorou para continuar trabalhando. Insiste que

não precisa de muletas. ("Posso experimentar?", diz Paula.) Usa a meia plástica especial do

hospital para proteger o gesso. Se trabalhar devagar, se apenas limpar as mesas, jura que não

vai causar problemas.

É a ideia de ficar sozinho no trailer durante dias e noites que o aterroriza. Desde o

hospital, sabe que não sobreviveria. Os rituais ficariam cada vez piores. Sabe também que

isso é mais uma coisa que não pode contar para ninguém.

— O departamento de Saúde e Segurança não vai ficar feliz — diz o sr. Meade. — Não

vão gostar de você no café com um pé quebrado.

— Não é exatamente culpa dele — intromete-se Paula — se uma lunática dá marcha a ré

em cima dele e depois foge.

O fato de ela ter percebido o papel de Eileen no acidente dói em Jim. Ele não planejou

contar para ninguém; já é ruim o suficiente estar usando gesso. Ela só se deu conta quando

Darren descreveu o carro e se lembrou da placa. Tinha memória fotográfica, disse Paula. Na

verdade, o que disse foi que tinha memória fotogênica, mas eles entenderam o que ela quis

dizer. Desde que foram ao hospital, Paula exibe uma fileira de marcas de mordidas carinhosas

no pescoço, como um cordão de pedras roxas e verdes. Jim vê Darren esperando por ela

depois do trabalho no estacionamento. Quando vê Jim, Darren acena.

Agora que a verdade está no ar, todos concordam. Eileen é o tipo de pessoa que deve ser

isolada. Citam sua retirada final do café, seus atrasos frequentes, a linguagem chula. No pouco

tempo em que trabalhou como cozinheira, parece que três reclamações foram feitas contra ela.

Paula diz que o problema é que pessoas como Jim são boas demais. E ele sabe que o

problema não é esse. O problema é que as pessoas precisam que outras pessoas — como

Eileen — sejam ruins demais.

— Você tem que denunciá-la para a polícia — diz Paula para Jim todos os dias. — Foi

atropelamento seguido de fuga. Ela podia ter matado você.

O sr. Meade acrescenta que Eileen é um perigo para a comunidade. Não devia ter carteira

de motorista.

— Você tem que prestar queixa — diz Moira. Os brincos de renas ficam prendendo nos

cabelos, e Paula tem que interferir para soltá-los. — Hoje em dia eles têm proteção à

testemunha, e tal. Eles colocam você em abrigos protegidos e lhe dão um novo nome.

É demais para Jim. Foi um acidente, repete ele. As meninas pegam papel higiênico para

ele assoar o nariz.

O fato é que alguma coisa mudou. Não é que ele tenha se tornado mais amável ou menos

esquisito, mas o acidente acentuou a fragilidade das coisas. Se aquilo podia acontecer com

Jim, podia acontecer com qualquer um deles. Consequentemente, os funcionários do café

decidiram que a estranheza de Jim é parte deles e que devem protegê-la. O sr. Meade busca

Jim, que espera por ele embaixo da placa que dá boas-vindas aos motoristas cuidadosos que

chegam a Cranham Village, e lhe dá carona até o trabalho. Todas as manhãs, diz que é

chocante, as coisas que as crianças fazem. Jim, por sua vez, fica olhando para fora com o nariz

pressionado no vidro. Às vezes finge estar dormindo, não porque está cansado, mas porque

precisa ficar em silêncio.

— Você tem que confrontar sua agressora — diz Paula para Jim —, senão não vai

conseguir se curar. Você ouviu o que a enfermeira falou para você. É vítima de um crime

violento. Nunca vai superar esse crime se não encarar de frente.

— Mas o meu p-pé está melhor. Não quero c-c...

— Estou falando do trauma interno. Conheço uma pessoa que não confrontou o agressor.

Não, não, ficou dizendo, estou bem com o que aconteceu. E adivinha?

Jim admite que não faz ideia, mas tem a impressão de que a resposta vai incluir ferimentos

pessoais e que vai ser devastadora.

— Acabou esfaqueando um homem no supermercado. Só porque furou a fila.

— Quem? O agre...

— Não, a vítima. Ele tinha problemas não resolvidos.

Aquela palavra de novo.

— A vítima virou o agressor — diz Paula — por causa do trauma. Acontece.

— Não e-entendi — diz Jim. — Você conhecia...

— Eu não o conheci de verdade — interrompe. — Conheci uma pessoa que o conhecia.

Ou conhecia alguém que conhecia alguém. — Balança a cabeça impacientemente como se Jim

estivesse sendo obtuso de propósito. — A questão é que você nunca vai superar isso se não

confrontar a verdade. E é por isso que a gente vai arrumar ajuda para você.

A visita acontece na quarta-feira, depois do trabalho. Paula organiza tudo, e ela e Darren vão

acompanhá-lo. Ajudam Jim a subir e a descer do ônibus, e ele se sente um velho. Ele os

observa, ombros se tocando no assento da frente, a maneira como Darren levanta o cacho cor-

de-rosa dela para sussurrar em seu ouvido; é como ser esquecido.

Na parte final do caminho, Darren e Paula caminham um em cada lado de Jim. Não há

estrelas, e o céu está pesado de nuvens que brilham em um laranja sulfúrico. Entram na High

Street, fechada para carros, passam pela Pound Shop, pela loja de jogos, pelas lojas fechadas

de eletrônicos, pelo USA Chicken e pelo Café Max. As janelas estão bastante iluminadas,

algumas decoradas com lanternas coloridas, outras com espuma que imita neve. Uma jovem

coleta doações para as vítimas de câncer no Natal e sacode a caixinha para os que estão

passando. Quando vê Jim, alguma coisa nele a incomoda e a faz segurar a caixa sem se mover.

Finge estar analisando uma vitrine, o que é difícil porque é uma das várias que estão

disponíveis para aluguel. Fora inúmeros mosquitos mortos no parapeito da vitrine, a loja está

vazia.

— Minha mãe teve câncer de mama — diz Paula. — Morreu quando eu tinha 18 anos. —

Ao ouvir isso, Darren faz uma pausa e a abraça.

No final da High Street, viram em uma rua comprida de casas com jardins. Quase lá, diz

Darren. O meio-fio está cheio de carros e vans. Várias casas têm sótãos convertidos e

varandas dianteiras com janelas com vidro congelado. Todas têm satélites e antenas de TV.

Enquanto caminham, Jim conta as árvores de Natal nas salas da frente. Pergunta-se se somarão

21.

— Você só tem que falar com a mulher — diz Paula. — Sobre como se sente. Ela não vai

morder.

Jim percebe que perdeu a contagem e gostaria de voltar ao início da rua para recomeçar.

Ele se sentiria melhor se pudesse fazer isso, menos exposto. Ele se vira para ir embora.

— Aonde você pensa que vai? — diz Paula.

— Não preciso d-d-de m-médica...

— Ela não é médica. É uma pessoa para ajudar. É bem-treinada.

Darren pega o endereço no bolso. É aqui, diz ele. Abre o portão do jardim. Dá um passo

para o lado para que Paula e Jim entrem primeiro.

Mensageiros do vento estão pendurados nos galhos baixos e negros de três ou quatro

árvores frutíferas plantadas bem próximas umas das outras. Em uma fila única, eles seguem o

caminho obscuro até a porta.

— Como assim estamos em uma casa? — diz Darren. — Achei que essa mulher fosse

profissional.

— Ela é profissional — diz Paula. — É amiga de uma amiga e vai dar uma sessão

introdutória de graça para o Jim. Dizem que ela é maravilhosa. Ela faz todos os tipos de

coisas, incluindo terapia contra fobias. Dá até festas. E ela tem treinamento on-line completo.

A conselheira psíquica é uma mulher vigorosa que tem cabelos grossos e grisalhos

afastados do rosto por uma tiara. Usa sapatos simples, calça elástica, blusa larga e um

cachecol tão colorido que chega a ser otimista. Na presença da conselheira, tanto Paula quanto

Darren viram crianças, ela enrolando os cabelos cor-de-rosa, ele balbuciando palavras para

as mãos dadas.

— Quem é o cliente? — diz a conselheira, olhando para os três.

Paula e Darren rapidamente apontam para Jim, que abaixa a cabeça em resposta.

A conselheira convida o casal a se sentar na cozinha, mas Darren diz que preferem esperar

lá fora.

A casa tem cheiro de alguma coisa limpa e estéril, como um limão desinfetado, e o

corredor estreito é tão escuro que Jim tem que tatear o caminho quando a segue. Ela aponta

para uma porta aberta à esquerda e pede que Jim entre primeiro. A pequena sala é arrumada e

bem-iluminada. Não há cadeira, nem fotos, apenas uma estante de livros em cujo topo senta-se

um buda de gesso.

— Pode se sentar, por favor — diz a mulher.

Ela coloca um pé atrás do outro, abaixa o traseiro e se senta no chão com tal velocidade

que é como assistir a um elevador descendo. O assento é um pufe com bolas de isopor.

— Precisa de ajuda? — diz ela olhando para cima.

Cuidadosamente, Jim tenta fazer o mesmo no pufe disponível na frente do dela, embora

tenha um problema com as pernas. Se cruzá-las, como ela está fazendo, talvez nunca mais

consiga andar. Ele coloca o pé engessado para fora e se abaixa com a outra perna, mas ela

cede e ele aterrissa no pufe de maneira barulhenta. Braços e pernas se esticam para longe do

corpo. Não sabe se ou como vai se levantar.

— Como posso ajudar, Jim? — diz a conselheira.

Além de indo buscar uma cadeira, ele não faz ideia. Ela usa meias verdes. Não verdes-

Eileen. Apenas um verde simples.

— Seus colegas me disseram que você é vítima de um crime violento. Deduzi que você

não quer prestar queixa contra a agressora. Precisamos conversar sobre isso.

— Foi um a-a-a...

— Nada é um acidente. Tudo acontece por uma razão, e essa razão está dentro de nós. O

que temos que fazer hoje, Jim, é botar essa razão para fora. Sei que isso assusta você, mas

estou aqui para ajudar. Quero que saiba que não está sozinho. Estou nessa com você. — Ela dá

um sorriso curto para ele e seus olhos ficam pequenos. — Você tem uma aura boa. Você tem

consciência disso?

Ele admite que não. Tem mais consciência do formigamento no pé que não está

machucado.

— Por que você gagueja?

Jim fica corado, e é como ser queimado nas costas, no rosto, nos braços. Ela espera até

ele responder, mas ele não consegue; fica apenas o som da respiração dela, como pequenas

compressões no ar.

— Na minha experiência — diz ela —, as pessoas gaguejam por um motivo. O que você

sente que não pode falar?

Existem várias coisas que Jim não pode falar. E tentaram ajudá-lo em Besley Hill.

Passaram exercícios para ele concentrar a mente, deram dicas para formar palavras. Ele

falava para espelhos. Visualizava frases. Dizia “Grr” quando ficava travado. Nada ajudava. A

Terapia Electroconvulsiva não causava gagueira, concordavam os médicos. Jim sabia que

deviam ter razão; eram profissionais. A questão foi que um pouco depois da última sessão sua

boca parou de se lembrar de como formar palavras.

Mas aquele não é o momento de pensar no passado. A conselheira psíquica ainda está

falando. Está apontando para si mesma e erguendo os punhos em formatos inusitados de soco.

— Imagina que eu sou sua agressora. O que você quer me dizer? Não precisa se esconder.

Eu aguento.

Ele gostaria de dizer “Foi um acidente”. Gostaria de dizer “Escute, Eileen”.

— Jim, eu sou mulher. Trabalho com meus instintos. E eu olho para você e sei que esse

acidente foi muito difícil.

Ele faz que sim com a cabeça lentamente. Não pode mentir.

— Por que você acha que foi difícil?

Jim tenta dizer que não sabe.

A conselheira diz que vai improvisar um pouco. Jim deve acompanhá-la.

— A agressora passou por cima do seu pé. Ela não parou. Mas pelo que fiquei sabendo,

você gritou para ela ir embora. Você não queria a ajuda dela. É verdade?

Jim tenta dizer que sim, mas a palavra não está ali.

— Então por que você queria que ela fosse embora? Por que escolheu ser a vítima? Você

podia ter gritado com ela. Podia ter avisado que ela o machucou. O que aconteceu, Jim? Por

que não conseguiu dizer isso?

O silêncio parece badalar como vidro. Sua mente dispara pelos anos e é como abrir portas

que foram seguramente trancadas há anos. A garganta dele se fecha. O pulso dispara. Tenta não

pensar, ficar vazio. Lá fora, escuta a gargalhada de Paula e de Darren. Consegue ouvir o ruído

baixo dos mensageiros do vento. Coloca a mão no bolso e segura o chaveiro para obter ajuda.

A conselheira sorri gentilmente.

— Desculpe. Talvez a gente esteja indo rápido demais.

Pede que Jim imagine que é uma letra. O que gostaria de dizer? Pede que imagine que é

uma seta. Aonde gostaria de acertar? Ele deve se imaginar como um receptáculo, uma árvore

com raízes, uma bola de borracha. Há tantas versões dele, todas quicando, atirando e se

afixando na cabeça dele, que Jim se sente muito cansado.

— Temos que colocar tudo para fora — diz a conselheira com bastante entusiasmo. —

Agora não é o momento de ter medo.

— Estante, oi — murmura ele. — Buda, oi.

— Pense em todas as coisas que você escondeu, Jim. É hora de se libertar delas. — Ela

faz um som de vento, como se tivesse sido furada e estivesse perdendo ar rapidamente. —

Você tem que se apropriar do passado e se livrar dele.

É como se o segurassem pela boca, pelas orelhas, pelos olhos e o escancarassem. O

acidente, o hospital — não eram nada comparados a isso. Ele não sabe como vai se recompor.

— Você não tem que ser uma vítima, Jim — diz ela. — Você pode ser um jogador. — Ela

se sacode como se tivesse acabado de acordar. Sorri. — Hora de parar. Nossa sessão

introdutória acabou.

A conselheira psíquica de Jim se impulsiona para fora do pufe e fica de cócoras. Ele

abaixa o rosto para que ela não veja seu estado.

— Você devia vir para uma leitura angelical — diz ela. — Sabia que pode pedir aos anjos

as coisas mais simples? Achar uma vaga para estacionar, por exemplo. Nada é insignificante.

Jim tenta explicar que é gentileza dela, mas já tem uma vaga para estacionar. E, além

disso, acrescenta ele, tem um problema na caixa de câmbio e o trailer não anda. Foi um

presente, diz ele, muitos anos atrás, de uma chefe que não queria mais o carro. Diz também

que juntava lenha para ela e jogava suas garrafas de xerez fora. As palavras surgem e se jogam

da boca de Jim. É possível que em metade das frases faltem verbos. Tudo menos pronunciar as

imagens que surgem em sua mente. As coisas das quais ela diz que ele deve se livrar.

A conselheira assente.

— Bem, foi só uma ideia — diz ela.

Pergunta se ele está satisfeito com a consulta, e Jim afirma que sim. Se não sente que

recebeu o serviço que precisa, podia ficar à vontade para fazer uma reclamação. Jim garante

que não deseja fazer reclamações. Será que ele gostaria de adicionar um depoimento na

página dela? Ele explica que não tem computador. Ela pega um caderno e passa um formulário

para ele. Pergunta se ele faria a gentileza de atribuir uma nota de zero a dez, e se depois

poderia enviar o formulário naquele envelope, que já continha o endereço.

— É hora de ir para casa — diz ela.

Jim responde que não pode.

Ela sorri como se compreendesse.

— Sei que você sente que não consegue lidar com tudo. Acha que precisa de mim. Mas

você vai ficar bem, Jim. Estou dando permissão para você ficar bem.

Jim explica que na verdade não consegue se levantar. Perdeu a circulação em ambas as

pernas. Precisa de Paula e Darren para levantá-lo, e eles só conseguem pegando um braço

cada e puxando com força. De volta à sua altura completa, olha para Paula, Darren e a

conselheira, e apesar dos centímetros a mais ele se sente dolorosamente pequeno.

— Sim, fizemos um trabalho muito bom — diz a conselheira. — Jim está pronto para se

libertar. Já pode voltar à vida agora.

Um bando de gaivotas se ergue e sobrevoa o perfil negro da charneca, e elas são tão

luminosas, tão frágeis, que seria fácil confundi-las com pedaços de papel. Jim não menciona

leituras angelicais ou vagas de estacionamento para Paula e Darren. Não menciona as

perguntas da conselheira. Está tão abalado que mal consegue se lembrar de como colocar um

pé na frente do outro. Tropeça várias vezes, e Darren tem que segurá-lo.

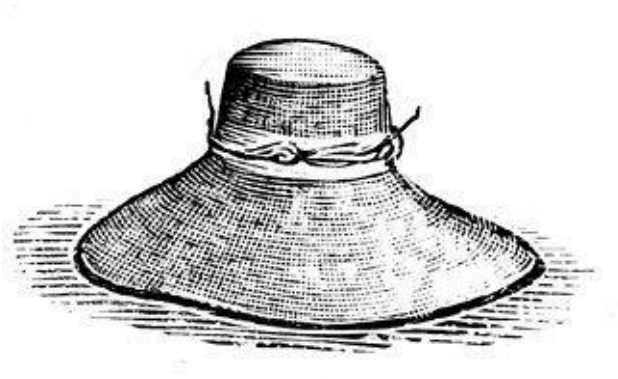
— Pronto, pronto, Jimbo — diz Paula. — Foi um dia longo.

Caminhando novamente pela High Street, passando pelas casas escuras com suas varandas

e sótãos convertidos, Paula diz:

— Este lugar era um lixo. Parte não era nem própria para humanos.

E então ele percebe que estão em Digby Road.



Dois pontos

— NÃO É QUE eu esteja ofendido, Byron — diz James com voz alta e infantil. — É que estou

surpreso por você ter ido tão de repente. Achei que o plano fosse eu ir também.

— Mas as coisas foram mais rápidas do que você disse que seriam.

James ignorou essa parte. Terminou o leite e limpou o topo da garrafa.

— Eu já fui lá, sabia?

— Em Digby Road?

— Tem um médico lá. Minha mãe me levou quando eu tive piolho. É um médico particular.

Minha mãe não queria que as pessoas soubessem.

Byron pensou que havia coisas sobre James Lowe que ainda o surpreendiam.

— É difícil, para mim, ajudar a salvar Diana — disse James — se não sei de toda a

situação. Eu queria ter escutado a conversa para fazer observações no meu caderno da

Operação Perfeito.

— Eu não sabia que você tinha um caderno.

— Tenho diagramas também. E eu também queria ter ido ao restaurante do hotel. Coquetel

de camarão é meu prato favorito. Ela deixou mesmo você tomar sopa de tomate antes do

almoço? Ela comprou mesmo uma bicicleta vermelha para a menininha? — Byron repetiu que

sim, uma do modelo Tomahawk. Os olhos de James se arregalaram como botões azuis

imensos. — Não tem ninguém como ela — disse ele. — *Tout va bien*.

Era verdade. A volta a Digby Road e a entrega subsequente de presentes tão generosos

marcaram um momento de virada. A mãe de Byron voltou a si mesma. Voltou a fazer todas

aquelas coisas que fazia tão bem, os pequenos detalhes que a destacavam de todo o resto.

Encheu os vasos com flores cortadas, capinou a grama entre as pedras do chão, costurou

botões frouxos e remendou pequenos buracos. O pai veio para a visita do fim de semana, e

dessa vez ela não tossiu nem torceu o guardanapo quando ele perguntou como o Jaguar estava

se saindo.

— Lindamente. Ela é um veículo maravilhoso — disse Diana e abriu um sorriso

imaculado.

As mães da escola se encontraram para o último café do período escolar de verão no início da

segunda semana de julho. Byron só estava presente porque tinha uma consulta com o dentista.

— Não podemos ficar muito — explicou Diana. — Vamos sentar aqui no canto da mesa.

— A nova mãe perguntou se ela não estava preocupada com a bolsa de Byron com todas as

aulas que ele estava faltando. (“*Qual* é o nome dela?”, disse Andrea.) As mulheres

conversaram sobre planos para as férias. Deirdre havia feito reservas para duas semanas fora

do país. A nova mãe ia visitar a sogra em Tunbridge Wells. Quando perguntaram para Diana,

ela disse que não tinha planos. O marido ia passar as férias anuais com os colegas de trabalho

na Escócia, mas ela passaria o verão em casa com as crianças. O lar era tão melhor do que

viajar, disse Andrea Lowe. Não havia nada com que se preocupar, como pastilhas para

purificar água e picadas de mosquito. Então alguém começou a falar sobre economizar, e

Andrea mencionou, falando nisso, que teve a sorte de comprar um sofá maravilhoso de couro

marrom, da cor da pele de um preto.

Diana fez um movimento abrupto para pegar a bolsa e empurrou a cadeira para trás. Byron

achou que fosse para irem embora e não entendeu por quê, visto que a consulta era dali a meia

hora. Então a mãe pareceu ver alguém do outro lado do salão de chá e acenou. Byron não

imaginava quem poderia ser. E então, conforme a mulher vinha em direção a eles, passando

por mesas e cadeiras, ele percebeu que era Beverley.

Vestia calças pretas largas e bata de pano fino e também um chapéu lilás de aba longa.

— Não quero interromper — disse Beverley, olhando para todas as mães. Tirou o chapéu

e o rodou nas mãos como se fosse um volante. — Estou procurando o departamento de

brinquedos de pelúcia, mas não acho. Não venho aqui há anos. — Seus olhos passavam tão

rapidamente por todas as mulheres que estava tropeçando nas palavras.

Diana sorriu.

— Pessoal, esta é Beverley.

— Oi, oi, oi — disse Beverley. Deu uma série de acenos frenéticos, como se estivesse

limpando uma janela invisível. Em resposta, as mulheres deram sorrisos apertados que

pareciam colados em suas bocas, machucando. — Não estou interrompendo vocês, estou? —

disse Beverley para Diana.

— Não, não — respondeu Andrea de uma maneira que dizia sim, sim.

— Byron, dê sua cadeira para Beverley — disse Diana.

— Ah, não, por favor. Não vou ficar.

Mas Diana insistiu.

Byron levou sua cadeira para o lado da mãe, e Andrea arrastou a sua vários centímetros

para abrir espaço. Ele ficou pairando sobre o ombro da mãe. Era um erro oferecer uma

cadeira para Beverley. Era um erro apresentá-la para as mães da Winston House. Ele tinha

certeza de que James concordaria.

Mesmo assim, Beverley aceitou a cadeira. Ela se sentou muito tensa, sem recostar, e

claramente não sabia o que fazer com o chapéu. Primeiro colocou-o no colo, depois pendurou-

o na cadeira, então ele caiu no chão, que foi onde ela o deixou.

— Sim — disse ela, como se alguém tivesse feito uma pergunta, embora ninguém tivesse

perguntado nada, nem demonstrado que o faria. — Jeanie amou o carneiro que você comprou

para ela. — Ainda falava apenas com Diana. — Ela brinca com ele o tempo todo. Mas

adivinha?

Diana balançou a cabeça de maneira bem discreta.

— Não sei, Beverley.

— A guitarrinha dele quebrou. Eu falei para ela ter cuidado. É item de colecionador, eu

disse. Mas ela está tão triste. Simplesmente quebrou na mão dela. Assim. Do nada. — Pegou a

colher de chá de plástico de Andrea e a quebrou no meio.

Byron ficou imóvel. Se movesse um músculo temia acabar empurrando Beverley. Queria

gritar para que ela não mencionasse a bicicleta. Queria gritar para que as mães continuassem

bebendo seus respectivos chás. Elas observavam com sorrisos congelados e esmaltados.

— Eu soube pelo nome na sacola que você comprou aqui, então prometi. Falei "Seja

boazinha, Jeanie, e pare de reclamar que a mamãe vai comprar outro para você". Que bom

encontrar você de novo. — Ela olhou para as outras mães. — Vocês vêm sempre aqui?

As mães disseram que sim. O tempo todo, disse Andrea. Beverley assentiu.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou Diana, oferecendo o menu de capa de couro.

— Eles têm da coisa boa? — Foi claramente uma piada, mas ninguém gargalhou ou sorriu,

nem mesmo disseram não, não servem isso, quer um café? O rosto de Beverley ficou vermelho

tão depressa que parecia prestes a assumir alguma cor mais violenta, como azul.

— Não vou ficar — disse ela, mas não se foi. Então: — Suponho que vocês todas tenham

filhos, como Diana?

As mulheres pegaram as xícaras e murmuraram coisas como sim, e um ou dois.

— Suponho que estejam todos na Winston House? — Estava claramente tentando ser

simpática.

Sim, sim, disseram as mães, como se não houvesse outro lugar.

— É uma escola muito boa — disse Beverley. — Se você puder pagar. Muito boa. — Seus

olhos analisaram o local, engolindo os lustres de vidro talhado, os garçons com uniformes em

branco e preto, as toalhas de mesa engomadas. — Pena que eles não fazem promoções aqui —

disse ela —, senão eu viria o tempo todo.

Ela riu. Tinha alguma coisa desafiadora na risada, no entanto, que sugeria que não achava

nem a si mesma nem a situação engraçada. Diana também riu, mas uma risada generosa e

pública que dizia “Ela não é maravilhosa?”.

— Mas nem sempre dá para ter o que queremos — disse Beverley.

Andrea se inclinou na direção de Deirdre. Falou atrás das costas da mão, mas Byron

conseguiu ouvir; ele tinha certeza de que Beverley também escutou.

— Ela é da escola das crianças? Funcionária?

No silêncio, Beverley afundou os dentes no lábio inferior até que ele perdesse a cor. Seus

olhos brilhavam.

— Beverley é minha amiga — disse a mãe.

O comentário pareceu revigorar Beverley. Para o alívio de Byron, ela se levantou, mas

pareceu ter se esquecido do chapéu e pisou na aba. A nova mãe abafou uma gargalhada.

Beverley colocou o chapéu na cabeça, mas a curva da aba não existia mais. Ele ficou

dependurado. Ao ver o sorriso da nova mãe, Andrea sorriu também, assim como Deirdre.

— Bem, adeus a todas — cantarolou Beverley. — Foi um prazer conhecê-las.

Poucas responderam.

— Foi um prazer ver você de novo — disse Diana apertando-lhe a mão.

Beverley estava prestes a se virar para ir embora quando se lembrou de outra coisa.

— A propósito — disse ela —, boa notícia. Jeanie está melhor.

As mulheres olharam para ela como olhariam para um cano quebrado, como se alguma

coisa tivesse que ser feita, mas com a ajuda de alguém pago, e não por elas próprias.

— Sim. Jeanie é minha filha. Está no primeiro ano da escola. Não na Winston House, na

escola pública mesmo. Mas ela foi ferida em um acidente. Envolvendo um carro. O motorista

não parou na época, mas não há mágoas. Eles voltaram, no final. E não teve nada quebrado.

Isso é o mais importante. Nada além da pele. Ele levou um ponto. Dois, na

verdade. Dois

pontos. Só isso.

Um desconforto quase palpável se assentou na mesa. As mulheres se ajeitaram em suas

cadeiras, trocaram pequenos olhares, checaram relógios. Byron não acreditou no que estava

ouvindo. Sentiu como se fosse vomitar. Olhou para Diana, mas imediatamente teve que olhar

para o outro lado porque seu rosto estava tão devastado que parecia vazio. Quando Beverley

ia parar? As palavras fluíram para fora dela.

— Ela está mancando, mas as coisas estão melhorando. Estão melhorando a cada dia.

Tome cuidado, eu falo toda hora, mas ela não escuta. É diferente quando você tem cinco anos,

é claro. Se fosse eu, estaria deitada. Estaria em uma cadeira de rodas se me conheço bem.

Mas vocês sabem como são as crianças. Elas não param. — Olhando para o relógio, disse: —

Já está mesmo tão tarde? — Era um Timex barato com pulseira de tecido gasto. — Tenho que

ir. Até mais, Diana. — Andou de maneira tão desafiadora pelo restaurante que quando uma

garçonete apareceu com uma bandeja, quase se esbarraram.

— Que figura — disse Andrea, enfim. — Onde você a conheceu?

Pela primeira vez, Byron olhou para a mãe. Estava ereta como se estivesse

sentindo

alguma dor profunda e estivesse com medo de se mover.

— Em Digby Road — disse calmamente.

Ele não acreditou que ela falou isso. Estava à beira de confessar tudo. Byron começou a

fazer um barulho que não era exatamente o de palavras, era mais um preenchimento do

silêncio com um som indeterminado.

— Uu uu — disse ele pulando com um pé e depois o outro. — Meus dentes estão doendo.

Ai.

A mãe pegou a bolsa e se levantou.

— Venha, Byron. Pagamos na saída. E a propósito... — Novamente saiu do caminho que

deveria seguir e se virou para Andrea. — Seu sofá. Ele não é marrom da cor da pele de preto.

— Minha querida, é maneira de falar. Não é ofensivo.

— É, sim. É muito ofensivo. Você deveria tomar mais cuidado.

Pegando a mão de Byron, Diana o puxou. Os saltos batiam no chão de mármore. Quando

olhou para trás, viu a sombra da ameaça no rosto de Andrea, a expressão de choque e os

lábios semicerrados das outras. Ele preferia não ter pegado uma cadeira para Beverley.

Gostaria que Diana tivesse ficado calada quanto ao sofá de Andrea. De todas as

mulheres que

poderia atiçar, ele temia que ela tivesse escolhido a pior.

Procuraram por todo o departamento de presentes, mas não havia sinal de Beverley.

— Talvez tenha ido direto para casa — disse ele. A mãe continuou procurando. Pegou a

escada para o departamento de brinquedos e para o salão de produtos femininos, e quando

ficou claro que Beverley tinha ido embora, ela deu um longo suspiro.

— Dois pontos. Dois pontos, Byron. — Mostrou dois dedos como se tivesse esquecido

como contar. — Não um, mas dois. Precisamos voltar.

— Para o salão de chá? — Não parecia a melhor ideia.

— Para Digby Road. — Pior ainda.

— Mas por quê? — disse ele.

— Temos que conferir se a pobre da menininha está bem. Precisamos fazer isso agora

mesmo.

Ele tentou convencê-la de que precisava ir ao banheiro e depois de que tinha uma pedra no

sapato. Disse que se atrasariam para o dentista, mas não havia como distraí-la; parecia ter se

esquecido inteiramente da consulta. Chegaram em Digby Road com um quebra-cabeça, uma

garrafa de uísque Bell para Walt e dois novos carneiros para Beverley, com uma

coleção de

instrumentos musicais de sopro e de corda. Dessa vez a mãe estacionou logo na frente da casa.

Um homem que passava perguntou se ela queria uma limpeza no Jaguar. Ele não tinha nem

balde, nem pano.

Mas “Obrigada, obrigada” exclamou ela. Era como se estivesse sobrevoando a superfície

das coisas. Andou rapidamente pelo caminho no jardim, *pec pec*, e bateu à porta com a mão

sem luva.

Quando Beverley apareceu, ele ficou chocado. Seu rosto estava tão vermelho que estava

inchado, e os olhos eram como duas protuberâncias em carne viva. Limpou o nariz repetidas

vezes, segurando-o com o lenço e pedindo desculpas pelo estado em que se encontrava. Disse

que era uma gripe de verão, mas linhas escuras marcavam-lhe o rosto como córregos onde ela

havia esfregado o nariz e as bochechas.

— Eu não devia ter ido até você. Não devia ter dado oi. Você deve achar que sou muito

idiota.

A mãe mostrou a nova bolsa de presentes. Perguntou se Jeanie estava em casa. Perguntou

se podia dar oi para ela. Sentia tanto pelos pontos, disse Diana. Se ao menos

tivesse sido

avisada...

Beverley interrompeu e pegou as alças das bolsas.

— Você é muito gentil. Não precisava fazer isso. — Olhou dentro das bolsas e arregalou

os olhos.

Foi apenas quando Diana explicou que havia colocado um cartão com seu número de

telefone na bolsa que Byron compartilhou da surpresa de Beverley. Não fazia ideia de que ela

fizera aquilo. Foi uma decisão que tomou sozinha, sem falar para ele, e que o fez se perguntar

quando e como a mãe tinha feito.

— Mas por que você não me falou? — disse a mãe. — Quando eu vim antes... por que não

contou sobre os dois pontos?

— Não quis chatear você. Você foi tão gentil. Não é nada como aquelas outras mulheres.

— Eu me sinto péssima — disse a mãe.

— A perna da Jeanie só piorou depois da sua visita. Eu a levei ao médico e foi aí que ele

colocou os pontos. Foi muito carinhoso. Ela nem chorou com a agulha nem nada.

— Que bom. Fico feliz. — A mãe parecia chateada e louca para ir embora.

— Pelo menos tem uma coisa.

— Oi?

— Pelo menos você voltou dessa vez.

— Sim — murmurou Diana.

— Não falei isso por mal — disse Beverley apressadamente.

— Não, não, eu sei — disse a mãe com a mesma pressa.

Beverley sorriu e Diana se desculpou de novo. Se pudesse fazer qualquer coisa...

— Você tem meu número. Deve ligar. A qualquer hora.

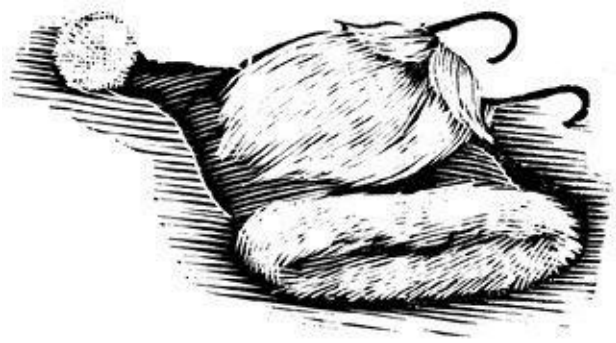
Para a surpresa deles, Beverley deu uma resposta que era meio gargalhada, meio grito.

— Óia! — disse. Byron não soube o que aquilo significava, até que seguiu a direção de

seus olhos rápidos e avistou a rua. — Melhor vocês correrem — disse ela. — O pilantra está

tentando entrar no seu carro.

Eles foram embora, e dessa vez ele e a mãe não trocaram nem uma palavra.



Papai Noel

A FANTASIA É ideia do sr. Meade. Ele a tira com cuidado da embalagem de plástico. A sra.

Meade a encomendou na internet. O terno de veludo vem com barba branca própria, cinto de

plástico e sacola.

— Você não pode estar falando sério — diz Paula.

Mas o sr. Meade diz que está falando bem sério. O departamento de Saúde e Segurança

está no pé dele. Se Jim quer manter o emprego, tem que ficar sentado.

— Por que não podemos ter uma cadeira de rodas? — diz Paula.

O sr. Meade diz que o Saúde e Segurança não vai permitir um faxineiro de cadeira de

rodas por causa de problemas futuros de saúde e segurança. Suponhamos, por exemplo, que

ele atropele um cliente?

— É um café — diz Paula. — Não uma pista de corrida.

O sr. Meade tosse para limpar a garganta. Está vermelho como vinho quente.

— Se Jim quiser ficar, vai ter que se sentar na cadeira e usar a fantasia. Fim de papo.

No entanto, há mais complicações. Apesar de a sra. Meade ter pedido a fantasia de luxo

em tamanho extra largo, as barras da calça não chegam aos tornozelos dele, e as mangas com

imitação de pelo nas pontas ficam entre os cotovelos e os punhos. Há também o problema do

gesso azul no pé e da magreza esquelética de Jim dentro do blazer.

Quando sai do vestiário dos funcionários, mancando, eles ficam pasmos, como

se ele

tivesse caído do teto.

— Está terrível — diz Paula. — Parece que não come faz um ano.

— Ele vai assustar as pessoas — opina Darren. Ele passou o dia todo no café. Paula leva

bebidas quentes para ele quando o sr. Meade não está olhando. — Vai fazer as crianças

chorarem.

Paula vai correndo à loja do andar de baixo. Volta com botas e luvas brancas, assim como

várias almofadas quadradas que pegou no departamento de objetos para a casa. Olha para o

outro lado enquanto coloca as almofadas dentro do blazer de Jim, fechando-o com um laço

festivo.

— Quem sabe colocar enfeites não ajuda? — diz Darren. — Talvez no chapéu vermelho

dele?

Paula pega um enfeite de papel laminado e o circula com cuidado em torno da cabeça de

Jim. Emite pequenos sons curtos enquanto faz isso.

— Agora parece que ele tem uma antena — diz Darren.

Jim está posicionado ao lado da jovem banda de metais no final da escada. Sua cadeira foi

decorada com trepadeiras de plástico que brilham. Um balde para coletar

dinheiro está na

frente do gesso, para escondê-lo. O trabalho de Jim é entregar panfletos aos clientes

anunciando ideias de presentes de Natal em promoção no departamento de objetos para a

casa, tais como aspiradores de folhas para seu homem e massageadores de pés para as

mulheres. O sr. Meade, Paula e Darren ficam de braços cruzados analisando a cena. Jim até

que está fofo, diz Paula.

— Só garantam que ele não abra a boca — diz a gerente geral aparecendo nas portas

automáticas. O sr. Meade promete que Jim não vai falar. — Porque se eu o pegar assustando

clientes... — continua a gerente geral. É uma mulher angulosa de terno preto. Os cabelos estão

presos tão apertados no rabo de cavalo que até o rosto parece puxado. — Se eu vir qualquer

coisa desse tipo, ele já era. Entenderam? — Passa o dedo por sua garganta branca como se a

estivesse cortando.

Os três assentem vigorosamente e voltam para o andar de cima. Apenas Jim fica estático.

Todo Natal havia uma árvore na sala de televisão de Besley Hill. As enfermeiras a colocavam

perto da janela com as cadeira ao redor para que todos os pacientes pudessem

ver. Tinha até

uma visita dos alunos da escola local. Levavam presentes embrulhados e cantavam canções de

Natal. Os residentes não tinham permissão para tocar nas crianças nem para assustá-las. As

crianças uniformizadas, por sua vez, ficavam de mãos dadas com força e olhos bem abertos,

se comportando o melhor possível. Depois, as enfermeiras davam os presentes e pediam que

os residentes dissessem obrigado — as crianças geralmente entendiam errado e acabavam

dizendo “Obrigado” em vez deles. Em um determinado ano, o presente de Jim foi uma lata de

abacaxi em caldas.

— Você não é um sortudo? — disse a enfermeira.

Ela falou para as crianças que Jim amava frutas, e ele tentou dizer “Amo mesmo”, mas as

palavras não saíram rápido o suficiente e a enfermeira as disse por ele. Quando era hora de ir

embora, as crianças se empurravam como se a porta fosse muito apertada, e o espaço embaixo

da árvore ficava tão repentinamente vazio que parecia ter sido saqueado. Vários pacientes

choravam.

Da janela do segundo andar, Jim observou as crianças entrando no ônibus. Quando três

meninos se viraram e o notaram, ele acenou e levantou a lata de abacaxi para que eles

lembrassem quem era, e para que soubessem que tinha gostado do presente de Natal. Os

meninos lhe mostraram o dedo do meio.

— Maluco! — gritaram e fizeram caretas assustadas, como se estivessem sendo fritos.

No final das contas, a jovem banda de metais tem um repertório que inclui apenas três

músicas. Tocam *Jingle Bells* e *Away In A Manger*, além de *She'll Be Coming Round The*

Mountain. Esta última é claramente a favorita deles, e o jovem cheio de espinhas que toca os

címbalos grita "Uhuu" toda vez que chegam ao refrão. Uma mulher alta de casaco verde passa

rapidamente pela porta e por Jim. Para repentinamente e olha de novo.

— Cruz credo — diz ela. — Você veio vestido de quê?

Jim está prestes a lhe dar um panfleto, mas então percebe, com uma onda de pânico, quem

é a mulher; sente outra onda de pânico por estar usando veludo vermelho com imitação de

pelos nas pontas.

Eileen abre os grandes botões verdes do casaco. O tecido recua, revelando uma saia roxa

enrugada na cintura.

— Como estão as coisas, Jim? Ainda está aqui?

Ele tenta fazer que sim, como se estar ali fosse o que ele mais quisesse. Um cliente joga

dinheiro no balde e Jim esconde o pé grande e azul atrás do outro sapato, mais convencional.

— Queria mesmo encontrar você — diz ela.

— Eu?

— Queria pedir desculpas. Pela outra semana.

Ele não consegue olhar para ela, está tremendo muito.

— Eu não vi você. Você apareceu do nada, porra. Tem sorte que eu não bati em você.

Jim tenta fingir que está com frio. Tenta fingir que está com tanto frio que não consegue

ouvir direito.

— Brrr — diz ele, esfregando as mãos; o gesto é tão frenético que ele parece um homem

lavando as mãos com sabão invisível.

— Você está bem? — diz ela.

Felizmente, a banda inicia uma versão animada de *I Wish It Could Be Christmas Every*

Day e ela não consegue ouvir a resposta. Não é uma das músicas ensaiadas pela banda. Há

discordâncias de tempo e também na extensão do refrão, de modo que metade da banda toca

um conjunto de notas completamente diferente da outra metade. Dentro do supermercado, a

gerente geral olha para o saguão. Ajusta um gancho de telefone e fala nele. Jim faz um

movimento horizontal no pescoço, mas a barba branca está no caminho.

— N-não posso f-falar.

— Não me surpreende — diz Eileen. — Você está coberto de enfeites. — Ela olha para a

gerente e pega um carrinho de compras. Ele admira a maneira como ela o gira, com propósito

e rapidez. Ele admira a maneira como ela para, a fim de examinar um pote de flor vermelha, e

depois faz uma careta tão engraçada para um bebê que ele chuta e gargalha.

Na saída, Eileen joga alguma coisa no balde. É um dos panfletos dele. Escreveu com

letras grandes: VOU ESPERAR VC NO ESTACIONAMENTO DEPOIS DO TRABALHO!!!

As letras maiúsculas gritam na cabeça dele. Jim estuda a abundância de pontos de

exclamação e se pergunta o que querem dizer — se a mensagem é na verdade uma piada.



A visita à tarde

JAMES FICOU PROFUNDAMENTE abalado com a notícia dos dois pontos de Jeanie.

— Isso não é bom — disse ele. — Não é positivo para a reputação da sua mãe.

— Mas o acidente não foi culpa dela.

— Mesmo assim — disse James. — Se existe prova, um machucado de verdade, as coisas

ficam mais complicadas. Imagina se Beverley vai à polícia?

— Ela não vai fazer isso. Beverley gosta da minha mãe. Minha mãe foi a única que foi

legal com ela.

— Você vai ter que ficar de olho.

— Mas a gente não vai ver Beverley de novo.

— Hum — disse James torcendo a franja para mostrar que estava pensando. — Vamos ter

que arrumar outro encontro.

Na manhã seguinte, Byron e a mãe estavam caminhando pelo prado, alimentando os patos.

Lucy ainda dormia. Diana havia pulado a cerca para pegar ovos; eles os levavam, um ovo

para cada, andando cuidadosamente pela grama. O Sol ainda não havia nascido por completo;

envolto por um feixe baixo e fraco de luz, o orvalho tinha um brilho prateado sobre o prado,

embora a terra embaixo dele estivesse dura e rachada. As margaridas formavam piscinas

brancas nos montes mais baixos, ao passo que todas as árvores criavam uma fenda negra

oposta à luz do Sol. O ar tinha um aroma novo e verde como menta.

Conversaram um pouco sobre as férias de verão e sobre como estavam ansiosos por elas.

A mãe sugeriu que ele convidasse um amigo para tomar chá.

— Acho uma pena James não vir mais aqui — disse ela. — Deve fazer quase um ano.

— Estão todos ocupados. Temos trabalhos por causa da bolsa. — Ele não gostava de

mencionar que desde o episódio do lago, James não tinha permissão para visitá-los.

— Amigos são importantes. É bom cuidar deles. Já tive várias amigas, mas hoje não tenho

mais.

— Tem, sim. Você tem todas as mães.

Ela ficou em silêncio por um momento, e depois disse “Sim”. A concordância foi seca, no

entanto, como se Diana não acreditasse nela. O sol nascente derramou luz pela charneca, e

seus tons de roxo, rosa e verde começaram a reluzir tanto que pareciam pintados por Lucy.

— Se eu não tenho amigos, é por culpa minha — disse ela.

Prosseguiram em silêncio. As palavras da mãe o entristeceram. Era como descobrir que

ele havia perdido alguma coisa importante sem nem se dar conta. Pensou na insistência de

James de que outro encontro com Beverley era necessário. Lembrou-se também do que o

amigo tinha dito sobre mágica: que você podia fazer com que uma pessoa acreditasse em algo

mostrando apenas parte da verdade e escondendo as outras. Seu pulso começou a acelerar.

— Talvez Beverley possa ser sua amiga — disse ele.

A mãe ficou sem expressão. Ela claramente não se lembrou de quem ele estava falando.

Quando ele explicou que estava pensando na senhora de Digby Road, ela gargalhou.

— Ah, não. Acho que não.

— Por que não? Ela gosta de você.

— Porque não é simples assim, Byron.

— Não sei por quê. Para mim e para James é.

Diana se abaixou para pegar um filete de aveia, passando a unha pela ponta e espalhando

uma trilha plumosa de sementes, mas não falou mais nada sobre amigos. Ele sentiu que nunca

tinha visto a mãe parecer tão solitária. Ele apontou para uma orquídea piramidal e também

para uma borboleta almirante vermelha, mas ela não respondeu. Nem levantou o rosto.

Foi então que ele percebeu o quanto ela estava infeliz. Não era apenas por causa do

acidente em Digby Road ou dos dois pontos de Jeanie. Havia outra e mais profunda

infelicidade relacionada a alguma coisa. Ele sabia que de vez em quando os adultos ficavam

infelizes por algum motivo; em algumas situações, não tinha opção. A morte, por exemplo.

Não havia como evitar a dor da perda. A mãe de Byron não tinha ido ao funeral da avó, mas

chorara quando recebera a notícia. Cobrira o rosto com as mãos, tremendo. E, quando o pai

dissera “Já chega, Diana”, ela abaixara a mão e olhara para ele com uma dor tão sólida, olhos

vermelhos e marcados, nariz escorrendo, que foi desconfortável. Foi como vê-la sem roupas.

Então essa era a sensação de se perder a mãe ou o pai. Era natural ficar infeliz daquela

forma. Mas descobrir que a mãe ficava infeliz como ele também ficava, de vez

em quando, por

causa de algo que nem conseguia nomear, não era certo — isso não havia passado pela cabeça

dele antes. Havia uma maneira clara de remediar a situação.

Na privacidade de seu quarto, Byron pegou a lista duplicada que James havia feito sobre

os atributos de Diana. Copiando o formato das letras — porque era um tanto melhor do que a

sua, ou a da mãe, na verdade — e floreando os Y e G com círculos no estilo de James, ele

começou a escrever. Explicou que era Diana Hemmings, a senhora gentil que dirigia o Jaguar

naquela manhã desafortunada em Digby Road. Esperava não estar sendo um inconveniente

para a querida Beverley, escreveu ele, mas gostaria de saber se ela faria a gentileza de aceitar

um convite para tomar chá em Cranham House. Adicionou o número de telefone e o endereço,

e também uma moeda que pegou de seu próprio cofre para cobrir a passagem de ônibus.

Esperava que fosse o bastante, adicionou ele, e apagou a palavra infantil “bastante”,

substituindo-a por “suficiente”, que soava mais profissional. Assinou a carta em nome da mãe.

Adicionou uma observação sobre a clemência do clima. Era esse tipo de atenção astuta ao

detalhe, sentia ele, que o distinguia como escritor de cartas. Em outra observação, pediu

também que ela destruísse a mensagem após a leitura. “É uma questão particular”, escreveu,

“entre nós duas”.

É claro que ele sabia o endereço. Não havia como esquecer. Disse para a mãe que era o

brasão do *Blue Peter*, pediu um selo e postou a carta naquela mesma tarde.

A carta era uma mentira e Byron sabia disso, mas uma mentira amável e não faria mal.

Além disso, sua experiência da verdade havia se alargado desde Digby Road. Ficou difícil

discernir o ponto em que as coisas deixavam de ser uma versão de si mesmas e se tornavam

outra versão. Não conseguiu ficar quieto o resto do dia. Beverley receberia a carta?

Telefonaria? Perguntou para a mãe várias vezes quanto tempo o correio levava e a hora exata

da primeira e da segunda entregas. Naquela noite, mal dormiu. Ficou olhando para o relógio

da escola o dia todo, esperando que os ponteiros se movessem. Estava nervoso demais para

conversar com James. O telefone tocou na tarde do dia seguinte.

— Cranham 0612 — disse a mãe à mesa de vidro.

Não conseguiu ouvir a conversa toda; a mãe soou muito cuidadosa.

— O quê? — disse ela. — Quem está falando? — Mas ouviu-a exclamando,

depois de

certo tempo: — Sim, claro. Seria ótimo. — Houve até uma risadinha educada. Depois, ela

desligou o telefone e ficou por alguns instantes no corredor, imersa em pensamentos.

— Alguém interessante? — perguntou ele descendo as escadas casualmente e seguindo-a

até a cozinha.

— Beverley vem aqui amanhã. Vamos tomar chá.

Ele não sabia o que dizer; quis rir, mas isso entregaria o segredo, então fez outra coisa,

que soou como tosse. Mal podia esperar para contar para James.

— Você escreveu uma carta, Byron?

— Eu?

— Beverley mencionou um convite.

O calor tomou seu rosto.

— Talvez ela estivesse pensando em quando você foi levar os presentes. Talvez tenha se

confundido porque você deu nosso número para ela. Você disse que ela podia ligar a qualquer

momento, lembra?

A mãe pareceu satisfeita. Passou a cabeça pela alça do avental e começou a pegar farinha,

ovos e açúcar no armário.

— Você tem razão — disse ela. — Estou sendo boba. Não vai fazer mal convidá-la para

um chá.

James não tinha tanta certeza. Isso surpreendeu Byron. Embora James tenha concordado que

Byron foi esperto ao escrever para Beverley, e embora estivesse feliz pela iminência de outro

encontro, preferia que Byron tivesse sugerido um cenário mais neutro.

— Se fossem se encontrar na cidade, por exemplo, eu poderia aparecer por coincidência.

Eu poderia me aproximar como se não esperasse encontrar você e dizer “Nossa, oi!” e me

sentar com vocês.

— Mas você pode ir à minha casa tomar chá amanhã.

— Devido a circunstâncias além do meu controle, infelizmente não será possível.

Então James passou uma série de instruções a Byron. Devia tomar notas com atenção.

Tinha um caderno sobrando? Quando Byron admitiu que não, James pegou um caderno com

pautas da mochila. Tirou a tampa da caneta tinteiro e escreveu “Operação Perfeito” na capa.

As anotações deviam incluir observações sobre a conversa, principalmente referências ao

machucado de Jeanie, mas os detalhes menores e aparentemente mais insignificantes também

deviam ser registrados. Byron devia ser o mais organizado possível e fazer referências a datas

e horários.

— E você tem caneta invisível em casa? Isso tem que ser confidencial.

Byron disse que não tinha. Estava juntando os embrulhos de chiclete Bazooka para ganhar

um anel de raio X, mas precisava de muitos, disse ele.

— E não tenho permissão para mascar chiclete.

— Não importa — disse James. — Vou mandar um código para você nas férias.

Disse novamente que os pontos de Jeanie eram fonte de preocupação; era importante

descobrir o máximo possível sobre isso. Mas James não parecia preocupado com o panorama

geral; na verdade, parecia animado. Escreveu seu número cuidadosamente no verso do

caderno e disse a Byron para ligar assim que tivesse mais notícias. Deviam manter contato

regular durante o verão, disse ele.

Byron notou que a mãe parecia nervosa quando foi buscá-lo. Os meninos das séries

superiores estavam cantando e jogando quepes para cima; as mães tiravam fotos e algumas

montaram mesas para um piquenique de despedida, mas Diana tinha pressa de voltar para o

carro. Em casa, voou de um lado para outro pegando guardanapos limpos e fazendo

sanduíches, que vedou firmemente com PVC. Mencionou que lavaria o Jaguar rapidamente

antes de colocá-lo na garagem, mas ficou tão ocupada arrumando as cadeiras e conferindo seu

reflexo que o carro foi esquecido e permaneceu estacionado na entrada da casa.

Os convidados chegaram com meia hora de atraso. Era evidente que Beverley tinha saltado do

ônibus antes do ponto certo e que teve que andar o resto do caminho pelos campos mais

baixos. Chegou à porta com os cabelos duros como madeira (devia ter usado spray demais) e

um vestido curto de cor viva, cheio de grandes flores tropicais. Tinha pintado as pálpebras de

turquesa, mas o efeito era o de dois anéis grossos nos olhos. Sob a aba do chapéu roxo, seu

rosto parecia pesado demais.

— Foi tão gentil da sua parte nos convidar. — Foi a primeira coisa que ela disse. —

Ficamos animados o dia inteiro. Não falamos sobre outro assunto. — Desculpou-se pelo

estado da sua meia-calça. Estava desfiada e cheia de pequenas plantas. Era tão gentil da parte

de Diana gastar seu precioso tempo, disse ela novamente. Prometeu que não ficariam muito.

Parecia tão nervosa quanto a mãe dele.

Ao lado de Beverley havia uma criança menor do que Lucy, usando um vestido

escolar de

algodão, de cabelos negros e finos que iam até a cintura. Estava com um curativo grande no

joelho direito para proteger os pontos. Tinha 10 centímetros de diâmetro. Quando viu o

machucado, Diana despertou.

— Você deve ser Jeanie — disse ela curvando-se para cumprimentá-la. — Minha filha não

está aqui hoje.

Jeanie se escondeu atrás da mãe. Parecia uma criança desconfiada.

— Não se preocupe com o joelho — disse Beverley. Usou uma voz alta e animada, como

se pessoas estivessem observando do outro lado da charneca e precisassem ouvir. — Você

não vai se machucar de novo. Está perfeitamente segura.

Diana torcia as mãos com tanta força que parecia correr o risco de entortá-las.

— Ela andou muito? Precisa de outro curativo?

Beverley garantiu que o curativo estava limpo. Nos últimos dias mal dava para notar que

Jeanie estava mancando, disse ela.

— Você está bem melhor, não está?

Em sinal de concordância, Jeanie retorceu a boca como se estivesse comendo uma bala

grande que ficou entalada.

Diana sugeriu que se sentassem no lado de fora da casa, nas novas espreguiçadeiras,

enquanto ela buscava bebidas. Depois disso, ela mostraria o jardim. Mas Beverley perguntou

se elas podiam entrar. O Sol deu dor de cabeça na filha, disse ela. Beverley não conseguia

manter os olhos parados. Eles voaram por cima do ombro de Diana e examinaram o corredor,

assimilando as paredes de madeira polida, os vasos de flores, o papel de parede no estilo

georgiano, as cortinas em espirais teatrais.

— Bonita casa — disse isso da mesma maneira que Lucy dizia “Bonito mingau. Bonitos

biscoitos”.

— Entrem, entrem — disse a mãe. — Vamos tomar chá na sala de estar.

— Bonita — repetiu Beverley e entrou. — Venha, Jeanie.

— Eu digo sala de estar, mas não é tão grandiosa quanto soa. — Diana liderou o grupo

pelo corredor, saltos finos fazendo *pec pec*, ao passo que as sandálias de Beverley faziam

plac plac. — A única pessoa que chama isso de sala de estar é meu marido, e é claro que ele

não mora aqui. Quer dizer, mora, mas só nos fins de semana. Trabalha para um banco na

cidade. Então não sei por que eu a chamo de sala de estar. Minha mãe diria no máximo sala,

mas Seymour nunca gostou dela. — Estava falando demais e as frases não pareciam se

conectar. — Eu sou meio deslocada, na verdade.

Beverley não respondeu. Apenas seguiu, olhando para a esquerda e para a direita. Diana

ofereceu chá ou café ou alguma coisa mais forte, e Beverley insistiu em tomar o mesmo que

Diana.

— Mas você é minha convidada.

Beverley deu os ombros. Admitiu que não negaria um coquetel de frutas ou alguma coisa

gasosa, como Cherry Coke.

— Coquetel de frutas? — A mãe estava perplexa. — Infelizmente não temos isso. E não

temos refrigerantes também. Meu marido gosta de gim e tônica no fim de semana. Tenho

sempre Gordon’s e Schweppes em casa. Ou tem uísque no escritório dele. Você pode tomar

isso também. — Também ofereceu uma meia-calça sua para substituir as meias rasgadas dela.

— Pode ser uma Pretty Polly?

Beverley disse que uma meia Pretty Polly seria ótimo e que também gostaria de um suco.

— Por favor, largue esse caderno, Byron, e pegue o chapéu de Beverley.

Diana abriu a porta da sala de estar com cuidado, como se esperasse que alguma coisa

fosse pular nela.

— Mas cadê sua filha?

Tinha razão. No curto espaço entre a porta e a sala de estar, perderam a menina de vista.

Beverley voltou rapidamente para a porta, gritando o nome da filha para a escada e as

paredes de madeira, para a mesa de vidro onde ficava o telefone e as pinturas de barco de

Seymour, como se Jeanie tivesse virado parte da mobília da casa e fosse se materializar do

nada. Parecia muito constrangida.

A procura começou com calma. A mãe de Byron chamou Jeanie, assim como Beverley —

embora apenas Diana fosse de cômodo em cômodo. De repente, ficou preocupada. Foi até o

jardim e chamou por ela ali também. Sem resposta, pediu que Byron pegasse toalhas. Iria até o

lago. Beverley ficou pedindo desculpas. Mil desculpas pela inconveniência. Essa criança

ainda acabaria com ela, disse ela.

Diana já havia tirado os sapatos e corria pelo gramado.

— Mas como é que ela pulou a cerca? — gritou Byron, correndo atrás dela. — Ela está

com o joelho machucado, lembra? — Os cabelos da mãe voavam como flâmulas douradas.

Não havia sinal de Jeanie ali.

— Ela deve estar em algum lugar da casa — disse Diana voltando pelo jardim.

Byron passou por Beverley no corredor. Ela estava lendo a etiqueta no casaco da mãe.

— Jaeger — murmurou ela. — Bonito.

Ele deve tê-la assustado porque ela lhe lançou um olhar afiado que depois se suavizou em

um sorriso.

A busca continuou no primeiro andar. Beverley abria a porta de cada cômodo e analisava

o interior. Apenas quando Byron conferiu o segundo andar de novo notou a porta de Lucy

entreaberta e parou. Achou Jeanie enrolada como uma boneca de pano na cama, e na meia hora

em que estiveram procurando por ela, chamando seu nome no jardim, na charneca e no lago,

ela evidentemente caíra no sono. Os braços estavam por cima do travesseiro, revelando duas

cascas grossas de feridas que pareciam cerejas amassadas nos cotovelos. Ela estava debaixo

da coberta.

— Está tudo bem! — gritou Byron para as mulheres. — Podem relaxar, encontrei Jeanie.

Com dedos trêmulos, Byron discou o telefone de James na mesa de vidro da mãe. Teve que

sussurrar porque não havia pedido permissão.

— Quem está falando, por favor? — disse Andrea. Teve que responder três vezes para que

ela entendesse, e depois ele teve que esperar mais dois minutos para que ela buscasse James.

Quando Byron explicou sobre a busca por Jeanie e tê-la encontrado dormindo, James disse:

— Ela ainda está na cama?

— Afirmativo. Sim.

— Você tem que voltar lá. Tem que examinar o ferimento enquanto ela dorme. *Bonne*

chance, Byron. Você está fazendo um ótimo trabalho. Não se esqueça de desenhar um

diagrama.

Byron voltou para o quarto na ponta dos pés. Com muita calma, levantou a coberta. Jeanie

respirava pesadamente pelo nariz, como se estivesse resfriada. O coração dele batia tão forte

que ele teve que engolir em seco várias vezes para não acordá-la. O curativo parecia bem

firme. As pernas dela eram finas e estavam sujas por causa da caminhada. Ele colocou a ponta

do dedo logo acima do joelho pontiagudo. Não havia sangue no curativo. Parecia novo.

Ele estava colocando a unha sob o canto quando Jeanie acordou, assustada. Olhou para ele

com olhos escuros e arregalados. O choque fez com que ele andasse para trás e caísse na casa

de bonecas de Lucy, e Jeanie achou isso tão engraçado que ficou com soluço. As explosões

transbordavam do corpo da menina. Alguns dentes dela eram como pedras marrons quebradas.

— Quer que eu carregue você? — disse ele.

Ela fez que sim e levantou os braços, mas não falou nada. Ele a levantou e ficou chocado

com a leveza. Ela não pesava quase nada. Seus ombros e costelas se destacavam em alguns

lugares embaixo do vestido escolar de algodão. Ele teve cuidado para não tocar no joelho

machucado, e quando ela se segurou nele, colocou a perna para a frente, devagar, para

proteger o curativo.

No andar de baixo, a ansiedade de Beverley parecia ter se manifestado através da fome.

Estava sentada na sala de estar, comendo sanduíches de pepino e conversando animadamente.

Quando Byron apareceu com Jeanie, ela assentiu impacientemente e continuou falando.

Perguntou a Diana onde comprou os móveis, se preferia pratos de porcelana ou de plástico,

quem era sua cabeleireira. Perguntou a marca do gramofone. Diana estava satisfeita com a

qualidade? Sabia que nem todos os produtos eletrônicos eram feitos na Inglaterra? A mãe

sorriu educadamente e disse que não sabia disso, não. O futuro estava nas importações, disse

Beverley, agora que a economia estava um caos tão grande.

Comentou sobre a qualidade das cortinas de Diana. Dos carpetes, da lareira elétrica.

— Você tem uma casa adorável — disse ela, apontando com o sanduíche para os novos

abajures de vidro. — Mas eu não conseguiria morar aqui. Ficaria com medo de invadirem a

casa. Você tem coisas tão bonitas. Eu sou da cidade.

A mãe sorriu. Também era da cidade, disse ela.

— Mas meu marido gosta do interior. E enfim — disse ela, pegando o copo e mexendo os

cubos de gelo —, ele tem uma arma. Para emergências. Fica embaixo da cama.

Beverley ficou alarmada.

— Ele atira?

— Não. Ele só tem a arma. Tem um blazer e um chapéu de caça também. Vai para a

Escócia caçar com os colegas do trabalho, todos os anos, em agosto, mas odeia. Fica todo

picado de mosquito. Os mosquitos o amam.

As mulheres ficaram em silêncio por um momento. Beverley analisou a casca de outro

sanduíche, e Diana observou seu copo.

— Ele me parece um bom partido — disse Beverley.

Uma gargalhada inesperada veio da mãe. Olhou para Byron e escondeu o rosto.

— Eu não devia rir, eu não devia rir — falou e continuou gargalhando.

— Você tem que rir. E eu acho que prefiro bater na cabeça de um invasor. Com um martelo

ou alguma coisa assim.

— Ai, que engraçado — disse Diana, secando os olhos.

Byron pegou o caderno. Reportou que o pai tinha uma arma de fogo e que Beverley

possivelmente tinha um martelo. Gostaria de comer um dos sanduíches; estavam cortados em

triângulos do tamanho de seu polegar, mas Beverley parecia achar que eram todos para ela.

Tinha o prato no colo e mordia cada sanduíche antes de descartá-lo e comer outro. Mesmo

quando Jeanie segurou seu braço e pediu para ir para casa, ela continuou comendo. Ele

desenhou um diagrama para James, mostrando a perna da menininha e o local do curativo. Fez

referências precisas ao horário, mas sentiu-se decepcionado quando começou a registrar a

conversa. Para uma amizade nova, parecia pender para o lado mórbido, embora tivesse que

admitir que nunca vira a mãe rir como riu quando Beverley chamou o pai de bom partido. Essa

parte ele não escreveu.

Escreveu: “Beverley falou três vezes que DH tem sorte. Às 5h15 disse ‘Eu gostaria de ter

feito alguma coisa com a minha vida, como você’.”

Beverley também falou para Diana que no futuro ela teria de pensar grande se quisesse

envelhecer bem, mas sua mão estava cansada e ele resolveu desenhar uma planta da sala.

Enquanto isso, Beverley pediu um cinzeiro e pegou um maço de cigarros no bolso. Quando

Diana colocou um pequeno pote envernizado de argila ao lado de Beverley, ela o girou.

— Parece estrangeiro — disse, examinando a superfície áspera na base. — Interessante.

Diana explicou que era da família do marido. Ele foi criado na Birmânia, disse ela, antes

de as coisas se complicarem. Beverley resmungou alguma coisa sobre os velhos tempos do

Império, mas a mãe não escutou porque estava pegando um isqueiro fino folheado a ouro.

Enquanto ela o estendia e acendia a chama, Beverley sugou o filtro e disse com um sorriso:

— Você nunca vai adivinhar o que meu pai era.

Antes que Diana respondesse, ela soltou uma nuvem de fumaça e riu.

— Um vigário. Sou filha de um vigário e olha o que aconteceu. Grávida aos 23.

Casamento civil, não teve nem festa.

No final da tarde, Diana ofereceu uma carona ao centro da cidade, mas Beverley recusou.

Ao caminharem até a porta, Beverley agradeceu muito pelas bebidas e pelos sanduíches. Foi

quando Diana disse “Mas e a perna dela?” que Jeanie titubeou e começou a movê-la como se

fosse de madeira.

Mexendo no chapéu, Beverley insistiu que pegariam o ônibus. Diana já havia feito mais do

que o suficiente; ela não tomaria mais de seu tempo precioso. E quando Diana disse que seu

tempo não era precioso — agora que estavam de férias ela não tinha ideia do que fazer —,

Beverley deu uma risada que era como a do pai de Byron, como se ela estivesse tentando

segurá-la, mas sem sucesso. “Quem sabe na semana que vem?”, disse ela. Agradeceu Diana

novamente pelo chá e pela meia-calça Pretty Polly. Ela seria lavada e devolvida na segunda-

feira.

— Tchau, tchau! — disse Diana acenando nos degraus da frente e depois entrando em

casa.

Ele não teve certeza, mas achou que viu Beverley fazer uma pausa quando passou pelo

Jaguar. Ela pareceu analisar o capô, as portas, as rodas — como se tivesse visto alguma coisa

interessante e estivesse guardando-a na memória.

Depois da visita, Diana ficou de bom humor. Byron a ajudou a lavar os pratos e copos, e ela

disse que tinha gostado muito da tarde. Mais do que esperava, disse ela.

— Conheci uma mulher que sabia dançar flamenco. Tinha o vestido e tudo o mais. Você

devia ter visto. Colocava a mão assim e batia o pé, era a coisa mais linda. — A mãe colocou a

mão em um arco acima da cabeça. Bateu o pé várias vezes, os saltos chiaram. Ele nunca a vira

dançando daquela forma.

— Como você conheceu essa mulher?

— Ah — disse ela, abaixando os braços e pegando a toalha de chá. — Isso está no

passado. Não sei por que me lembrei dela.

Guardou os pratos secos na cristaleira e fechou a porta com um clique, e foi como se a

versão dançante da mãe também tivesse sido trancada no móvel. Talvez sua nova felicidade

tivesse a ver com a visita de Beverley. Agora que James estava envolvido, tudo havia tomado

uma direção melhor. A mãe foi pegar jornal para fazer uma fogueira.

— Você não viu meu isqueiro, viu? — disse ela. — Não lembro onde deixei.



Procurando coisas pequenas

O CARRO DE Eileen está estacionado embaixo de uma placa que diz “Proibido Estacionar”. Jim

só percebe que é o carro dela quando já está na rua. O pânico lhe causa arrepios da nuca até a

parte de trás dos joelhos. Tenta voltar, mas a porta dos funcionários já está travada.

O único jeito é fingir ser outra pessoa. Uma pessoa sem um pé engessado, por exemplo.

Eileen olha diretamente para ele e seu rosto se abre em um sorriso ansioso e feliz de

reconhecimento. Acena. Ele claramente precisa de outra tática. Tem que fingir que ela é outra

pessoa e que nunca a conheceu.

Cuidadosamente, Jim olha para outras coisas no escuro — os carrinhos enfileirados, o

ponto de ônibus, o caixa eletrônico. Analisa cada um como se os achasse tão

extremamente

interessantes que não tem como registrar nada mais ao redor, e como se precisasse continuar

olhando por mais horas. Cantarola para dar mais autenticidade à aparência distraída. E

enquanto analisa esses objetos inanimados extremamente interessantes, o que vê de fato é

Eileen. A imagem dela está estampada em seus olhos. É tudo o que existe. O casaco verde. Os

cabelos de chamas. O sorriso radiante. É como se ela estivesse falando com ele.

Jim encontra um ponto muito interessante na calçada. Ele se abaixa para olhar mais de

perto. Depois demonstra ter visto outro ponto interessante alguns passos adiante. Se continuar

assim, se conseguir seguir a trilha de pontos interessantes, vai acabar atravessando o

estacionamento.

Já está ao lado do carro dela. Sem virar o rosto, ele sente por todo o lado esquerdo do

corpo que ela já o viu e está observando. Ele está tonto pela proximidade dela. E então,

prestes a ficar a salvo, ele se esquece de que os pontos extremamente interessantes são

baseados no solo e olha para cima sem querer. Seus olhos encontram os de Eileen diretamente.

A porta do carro se abre e ela sai pelo lado do passageiro.

— Perdeu alguma coisa, Jim?

— Ah, oi, Eileen — diz ele. — Não vi você tão perto de mim sentada no seu carro.

Não consegue imaginar por que falou isso, visto que agora ficou claro que ele a

reconheceu de cara. Tenta correr para a entrada principal do supermercado, mas percebe que

só consegue mancar. Infelizmente, Eileen também percebe. Ela vê tudo. O pé engessado. A

meia de plástico.

— Jim — exclama ela. — O que houve?

— N-n-n... — Ele não consegue falar. Não consegue dizer a palavra, e é bem pequena. Ela

fica esperando. E enquanto ele tenta alcançar a palavra, boca preparada, queixo batendo no ar,

sente-se um miserável. É como tentar dizer palavras que sua boca não consegue produzir.

— Como você vai para casa? — diz ela. Pelo menos não passou no pé dele com o carro.

— Quer uma carona?

— O se-se-senhor Meade.

Eileen assente. Não diz nada, nem Jim. A pausa se prolonga e vira alguma coisa mais

sólida.

— Quer ajuda? — diz ela finalmente. — Para procurar o que você está procurando? —

Iluminados pela luz de segurança do estacionamento, ele vê que os olhos dela são da cor da

flor jacinto. O azul é quase chocante. Como não notou isso antes?

— Sim — diz ele. É a palavra errada. Quis dizer não. Não, você não deve me ajudar. Ele

para de encarar nos olhos dela e foca o chão de novo. Ali embaixo com certeza vai ser mais

seguro.

Ah, mas os pés dela são tão pequenos. Usa sapatos marrons de couro com laços e pontas

quadradas, e eles brilham sob a luz do poste. Ela amarrou os laços como pétalas de flores.

— Qual o tamanho?

Ele não faz ideia do que ela está falando. Está pensando naqueles pés pequenos. São tão

perfeitos que partem o coração.

— Oi?

— O tamanho do que estamos procurando.

— Ah — diz ele. — Pequeno. — É a primeira coisa que vem à cabeça porque ele ainda

está ocupado com os pés dela. Ele tem que parar de olhar para eles. Tem que levantar o rosto.

Eileen abre um sorriso largo e descomplicado. Seus dentes são tão bonitos quanto os pés.

Saber disso o assusta tanto que ele tenta olhar para outra parte dela. Alguma parte superior

neutra. E então percebe com outra onda de pavor que a tal parte que seus olhos focam é o seio

esquerdo. Ou seu formato; é como um montinho firme e macio dentro do casaco verde

amarrotado.

— Tem certeza de que está bem, Jim? — diz Eileen.

Para o alívio dele, um homem de meia-idade, vestindo um terno, passa apressadamente

entre eles com um carrinho. Está falando no celular. Jim e Eileen se afastam rapidamente,

como se tivessem sido descobertos fazendo alguma coisa errada.

— Com licença, vocês dois — diz o homem. Fala como se fossem um casal. Jim sente um

pulsar de animação.

O homem com o carrinho parece levar muito tempo para passar. Ele o entupiu de garrafas

e compras de Natal, e em cima de tudo equilibrou um buquê de lírios em um embrulho

plástico. O carrinho agarra toda hora nas fissuras da calçada. O buquê desliza do carrinho e

para nos pés de Jim. O homem segue andando.

Ao ver os lírios, o coração de Jim bate forte no peito. As pétalas são tão brancas, tão

macias, que brilham. Ele sente o cheiro deles. Não sabe se está incrivelmente feliz ou

incrivelmente triste. Talvez os dois. Às vezes as coisas são assim como um sinal

vindo de

outra parte da vida, de outro contexto, como se momentos aleatórios do passado e do presente

pudessem se unir e tomar outro significado. Ele vê uma igreja cheia de lírios, de muito tempo

atrás, e vê também o casaco que Eileen derrubou da cadeira dias antes. As memórias

desconexas são unidas, misturadas naquele momento pelas flores caídas aos seus pés. Ele nem

pensa; abaixa-se e pega as flores.

— Aqui — diz ele, dando o buquê para o homem. Gostaria de dá-lo para Eileen.

O homem se foi, e o espaço entre Jim e Eileen parece tão vivo que poderia fazer algum

barulho.

— Odeio flores — diz Eileen por fim. — Quer dizer, gosto delas no chão. Quando estão

crescendo. Não entendo por que as pessoas dão flores cortadas umas para as outras. Estão

morrendo. Eu prefiro ganhar coisas úteis. Canetas ou coisas desse tipo.

Jim tenta assentir de forma educada para sugerir que está interessado, mas não tanto. Não

sabe para onde olhar. Para a boca de Eileen. Para os olhos. Os cabelos. Ele se pergunta se ela

prefere esferográficas ou tinteiras.

Eileen ergue os ombros.

— Não que as pessoas me deem flores — diz ela. — Ou canetas.

— Não. — É apenas quando diz a palavra que percebe que não é a que quer.

— Eu falo demais.

— Sim. — De novo. Palavra errada.

— Tem certeza de que não quer uma carona? A gente pode parar e tomar um drinque no

caminho.

— Obrigado — diz ele. E com um susto ele se dá conta do que ela falou. Ela o chamou

para beber.

Mas talvez ele tenha compreendido mal, talvez ela tenha dito outra coisa como "Estou

doida por um drinque", porque agora é Eileen quem abaixa a cabeça e vasculha o chão. Ele se

pergunta se ela também perdeu alguma coisa e então lembra que não perdeu nada, está apenas

fingindo. Agora estão lado a lado, quase se tocando, mas ainda não, ambos procurando por

coisas que talvez estejam ali, talvez não.

— Qual é o tamanho da sua? — pergunta ele.

— A minha o quê?

— Perdeu alguma coisa também?

— Ah — diz ela, corando. — Pois é. A coisa que eu perdi também é bem pequena. É

minúscula. A gente não vai achar.

— Mas que pena.

— O quê? — De repente, é Eileen que parece não saber para onde olhar. Seus olhos azuis

estão em todos os cantos. Passando pela boca de Jim. Pelos cabelos. Pelo casaco.

— É uma pena perder coisas.

— Ah, sim — diz ela. — Droga.

Ele não sabe se as palavras que estão usando dizem o que eles querem dizer, ou se

tomaram novos sentidos. Estão falando sobre nada, afinal de contas. E, no entanto, essas

palavras, esses nadas são tudo o que têm, e ele gostaria que existissem vários dicionários com

elas.

— O negócio é que eu perco coisas o tempo todo — fala Eileen. — Minha bolsa. Minhas

chaves. Sabe uma coisa que odeio muito?

— Não. — Ele só está sorrindo porque ela está sorrindo. Ainda não é engraçado. Vai ser.

— Quando as pessoas dizem “Onde você perdeu?”. — A gargalhada de Eileen cresce,

fazendo com que seus ombros tremam e os olhos fiquem molhados. Ela seca os olhos com os

dedos. — Porra. Que pergunta idiota. — Ela não usa aliança. — Mas na verdade eu já perdi

coisas grandes também.

— Ah. — diz Jim. Não consegue pensar em outra resposta.

— Não estou falando de coisas pequenas como carro ou dinheiro. — Ele tem consciência

de que precisa correr mentalmente para manter o ritmo dela. Carro e dinheiro não lhe parecem

pequenos. Ela fala, de repente: — Para ser sincera, às vezes não sei como continuar. Entende?

Ele diz que sim, entende.

— Não consigo me levantar. Não consigo falar. Não consigo nem escovar os dentes.

Espero que você não se importe por eu contar isso.

— Não.

— É uma linha tênue. É uma linha tênue entre as pessoas em Besley Hill e as pessoas aqui

fora.

Ela ri novamente, mas ele não sabe mais se Eileen está fazendo graça. Voltam a olhar para

o chão.

— Então talvez seja melhor continuar procurando? — diz ela. — Procurando por sei lá o

que estamos procurando. Não é, Jim? — E enquanto caminham de um lado para o outro com a

cabeça abaixada, ele está ciente da mulher quadrada ao seu lado. Ele se pergunta se seus

olhares estão se encontrando no chão, se o feixe da visão dele e o feixe da visão dela estão

fazendo contato em um ponto unificante. Pensar nisso faz seu pulso disparar. Embaixo dos pés

compridos dele, e dos pequenos dela, as pedras congeladas da rua brilham como se tivessem

sido decoradas com paetês. Ele nunca achou um chão tão bonito.

Um grito interrompe e Paula se aproxima com Darren correndo atrás dela.

— Eu não acredito nisso — grita Paula. — Você já não causou problemas demais, não?

Eileen se vira. Ela se mantém sólida dentro do casaco verde.

— Primeiro você o atropela — berra Paula —, agora fica perseguindo Jim. Ele está

fazendo terapia por sua culpa.

O queixo de Eileen cai. Ele quase consegue escutar o ruído da queda. O que mais o

surpreende, no entanto, é que ela não xinga. Olha para Jim como se ele tivesse mudado, como

se partes dele tivessem trocado de lugar.

— Como assim atropelar? — diz ela devagar. — Como assim terapia?

— Depois que você deu marcha a ré em cima dele, ele teve que ir para o hospital. Você é

uma desgraça. Não pode dirigir.

Eileen não responde. Fica parada assimilando as palavras de Paula sem retaliar, sem

piscar. É como assistir a um boxeador campeão na televisão e esperar por um soco arrasador,

até se dar conta de que ele não vai fazer nada. É como ver o outro lado do boxeador campeão,

o lado frágil e humano que deveria estar em casa na poltrona ao seu lado; é uma sensação

desconfortável.

— Ele podia processar você — grita Paula. — Você devia ser presa.

Eileen olha para Jim de um jeito confuso que é tão doce, tão infantil, que ele não consegue

encará-la. Ele, de repente, não quer estar ali. Queria estar no trailer. Mas, antes de conseguir

se mover, Eileen se afasta dele, de Paula e de Darren e quase corre para o carro. Nem grita um

adeus. Ela gira a chave da ignição e o carro avança, engasgando.

— Ela ainda está com o freio de mão puxado — diz Darren.

Como se Eileen tivesse escutado, o carro para de repente e depois sai deslizando do

estacionamento congelado. A Lua não está cheia, mas brilha em um semicírculo, produzindo

uma luz verde amarelada no escuro. A charneca brilha tanto que parece conter pequenos

sussurros.

Ele não vai pegar carona com Eileen. Eles não vão beber. Ele pensa brevemente em como

ela ficou quieta quando falou sobre perder as coisas, como olhou e não disse

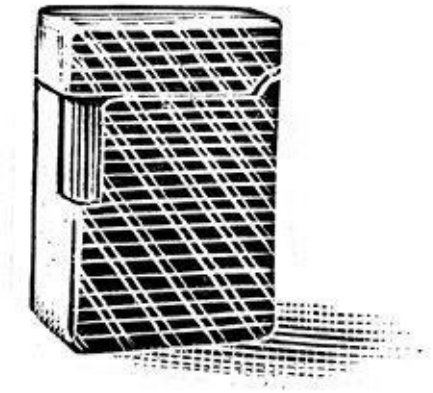
nada enquanto

Paula gritava. Foi como encontrar Eileen usando roupas totalmente diferentes, roupas leves de

verão.

Jim se perguntou se ela teria mesmo perdido alguma coisa no chão. E depois pensa que se

tivesse perdido, ele gostaria de passar a eternidade encontrando.



Amizade

— VOCÊ TEM QUE mostrar para Beverley que você sabe que ela roubou o isqueiro da sua mãe

— disse James ao telefone.

— Mas eu não tenho certeza — falou Byron. — E por que o isqueiro é tão importante?

— Porque ele nos diz mais coisas sobre o tipo de pessoa que Beverley é. Por isso você

tem que fazer o que eu digo. O que você vai fazer se chama invocar o blefe. Se ela não roubou

o isqueiro, não vai entender o que você está falando e aí você disfarça. Pode

dizer “Erro meu,

erro meu”. Mas, se ela for culpada, vai dar sinais e você vai saber a verdade. — James ditou

os Sinais de Culpa em ordem alfabética. Dentre eles estavam: Corar. Movimentos Nervosos

com as Mãos. Não Olhar para os Outros nos Olhos.

— Mas ela já faz essas coisas — disse Byron.

James confirmou que ficou feliz pelas duas mulheres terem se encontrado novamente, e que

mais encontros deviam ser incentivados para que evidências fossem coletadas quanto ao

joelho de Jeanie. Disse também que as coisas estavam bem calmas no fim de semana. Os pais

tinham ido a um queijos e vinhos no Rotary Club.

Beverley passou todas as tardes da semana seguinte em Cranham House. As crianças a

encontravam frequentemente sentada à mesa da cozinha, folheando as revistas de Diana.

Contudo, apesar das suspeitas de James em relação a Beverley e o isqueiro, a nova amizade

deixou Diana claramente feliz. Disse mais de uma vez que não faria mal. Quando Byron

perguntou o que queria dizer com isso, ela ergueu os ombros como se estivesse se livrando de

um casaco. Só queria dizer que não deviam mencionar aquilo para o pai, disse ela.

Ele não entendia por que o pai não aprovaria. Byron escutava as gargalhadas das mulheres

nas espreguiçadeiras, ou em algum cômodo interno, caso estivesse chovendo. Era verdade que

a amizade começara rapidamente e em um local inusitado, mas ele não via problema em ser

feliz. Sentia-se orgulhoso por James e ele terem unido as duas. Às vezes ele passava por elas

com o caderno de James e estavam tão entretidas na conversa que a mãe nem olhava para ele.

Beverley sempre comentava como ela era gentil, como era linda, como era diferente das

outras mães da Winston House. Era tudo verdade; parecia natural que ela se tornasse a

confidente da mãe. Ele também teve o cuidado de perguntar sobre Jeanie, mas Beverley nunca

a levava. Walt podia cuidar um pouco dela, dizia. O joelho estava quase curado; os dois

pontos sairiam em breve.

— Tudo terminou da melhor forma — disse ela sorrindo para a mãe.

Enquanto isso, Diana estava tão distraída por sua convidada — pegando bebidas,

escutando suas histórias, fornecendo pequenos pratos com canapés, sem mencionar passando o

aspirador depois das visitas, arejando os cômodos, afofando as almofadas, limpando cinzeiros

e dando fim às garrafas vazias de licor de gemada que ela começara a oferecer

— que não

havia tempo para pensar na calota. Era como se toda vez que Beverley fizesse uma visita, a

mãe ficasse tão ocupada se livrando de um conjunto de provas que acabava se esquecendo do

outro. E talvez isso também fosse bom para ela.

Quando o pai ligava pela manhã, ela repetia as mesmas frases de sempre; que não havia

ninguém na casa, que era claro que ele tinha a atenção total dela. À noite, dizia que eles

passaram o dia como sempre passavam. As férias estavam indo bem.

Como não estavam tendo aulas, James e Byron escreviam um para o outro e se

telefonavam frequentemente. A mãe não questionou o fato; afinal de contas, sabia que eram

amigos. Sabia que Byron gostava de escrever cartas. Ele se sentava nas escadas da frente

todas as manhãs, esperando pelo carteiro. Quando a correspondência de James chegava, ele

corria com ela para o quarto. Lia a carta várias vezes e as guardava na caixa com as da rainha

e do sr. Roy Castle. Enquanto isso, preenchia páginas e mais páginas do caderno da Operação.

Descreveu, em certa ocasião, como as mulheres riram 32 vezes e como a mãe pegou o cigarro

em sua bolsa. “*Minha mãe usou fósforos para acender os cigarros*”, leu ao telefone. “*E meu*

pai não gosta de mulheres fumando.” (“QUANDO VOCÊ VAI MENCIONAR A QUESTÃO

DO ISQUEIRO?” questionou James.) Em outra ocasião, Byron registrou que a mãe ofereceu

um prato de biscoitos Party Rings. “*Beverley comeu tudo e nem compartilhou. Ela não come*

fruta. Não bebe chá. Ontem ela acabou com o Sunquick, não sobrou nada para nosso café

da manhã.” Novamente, James disse “Você tem que confrontar Beverley sobre o isqueiro de

sua mãe.”

Era evidente que Beverley gostava da mãe de Byron. Falava sem parar. Perguntava sobre

as outras mães da Winston House; havia formado uma opinião dura sobre elas, apenas por

conta daquele encontro difícil no salão de chá. Enquanto Diana respondia — explicando sobre

a política de direita de Andrea ou o casamento difícil de Deirdre —, ela a observava com um

sorriso, como se as mães fossem parte de um filme ou de um livro. Quando Diana enroscava

uma mecha de cabelo nos dedos, por exemplo, a mão de Beverley ia logo para seus próprios

cabelos e fazia o mesmo. Contou para Diana que odiou ir para a Escola da Igreja da Inglaterra

quando era adolescente; que foi reprovada em todos os exames. Descreveu que certa vez o pai

a encontrou com um menino no quarto e o jogou pela janela. Falou sobre fugir quando tinha 16

anos, que tinha planos de trabalhar em um bar, que nada disso aconteceu. Falou sobre homens

e sobre como sempre lhe decepcionavam.

— Mas Walt parece ser um homem bom — disse a mãe.

— Ah, Walt — disse Beverley revirando os olhos. — Eu não sou como você, Diana. Não

sou deslumbrante.

A mãe de Byron elogiou os cabelos negros dela, as maçãs do rosto, a pele, mas Beverley

gargalhou como se ambas soubessem que não era bem assim.

— Eu tenho que aceitar o que posso ter. Mas um dia... Você vai ver, Di... Um dia eu sigo

em frente.

Ele gostaria muito que ela não abreviasse o nome da mãe. Era como parti-la ao meio.

Quando as mulheres não estavam tomando banho de Sol ou conversando na sala de estar,

ficavam no quarto da mãe. Era mais difícil ter desculpas para segui-las para lá, e às vezes ele

temia que Beverley fizesse isso deliberadamente para tirá-lo do caminho. Ele tinha que ficar

sentado do lado de fora ou fingir que queria alguma coisa. Beverley se sentava na frente do

espelho da penteadeira enquanto Diana enrolava seus cabelos e fazia suas unhas.

Uma vez ela

contornou os olhos de Beverley com uma linha líquida e negra e pintou-lhe as pálpebras com

tons diversos de dourado e verde, de modo que ela parecesse uma rainha.

— Você parece profissional — disse Beverley olhando para o espelho enquanto Diana

simplesmente limpava os pincéis e dizia que tinha aprendido ao longo do tempo. Então a mãe

comentou que vermelho não era a cor de Beverley, o que ela achava de batom cor-de-rosa, e

Beverley disse:

— Eu estava horrível, não estava? Naquele dia que encontrei você na loja de

departamento. Por isso aquelas mulheres riram.

A mãe balançou a cabeça. Ninguém riu, disse ela, mas Beverley lhe lançou um olhar que

era como enfiar uma faca na manteiga.

— Elas riram, Diana. Acharam que eu era um nada. Não tem como esquecer uma

humilhação daquelas.

Pelo meio da semana ficou claro que Lucy não gostava de Beverley, e era possível que

Beverley sentisse o mesmo. Ela falou para as crianças que tinham muita sorte por crescerem

em uma casa grande e linda como Cranham House. Eles deviam ser gratos, disse ela; Jeanie

daria o braço direito para morar em um lugar como aquele. Lucy falava bem pouco, ficava

apenas de pé ao lado da mãe, emburrada.

— Você devia ter cuidado — avisou Beverley. — O vento pode passar e seu rosto vai

paralisar para sempre. — Às vezes Byron esquecia que ela era mãe. (“Meu rosto não vai

paralisar, vai?”, ele ouviu Lucy perguntar para Diana, mais tarde, no banho. Beverley estava

brincando, disse a mãe.)

Ele ouviu Beverley falando para Diana que ela era boa demais, deixava os filhos

comandarem, estava surpresa por Diana não ter alguém para ajudar. Um jardineiro. Um

cozinheiro. Pessoas desse tipo. E então o ar quase estalou antes de ela adicionar:

— Ou um motorista, talvez. Porque é assim que os acidentes acontecem, sabia? Quando as

pessoas fazem coisas demais.

As mulheres estavam sentadas na sala de estar quando começaram a conversar sobre trabalho.

— Eu sempre quis ser uma daquelas revendedoras da Avon — disse Beverley. — Queria

uma daquelas pastas vermelhas com todos os pincéis e potes. E aquele uniforme vermelho

lindo. Mas foram minhas mãos. Eu não consegui por causa das minhas mãos.

— Suas mãos são muito bonitas, Beverley. — Isso não era exatamente verdade, mas a mãe

dele era assim. Via coisas boas nas pessoas e às vezes as via quando não existiam.

— Não tem a ver com a aparência das minhas mãos — disse Beverley com um pouco de

impaciência. — É minha artrite. Às vezes não consigo mover os dedos, dói muito. Ou eles

ficam paralisados. Ficam assim. — Ela levantou a mão e Byron teve que erguer os olhos para

ver os dedos de Beverly dobrados como garras endurecidas. Ele compreendeu por que ela

preferia que as pessoas não vissem aquilo. — Mas você podia ter sido uma revendedora da

Avon, Diana. Ficaria linda naquele uniforme vermelho. Podia ter sido gerente se quisesse.

Teria sido perfeita.

Diana deu os ombros e sorriu.

— Eu não posso trabalhar.

— Não pode trabalhar? Qual problema você tem?

— Não é por nenhum problema. É por Seymour. Na visão dele, as mulheres devem ficar

em casa com os filhos. Eu tinha um emprego antes de conhecê-lo, mas não poderia trabalhar

agora.

— Que tipo de emprego?

— Ah — disse Diana. Riu e pegou o copo.

Beverley franziu o rosto, como se não aceitasse que um homem ditasse se ela podia ou não

trabalhar. Foi uma expressão estranha, e Byron não conseguiu discernir se era de

solidariedade pela mãe ou desdém pelo pai, ou desdém por ambos e solidariedade apenas por

si mesma. Tentou rascunhar a expressão para mostrá-la para James, mas desenhar não era seu

forte, então ela ficou parecendo um pequeno animal. Ele teve que desenhar orelhas e bigodes,

e fingir para James que viu um gato passando.

No telefone, James concordou que Diana podia ser uma revendedora da Avon se quisesse.

Perguntou se conversaram mais sobre os dois pontos, e Byron disse que não. Ainda estava

anotando tudo, com datas e horários e referências exatas a locais; era como estudar história na

escola.

— Mas a história não é verdadeira — disse James. — Se você pensar bem, é apenas algo

que alguém contou.

Byron comentou que se estava impresso no livro de história, então devia ser verdade.

James discordou novamente.

— E se as pessoas que escreveram nossos livro de história não viram a cena toda? E se

mentiram?

— Por que mentiriam para a gente?

— Para que fique mais fácil de entender. Para fazer com que pareça que uma coisa leva à

outra.

— Você está dizendo que a história é a mesma coisa que a mulher no circo que tem o pé

cortado?

James riu tanto que Byron achou que ele havia derrubado o telefone. Byron teve que ficar

sussurrando o nome dele. Então James perguntou se ele já havia mencionado a questão do

isqueiro, e Byron disse que estava chegando lá, apenas não sabia como começar o assunto.

James deu um suspiro curto para indicar que estava prestes a ser bastante sensato.

— Tem uma caneta? — Ele ditou as palavras exatas que Byron devia usar.

A oportunidade finalmente apareceu na sexta-feira à tarde. As mulheres estavam tomando

banho de Sol nas espreguiçadeiras. Diana arrumou a mesa com drinques e espetos com

linguiça, além de fatias de aipo com queijo cremoso. Vestia um maiô azul, mas Beverley rolou

o vestido e as mangas para cima, expondo uma carne magra tão branca que brilhava ao Sol.

— Eu queria viajar — disse Diana. — Tem tanta coisa que gostaria de ver. O deserto, por

exemplo. Eu vi em um filme uma vez. Queria sentir um calor de verdade em minha pele e

sentir sede de verdade.

— Mas tem calor na Inglaterra — disse Beverley se abanando com a mão. — Por que

você quer ir ao deserto?

— Para ser diferente. Estou falando de calor de verdade. Calor de queimar o corpo.

— Você poderia ir à Espanha — disse Beverley. — Tem dinheiro para isso. Conheço uma

pessoa que foi à Espanha e voltou com um bronzeado maravilhoso. Tem que tomar remédio

antes de ir, porque a água para beber é suja e não tem banheiro lá, só buracos no chão. Mas

minha amiga voltou com um burro de pelúcia. Tinha um daqueles chapéus. Como chama?

Aqueles chapéus espanhóis?

Diana sorriu, mas claramente não sabia a resposta.

— Eles têm um nome engraçado.

— Você quer dizer um *sombrero*? — perguntou Byron. Beverley continuou falando como

se ele não tivesse dito nada.

— Era do tamanho de uma criança. O burro, não o chapéu. Ela botou o burro na sala de

entrada. Eu adoraria ter um burro com *sombrero*.

A mãe mordeu o lábio. Os olhos dela brilhavam. Ele sabia o que ela estava pensando.

Sabia que ela já queria achar o tal burro para Beverley.

— Mas, enfim, seu marido não vai deixar — disse Beverley. — Não vai deixar você ir ao

deserto. Nem à Espanha. Você sabe o que ele diria. — Ela encheu o peito e grudou o queixo

no pescoço. Não era uma imitação muito legítima do pai, afinal de contas, ela não o conhecia,

mas havia algo que lembrava Seymour na forma como ela se sentou bem ereta e dura. — Não

vou me misturar com imigrantes — urrou ela. — Nem comer comida de imigrante. — Era

exatamente o que o pai diria.

Diana sorriu.

— Você é terrível.

— Mas gosto de você.

— O quê?

— Falam assim na televisão. Você não assiste à televisão?

— De vez em quando vejo o noticiário na BBC1.

— Meu Deus. Você é tão chique que nem sabe, Di. — Beverley riu, mas soou tensa; assim

como soou quando disse para Walt que ele havia se esquecido do machucado de Jeanie na

primeira visita a Digby Road.

— Eu não sou nada chique — disse a mãe baixinho. — Você não devia julgar as pessoas

pelas aparências. E, por favor, não me chame de Di. Minha mãe me chamava assim, e eu não

gosto.

Beverley revirou os olhos.

— Uuuh — cantarolou. — Olha ela. — Fez uma pausa, parecendo calcular se devia dizer

o que tinha em mente. Riu como se tivesse pensado melhor sobre ser reticente. — Você é tão

chique que achou que não precisava parar para minha filhinha. Achou o mês inteiro que podia

se safar.

A mãe se sentou ereta. Por alguns instantes, nenhuma das duas cedeu. Diana sustentou o

olhar de Beverley por tempo suficiente para que ela soubesse que entendia as implicações

exatas das palavras. Beverley a encarou de volta como se não tivesse intenção de retirar o que

disse. Havia quase violência no ar. Então a mãe abaixou a cabeça. Foi como vê-la sendo

nocauteada, embora não fosse o caso, é claro, pois estava lado a lado com Beverley na nova

espreguiçadeira de plástico. Beverley continuou a observar Diana com aquele olhar punitivo.

Byron falou rapidamente.

— Onde será que está o isqueiro? — Não pensou. Apenas queria que Beverley libertasse

sua mãe.

— Que foi? — disse Diana.

— Você quer que eu busque? Seu isqueiro? Ou... ou ainda está perdido?

— Mas não estamos fumando — disse Beverley. Ele mal conseguia olhar para ela. — Por

que pediríamos o isqueiro?

Foi apenas no decorrer da conversa que Byron percebeu que James não havia prescrito o

que as outras pessoas diriam. Não havia outro jeito a não ser continuar e torcer pelo melhor.

— Não vejo o isqueiro há uma semana — disse ele.

— Bem, deve estar em algum lugar — disse Diana vagamente. — Atrás de alguma cadeira

ou alguma coisa assim.

— Eu procurei pela casa toda e não está. Será — ele falou especificamente para os dedos

dos pés de Beverley — que alguém o roubou?

— Roubou? — repetiu Diana.

— Colocou o isqueiro na bolsa sem querer?

Houve uma pausa. O Sol castigava sua cabeça.

— Ele está falando comigo? — falou Beverley bem devagar. Mesmo sem olhar para ela,

Byron soube que seus olhos estavam nele.

A mãe quase gritou.

— É claro que não! — Ela saiu rapidamente da espreguiçadeira e começou a alisar a

toalha, embora não tivesse nenhum amassado visível; a toalha estivera macia e azul embaixo

da mãe. — Byron, entre. Faça outra jarra de Sunquick para Beverley. — Ele sentiu como se os

chinelos estivessem colados ao chão. Não conseguia se mexer.

— Eu nunca roubaria de você, Diana — disse Beverley baixinho. — Não sei por que ele

diria isso.

A mãe ficou repetindo “Eu sei, eu sei, eu sei” e “Ele não está dizendo isso, não está, não

está”.

— Talvez fosse melhor eu ir?

— É claro que não é melhor você ir.

— Ninguém nunca me acusou de roubo.

— Não foi o que ele quis dizer. E enfim, o isqueiro não é nada. Foi barato.

— Só porque moro em Digby Road não quer dizer que roubo as coisas. Eu nem estava

com minha bolsa de mão quando você perdeu o isqueiro. Eu a deixei no hall.

A mãe dele estava andando apressada pegando tigelas e recolocando-as no mesmo lugar,

endireitando as cadeiras de plástico, tirando filetes de grama do meio das pedras. Se tinha

alguém mostrando Sinais de Culpa, era ela.

— Erro meu, erro meu, erro meu — repetiu ele com tristeza, mas era tarde demais.

— Vou ao banheiro — disse Beverley e pegou o chapéu.

Quando saiu, a mãe se virou para Byron. Estava tão chocada que seu rosto estava

pontiagudo. Não falou nada, apenas balançou a cabeça como se não compreendesse mais quem

ele era.

O terraço tremeu e os olhos dele se encheram de lágrimas. No jardim, todas as árvores

frutíferas e flores cresciam, abriam e criavam novas pontas. Até mesmo a charneca

transbordava para céu. Então Beverley apareceu nas portas francesas, rindo.

— Encontrei! — disse ela. Mostrou o isqueiro entre os dedos; ele brilhou ao Sol. — Você

tinha razão, Diana. Estava atrás do seu sofá.

Ela passou entre Byron e Diana e pegou o protetor solar na mesa. Fez um amontoado do

tamanho de um botão na palma da mão e ofereceu de passar o protetor nos ombros de Diana.

Mencionou alguma coisa sobre a aparência dela, sobre como Diana tinha sorte, mas não fez

nenhuma outra referência ao isqueiro ou ao que aconteceu em Digby Road.

— Você tem uma pele tão linda e macia. Mas tem que ter cuidado com sua cor. Está

ficando queimada. Se eu for à Espanha algum dia, vou comprar um daqueles chapéus

espanhóis gigantescos e engraçados.

Dessa vez, Byron não a corrigiu.

Naquele fim de semana, as coisas pioraram. O pai estava com um humor estranho. Ficou

abrindo gavetas, checando armários, vasculhando papéis. Quando Diana perguntou se ele tinha

perdido alguma coisa, ele olhou para ela e disse que ela sabia o que ele estava procurando.

— Não sei — gaguejou ela. — Não faço ideia.

Ele mencionou a palavra “presentes” e o coração de Byron disparou.

— Presentes?

— Tem um canhoto em branco. No talão de cheques. Você tem comprado presentes de

novo?

Diana deu uma risada tensa. Ah sim, era erro dela, disse. Os dedos foram até os dentes

como pássaros assustados. Era o presente de aniversário de Lucy. A loja ia guardá-lo até o

aniversário dela. Ela provavelmente ficara tão animada que se esquecera de preencher o talão

de cheques de novo.

Ao se lembrar de que não devia roer as unhas, ela segurou uma das mãos com a outra.

Seymour a estudou como se tivesse acabado de conhecê-la. Ela prometeu que seria mais

cuidadosa com o talão de cheques no futuro.

— Cuidadosa? — repetiu ele.

— Você sabe o que eu quis dizer — disse ela.

Ele disse que não sabia. Não fazia ideia.

Diana mencionou que as crianças estavam ouvindo; ele assentiu, ela assentiu, e foram para

direções opostas.

Pelo menos nada podia acontecer quando Diana estava no jardim e o pai no escritório.

Byron e Lucy jogaram jogos de tabuleiro na sala de estar, e ele deixou que ela ganhasse

porque gostava de vê-la feliz.

Então as coisas deram uma nova guinada para pior no domingo de manhã.

Ao sair do quarto, o pai chamou Byron para falar com ele em um canto. Depois do almoço,

gostaria de ter uma conversa de homem para homem, disse ele, e ao falar isso um cheiro triste

e azedo saiu de sua boca. Byron tinha tanto medo de o pai ter descoberto sobre a calota que

mal conseguiu engolir a carne assada. Pelo visto, ele não era o único sem apetite. A mãe quase

não tocou no prato. O pai ficou tossindo para limpar a garganta. Apenas Lucy pediu mais

batatas e molho de galinha.

O pai começou a conversa de homem para homem perguntando se Byron queria uma bala

de chocolate. Primeiro, Byron ficou sem saber se era um teste e disse que não estava com

fome, mas, quando o pai levantou a tampa e disse que pegasse uma bala, que uma não faria

mal, Byron achou que seria errado recusar e pegou uma. O pai perguntou como estava indo

com as tarefas da bolsa, como estava o boletim de fim de ano em comparação com o de James

Lowe. Byron tentou dizer que estava tudo indo bem sem babar por causa da bala e sem falar

de boca aberta. O pai tirou a tampa da garrafa e encheu um copo de uísque.

— Quero saber como estão as coisas em casa — disse ele examinando o copo como se

estivesse lendo a pergunta lá dentro.

Byron disse que estava tudo bem. Disse também que a mãe era uma motorista cuidadosa, e

depois disso houve um silêncio tão profundo que era negro como o fundo de um oceano; ele

desejou não ter dito nada. Desejou engolir as palavras com a bala.

— Suponho que ela esteja atarefada — disse o pai. A pele logo acima da gola da camisa

era tão salpicada de marcas que parecia uma sombra.

— Atarefada?

— Fazendo as tarefas do lar.

— Muito atarefada. — Ele não sabia por que os olhos do pai estavam úmidos e cheios de

veias vermelhas que pareciam teias. Doía olhar.

— Vendo amigos?

— Ela não tem amigos.

— Ninguém vem visitar?

O pulso de Byron disparou.

— Não.

Esperou pela próxima frase, mas ela não veio. Em resposta a Byron, o pai voltou a olhar

para o copo. Por alguns momentos não escutou-se nada além do tique do relógio. Byron nunca

havia mentido descaradamente para o pai. Esperou para ver se Seymour perceberia, mas não,

ele olhou para a bebida sem descobrir a verdade. Byron percebeu que não estava com medo

do pai. Eram homens. Não era tarde para pedir a ajuda dele. Não era tarde para confessar

sobre a calota. Afinal de contas, Byron não tinha conseguido lidar com Beverley e o isqueiro.

A bebida de Seymour deu um solavanco e transbordou do copo, respingando nos papéis.

— Sua mãe é uma mulher muito bonita — disse ele.

— Pai?

— Não surpreende que as pessoas queiram visitá-la.

— Aconteceu uma coisa recentemente. Tem a ver com o tempo...

— Não faz mal se outro homem olhar. Afinal de contas, tenho sorte. Tenho sorte por ela ter

me escolhido.

O pai olhou para Byron com olhos avermelhados, e Byron teve que fingir que estava tendo

dificuldades com a bala.

— O que você estava falando? — perguntou Seymour.

Byron disse que não estava falando nada, na verdade.

— Bem. É bom conversar. É bom falar de homem para homem.

Era, disse Byron.

Seymour se serviu de mais bebida, que brilhou como um arco-íris quando ele levou o copo

de cristal à boca. O líquido âmbar secou em um único gole. O pai enxugou o queixo.

— Meu pai nunca fez isso. Conversar, quer dizer. Não de homem para homem. E depois, é

claro, ele morreu logo antes de eu conhecer sua mãe. — As palavras saíram juntas. Foi difícil

compreender, mas Seymour continuou tropeçando nelas. — Quando eu tinha 6 anos, ele me

levou a um lago. E me jogou lá dentro. Os sobreviventes nadam, disse ele. Eu tive medo de ter

crocodilos. Até hoje não gosto de água.

Byron se lembrou do rosto do pai quando ouviu sobre o acidente com a ponte e a

reclamação de Andrea Lowe. A pele dele ficou tão cinza e dura que Byron teve medo de ser

açoitado. Como se estivesse lendo seus pensamentos, Seymour disse:

— Talvez eu tenha exagerado. Quanto ao lago. Mas, sabe, ele não era um homem fácil,

meu pai. Não era nada fácil. — Então ele pareceu ficar sem palavras.

Quando Byron abriu a porta com um clique, ouviu o estalar da tampa na garrafa.

— Então você vai me contar? — indagou o pai. — Se sua mãe tiver um novo amigo?

Ele prometeu que sim e fechou a porta.



O aconchego

JIM FICA SENTADO na cadeira do Papai Noel a manhã toda, desejando ver Eileen, mas ela não

vem. A mente lhe prega peças de vez em quando. Ele vê uma figura grande de casaco verde

vindo pelo estacionamento e sucumbe brevemente à fantasia de que é ela. Chega

a imaginar a

conversa entre eles. Soa como as conversas que escuta através das portas automáticas do

supermercado. A única diferença entre as conversas reais e as que acontecem em sua cabeça é

que as imaginárias sempre terminam com o convite de Eileen para um drinque, e ele

respondendo claramente que aceita.

Os casacos que passam, no entanto, nunca são verde cor de folha. As mulheres nunca são

barulhentas. São magras, arrumadas, todas iguais. É apenas quando Jim vê todas aquelas

mulheres não Eileen que entende quão verdadeiramente Eileen ela é. E ao se permitir fingir

que ela está lá, reconhece que não está. É como sentir saudades dela duas vezes.

Ele se imagina mostrando a ela a luz do outro lado da charneca em uma noite de luar. A

beleza de um início de manhã. Um passarinho no ar, sutil como um pensamento. Há uma

macieira na charneca e seu fruto ainda se prende aos galhos sem folhas como enfeites

congelados. Ele também gostaria de mostrá-la para Eileen. Gostaria de mostrar o pôr do sol

de inverno; a parte inferior das nuvens, rosa-choque, e suas últimas pitadas de luz vermelha

nas bochechas de Eileen, na boca, nos cabelos.

Mas ela nunca vai achá-lo atraente. Olhando-se no espelho do banheiro masculino, ele vê

uma confusão de cabelos cada vez mais grisalhos e dois olhos profundos. Tenta sorrir e a pele

toda é marcada por linhas. Tenta não sorrir e a pele fica flácida. Está muito velho para o amor.

Teve chances antes, mas não deram em nada. Ele se lembra de uma enfermeira que lhe disse

certa vez que tinha uma boca bonita. Ele era novo naquela época, e ela também. Havia

pacientes do sexo feminino que também olhavam para ele. Elas o avistavam no jardim e

acenavam. Até mesmo na vida fora de Besley Hill houve encontros. A mulher para a qual

varria o jardim, por exemplo, uma senhora de meia-idade muito respeitável, o convidou várias

vezes para comerem torta de coelho. Ele estava na casa dos trinta. Gostava dela. Mas era

como fingir ser um copo novo quando ele sabia que tinha uma rachadura. Não adiantava se

aproximar de ninguém porque os rituais já existiam. Além disso, ele sabia o que acontecia

quando amava alguém. Sabia o que acontecia quando intervinha.

Durante o horário de almoço, Jim coloca o uniforme do café e passeia pelo supermercado.

Para no corredor de artigos de papelaria, onde olha para todas as canetas. Com ponta de fibra,

uniball, esferográfica tinteira, retratáveis, marcadores de texto jumbo. São de todas as cores.

Tem até uma para correções. Olhando para elas, brilhantes e objetivas, entende o argumento

de Eileen. Por que dar para alguém alguma coisa que está morrendo? Ele escolhe algumas e

paga no caixa. Não olha para a atendente, embora ao reconhecer o chapéu laranja e a camiseta

ela pergunte como estão as coisas lá em cima. O supermercado está parado, diz ela. É a

depressão da recessão. Quem vai dirigir pela charneca inteira para ir a um supermercado,

mesmo que tenha sido reformado?

— Vai ser sorte termos nossos empregos ano que vem.

Pensa no laço caprichado dos sapatos de Eileen e seu estômago vibra.

— Por que quer saber o endereço dela? — diz Paula quando ele pergunta se alguém sabe

onde ela mora. — Por que quer o telefone dela?

Jim tenta adotar o ar despreocupado de uma pessoa que não quer nada realmente.

— Espero que você vá denunciá-la para a polícia — diz a menina pequena, Moira.

Escreve o endereço e o número de Eileen.

Paula diz também que vive recebendo mensagens de texto daquelas firmas de advocacia

que não cobram nada.

— É isso que você devia fazer — diz Moira. — Devia processar.

— Conheço uma pessoa que cortou a cabeça em uma loja de móveis. Ganhou um sofá-

cama e cupons para almoços grátis. Passou um ano todo comendo almôndegas da

Escandinávia.

— Vocês não têm trabalho para fazer, não? — grita o sr. Meade do salão.

A verdade é que o sr. Meade está de mau humor. O Recursos Humanos revisou as vendas

antes do final do ano e mandou um e-mail urgente. O comércio está seriamente em baixa. Os

gerentes da região seriam obrigados a tirar o sábado de folga e irem ao Centro de Excelência

mais próximo. Vão passar o dia com atores aprendendo sobre Eficácia no Local de Trabalho e

Formação de Equipe. Haverá demonstrações e exercícios de encenação.

— Eles não percebem que é a semana antes do Natal? Não percebem que temos trabalho a

fazer? Eles não podem simplesmente nos tirar das lojas com um aviso de um dia de

antecedência. Estamos atolados — diz o sr. Meade.

Jim, Paula e Moira olham para o café vazio. Há apenas um cliente.

— Oi, gente! — diz Darren. Ele ergue o polegar, caso tenham se esquecido de quem ele é.

Todos ficam surpresos quando o sr. Meade retorna muito entusiasmado do Centro de

Excelência, na segunda-feira. Pergunta a clientes e funcionários como estão. Quando

respondem que estão bem, ou indo, ele entoa um “Que bom, que bom. Maravilha. Bom para

você”. O negócio é a afirmativa, diz ele. O poder do agora. Esse é o novo começo.

— Deve estar prestes a ser demitido — diz Paula para Moira.

O sr. Meade dá uma gargalhada cordialmente, como se ela fosse hilária.

O motivo de o café não estar indo bem, diz o sr. Meade, é a confiança. O café não acredita

em si. Não está se comportando como um café bem-sucedido. Paula escuta de braços cruzados

e um quadril mais alto que o outro.

— Isso quer dizer que podemos nos livrar do chapéu laranja? — diz ela. — Quer dizer

que Jim pode parar de se vestir como um imbecil?

— Não, não! — exclama o sr. Meade. Ri com bom humor. — O chapéu laranja funciona.

Ele nos dá uma sensação de conexão. E a roupa de Papai Noel do Jim é um gesto maravilhoso

de boa vontade. Precisamos de mais coisas desse tipo.

— Mais chapéus laranja? — diz Paula, duvidosa.

— Mais *joie de vivre* — diz o sr. Meade.

— Mais o que de quê? — pergunta Moira.

— Você podia servir umas bebidas de graça e tal — sugere Darren, que vive

esquecendo

que é cliente.

— Isso irritaria o Saúde e Segurança — diz o sr. Meade em um tom grave. É claro que tem

outra carta na manga. — O que vamos fazer, equipe, é nos aconchegarmos.

— Aconchegarmos? — repete Paula, séria.

O sr. Meade está tão animado que troca o peso do corpo de um pé para o outro. Abre os

braços e treme os dedos pedindo que sua pequena equipe se aproxime. Paula vai até ele,

seguida por Darren. Moira torce os cabelos e caminha bem devagar. Jim manca, mas na

verdade o movimento é mais um mexer-se sem sair do lugar.

— Mais perto, mais perto! — O sr. Meade ri. — Não vou morder!

Moira e Paula avançam. Jim se pergunta se alguém notaria se ele desaparecesse. Não

imediatamente, mas se ele apenas recusasse devagar.

O sr. Meade abre os braços o suficiente para tocar nos ombros delas. Ao seu redor está a

equipe, dura como tábuas.

— Aproximem-se! — exclama o sr. Meade. — Venha, Jim! Aproxime-se! — Acena para

que cheguem mais perto. Faz isso com pequenos movimentos das mãos, do mesmo jeito que

ajuda as clientes a estacionarem seus Range Rovers.

— E Darren? — pergunta Paula.

— O que tem ele? — diz o sr. Meade.

— É para ele se aconchegar também?

O sr. Meade olha para seus três funcionários; uma está tirando pontas duplas dos cabelos,

a outra está com uma expressão que parece uma nuvem negra, e o último parece estar se

movendo imperceptivelmente para trás. O sr. Meade faz uma expressão de quem precisa

ceder.

— Aproxime-se, Darren! — chama ele.

Ansioso, Darren se aproxima rapidamente e passa um dos braços pela cintura de Paula. O

outro braço, o que está mais perto do sr. Meade, flutua como se não pertencesse a ninguém.

— Abram espaço para Jim! — diz o sr. Meade.

Paula estica a mão para receber Jim. Ele não tem escolha. Fica quente de repente,

congestionado com a claustrofobia da cena. Ele se pergunta se vai gritar. A mão esquerda de

Paula está no ombro direito dele, pousada ali como um passarinho. A mão direita do sr.

Meade golpeia o ombro esquerdo de Jim.

— Vamos nos aconchegar! — canta o sr. Meade. Há um cheiro esmagador de alvejante.

Para um aroma que pretende ter a mesma fragrância de uma manhã de verão, o cheiro sugere

algo surpreendentemente desagradável. — Mais perto, mais perto!

Em silêncio, o grupo se aproxima mais e mais. Seus pés relutantes se arrastam

ruidosamente no linóleo. Estão tão próximos, tão perto, que os rostos na frente de Jim flutuam.

Ele está esmagado pela intimidade, pela sensação de estar sendo sugado por eles como por um

aspirador de pó. Ele assoma sobre o grupo.

— Me abrace, Jim! — diz o sr. Meade.

Jim coloca a mão no ombro do sr. Meade. Ali permanece, músculos doloridos de cima a

baixo.

— Não é bom? — pergunta o sr. Meade.

Ninguém responde.

— É claro que havia cerca de vinte pessoas na conferência — diz ele. — Gerentes sênior

e pessoal. E os atores eram profissionais, é claro. Foi um pouco diferente.

— Já terminou? — pergunta Paula.

O sr. Meade dá outra gargalhada.

— Terminou? Esse é apenas o primeiro passo. O que quero que façam agora, equipe, é

pensar na pessoa ao seu lado.

— Em quem, no Darren? — diz Paula.

— E no Jim também — diz o sr. Meade. — Pensem em alguma coisa positiva. Pensem no

que realmente gostariam de dizer sobre eles.

Há um silêncio constipado.

— E se não conseguirmos? — diz Moira finalmente. Sua mão está no ombro do sr. Meade.

Mas o gerente não responde. Fecha os olhos, mexe os lábios como se as palavras

estivessem sendo chocadas em sua boca e se preparando para se libertarem. Jim também fecha

os olhos, mas o salão gira tão rápido que ele precisa abri-los de novo. Darren franze o rosto

como uma folha de papel amassada.

— Já fiz — diz Paula.

— Podemos parar agora? — pergunta Moira.

— Não, não. Temos que falar.

— Falar o que estamos pensando? — repete Moira. Parece surpresa.

Mas o sr. Meade ri como se aquilo fosse muito divertido.

— Eu começo, para vocês pegarem o jeito. — Primeiro se vira para Paula. — Paula, eu

admiro você. Você é uma jovem muito forte. Quando a entrevistei, fiquei preocupado. Porque

você tinha brinco no nariz e todos aqueles pinos na orelha. Fiquei preocupado com questões

de Saúde e Segurança. Mas você me ensinou a não ter preconceitos.

Paula fica da cor dos cabelos. O sr. Meade continua:

— Jim, você nunca se atrasa. Você é um funcionário muito confiável. Moira, você traz um

ar de criatividade ao ambiente de trabalho, e espero que a alergia da sua mãe passe logo. E

Darren, passei a gostar de você.

— Ah, que fofo — murmura Paula. — Eu conhecia uma mulher. Ela escreveu para todas as

amigas para dizer que as amava, e no dia seguinte, adivinha?

— Não sei — disse Darren. É o único que ainda está com os olhos fechados.

— Ela enfartou.

— Vamos retomar os depoimentos — diz o sr. Meade. — Quem quer falar agora?

Há um silêncio desconfortável, como se os quatro não estivessem presentes de verdade.

Moira se concentra em uma mecha particularmente interessante de cabelo. Paula assopra,

embora não esteja mascando chiclete. Jim faz uma série de pequenos sons estalados. Talvez

Darren esteja dormindo. O sr. Meade suspira, um tanto decepcionado, mas ainda não

derrotado.

— Vamos lá, equipe — diz, rindo. — Alguém deve ter alguma coisa positiva para dizer.

Uma voz abre caminho no silêncio.

— Jim, você é um bom homem. Você passa produto em todas as mesas e nunca se esquece

de nenhuma. Sr. Meade, o senhor tem umas ideias estranhas, mas meio que quer melhorar o

mundo, e eu gosto do seu carro. Moira, você tem peitos bonitos.

— Obrigada, Darren — diz o sr. Meade, mas está claro que Darren não terminou.

— Mas Paula, ah, Paula. Eu amo o jeito como você meio que morde o dedo quando está

pensando. Amo sua pele cor de mel. Amo o pedacinho de pele macia atrás das suas orelhas.

Quando você fala, eu só tenho vontade de me sentar e ficar olhando você para sempre. Você

usa umas saias muito maneiras. Você tem uns olhos de nozes de Natal.

Por algum tempo, ninguém fala. Mas é um silêncio diferente do início. É um silêncio

infantil, onde a falta de palavras é pelo encanto não por julgamento.

— Ainda bem que aquela mulher Eileen não está aqui — diz Paula. — Tem umas coisas

que eu queria dizer para ela. — O silêncio em grupo vira risada em grupo.

— Jim? — diz o sr. Meade. — Sua vez?

Mas Jim está chocado. Em sua mente não há nada, a não ser a mulher com cabelos de fogo,

pés muito pequenos e um casaco que se enruga no esforço de caber ao seu redor. Ele entende a

verdade com a selvageria e a urgência de um acidente. A conselheira psíquica

estava certa, no

final das contas. Ele deve botar para fora. Deve se apropriar do passado, o que quer que isso

signifique. E o único lugar — ele vê isso tão claramente que é como se gritasse em sua cabeça

—, o único lugar que é grande o suficiente para conter seu caos é o lugar que Eileen

representa. Ela é sua última e única chance.

— Com licença? — diz uma voz no salão do café.

O grupo se abre como uma besta de várias cabeças de chapéus laranja. Uma cliente

observa com uma expressão de medo.

— Ainda dá tempo de pedir a promoção do Lanche Festivo?



Uma surpresa

NA SEGUNDA SEMANA das férias de verão, Beverley passou todos os dias em Cranham House.

Ficava lá de manhã até a noite. Às vezes, quando Byron ia dormir, ainda conseguia escutar as

mulheres conversando no terraço. As vozes preenchiam o ar da noite como o perfume denso e

doce dos goivos e das nicotianas noturnas. “Tem razão! Tem razão!”, uivava a mãe quando

Beverley fazia uma de suas imitações ou contava uma história. Certa manhã, ele abriu as

cortinas do quarto e ela já estava tomando banho de Sol com o chapéu roxo e uma taça de

bebida. Só soube que ela não havia passado a noite lá pela presença de Jeanie e pelas botas

brancas de borracha. Jeanie à mesa do jardim. Não havia mais pontos no joelho. Não havia

necessidade de curativo. Mesmo assim, ele preferiu evitar a menina.

Lucy se recusou terminantemente a brincar com ela. Jeanie fedia, disse ela. E também

havia arrancado a cabeça das bonecas Sindy de Lucy. Byron tentou colocá-las de volta, mas

era difícil encaixar a cavidade no pescoço com a bola de plástico que ficava no final da

coluna delas. Colocou as partes desmontadas em uma caixa de sapato com tampa. Ele ficava

assustado em ver todos aqueles rostos sorridentes sem corpos.

Enquanto isso, Byron continuou a registrar observações no caderno sobre os encontros de

Beverley com sua mãe. James enviou um código secreto para ele envolvendo troca das letras

do alfabeto e novos codinomes para Beverley e Diana (“Sra. X” e “Sra. Y”), mas era

complicado e Byron errava frequentemente.

As duas mulheres escutavam música. Abriam as portas francesas e colocavam o

gramofone na mesa para que pudessem dançar no terraço. A coleção de álbuns do pai era

antiga — “Ele nasceu em que século?”, disse Beverley — e ela levou uma caixa com seus

próprios álbuns. Escutavam The Carpenters e Bread. Os favoritos dela eram dois singles de

Harry Nilsson e Donny Osmond. Byron parou na sala de estar e observou-as pela janela. Os

movimentos de Beverley eram agitados e envolvia jogar os cabelos, ao passo que Diana

deslizava pelo terraço como se estivesse seguindo uma correnteza. Quando Diana se ofereceu

para mostrar um passo de dança, elas se moveram de braços dados. Diana esticou o pescoço,

o outro braço no ar, ao passo que Beverley observava seus pés — de modo que, mesmo tendo

a mesma altura, Diana parecia mais alta. Ele ouviu a mãe se oferecer para ensinar a Beverley

tudo o que sabia, mas, quando Beverley perguntou o que exatamente era tudo o que sabia, a

mãe fez uma pausa e disse que nada. Se *Puppy Love* tocava, ou alguma música de Gilbert

O’Sullivan, Beverley abraçava Diana e as duas se moviam lentamente, dando voltas no mesmo

lugar. Por fim, ela voltava ao seu drinque e olhava sob o chapéu mole.

— Você tem tanta sorte, Diana — dizia ela. — Simplesmente nasceu linda.

Beverley disse que seu nome definia seu futuro. Era o ingresso para o sucesso. Como é

que uma menina conseguiria ser alguém se chamando Beverley? Se ao menos tivesse um nome

com classe, como Diana ou Byron ou Seymour, as coisas teriam sido diferentes.

Naquela semana, Beverley começou a pegar as roupas de Diana emprestadas. No começo

foi apenas uma coisa pequena: luvas com laços para proteger as mãos contra o Sol. Depois, os

modelos passaram a ser mais completos. Quando, por exemplo, ela derramou uma taça de uma

bebida amarela na parte da frente da roupa, Diana foi logo buscar uma blusa e uma saia justa.

Beverley perguntou se podia pegar saltos emprestados porque não dava para usar sandálias

com uma saia daquelas. Foi para casa vestindo todos aqueles itens. No dia seguinte, Byron

registrou no caderno que ainda não haviam sido devolvidos.

— Aquelas roupas estão fora de moda — disse Beverley. — Você devia pegar alguma

coisa mais moderna.

— *Só entre nós* — escreveu Byron —, *acredito que ela roubou as roupas. E agora*

também acredito que ela tinha o isqueiro na bolsa o tempo todo.

O passeio para fazer compras foi ideia de Beverley. Diana os levou até a cidade e

estacionaram perto da loja de departamento. Experimentaram vestidos iguais enquanto Jeanie

brincava entre as fileiras de roupa e Lucy fazia cara feia. Pararam em uma loja para comprar

mais licor de gemada e uma garrafa de Cherry Coke para as crianças. Quando Lucy disse que

eles não tinham permissão para tomar bebidas açucaradas, por causa dos dentes, Beverley riu

com vontade.

— Vocês têm que viver mais — disse ela. As mulheres desfilaram com seus vestidos

caftans novos no terraço, e era como observar duas metades contrastantes de uma mesma

coisa. Diana, loura e magra e graciosa; Beverley, morena e malnutrida e em geral mais rígida.

Depois do almoço, Byron estava levando limonada para a mãe e para Beverley quando

interrompeu uma conversa. Ele percebeu que era importante porque a mãe e Beverley estavam

com a cabeça tão próxima uma da outra que os cabelos dourados de Diana pareciam sair da

divisão negra dos cabelos de Beverley. Ela estava pintando as unhas da mãe dele. Nem

levantaram a cabeça quando ele andou pelo carpete nas pontas dos pés. Tirou os copos da

bandeja com cuidado e os colocou nos apoios de copo. E foi quando ouviu a mãe dizer:

— É claro que não estava apaixonada por ele. Eu só achei que estava.

Byron saiu da sala tão silenciosamente quanto tinha entrado. Não conseguia imaginar sobre

o que a mãe estava falando. Percebeu que não queria mais ouvir, mas ao mesmo tempo não

conseguia ir embora. Então Jeanie soltou uma gargalhada alta, no jardim, e ele se ajoelhou, se

escondendo no corredor logo ao lado da porta da sala de estar porque não queria brincar com

Jeanie de novo. Agora que sua perna estava melhor, ela parecia gostar de se esconder atrás de

arbustos e pular nele quando menos esperava. Era terrível. Olhando pela fresta entre a porta e

a parede, ele via as duas mulheres, como se estivessem iluminadas por um filete de luz. Pegou

o caderno; ao abri-lo, a brochura estalou e a mãe olhou para a frente.

— Ouvi alguma coisa.

Não era nada, disse Beverley. Pediu que Diana continuasse. Colocou a mão na de Diana, e

ele não soube por que, mas quanto mais a mão ficava ali, mais ele desejava que

Beverley a

afastasse. Desejou intensamente.

A mãe começou a falar. Sua voz era suave e ele captou apenas frases desconectadas,

palavras, que a princípio, não fizeram sentido. Ele teve que encostar o ouvido na fresta. Ela

estava dizendo:

— ... um velho amigo. Esbarrei nele... não foi por mal. E um dia... Foi aí que começou.

O lápis de Byron ficou paralisado sobre as páginas do caderno. Ele não sabia o que estava

escrevendo. Quando olhou novamente pela fresta, a mãe havia se sentado novamente na

cadeira e esvaziava o copo.

— É um alívio dizer isso — murmurou ela.

Beverley disse que era claro que era um alívio. Pediu a outra mão de Diana para que

pudesse terminar as unhas. Falou sobre como devia se sentir solitária em Cranham House, e o

tempo todo a mãe olhou para sua mão na de Beverley e concordou que sim, era. Tão solitária

que, às vezes, ela mal podia suportar.

— Mas a pessoa de quem eu falei, conheci antes de nos mudarmos para cá. Um pouco

depois de Seymour e eu nos casarmos.

As sobrancelhas de Beverley se ergueram e ficaram ali. Molhou o pincel no esmalte.

Byron não saberia explicar, mas sentiu como se, de alguma forma, ela estivesse evocando as

palavras da boca da mãe simplesmente por não dizer nada.

— Seymour descobriu. É um homem inteligente e me conhece. Se eu tento mentir porque

quero comprar um presentinho ou alguma coisa escondida, ele fica em cima de mim como um

falcão. Embora na época Ted não me parecesse uma mentira.

— Ted?

— Parecia apenas um jovem amigo.

— Se Ted era apenas seu amigo, não vejo o problema.

— Hum — disse Diana sugerindo que, embora Beverley não conseguisse ver o problema,

ele existia e era de um tamanho considerável. — Seymour comprou esta casa depois disso.

Disse que o ar do interior seria bom para mim. Devo tudo a ele. Você tem que se lembrar

disso.

Ao terminar as unhas de Diana, Beverley lhe deu um cigarro e acendeu o isqueiro

recuperado. Avisou que Diana não devia se mexer ou borraria o esmalte. Diana deu longos

tragos no cigarro e soltou a fumaça acima da cabeça de Beverley, onde se esticava como

dedos opacos e desaparecia.

— Seymour precisa de mim, sabe — disse ela com calma. — De vez em quando me

assusta o quanto precisa de mim.

Byron mal conseguia se mover. Nunca havia lhe passado pela cabeça que a mãe pudesse

ter amado qualquer pessoa que não o pai, que um dia poderia ter existido um homem chamado

Ted. Sua cabeça estava quente e girava; remexendo suas lembranças, revirando-as como

pedras e tentando encontrar sentido, tentando ver o outro lado delas. Ele pensou no homem que

ela havia mencionado, o que gostava de champanhe, e nas visitas não explicadas a Digby

Road. Foi isso que ela quis dizer? Então ela continuou a falar e ele teve que apertar as mãos

úmidas para conseguir se concentrar.

— Quando conheci Seymour, eu já estava no limite, cansada daqueles homens que amam

você e depois desaparecem. O teatro estava cheio deles. Até mesmo de homens que

esperavam na porta do palco e escreviam cartas e nos levavam para jantar. Todos tinham

esposas. Todos tinham famílias e nenhum deles... — Abandonou a frase como se estivesse com

medo de completá-la, ou não soubesse como. — Seymour foi persistente. E

também era

tradicional. Eu gostei disso. Ele comprava rosas para mim. E me levava ao cinema nas minhas

tardes de folga. Nos casamos em dois meses. Foi um casamento pequeno, ele não queria

exageros. E minhas amigas não eram o tipo de gente que se convida. Não queríamos que meu

passado viesse comigo.

Beverley fez um ruído, como se tivesse acabado de se engasgar com alguma coisa na

bebida.

— Espere. Qual era seu trabalho exatamente?

Mas Diana não respondeu. Apagou o cigarro e pegou outro imediatamente. Riu, mas pela

primeira vez foi um som duro, como se olhasse para si própria e não gostasse da pessoa que

via. Tragou o cigarro de novo e bocejou um fantasma de fumaça azulada.

— Digamos que eu segui os passos da minha mãe.

Pela primeira vez, Byron não conseguiu escrever no caderno. Não conseguiu ligar para James.

Não queria palavras. Não queria nada a ver com o significado das coisas. Correu e correu

pelo gramado, tentando deixar os pensamentos para trás, e quando Jeanie riu e pediu que

esperasse, ele correu mais rápido. A respiração ardia na garganta e as pernas estavam moles,

mas ele continuou. Byron se arrastou para debaixo da cobertura das árvores frutíferas e o

cheiro era tão pleno, as framboesas tão vermelhas e os espinhos tão afiados que ele ficou

tonto. Ficou ali sentado por bastante tempo. Mais tarde, ouviu a mãe lhe chamando na casa,

mas não se mexeu. Não queria saber de Ted ou do pai ou do trabalho que a mãe não podia

mencionar, mas, agora que sabia, não sabia como deixar de saber. Se ao menos James não

tivesse pedido que ele fizesse anotações. Ficou escondido até que viu Beverley e Jeanie

passando pelo portão da casa, acenando, dando adeus. Não estavam de mãos dadas; Beverley

ia na frente, coberta pelo chapéu roxo, e Jeanie corria em círculos grandes em volta dela. Ele

viu Beverley parar e gritar, mas não escutou o que disse. A casa era um brilho branco sob o

Sol do fim de tarde, e atrás dela a borda afiada da charneca cortava o céu.

James telefonou na manhã seguinte bem cedo. Estava muito animado quanto à nova pasta da

Operação Perfeito que estava fazendo. Explicou que redesenhou o mapa de Digby Road de

Byron porque a escala não estava correta, e o tempo todo enquanto ele falava, Byron sentiu

como se estivesse do outro lado de uma janela, olhando para o amigo, mas sem ser ouvido.

— O que aconteceu ontem? — perguntou James. — Escreveu tudo?

Byron disse que não tinha acontecido nada.

— Você está com algum resfriado? — disse James.

Byron assoou o nariz e disse que estava meio doente.

Choveu no fim de semana. A chuva achatou as flores. A mãe e o pai ficaram sentados, olhando

pela janela, de diferentes partes da casa. Às vezes eles se cruzavam e um dos dois fazia algum

comentário que o outro parecia escutar sem muita atenção. Então Seymour comentou que havia

um cheiro estranho na casa, um cheiro doce. A mãe disse que devia ser o perfume novo. Por

que o cheiro estava no escritório dele?, perguntou. Onde estava o peso de papéis? E

aproveitando que estava falando de itens desaparecidos, por que havia outro canhoto em

branco no talão de cheques? Diana bebeu até esvaziar o copo, como se fosse remédio. Ela

devia ter mudado o peso de papéis de lugar enquanto estava tirando o pó. Procuraria mais

tarde. Ela se sentou para servir o jantar. Parecia exausta.

— O que você está vestindo? — disse o pai.

— Isto? — Diana pareceu surpresa, como se momentos antes estivesse usando alguma

coisa completamente diferente, como um vestido de festa, por exemplo, ou um terno. — Ah. É

um caftan.

— É roupa de hippie.

— É a moda, querido.

— Mas você está parecendo uma hippie. Parece uma feminista.

— Mais legumes? — Ela serviu mais três cenouras cozidas em cada prato e bastante

manteiga. A voz do pai demoliu o silêncio.

— Tire.

— Oi?

— Suba. Tire isso.

Byron ficou olhando para o prato. Queria poder comer como se tudo estivesse normal, mas

a mãe emitia pequenos sons de saliva sendo engolida, e o pai respirava como um urso. Era

difícil querer cenouras amanteigadas com tudo o que estava acontecendo.

— Beverley tem um vestido caftan também — disse Lucy. — É exatamente igual.

O pai ficou pálido. O menininho surgiu em seu rosto novamente e, por um momento, ele

parecia não saber o que fazer.

— Beverley? Quem é Beverley?

— Amiga da mamãe — murmurou Lucy.

— Alguma mãe da Winston House?

— Jeanie não estuda na Winston House. Elas moram em Digby Road. Ela quer brincar na

minha bola canguru, mas eu não deixo porque ela é perigosa. Ela tem partes pretas nos dentes,

aqui e aqui e aqui. — Lucy mostrou na própria boca aberta. Havia bastante cenoura lá dentro

então foi um pouco difícil dizer precisamente para onde estava apontando.

O pai se virou para Byron. Byron não precisou levantar a cabeça para saber.

— Essa mulher vem visitar? É isso? Ela traz mais alguém? — A cabeça de Byron

começou a martelar.

— Deixe-os em paz. — Diana largou o garfo com um tinido e empurrou o prato. — Pelo

amor de Deus, Seymour, só estou usando uma droga de vestido. Troco depois do jantar.

Ela nunca havia usado aquele tipo de palavra. O pai parou de comer. Moveu a cadeira

para trás e se levantou. Foi até a mãe e parou, de modo que parecia uma pilastra negra atrás de

um pequeno chafariz de cor. Os dedos de Seymour apertaram o topo da cadeira. Não estavam

na pele de Diana, mas mesmo assim era como vê-lo tocando parte dela, e era difícil dizer se

estava fazendo cócegas ou machucando. As crianças ficaram paralisadas. Ele falou com

calma:

— Você não vai usar esse vestido. Você não vai mais ver essa mulher. — Os dedos do pai

continuaram apertando a cadeira, e os dedos da mãe faziam pequenos barulhos no pano da

mesa, como um pássaro batendo as asas em uma gaiola.

Tão subitamente quanto se levantara, Seymour saiu do recinto. A mãe tocou o próprio

pescoço com as costas das mãos, como se estivesse colocando as coisas no lugar, veias e pele

e músculo. Byron quis dizer que gostava do vestido novo dela, mas Diana mandou os filhos

saírem da casa e irem brincar.

Naquela noite, Byron tentou ler suas revistas *Look and Learn*. Não conseguia parar de ver

o pai com os dedos na cadeira da mãe. Aconteceram tantas coisas, e pela primeira vez ele não

sabia como compartilhar nada com James. Por fim, caiu em um sonho leve sobre pessoas com

cabeça grande demais para o corpo e cuja voz era baixa, mas persistente, como súplicas sem

palavras.

Ao acordar, percebeu que era a voz de seus pais. Passou pelo topo da escada e os sons

ficaram mais altos. Ele abriu uma fresta da porta do quarto dos pais e ficou inerte, sem

acreditar no que estava vendo. Identificou o tronco do pai, quase azul, e embaixo

dele, o perfil

da mãe. O pai apertava e apertava o corpo dela, e os braços da mãe batiam no travesseiro.

Byron fechou a porta sem que a maçaneta desse nenhum clique.

Ele só percebeu que estava saindo de casa quando já estava lá. A Lua pálida, o céu,

machucado. Não parecia haver nada entre ele e a charneca. A noite anulou todos os detalhes

entre o primeiro plano e o pano de fundo. Ele andou pelo jardim e abriu a cancela para a

charneca. Queria arremessar alguma coisa, pedras, e foi o que fez. Mirou bem na Lua, mas as

pedras paravam meramente a seus pés. Nem tocavam a escuridão. Claro que James tinha razão

quanto às aterrissagens da Apollo. Como um homem conseguiria chegar lá em cima? Como

Byron fora tão burro a ponto de acreditar na NASA e nas fotografias? Subiu a cerca e foi até o

lago.

Ali, sentou-se em uma pedra. O ar estava vivo, cheio de pequenos ruídos de cliques e

arranhões e tamboriladas. Ele não sabia mais o que pensar. Não sabia se a mãe era boa ou má,

se o pai era bom ou mau. Não sabia se Beverley era boa ou má — se havia roubado o

isqueiro, o peso de papéis, as roupas — ou se havia outra explicação. A noite

parecia muito

lenta. Ele olhou para o horizonte esperando pela chegada da luz do nascer do dia no leste e

pelo primeiro raio de Sol, mas não apareceram. A noite simplesmente continuou. Lentamente,

Byron voltou para a casa.

Ele se perguntou se a mãe estaria esperando, se estaria preocupada, mas o único barulho

era o dos relógios do pai, batendo no silêncio. O tempo era uma coisa inteiramente diferente

dentro da casa, como se fosse maior do que o silêncio, o que não era verdade. Era tudo

inventado. Ele escreveu uma pequena carta para James: "*A perna de Jeanie está totalmente*

curada agora. Tout va bien . *Sinceramente, Byron Hemmings.* " Era o fim da Operação

Perfeito, pensou ele. Era o fim de várias coisas.

Byron nunca mais viu o vestido caftan. Talvez tenha ido para a fogueira no domingo à

noite, como o vestido-verde menta e o cardigã e os sapatos que combinavam com ele; Byron

não perguntou. Ele guardou a lanterna, a lupa, os cartões Brooke Bons, as revistas. Pareciam

pertencer a outra pessoa. E ele não era o único que dava sinais de mudança. Depois do fim de

semana, a mãe estava mais reservada também. Armou as espreguiçadeiras no

terraço para

Beverley, mas sorriu menos e não pegou o gramofone. Não ofereceu bebida.

— Você só precisa dizer se estou atrapalhando — disse Beverley.

— É claro que não está atrapalhando.

— Eu sei que você tem as outras mães para ver.

— Não vou ver ninguém.

— Ou talvez você prefira dançar com outras pessoas?

— Nem sempre estou com vontade de dançar — disse Diana.

Então, Beverley gargalhou e revirou os olhos como se tivesse escutado outra coisa.

No dia 2 de agosto foi aniversário de 6 anos de Lucy. Byron foi acordado pela voz da mãe e

por seu cheiro floral; ela fez cócegas nele para que acordasse. Tinha uma ideia para uma

surpresa, disse ela. Seria o dia mais feliz. Eles deviam se vestir rapidamente. Enquanto iam

para o andar de baixo, ela não conseguia parar de rir. Estava com um vestido vermelho de

verão, da cor de uma papoula do campo, e já havia arrumado toalhas e um piquenique.

A viagem de carro demorou várias horas, mas a mãe cantarolou quase o caminho todo.

Olhando para ela do assento traseiro do Jaguar, Byron admirou as curvas de seus cabelos e a

maciez da pele e o perolado das unhas, posicionadas perfeitamente no volante.

Era a primeira

vez em várias semanas que parecia dirigir sem medo. Quando Lucy precisou ir ao banheiro,

pararam em um pequeno café na estrada e ela disse que eles podiam comer sorvete. O

vendedor perguntou se eles queriam castanha ou cobertura, e ela disse sim para os dois.

— Eles parecem boas crianças — disse ele. Diana riu e disse que sim, eram.

Sentaram-se a uma mesa de metal no Sol porque ela não queria sorvete no carro, e

enquanto comiam Diana fechou os olhos e inclinou o rosto para o calor. Quando Lucy

sussurrou que ela estava dormindo, a mãe abriu os olhos e riu.

— Estou escutando tudo — disse ela. A testa e os ombros já estavam rosados com o clima,

e eram como pequenas impressões digitais nela inteira.

O Sol estava queimando quando chegaram à praia. Famílias haviam montado espaços na

areia com proteções contra o vento e cadeiras dobráveis. O mar tinha rugas prateadas, e ele

observou a luz do Sol, a maneira como pousava nas ondas em movimento feito fagulhas. As

crianças tiraram as sandálias e a areia queimou os dedos dos pés. Diana mostrou como fazer

castelos e enterrar as pernas. Ainda havia manchas açucaradas nos dois por causa dos

sorvetes, e a areia grudou nos joelhos deles e arranhou a pele quando ela passou a mão para

limpar. Depois, visitaram o píer e ela mostrou os caça-níqueis, as barracas de algodão-doce,

os carrinhos bate-bate. Comprou um pirulito para cada um.

Na Casa dos Espelhos, a mãe os levou de um espelho ao outro.

— Olhe para mim! — Ela gargalhava. Sua felicidade era como alguma coisa no ar naquela

dia, alguma coisa doce que eles conseguiam provar na língua e engolir. Byron e Lucy se

aproximaram e seguraram as mãos dela, vendo versões menores, mais gordas e alongadas de

si mesmos nos espelhos. As crianças estavam suadas e vermelhas por causa do calor, as

roupas estavam amassadas e os cabelos desgrenhados. Apenas a mãe, no meio deles, com

vestido vermelho de papoula e penteado volumoso, estava bonita.

Ela os sentou em um banco para comerem os sanduíches. Enquanto comiam, ela foi até a

ponta do píer e olhou o mar. Colocou a mão sobre os olhos para bloquear o Sol. Quando um

homem parou para dizer oi, ela riu.

— Vá embora. Estou com meus filhos.

Do lado de fora do teatro, no final do píer, havia cartazes: *Arquibancada lotada, Galeria*

lotada. A mãe lambeu a ponta de seu lenço e limpou o rosto deles, e depois abriu

as portas de

vidro e levou as crianças para dentro. Levou o dedo indicador à frente da boca pedindo que

ficassem em silêncio.

O saguão estava vazio, mas eles podiam ouvir risadas e aplausos no outro lado da cortina

de veludo. Perguntou a uma mulher uniformizada que estava na bilheteria se havia lugares

disponíveis e a moça disse que havia uma cabine desocupada, se estava bom para eles.

Enquanto a mãe pegava o dinheiro na bolsa, contou que havia anos que não assistia a um show.

Perguntou se a mulher já havia ouvido falar sobre o White Supremo e Pamela, a Mulher

Barbada, e também um grupo de dança chamado Sally’s Girls, mas a moça da bilheteria

balançou a cabeça.

— Temos tudo isso aqui — disse ela; e novamente a mãe riu e pegou as crianças pela mão.

Um jovem com chapéu engraçado e lanterna os levou pelas escadas escuras e por um corredor.

A mãe pediu dois programas do show e os deu para as crianças, um para cada.

Um grande urro de gargalhadas os recebeu assim que entraram na cabine. O palco estava

bastante iluminado, era como um poço de luz amarela. Byron não conseguiu entender o que as

pessoas no palco estavam dizendo, ou do que exatamente a plateia estava rindo, porque no

começo ele não estava ouvindo, estava apenas olhando. Achou que a plateia estivesse rindo

por causa dele, porque estavam atrasados, mas, quando se sentou na cadeira de veludo,

percebeu que a plateia estava apontando para um homem no palco; riam tanto que apertavam

as barrigas, estavam muito entretidos.

O homem fazia malabarismo com pratos. Corria entre eles, girando porcelanas em hastes

que pareciam espetos, e, conforme os pratos giravam, refletiam luz. Sempre que um prato

parava de girar, prestes a cair e quebrar, ele parecia lembrar no último instante e corria até lá.

A mãe assistiu com os dedos na frente dos olhos, como se estivesse se escondendo. Ao fundo,

um cenário de um pátio ao lado de um lago havia sido pintado. O artista tinha feito até a Lua

brilhando na água em um único caminho prateado em direção ao horizonte. No fim do número

o malabarista fez uma grande reverência, curvando bastante a cintura. Jogou beijos à plateia, e

Byron teve a certeza de que um deles pousou bem na mãe.

Quando a cortina subiu de novo, o lago tomado pelo luar havia desaparecido. Em vez dele

havia uma praia com palmeiras. Mulheres com saias feitas de grama de verdade e flores nos

cabelos. Um homem cantou sobre o Sol e as mulheres dançaram em torno dele; carregavam

abacaxis e jarros de vinho, mas nunca paravam para comer. Então a cortina baixou de novo e a

cena se foi.

Houve vários outros atos, cada um com um novo cenário pintado. Teve outro mágico que

cometia vários erros, um violinista de terno brilhoso, a trupe de dançarinas, dessa vez

vestidas com paetês e penas. Ele nunca tinha visto nada parecido, nem mesmo no circo. A mãe

batia palmas depois de cada ato e então se sentava bem devagar como se estivesse com medo

de que, se respirasse fundo demais, a coisa toda desaparecesse. Quando um homem de terno

tocou órgão e um pequeno coro de mulheres de vestidos brancos dançou atrás dele, o rosto da

mãe brilhou com lágrimas. Foi apenas quando o último mágico apareceu, vestindo chapéu

vermelho e um terno que era grande demais, que ela começou a rir. E depois que começou, não

conseguiu parar.

— Ai, isso é hilário — gritou ela. Teve que apertar a barriga porque estava rindo demais.

Já era quase noite quando deixaram o píer e a orla. Lucy estava tão cansada que Diana a

carregou por cima da catraca e de volta ao carro.

Byron observou o mar ficando mais indefinido ao fundo, até que não havia mais nada além

de uma borda prateada no horizonte. A irmã caiu no sono rapidamente. Dessa vez a mãe não

cantou, dirigiu em silêncio; apenas uma vez levantou o rosto para cruzar olhares com ele no

retrovisor.

— Foi um dia feliz — disse ela, sorrindo.

Sim, disse ele, foi. Ela era tão boa com surpresas.

E, no final das contas, havia mais surpresas esperando por eles quando chegaram em casa

com peles bronzeadas e grudentas. Mas foi a primeira surpresa do dia que não foi obra de

Diana, e se foi, não foi voluntária. Chegaram e encontraram Beverley e Jeanie esperando nos

fundos da casa, nas espreguiçadeiras. Jeanie estava deitada dormindo, mas assim que

Beverley os viu entrando na cozinha ela se levantou e começou a apontar para o relógio. A

mãe abriu as portas francesas e as prendeu na parede externa. Perguntou se estava tudo bem,

mas Beverley estava furiosa. Disse que a mãe dele as decepcionou. Esqueceu da visita.

— Eu não sabia que as visitas eram diárias. — Diana explicou que haviam apenas ido à

praia para ver um show, mas isso só piorou as coisas. O queixo de Beverley caiu. Parecia não

acreditar no que estava ouvindo.

— O organista era muito bom — disse Byron. Perguntou se Beverley queria ver o

programa do show, mas ela balançou a cabeça rapidamente com a boca tão apertada que

parecia presa com alfinetes.

— Beverley, não fique chateada — disse Diana.

— Eu queria ter ido à praia. Eu queria ter visto o show. Estamos morrendo de fome aqui.

Foi um dia ruim para mim. Minha artrite está péssima. E eu amo escutar órgão. É meu

instrumento favorito.

Diana foi logo preparar o coquetel de Beverley e começou a cortar pães, mas Beverley

estava vasculhando a bolsa. Tirava coisas, a carteira, o pequeno diário, o lenço, e depois

enfiava tudo na bolsa de novo, como se não encontrasse o que estava procurando.

— Eu disse que seria assim — falou ela. Parecia prestes a chorar. — Eu disse que você

ficaria entediada. — Jeanie veio das espreguiçadeiras e passou pelas portas francesas.

— Eu não estou entediada, Beverley.

— Você acha que pode me convidar para um chá e depois ter uma ideia melhor e ir

embora e se esquecer de mim. — Não conseguiu dizer o que vinha depois porque chorava

muito.

Diana entregou um lenço para ela. Depois pegou sua mão. Depois deu-lhe um abraço.

— Por favor, não chore, Beverley. Você é minha amiga. É claro que é. Mas eu não tenho

como estar aqui para você o tempo todo. Eu tenho meus filhos...

Ao ouvir isso, Beverley se afastou com os braços erguidos como se fosse fazer um

escândalo, mas foi interrompida por uma gargalhada na cozinha. Jeanie passou pelas portas

francesas na bola canguru de Lucy. Bateu na moldura da porta, quicou forte demais e voou por

cima da alça de borracha, aterrissando nas pedras do chão. Ficou caída, imóvel, pernas

abertas, mãos esticadas ao lado da cabeça. Não se mexeu.

Berrando, Beverley correu até ela.

— Pronto, pronto — gritou. — Pronto, pronto. — Não soava reconfortante. Sacudiu a filha

com força, como se estivesse apenas dormindo. Puxou-a pelos braços.

— Dá para andar? Abriu os pontos?

— Ela nem está com pontos — disse a mãe de Byron, mas parecia aterrorizada. — E

como ela estava na bola canguru se a perna está tão machucada?

Era a coisa errada a dizer, embora fosse verdade. Beverley pegou a criança no colo e

começou a andar sem jeito até a cozinha. Diana foi atrás dela com a bolsa, mas Beverley

continuou tropeçando para a frente como se tivesse esquecido como parar.

— Desculpe, desculpe — disse a mãe. — Não foi por mal.

Mas Beverley gritou: “Tarde demais, tarde demais.”

— Deixe-me dar uma carona para vocês. Deixe-me ajudar. — Diana falava com a voz

trêmula que usava com Seymour. Por meio instante, Byron temeu que o pai estivesse logo atrás

dela.

Beverley parou repentinamente e se virou. Seu rosto estava profundamente vermelho.

Jeanie estava em seus braços, frágil como um trapo de tecido, embora os dedos de Beverley

estivessem encolhendo e esticando novamente como se fosse muito doloroso usá-los como

parte da mão. Não havia sangue no joelho de Jeanie; Byron olhou com cuidado. No entanto,

Jeanie estava pálida e seus olhos estavam apenas entreabertos; ele também viu isso.

— Você acha que estou aqui pela sua caridade? — cuspiu Beverley. — Sou tão

boa quanto

você, Diana. Minha mãe era esposa de um vigário, lembra? Não uma dançarina barata. Nós

vamos de ônibus.

Foi a vez de Diana hesitar. Mal conseguia falar. Emitiu algumas palavras sobre o carro e o

ponto de ônibus, mas nada mais.

Para a surpresa dele, Beverley riu.

— O quê? E ver você dirigindo tudo errado? Você fica tão nervosa com aquele carro que

não é seguro. Você não devia nem ter carteira.

Andou em direção à saída ainda carregando Jeanie. A mãe observou da porta e colocou a

cabeça nas mãos.

— Isso não é bom — disse devagar. Foi para a cozinha.

Byron a ouviu lavando a louça e tirando a areia da toalhas de praia. Ele ficou na porta e

observou a silhueta de Beverley ficando cada vez menor e mais fraca conforme ia na direção

da estrada, até que não havia nada a não ser o jardim, a charneca e depois o céu esmaltado do

verão.

Assim como Beverley, James ficou muito interessado no show. Decepcionado com a

conclusão da Operação Perfeito, transferiu toda a sua energia para a visita

surpresa ao píer.

Indagou Byron acerca dos diferentes atos; o que vestiam, quanto duraram, o que fizeram

exatamente. Pediu que descrevesse os cenários pintados, a orquestra, as cortinas que caíam

entre cada cena. Foi a história do organista e das dançarinas de vestidos brancos que o

intrigou.

— Sua mãe chorou mesmo? — murmurou ele.

Não tiveram notícias de Digby Road por quatro dias. Nesse tempo, Diana falou pouco.

Ficou mais ocupada no jardim, removendo rosas e cortando ervilhas-de-cheiro. Sem Beverley

o tempo pareceu render de novo. Lucy e Byron brincavam perto da mãe e se sentavam sob as

árvores frutíferas para comer. Ele mostrou à irmã como fazer perfume com pétalas amassadas.

Quando o pai foi visitar, Diana vestiu sua saia justa e secou os cabelos com secador. Ele falou

sobre a viagem iminente à Escócia, e ela fez uma lista das coisas que ele pediu. Comeram o

bolo de aniversário de Lucy, e ele foi embora na manhã de domingo.

Já era de tarde quando Beverley telefonou. A conversa foi breve, Diana mal falou, mas

voltou branca como leite. Sentou-se na cadeira da cozinha, rosto nas mãos, e por muito tempo

não conseguiu explicar.

“Houve uma virada pavorosa na situação”, escreveu Byron para James naquela noite. “A

menininha Jeanie NÃO CONSEGUE ANDAR. Por favor, responda imediatamente. A situação

é MUITO SÉRIA. A OPERAÇÃO PERFEITO NÃO ACABOU. Isso é uma EMERGÊNCIA.”

10



Charneca

EM UMA CABINE telefônica, Jim explica para Eileen que conseguiu o número dela com as

meninas da cozinha. Eles podem se encontrar depois do trabalho? É uma emergência. Promete

que não vai tomar muito do tempo dela, mas precisa falar uma coisa importante. A ligação está

ruim. No começo, ela parece não saber quem é, nem sobre o que está falando. Diz que se ele

está tentando vender aparelhos de cozinha ou seguros, pode dar o fora.

— Eileen, sou eu — gagueja ele.

— Jim? — Ela cai na gargalhada, como se tivesse acabado de ver alguma coisa feliz. Ele

pergunta de novo se ela pode se encontrar com ele.

Ela diz que pode ir quando ele quiser. Também precisa vê-lo, diz ela.

Jim fica aterrorizado pelo resto da tarde. Esquece de sorrir para os clientes. Deixa de

entregar panfletos. Talvez devesse ligar para Eileen de novo? Talvez devesse dizer que se

lembrou de que tinha um compromisso marcado? Nem sabe exatamente o que vai dizer. É uma

emergência porque na hora que ela chegar ele não vai conseguir fazer nada. Como pode botar

em palavras tudo que tem na cabeça? Ela está repleta de imagens, memórias, coisas que

acontecem em uma centelha de tempo, antes que haja palavras. Em todos os anos em Besley

Hill, e apesar do incentivo das enfermeiras, das assistentes sociais e dos médicos, ele nunca

conseguiu explicar. O passado dele é como os sons vindos das montanhas, feitos de ar. Como

pode falar disso?

Na última sessão de grupo em Besley Hill, a assistente social prometeu aos pacientes que

aquele era um começo, não um fim. Alguns dos funcionários também perderam o emprego,

disse rindo, e pela maneira como continuou rindo ficou claro que ela era um deles. Era uma

situação estranha e nova para todos. Ela disse que queria que todo mundo pensasse no que

gostaria de ser. Alguém disse Cheryl Cole, vários pacientes choraram, outro disse um

astronauta, e então todos riram. Depois, a assistente social disse que o sr. Meade havia

concordado em receber Jim por um período de experiência. Explicou o que isso significava e

que ele era capaz, tinha certeza disso. Ele quis dizer para ela que o que gostaria de ser era um

amigo, mas ela já estava no celular resolvendo a papelada dele.

É ideia de Eileen a ida para a charneca. Sentindo a ansiedade dele, ela sugere um lugar mais

aberto. Ela sempre achou mais fácil conversar no escuro. Dirige constantemente a 60

quilômetros por hora, e ele está sentado com as mãos tensas no colo, no assento do carona. O

cinto de segurança corta seu pescoço. Mal consegue respirar.

Estão indo na direção oposta da cidade, passando pelas novas cadeias de lanchonetes e

pela construção onde em breve haverá um complexo de lojas. Os outdoors iluminados por

holofotes prometem 1.430 vagas gratuitas de estacionamento, vinte opções de alimentação, as

principais lojas de roupas e três andares de um shopping sem incoveniências. Eileen diz que

em breve não vai mais haver charneca, mas Jim não responde. Ele se lembra de ter parado na

borda de um terreno de demolição uma vez. Assistiu os buldôzeres, os guindastes, as

escavadoras; um exército inteiro para derrubar alguns tijolos e paredes. Não acreditou no

quão rápido foram destruídos.

Quando chegam à cerca que controla a saída de gado, o campo toma conta e a escuridão se

derrama pelos lados do carro. Luzes de casas salpicam os lados das montanhas, e à frente

deles não há nada além da noite. Quando Eileen estaciona e pergunta se ele prefere ficar

sentado e conversar, ele diz que gostaria de sair. Faz mais de uma semana que não vê a

charneca. Sentiu saudades dela da mesma forma que imagina que as pessoas sentem falta de

suas famílias.

— A gente pode fazer o que você quiser — diz Eileen.

Fora o vento forte, a falta de sons ali é de tirar o fôlego. Nenhum dos dois fala nada por

algum tempo. Apenas caminham lentamente contra o vento, que aperta o corpo deles e assobia

pela grama alta com a fúria de um mar. Há várias estrelas espalhadas que

parecem fagulhas no

céu, mas ele não consegue ver a Lua. Na ponta das montanhas, o horizonte tem uma borda de

luz laranja. São os postes de luz da cidade, mas se poderia pensar que é um incêndio, em

algum lugar bem distante. Às vezes é desnorteante; olhar para uma coisa e saber que pode

significar outra, caso você mude de perspectiva. A verdade é imprecisa, ele lembra de

repente. E balança a cabeça para não pensar mais a respeito.

— Frio? — pergunta Eileen.

— Um pouco.

— Precisa do meu braço?

— Estou bem.

— O pé está bem?

— Sim, Eileen.

— Tem certeza de que pode fazer isto?

Ele dá passos curtos para se prevenir. Está tão atordoado que mal consegue engolir. Tem

que respirar de modo curto, como as enfermeiras o ensinaram. Tem que esvaziar a mente e

imaginar os números 2 e 1. Por um breve instante, deseja o vazio causado pela agulha de

anestésico logo antes do tratamento, embora tenham parado de fazer isso em Besley Hill há

anos.

Pelo visto Jim não é o único com respiração ofegante. A de Eileen também está áspera e

rápida, como se ela a estivesse arrastando para fora dos pulmões. Quando finalmente pergunta

qual foi o motivo da ligação de emergência, ele só consegue balançar a cabeça.

Um pássaro noturno voa ao vento e é tão ligeiro, tão escuro, que parece ter sido lançado,

como se a charneca estivesse brincando com ele, como se o pássaro não estivesse voando.

— Se você não quiser falar, tudo bem, Jim. Eu falo. Tente me impedir. Eu preciso de um

pouco do seu silêncio. — Ela ri e diz: — Por que você não retornou às minhas ligações? Eu

liguei para o supermercado. Deixei mensagens. Você não recebeu?

Ele balança a cabeça de novo. Ela parece agitada.

— Eu fiz isso com você? — Eileen para. Aponta para o pé dele. Ela nem pisca.

Ele tenta dizer acidente, mas não consegue chegar perto da palavra.

— Merda — diz ela.

— Por favor, não fique chateada.

— Por que não me contou? Você podia ter me processado se quisesse. As pessoas

processam o tempo todo. As crianças processam os próprios pais, porra. Não que eu tenha

muito para dar, a não ser que você queira meu carro e minha TV quebrada.

Ele não tem certeza se ela está falando sério. Está tentando se segurar às coisas que quer

falar para ela. Quanto mais Eileen fala, mais difícil fica de se lembrar.

— Você podia pelo menos ter me denunciado para a polícia. Por que não fez nada disso?

Ela o observa, esperando por uma resposta, e enquanto observa, ele abre e fecha a boca e

faz pequenos sons de relaxamento que são tão cheios de tensão que chegam a doer.

— Você não precisa me contar agora — diz Eileen. — Podemos conversar sobre outra

coisa.

O vento sopra tão forte que as árvores movimentam os galhos como se fossem trapos. Ele

diz o nome das árvores para ela. Eileen levanta a gola até a orelha, e de vez em quando ele

tem que gritar.

— Isso é um freixo. A casca é cinza. Os brotos são pretos. Sempre dá para distinguir um

freixo porque as pontas são viradas para cima. Às vezes dentes-de-leão velhos ficam

pendurados. — Ele puxa um galho, mostra os brotos pontudos, os dentes-de-leão. Mal

gagueja.

Quando olha para Eileen vê que ela abriu um sorriso largo, mas que acima dos cantos da

boca há duas áreas coradas como morangos. Ela ri como se ele tivesse lhe dado um presente.

— Bem, eu nunca soube nada sobre árvores. — Depois disso, ela não fala mais nada.

Apenas olha para ele de vez em quando, o que parece deixá-la mais e mais corada. É só

quando voltam para o carro que ela diz: — Não tem nada de errado com você, Jim. Como

mantiveram você por tanto tempo em Besley Hill?

Ele começa a tremer tanto que quase cai. É a pergunta que mais quer responder. Essa

pergunta carrega tudo que Jim quer que ela saiba. Ele se vê jovem, gritando com o policial,

batendo nas paredes. Ele se vê com roupas que não são dele. A vista das janelas com grades.

A vista da charneca. O céu.

— Eu cometi um erro.

— Todos nós cometemos erros.

Ele continua:

— Havia dois de nós. Muitos anos atrás. Éramos eu e um amigo. Aconteceu uma coisa.

Uma coisa terrível. Foi culpa minha. Foi tudo culpa minha. — Ele não consegue mais.

Quando fica claro que ele terminou e que não tem mais nada que possa dizer, ela coloca os

braços na frente do peito e solta um longo suspiro.

— Eu lamento. Por você e seu amigo. Vocês ainda se veem?

— Não.

— Ele visitou você em Besley Hill?

— Não.

É tão difícil dizer essas coisas, esses fragmentos de verdade, que ele tem que parar. Ele

não consegue mais distinguir o que é céu, o que é terra. Ele se lembra de como esperou por

cartas, como esperou e esperou, certo de que alguma chegaria. Os pacientes recebiam cartões

de Natal ocasionalmente, talvez alguma coisa de aniversário; não havia nada para Jim. Ao

notar a angústia dele, Eileen toca a manga de sua camisa. Ela ri gentilmente, como se estivesse

tentando mostrar a ele como acompanhá-la.

— Fique calmo. Você vai voltar para o hospital se não tomar cuidado. E isso também vai

ser culpa minha.

Não funciona. A cabeça dele está nadando. Ele não sabe se está pensando no que ela disse

ou em Besley Hill ou em outra coisa, algo que está bem longe.

— Foi um acidente. Eu perdoo você. As pessoas têm que perdoar — diz ele.

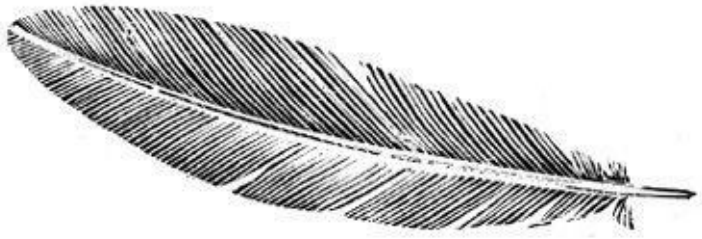
Ou pelo menos é isso que quer dizer. As palavras grudam na boca. São apenas sons que

não formam uma linguagem verdadeira.

— Ok, Jim. Tudo bem, querido. Vamos levar você de volta.

Ele torce, ele reza para que ela tenha entendido.

11



O órgão de Beverley

— EU ENTENDO A situação, Byron. Mas a gente não deve entrar em pânico. Temos que pensar

logicamente — disse James com voz ofegante ao telefone. Ligou assim que leu a carta de

Byron. — Temos que listar os fatos e decidir o que fazer.

Os fatos eram simples. Jeanie não andava havia cinco dias; desde o passeio na praia no

aniversário de Lucy. De acordo com Beverley, ela não conseguia sustentar peso nenhum nas

pernas. Primeiro Walt tentou incentivá-la com doces; Jeanie chorou. Eles a levaram ao

hospital. Walt implorou pela ajuda dos médicos. Beverley gritou com as enfermeiras. Nada

disso fez diferença. Não havia sinais óbvios de ferimento, e, no entanto, a criança parecia

aleijada. Se Jeanie tentava se levantar, caía no chão ou gritava. Agora, recusava-

se totalmente

a se mover. Estava com uma atadura que ia do tornozelo ao final da coxa. Em alguns dias

chegou a se recusar a levantar a mão e se alimentar.

Se a reação inicial de Diana foi estupefação, a segunda foi atividade intensa. Na segunda-

feira de manhã ela colocou as crianças no carro. Estacionou fora da casa e correu pelo jardim

com uma bolsa de revistas e gibis que havia comprado no caminho. Pela primeira vez, Diana

pareceu a menor das duas mulheres. Roeu as unhas e andou de um lado para outro enquanto

Beverley a observava de braços cruzados. A mãe sugeriu um homem cujo nome estava anotado

em seu caderno, mas, quando Beverley ouviu que era um psicólogo, ficou furiosa.

— Você acha que estamos inventando? — berrou ela. — Acha que somos loucos só

porque moramos em Digby Road? O que precisamos é de *ajuda* de verdade!

Beverley dissera que seria mais fácil mover Jeanie se ela estivesse sobre rodas; suas

mãos eram um problema. Diana correu para casa e pegou o antigo carrinho de Lucy. As

crianças novamente ficaram observando do carro enquanto a mãe mostrava como montar o

carrinho e prometia a Beverley que a levaria de carro aonde precisasse ir.

Beverley deu de

ombros. As pessoas eram muito prestativas quando a viam com uma criança machucada.

Ajudavam a subir no ônibus e a deixavam ir para a frente da fila nas lojas. Beverley

permaneceu cautelosa.

Diana havia passado a noite toda devorando livros médicos da biblioteca. Na manhã

seguinte, Beverley telefonou com a notícia de que os médicos deram uma tala para prender na

perna de Jeanie.

Ao ouvir todos esses fatos, James respondeu com uma única frase:

— A situação é muito séria.

— Eu sei — sussurrou Byron. Ouviu a mãe andando de um lado para outro no segundo

andar, parecia não conseguir ficar parada; ele não pedira permissão para usar o telefone.

James deu um suspiro agoniado.

— Eu só queria que tivesse alguma maneira de eu mesmo examinar as novas evidências.

Pelo restante da semana, Jeanie ficou sentada em um cobertor sob a sombra das árvores

frutíferas em Cranham House. Ganhou os livros de colorir e as bonecas de Lucy, e Byron mal

conseguia olhar. Sempre que precisava passar por ali, fazia um caminho mais longo. Lucy

amarrou um lenço em torno do próprio joelho. Queria o carrinho de volta, disse ela. Precisava

dele. Chegou a chorar.

— O negócio, Diana — disse Beverley no terraço —, é que você atropelou minha filha e

foi embora. Não compensou o que você fez durante um mês inteiro. E agora minha filha está

aleijada, entende? É com isso que estamos lidando. — Foi a primeira vez que Beverley

ameaçou Diana, e mesmo assim não pareceu estar ameaçando de fato. Falou com suavidade,

quase com vergonha, mexendo nos botões da blusa de maneira que soou mais como um pedido

de desculpas. — Talvez tenhamos que envolver a polícia. Advogados. Você sabe.

— Advogados? — A voz da mãe soou aguda.

— Não estou falando isso por mal. Você é minha melhor amiga. Só estou dizendo que

preciso pensar. Tenho que ser prática.

— É claro que tem — disse a mãe corajosamente.

— Você é minha melhor amiga, mas Jeanie é minha filha. Você faria o mesmo. Você é mãe.

Colocaria os filhos em primeiro lugar.

— Mas precisamos mesmo envolver a polícia? E advogados?

— Estou pensando em Seymour. Quando você contar para ele, provavelmente vai querer

fazer as coisas do jeito certo.

A mãe hesitou, sugerindo que não sabia se devia dizer o que estava pensando.

— Não acho que precisamos contar para Seymour — disse ela.

Em um último esforço para evitar a verdade por algum tempo, Diana pareceu ter ficado ainda

mais perfeita. Pareceu mais elegante, asseada, rápida. Polia o chão da cozinha sempre que as

crianças passavam, mesmo que apenas para pegar um copo de Sunquick. Mas ser tão perfeita

requeria vigilância constante e o esforço estava começando a cobrar seu preço. Ela

frequentemente escutava como se não estivesse ouvindo; ou como se estivesse ouvindo algo

diferente do que os outros ouviam. Ela começou a fazer listas. Apareciam em todos os cantos,

não apenas no caderno. Páginas arrancadas surgiram nas bancadas da cozinha. No banheiro.

Embaixo do abajur da mesa de cabeceira dela. E não listas corriqueiras como a de compras

ou ligações a serem feitas, mas listas de coisas fundamentais. Dentre lembretes como "*Lavar*

roupas brancas" e "*Botão azul novo para o cardigã de Lucy*", havia também "*Fazer almoço*"

e "*Escovar dentes*".

Independentemente de qualquer coisa, sempre que ela estava fazendo algo correto, quando

estava preparando o café da manhã saudável das crianças e lavando suas roupas, o momento

no carro quando ela cometera um erro também parecia estar presente. Era como se desde o

começo ela tivesse atropelado uma criança e não parado o carro. E qualquer coisa que fizesse

para compensar nunca seria suficiente porque Beverley havia começado seu próprio

movimento. As duas mulheres estavam girando em locais diferentes.

— Eu não entendo — disse a mãe certa vez. Olhou para o chão como se estivesse

procurando pistas físicas que a ajudassem. — Ela estava com um corte no joelho. Na primeira

vez que fomos a Digby Road eles disseram que era pequeno. Disseram que não era nada.

Como é que agora ela não consegue andar? Como pode ter acontecido isso?

— Eu não sei — disse Byron. — Talvez esteja na cabeça dela.

— Mas não está na cabeça dela! — Diana estava quase gritando. Seus olhos eram mais luz

do que cor. — Ela não consegue andar. Os médicos fazem exames e mais exames e ninguém

consegue ajudá-la. Eu queria que estivesse na cabeça dela. Mas ela está aleijada, Byron. Eu

não sei o que fazer!

De vez em quando ele levava pequenos presentes do prado, uma pena, uma pedra, alguma

coisa que no passado faria a mãe sorrir. Ele os deixava em lugares onde a mãe os encontraria

como uma surpresa. E às vezes, quando ele conferia, os presentes haviam sumido; às vezes ele

os encontrava, por exemplo, guardados no bolso do casaco dela. Ele sentiu que estava dando

sorte para ela sem que nenhum dos dois precisasse falar nada.

A gota d’água aconteceu no final da segunda semana de agosto. Foi um dia de chuva e

Beverley estava irritada. Ficou sentada, olhando pelas portas francesas, estalando os dedos e

suspirando, enquanto lá fora as sujas cortinas de chuva ondulavam o pátio e o jardim. Era

visível que ela estava de mau humor. Já havia berrado com Lucy por tirar uma boneca de

Jeanie.

— Vou precisar de algumas coisas, Diana — disse ela repentinamente. — Agora que

Jeanie está aleijada.

O rosto de Diana se franziu e ela respirou profundamente.

— Não precisa ficar tão nervosa. Só estou sendo prática — disse Beverley.

Diana assentiu. Seu peito estava estufado, um sinal claro de que não estava soltando o ar

todo.

— De que coisas está falando?

Beverley mexeu na bolsa e pegou uma lista. Olhando por cima do ombro da mãe, Byron

viu que era estranhamente parecida com algo que James poderia ter escrito, exceto que a

escrita dela era mais apertada e menos clara, e o papel que ela usou havia sido arrancado de

um bloco de anotações “Amar é...”. A lista continha pequenos itens. Curativos, remédios para

dor de cabeça. Chá. Mais um protetor de plástico para a cama para casos de emergência.

— É claro que as outras coisas são mais práticas.

— Como assim outras coisas? — disse a mãe.

Os olhos de Beverley passaram pelos móveis da cozinha de Diana.

— Coisas para facilitar a vida. Como, não sei, seu freezer.

— Você quer meu freezer?

— Não quero o seu, Diana. Você precisa do seu. Mas eu também gostaria de ter um. Todo

mundo está comprando um. Agora que minhas mãos estão atadas por causa do machucado de

Jeanie, tenho que arrumar soluções. Afinal de contas, ela precisa da minha ajuda para as

coisas mais básicas. Não consegue nem se vestir. E tenho que pensar na minha artrite. Você

sabe como é difícil mover os dedos alguns dias. — Ela mostrou as mãos novamente, como se

a mãe de Byron precisasse de ajuda para se lembrar de como eram, e, a julgar

pelo olhar

estupefato de Diana, queixo caído, Beverley devia estar certa.

— Ainda não entendi como um freezer pode ajudar Jeanie — disse Byron.

— Bem, eu podia pedir um carro, mas seu pai notaria. — Apesar do sorriso, havia dureza

na voz de Beverley. Era como falar com uma mulher gentil e descobrir uma perversa logo

atrás dela.

— Um carro? — disse Diana. — Eu não estou entendendo. Você quer um carro?

— Não, não. Não preciso de um carro. Não sei dirigir. Foi Walt que mencionou essa ideia.

Como falei para minha vizinha outro dia, qual é o problema de pegar ônibus? Várias pessoas

deficientes pegam ônibus.

— Mas eu levo você de carro — Diana estava falando com cuidado novamente, como se

usasse uma língua que não era a sua. — Não é problema.

— É problema para Jeanie. Ela tem lembranças ruins quando entra no seu carro. Tem

pesadelos. É por isso que estou tão exausta. O que eu queria... — Ela fez uma pausa. — Não,

não — disse ela. — Não consigo dizer.

— Por que não tenta? — disse Diana fracamente.

— Eu gostaria mesmo é de um órgão.

Byron engoliu em seco. Imaginou de repente um coração ensanguentado nas mãos de

Beverley. Como se tivesse lido seu pensamento, ela sorriu.

— Um lar precisa de música.

Dessa vez foi Diana quem quebrou o silêncio.

— Então não um freezer?

— Não.

— Não um carro?

— Não, não.

— Mas um órgão?

— Um Wurlitzer. Como o do show que você viu sem mim. Tem um a venda agora na

vitrine da loja de departamento.

A mãe dele ficou sem palavras.

— Mas... como? Quer dizer, eu consigo lidar com coisas menores, mas... — Ela perdeu a

voz. Sentou-se em um silêncio devastado. — O que vou dizer para Seymour? E eu nem sabia

que você tocava órgão.

— Eu não toco — disse Beverley. — Mas sinto que seria boa. Se eu me concentrar em

aprender. E quanto a Seymour, acho que você vai ter que fazer o truque do canhoto em branco.

Deu certo antes, Di. Você tem experiência nisso.

O órgão foi entregue em Digby Road depois do fim de semana. A mãe tinha ido direto à loja

de departamento e assinado o cheque. Segundo Beverley, metade dos moradores da rua se

reuniram para assistir aos quatro entregadores tirando o órgão do caminhão e tentando passar

com ele pelo portão e pelo jardim. A maioria dos vizinhos nunca tinha visto um caminhão de

entrega, disse ela; muito menos um Wurlitzer. O portão teve que ser tirado das dobradiças para

que o instrumento entrasse no jardim. Beverley disse que a coisa mais maravilhosa foi que o

portão parou de ranger depois que os entregadores o recolocaram.

O órgão foi instalado na sala de estar em frente as novas portas dobradiças, que davam

para a cozinha. Veio com um banco duplo acolchoado de couro que se abria e virava um

compartimento para guardar as partituras musicais. Quando ela o conectou na tomada, ele

pareceu ronronar e um feixe de luzes verdes e vermelhas apareceu no teclado.

Nos dias seguintes, as visitas de Beverley a Cranham House pararam totalmente. A mãe

começou a se preocupar de novo. Passou de carro duas vezes pela casa, embora não tenha

parado e entrado. Não havia sinal de alguém na casa, disse ela, e não tinha roupas no varal.

Beverley acabou ligando de um telefone público na quinta-feira. A perna de Jeanie estava

particularmente ruim, contou para a mãe; por isso ela parou de visitar. Byron ficou sentado aos

pés da mãe. Ouviu palavra por palavra.

— Jeanie está sentindo tanta dor que eu não pude sair de casa — disse Beverley. — Mas

tenho boas notícias.

— Mesmo? — A mãe aproximou o telefone da orelha. Chegou a cruzar os dedos.

— Meu órgão — disse a voz de Beverley um tanto distorcida pela qualidade da ligação.

— Oi? — disse a mãe.

— Meu Wurlitzer. Aprendi a tocar como pato aprende a nadar.

— Ah. Que notícia maravilhosa. — Havia lágrimas se acumulando nos olhos de Diana,

mas ela falou com um sorriso na voz.

— Sim. Walt nem acredita. Toco dia e noite. Já sei cinco músicas de cor. Walt disse que

tenho talento natural.

Ela disse que apareceria no dia seguinte.

O plano para a performance musical de Beverley veio na mesma noite e foi inteiramente ideia

de James. Ele disse que a ideia lhe ocorreu de uma vez; ele era capaz de visualizar o evento

do começo ao fim. Falou tão alto e rápido que Byron teve que afastar o telefone da orelha.

Haveria um concerto em Cranham House, assim como o que aconteceu no píer, e Beverley

tocaria o órgão novo. Haveria venda de ingressos para arrecadar dinheiro para Jeanie, bem

como bebidas, e todas as mães da escola seriam convidadas. James acompanharia Andrea, e

assim conseguiria finalmente examinar pessoalmente o estado do machucado de Jeanie. Diana

faria um discurso apresentando Beverley e agradecendo aos meninos pela ajuda.

— Mas eu não acho que isso vai dar certo — murmurou Byron. — Um órgão é uma coisa

muito pesada. É difícil de levantar. Precisa de homens que fazem mudança. E as outras mães

não foram legais com Beverley.

Mas James estava convencido. Continuou falando tão rápido que atropelou Byron. Ele

escreveria o discurso para Diana. Na verdade, já estava escrito. Haveria um bufê de petiscos

no pátio; todas as mães levariam alguma coisa. A cozinha serviria de palco; Byron operaria as

cortinas enquanto James levava as convidadas a seus lugares. Talvez devessem permitir que

Lucy ajudasse com os programas? James escreveria tudo à mão. Estava falando quase sem

interrupção.

— Mas minha mãe não pode fazer um bufê de petiscos. Beverley não pode fazer um show.

Ela acabou de aprender a tocar.

James não estava ouvindo. Sim, repetiu ele; era a melhor ideia que já tivera. Era um

especial de James Lowe. Byron devia contar para Beverley assim que ela chegasse.

— Confie em mim — pediu James.

12



Perfume e desodorante

FOI IDEIA DE Eileen que se encontrassem na cidade. Quando o deixou em casa na noite anterior,

após a caminhada na charneca, ela sugeriu que saíssem de novo. Mencionou um pub perto da

Pound Shop.

— Só se você quiser — disse ela. — Você pode estar ocupado.

Ele disse que queria muito.

Depois do expediente, Jim foi direto para a cidade. Chega cedo, então examina uma seleção

de chocolates de Natal em promoção na Pound Shop. Olha a prateleira de desodorantes em

spray e lhe passa pela cabeça que gostaria de estar cheiroso, embora não saiba dizer qual

desodorante é o melhor. Por fim, pega o frasco que parece ter a figura de um leão verde no

rótulo.

Pergunta-se qual será o cheiro de um leão verde.

A vendedora diz que vai registrar os dois itens, e é assim que ele acaba com uma sacola

plástica tanto com os chocolates, quanto com o desodorante de leão.

O último item é um erro. Ele descobre assim que o experimenta enquanto está esperando

por Eileen. Ele levanta a camisa, como já viu outros homens fazendo — não pacientes, mas o

sr. Meade e Darren. Segura a lata na direção da axila e sente uma rajada de spray gelado.

Agora que sabe qual é o cheiro de leão verde, gostaria de ter escolhido outra coisa. Havia um

frasco, por exemplo, com a imagem de uma montanha. Ele queria ter escolhido aquele.

Como ainda está cedo, ele manca de um lado para outro da rua o mais rápido que pode

para tentar perder o cheiro, ou pelo menos suavizá-lo. Mas é como ser perseguido por uma

sombra especialmente insistente. Assim que ele para, a sombra o alcança. Jim tenta ir mais

rápido. Tem consciência de que os braços estão subindo e descendo como êmbolos. As

pessoas estão desviando de Jim, que caminha rápido.

Quando para, o cheiro parece ter piorado. Ele se pergunta se deveria voltar ao trailer, se

pode tomar um banho e trocar de roupa; mas então atrasaria para encontrar Eileen. Volta a

andar. Só que agora o cheiro parece ter ficado mais sólido. Criou patas. Está na verdade

andando pesadamente atrás dele, uma forma verde cada vez mais rápida. Ele corre. E o leão

também.

— Ei! — O leão até fala. — Ei! — berra. — Espera!

Jim olha depressa para uma vitrine e vê seu reflexo e o da figura sólida que o persegue; só

então percebe que a figura é Eileen. Ele para tão bruscamente que ela esbarra nele. Na

verdade, ela para com um encontrão, junto ao peito dele, e por um instante ele tem vontade de

abraçá-la bem apertado. Então ele lembra que apesar de ela não ser um leão verde, ele ainda

tem o cheiro de um — e por isso, dá um pulo para trás.

— Merda! Pisei no seu pé? — Eileen fala com pontos de exclamação. Ao perceber o

cheiro dele, respira fundo e faz um som, como se fosse perder o equilíbrio. — Nossa! — uiva

Eileen.

O segundo encontro é uma ideia péssima. Ele jamais devia ter concordado. Gostaria de

estar no trailer neste momento. Ele rapidamente dá a bolsa com os chocolates para ela e

percebe tarde demais que também deixou o maldito desodorante na sacola. Ele diz que é bom

vê-la e que tem que ir embora. Eileen escuta com uma expressão claramente confusa, e tudo o

que ele vê é a maneira como, de vez em quando, se sente em relação ao mundo, como se

tivessem tirado camadas de sua pele.

— Sou eu. Não é? — diz ela de repente. Parece chateada. — Estou fedendo. Ai, caralho.

— N-n-n... — Ele tenta dizer. Mas a palavra se esconde.

— Eu experimentei esse perfume em uma loja. Cheguei cedo demais. Não tinha mais nada

para fazer. No frasco dizia que era Perfume das Montanhas. Achei que você fosse gostar. Aí

coloquei um pouco. Botei nos pulsos e no pescoço. Bastante. E agora estou fedendo a

desinfetante de privada, que merda. — Levanta a sacola. — Mas obrigada pelos

chocolates. A

não ser que você queira de volta? Para outra pessoa?

Jim balança a cabeça para mostrar que não.

— Você está cheirosa — diz finalmente, embora mal consiga respirar agora que está ao

lado de Eileen. Não sabe se é o desodorante dele ou o perfume dela, ou se os dois cheiros já

se misturaram para formar alguma coisa ainda mais tóxica, mas de qualquer maneira o

resultado é devastador. Os olhos dele começam a lacrimejar.

— Então você ainda quer uma cerveja? — pergunta ela, sem graça, e ele responde, sem

graça, que sim, quer.

Caminham até o pub, Jim e Eileen, seguidos por dois cheiros, perfume e desodorante, que

são tão nauseantes que lembram Natal com um grupo desagradável de parentes.

Se bem que ele não tem nenhum parente, é claro.

Eles conversam sobre várias coisas. A jardinagem dele, as novidades no café do

supermercado. Quando ele descreve o aconchego ela gargalha bem alto, e ao ouvi-la

gargalhando ele também enxerga o lado engraçado da história, e não sente mais medo. Ele

pensa no quanto gostaria de ter aquilo na vida, a gargalhada dela, sua forma de enxergar as

coisas, e se pergunta se é isso que as pessoas buscam em um parceiro ou amigo:

a parte de si

mesmos que está faltando. Conversam sobre a vida de Eileen; que está procurando emprego,

que trabalha meio expediente na loja de caridade da High Street. Ela pergunta de novo sobre

Besley Hill, mas ao sentir que ele não consegue responder, para de perguntar. Ele tem uma

lista de coisas interessantes sobre as quais conversar, caso fiquem sem assunto, mas é difícil,

percebe ele, referir-se a essa lista quando a pessoa que você gostaria de manter interessada

está sentada bem na sua frente. Ele queria ter pensado nisso antes. Ele se pergunta se aquilo é

um encontro romântico ou apenas amigável.

— Então — diz Eileen. Ela bate os dedos na mesa.

Jim fala rápido.

— Por favor, você pode descrever sua casa? — Diz: — Você tem cachorro? — Diz: —

Qual é sua comida favorita? — Diz: — O que você gostaria de poder ser?

É como se a boca estivesse acelerando sem comando, determinada a acabar logo com esse

negócio de conversa.

Depois do encontro, que pode ser romântico, mas pode também ser apenas amigável, ele

abre a porta do trailer e pensa que eles perderam uma noite conversando sobre detalhes. Ela

contou para ele que gosta de geada, não de neve. A geada, segundo Eileen, toca cada coisa e a

destaca.

— Enquanto a neve se joga em tudo. E eles não cancelam os ônibus quando tem geada.

De agora em diante, ele sempre vai gostar de geada.

Realmente é um detalhe o fato de Eileen preferir geada em vez de neve, mas são essas

coisas, ele percebe, essas pequenas coisas, que compõem as grandes. Além disso, as coisas

grandes na vida não se apresentam como tais. Acontecem em momentos normais, comuns —

uma ligação, uma carta —, acontecem quando não estamos olhando, sem pistas, sem aviso, e é

por isso que nos impressionam. E pode levar uma vida inteira, uma vida com muitos anos,

para aceitarmos a incoerência das coisas; que um momento pequeno pode estar lado a lado

com um grande, e pode se tornar parte do mesmo.

Várias horas após o encontro, quando ele está vedando a porta do trailer com fita adesiva,

outra imagem de Eileen inunda sua mente. Eles estavam sentados no carro, e quando ele estava

prestes a sair, ela disse:

— Você perguntou algumas coisas antes. Sobre quem eu sou. E eu não respondi. Então, se

você ainda quiser saber, aqui vai.

Ela contou para ele sobre o apartamento dela no limite da cidade. Contou que não tinha

cachorro, apesar de querer. Falou um pouco sobre os pais; o pai era um militar na casa dos 70,

a mãe era uma mulher da sociedade. Eles se separaram quando ela tinha 13 anos. Ela viajara

bastante nos últimos anos, nem sempre para lugares bons. Tinha dificuldade de permanecer em

um só lugar. Então ela sorriu para ele, no assento do motorista, e Jim não sabe por quê, mas

teve a impressão de que os olhos dela estavam cobertos de lágrimas.

— Fiz várias coisas na minha vida. Você não faz ideia do quanto já me fodi. Mas, se eu

pudesse ser qualquer coisa, pediria para ser uma pessoa decente. É só isso que conta.

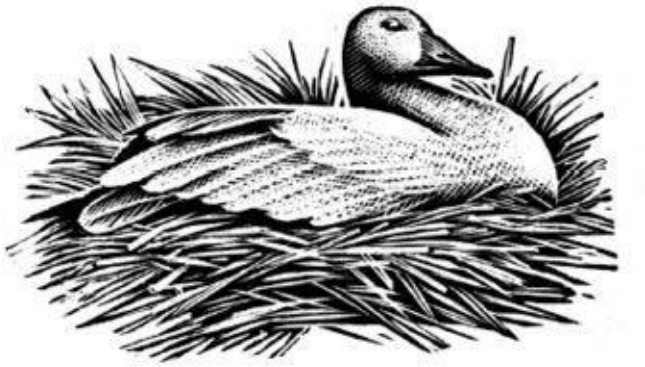
Jim estica uma faixa de fita adesiva acima da porta do trailer. Corta com uma tesoura para

que o tamanho seja exato. Depois tira mais dois pedaços e os coloca nos lados da porta. Os

rituais são feitos rápida e eficientemente, e quando o relógio da cidade bate as onze da noite

Jim já está na cama dobrável.

13



A captura de um ovo de ganso

e a perda do tempo

JAMES TINHA RAZÃO quanto ao show. Quando Byron sugeriu a ideia, Beverley arregalou os

olhos.

— O quê? Só eu? — cantarolou ela. — E na frente de todas as mães?

— Não estou entendendo o que você está querendo dizer. Que tipo de show? — perguntou

Diana, preocupada.

Byron repetiu o que James tinha dito, palavra por palavra. Explicou sobre convidar as

mães para Cranham House; haveria bilhetes de entrada e programas para levantar fundos para

Jeanie, e também haveria um bufê de petiscos. Mostrou como os meninos prenderiam as portas

francesas e arrumariam as cadeiras da sala de jantar para receber uma plateia em um

semicírculo no pátio; enquanto ele falava, Beverley o observava intensamente, assentindo e

murmurando “Hum, hum” como se abocanhasse os finais das frases dele. A mãe escutou em

silêncio. Foi apenas quando ele terminou que ela balançou a cabeça; mas Beverley

interrompeu e exclamou:

— Ah, eu não seria capaz, seria? O que você acha, Di?

A mãe não teve outra saída a não ser dizer que era claro que ela seria capaz.

— Vou precisar de uma roupa e de mais partituras, mas acho que ele tem razão. Seria bom

para Jeanie.

— Como isso vai ajudar a perna dela? — murmurou a mãe dele. — Eu não entendo. —

Mas Beverley já estava buscando a bolsa e o carrinho e o cobertor de Jeanie no corredor.

Tinha que ir para casa e começar a praticar, disse ela.

Seymour não visitou no fim de semana. Tinha trabalho a fazer antes da viagem de caça para a

Escócia. Ao telefone, Diana disse a ele que estava com saudades. Prometeu lavar suas roupas

de veraneio, mas falava como se estivesse pensando em outra coisa.

Byron acordou cedo no sábado e foi para o quarto da mãe, que descobriu vazio. Checou a

cozinha, o banheiro, o quarto de Lucy e a sala de estar, mas não havia sinal dela. Ele sabia

onde procurar.

Ela estava agachada na grama à margem do lago, segurando um copo. A água estava escura

e parada, coberta com amontoados verdes e macios de lentilhas-de-água. Apesar do calor do

meio de agosto, as margens ainda tinham flores brancas e rosas caninas com pétalas que

pareciam corações cor-de-rosa. Ele caminhou com cuidado, não queria assustar a mãe.

Agachou-se a seu lado.

Ela não levantou o rosto, mas parecia saber que ele estava lá.

— Estava esperando a gansa botar o ovo — disse ela. — O truque é ser paciente.

Acima da charneca as nuvens já estavam começando a se reunir como picos de granito.

Talvez chovesse.

— Você não acha que a gente devia entrar e tomar café da manhã? — disse ele. —

Beverley pode chegar daqui a pouco.

A mãe olhou para o lago como se Byron não tivesse falado. Por fim, ela disse:

— Ela vai ficar ensaiando. Duvido que venha hoje. Enfim, a gansa não vai demorar. Está

no ninho desde que começou a amanhecer. E se eu não pegar o ovo, os corvos pegam.

Esticou a mão com o copo, apontando a cerca. Tinha razão. Os corvos estavam

enfileirados ao redor deles, macios e de um negro aveludado em contraste com a charneca ao

fundo.

— Parecem carrascos. Esperando o fim. — Ela riu.

— Eu não acho — disse ele.

A gansa eriçou suas penas brancas e aveludadas. Ficou imóvel na cama de urtigas, com o

pescoço ligeiramente ereto, e os olhos azuis, delineados com o mesmo laranja do bico,

piscavam apenas de vez em quando. Um chacoalhar cavernoso do bater de folhas veio dos

freixos lá no fim da charneca; os corvos estavam em todo lugar, esperando pelo ovo. Ele

entendeu por que a mãe queria salvá-lo. O ganso macho bicou a margem da água.

Diana mexeu a bebida.

— Você acha que Jeanie vai voltar a andar? — disse de repente.

— Claro que sim. Você não acha?

— Não consigo ver aonde isso vai parar. Sabia que tem mais de dez semanas que tudo

começou? Parece que fazem anos. Mas Beverley está feliz. Aquele show foi uma ideia muito

boa. — Voltou a olhar para o lago intensamente.

Byron percebeu que durante as férias de verão Diana havia se tornado outra pessoa. Não

era mais uma mãe. Pelo menos não uma das que manda você escovar os dentes e limpar atrás

das orelhas. Havia se tornado alguém que parecia mais uma amiga da mãe, ou a irmã; se ao

menos Diana tivesse uma ou outra. Ela havia se perdido e virou uma pessoa que entendia que

nem sempre era agradável escovar os dentes e limpar atrás das orelhas e fingia que não via

quando os filhos escolhiam não fazer um ou outro. Era um presente ter uma mãe como aquela.

Ele tinha sorte. Mas era também inquietante. Isso o fazia se sentir ligeiramente abandonado,

como se uma parede tivesse caído, e essa parede fizesse parte de algo que mantinha as coisas

em funcionamento. Às vezes ele queria perguntar se ela havia se lembrado de escovar os

próprios dentes ou de limpar atrás das próprias orelhas.

Um vento leve soprou. As penas inferiores do ganso se moveram com o vento, como

franjas brancas e macias. Byron sentiu os primeiros pingos de chuva.

— Tenho pensado. — Ela se calou novamente, como se tivesse ficado sem energia.

— Tem? — disse ele. — Tem pensado em quê?

— No que você falou uma vez. Sobre o tempo.

— Eu acho que vai chover a qualquer minuto.

— Você disse que não devíamos brincar com o tempo. Não cabe a nós, você disse. Você

tinha razão. Mexer com os deuses é como brincar com fogo.

— Eu não me lembro de mencionar os deuses — disse ele, mas ela parecia estar perdida

nos próprios pensamentos.

— Quem pode dizer que o tempo é real só porque temos relógios para medi-lo? Quem

sabe dizer se as coisas estão todas avançando na mesma velocidade? Talvez tudo esteja

caminhando para trás ou para os lados. Você também falou algo assim uma vez.

— Ai, meu Deus — disse ele. — Falei? — As gotas de chuva criavam ondinhas na água

do lago. Era surpreendentemente macia e quente e tinha cheiro de grama.

— Ou poderíamos tomar o controle das coisas. Poderíamos mover os relógios.

Poderíamos fazer com que fossem o que quiséssemos.

Byron soltou uma gargalhada que o fez se lembrar, de maneira desconfortável, do pai.

— Acho que não.

— O que estou falando é, por que somos escravos de alguma coisa que é apenas um

conjunto de regras? Sim, nos levantamos às seis e meia. Chegamos à escola às nove.

Almoçamos uma da tarde. Mas por quê?

— Porque, se a gente não fizesse assim, seria um caos. Teria gente indo para o trabalho e

gente almoçando e gente indo dormir. Ninguém ia fazer ideia do que está certo ou do que está

errado.

Diana mordeu o canto do lábio, pensando.

— Estou começando a achar que o caos é subestimado — disse ela.

Diana desatou o relógio, deslizou-o pelo punho e o segurou na palma da mão. Antes que

Byron pudesse impedir, ela ergueu a mão e a abriu. O relógio girou em um arco prateado no ar

e depois cortou a superfície escura da água com um “plop” que fez ondinhas se propagarem

até a margem. O ganso levantou a cabeça, mas a gansa não se moveu.

— Pronto. — Diana gargalhou. — Adeus, tempo.

— Espero que papai não descubra — disse Byron. — Ele deu aquele relógio para você.

Deve ter sido caro.

— Bem, agora já foi — disse ela, com calma, olhando para o copo como se a pessoa com

quem falava estivesse em algum lugar no fundo dele.

Eles foram interrompidos quando a gansa levantou o traseiro e inclinou o pescoço para a

frente. Suas asas se levantaram e se abaixaram, levantaram e abaixaram, da mesma maneira

que Byron às vezes tencionava ombros e dedos. Então, onde antes havia nada mais do que

penas brancas, uma boca macia e rosada de músculos emergiu, contraindo-se e flexionando.

Olhou para eles como se estivesse piscando e depois sumiu.

A mãe se sentou ereta.

— Está vindo. — Ela respirou fundo.

Os corvos também sabiam que estava vindo. Desciam dos freixos e faziam círculos acima

deles com asas enviesadas.

Lá estava, um ovo de gansa: um pequeno olho branco piscando no centro do músculo rosa.

Ele desaparecia e voltava repentinamente, só que dessa vez com o tamanho e a luminosidade

de uma bola de pingue-pongue nova. Eles observaram em silêncio enquanto a gansa levantava

as penas do traseiro bem no alto, empurrando e tremendo, até que o ovo saiu, caindo na cama

de urtigas. Foi perfeito. A mãe de Byron se levantou lentamente e pegou um graveto, cutucando

o pássaro até que ela ficasse de pé. A gansa abriu o bico e chiou, mas rodopiou para longe.

Parecia exausta demais para brigar.

— Rápido! — gritou ele porque, ao ouvi-la, o ganso começou a atravessar a água na

direção deles e os corvos estavam pulando para mais perto. A mãe se abaixou para pegar o

ovo e o deu para Byron. Era tão quente e pesado que era como se estivesse segurando uma

coisa viva. Precisou usar as duas mãos. A gansa se afastou deles pela margem,

ainda chiando.

Suas penas inferiores estavam manchadas de lama no ponto onde havia feito pressão no chão

para forçar a passagem do ovo.

— Eu me sinto péssima agora — disse Diana. — Ela quer o ovo de volta. Está

lamentando.

— Se você não pegasse o ovo, os corvos pegariam. E você salvou um ovo lindo. Foi uma

boa ideia a gente esperar por ele.

A chuva encheu o ar e formou pequenas contas nos cabelos dela. As folhas e gramas

rangiam com o peso sutil das gotas.

— A gente devia entrar agora — disse ele.

Ao caminhar de volta para a casa, ela tropeçou uma vez e ele teve que esticar a mão para

apoiá-la. Ela carregava o ovo da gansa como um presente; ficou olhando para ele enquanto

andava. Perdeu o equilíbrio de novo no começo do jardim. Ele segurou o copo vazio e o ovo

enquanto ela abria o portão.

Os corvos nas árvores ao longe deram um grito estridente que cortou o ar úmido da manhã.

Byron queria que ela não os tivesse descrito como carrascos. Queria que ela não tivesse

mencionado que eles estavam esperando o fim.

— Não deixe cair — disse Diana.

Ele prometeu tomar cuidado.

No fim, o ovo da gansa nunca foi usado. A mãe o deixou em uma tigela no parapeito. Ele

viu os corvos lá fora batendo as asas para se equilibrarem nos galhos, que pareciam frágeis

demais. Ele bateu as mãos para assustá-los e correu lá fora para espantá-los para longe. “Xô,

xô”, berrou. Mas assim que Byron se virava, eles voltavam e se prostravam nos topos das

árvores, esperando.

Era o mesmo com o tempo, pensou ele, e também com a tristeza. Ambos ficavam

esperando para pegar você. E independentemente do quanto você balançava os braços e os

espantava, eles sabiam que eram maiores. Sabiam que iam pegar você no final.

Quando Seymour foi buscar as roupas de veraneio e a espingarda, a visita durou apenas

algumas horas. Ele falou pouco. (“É porque está nervoso”, disse Diana.) Conferiu vários

cômodos. Folheou as páginas do calendário de Diana. Quando perguntou por que o gramado

estava tão alto, ela disse que teve dificuldades com o cortador de grama, e isso provavelmente

era verdade; estava cada vez mais difícil distinguir o que era real e o que era imaginado. O

pai disse que era errado não manter as aparências, e ela pediu desculpas e prometeu estar com

tudo pronto para o retorno dele.

— Que suas férias sejam maravilhosas — disse ela. — Ligue quando puder. — Ele pediu

o protetor solar e o repelente, e ela apoiou a cabeça nas mãos. Ela simplesmente esqueceu,

disse Diana. Quando ela o beijou, tocou apenas ar.

Mais tarde, os planos para o show de Beverley ficaram mais concretos. Ela estava praticando

todos os dias; tinha dez músicas. James falou para Byron, ansiosamente, que havia recrutado a

ajuda de Andrea. Pelo visto ela ligara para as mães, incentivando que fossem e que levassem

um prato de petiscos. James disse que havia feito ingressos para vender na porta e programas.

Delineou um mapa de assentos e estava reescrevendo o discurso de Diana. Telefonava todas

as noites.

E quando Byron perguntava, como fazia de vez em quando, “Tem certeza de que é boa

ideia?” — ou quando dizia “Minha mãe fica triste às vezes”, ou até mesmo quando indagava

“Mas imagina se Beverley conta para todo mundo o que minha mãe fez?” —, James

simplesmente falava por cima dele. A coisa mais importante, disse ele, era que

teria a chance

de ver a evidência.

14



Saindo

JIM E EILEEN se encontram todas as noites. Ele dobra a roupa de Papai Noel, a coloca no

embrulho de plástico e desce a escada dos funcionários para encontrá-la no estacionamento.

Vão de carro até a cidade e fazem coisas que todo mundo faz, coisas cotidianas. Vão ao

cinema, encontram-se para beber, e se o céu está aberto dão um passeio breve pela charneca.

Certa noite vão ao restaurante italiano para comer massa. Ela pergunta sobre o dia dele e ele

conta que o sr. Meade ofereceu um emprego a Darren. Ele conta sobre uma criança que deu

uma cartinha de Natal para ele, e, enquanto escuta, Eileen ri e suspira como se essas coisas

fossem interessantes. Em resposta ele pergunta como foi o dia dela, como está o apartamento,

a procura por emprego. Ele sempre está em casa às nove da noite.

Quando ela o deixa no final da rua sem saída, diz:

— Eu entraria para tomar um chá, se é isso que você está oferecendo. — Mas ele não

entende por que ela diz isso, já que não está oferecendo nada. — Até mais! — Eileen acena e

ele fecha a porta do carro.

— Tome cuidado — diz ele para ela. Eileen ri e promete que vai tomar.

E mesmo assim, depois desses encontros ele não é como todas as outras pessoas — ele

entra e sai, oi, pequeno cacto, ele veda as portas e as janelas com fita adesiva —, ele não se

incomoda com os rituais. São coisas que ele faz antes de passar para a próxima atividade, que

é pensar em Eileen. O coração dispara quando ele a imagina. Ele ri das piadas dela mesmo

quando o encontro já terminou faz tempo. Ele consegue sentir o cheiro dela. Consegue ouvi-la.

Sente-se maior do que os rituais; são apenas uma parte dele, como a perna também é uma parte

dele, mas não a pessoa inteira. Talvez um dia ele até pare.

Paula o intercepta certa tarde quando ele está indo ao banheiro. Pergunta como estão as

coisas e ele não consegue olhá-la nos olhos, mas garante que estão em ordem.

Ela diz que ele

parece bem. Gosta de como arrumou os cabelos e ele responde que ah, é mesmo, porque na

verdade tudo o que fez foi passar uma escova de cabelos pela cabeça, indo mais da esquerda

para a direita. Viu Darren fazendo isso. Talvez seja por isso que Paula gosta.

— Eu tive uma ideia — diz ela. Conta para Jim que é uma pessoa de instintos. Não é

erudita. Na verdade, ela diz que não é Araldita, mas ele entende. — Darren tem uma tia. Ela é

legal. Você ia gostar dela. Ela mora sozinha. A gente estava pensando que vocês deviam sair

para tomar alguma coisa.

— Com a sua tia?

— Eu e Darren vamos também.

Jim torce as mãos. Tenta explicar que adoraria ir tomar alguma coisa com Paula e Darren,

mas já tem alguém. Ela franze o rosto, parecendo impressionada. Ele fala rapidamente que a

pessoa é Eileen; não consegue segurar a informação, quer muito contar para alguém, só que

agora ela parece estupefata.

— Eileen? A mulher que atropelou você?

— Foi um acidente.

Ele ri, mas Paula não. Ela dá de ombros e começa a se afastar. Ela se abaixa para

pegar

uma lata que alguém deixou cair e, ao mirar a lata de lixo, diz:

— Espero que você saiba o que está fazendo.

15



O show

ERA UM DIA lindo para o show. Houve previsão de chuva na noite anterior, mas nenhum sinal

dela quando Byron acordou de manhãzinha. Havia céu azul e luz branda e rosada sobre a

charneca. O gramado já estava cheio de bolsões de flores que se tocavam. Havia cardos

roxos, trevos rosas e brancos, trifólios laranja e buquês amarelos de ervas-coalheiras.

Infelizmente, a parte superior do gramado também tinha grama alta e estava cheio de

margaridas. As rosas se espalhavam de forma aleatória pelo gazebo e lançavam galhos

espinhosos pelo caminho.

Byron disse a si mesmo que James estava certo, que o show era uma boa ideia. A mãe

ainda estava dormindo. Ele teve a impressão de que era melhor deixá-la dormir o máximo

possível.

Não tinha certeza de como limpar a casa, mas agora que olhava, Byron viu que alguma

coisa tinha que ser feita antes de os convidados chegarem. Sem saber onde colocar panos e

louças sujos, decidiu guardá-los nas gavetas da cozinha, onde ninguém notaria. Pegou o

esfregão e um balde e tentou limpar o chão da cozinha. Não entendeu por que tinha tanta água.

Tentou se lembrar de como a mãe fazia, e tudo o que conseguia ver era o dia do acidente

quando ela correu para limpar o leite derramado e a jarra quebrada, cortando a mão. Diana

tinha razão. Parecia muito tempo desde aquela manhã no início de junho, quando tudo

começara.

Houve uma dificuldade considerável no transporte do órgão de Beverley. A van ficou

travada em uma das ruelas estreitas e íngremes que levavam à casa, e o motorista teve que

voltar à cidade e ligar de uma cabine telefônica para pedir ajuda.

— Quero falar com sua mãe — disse ele.

Byron respondeu que no momento ela estava atarefada.

— Eu também estou atarefado, porra — disse o motorista.

Quatro homens carregaram o órgão até os fundos da casa para que pudessem passar com

ele pelas portas francesas. Seus rostos estavam vermelhos e brilhosos de tanto esforço. Byron

não sabia se devia dar alguma coisa para eles, só conseguia pensar em frutas. Perguntaram se

ele sabia o alfabeto e ele disse que sim, mas quando perguntaram o que vinha depois do “s”

ele se confundiu e disse “r”. Notou a maneira como os homens olharam a cozinha, e não

entendeu se foi porque estava em ordem ou porque não estava.

— A cozinha está com cara de cozinha? — perguntou para Lucy depois de encontrar a

tigela do personagem Peter Rabbit dela e lavá-la.

Não houve tempo para respostas porque ele rapidamente notou o estado da irmã. Os

cabelos estavam emaranhados, as meias não combinavam e o vestido tinha um rasgo enorme

que começava no bolso.

— Lucy, quando você tomou banho pela última vez?

— Não sei, Byron. Ninguém preparou um banho para mim.

Parecia haver tanta coisa para organizar. Não havia cereal em nenhuma das

caixas, então

fez um sanduíche com manteiga de amendoim e açúcar mascavo. Depois prendeu as portas

francesas e carregou as cadeiras da sala de jantar, assim como os bancos da cozinha, para o

pátio, formando um semicírculo de frente para a casa. O órgão estava em um arco de luz solar,

logo embaixo das portas francesas. Lucy terminou o café da manhã e tocou a tampa de madeira

reluzente.

— Eu queria tocar o órgão — murmurou ela.

Byron a pegou no colo e a levou para o segundo andar. E enquanto lavava seus cabelos

com sabão de pera, perguntou se ela sabia alguma coisa sobre costura porque a camiseta dele

parecia não ter botões suficientes.

Quando Andrea finalmente chegou, com um jovem alto de terno, ele achou por um instante que

tinha dado tudo errado, que ela havia deixado James em casa.

— Oi, tudo bem? — disse uma voz estridente.

Byron ficou chocado. Faziam apenas seis semanas desde o final do período letivo, mas

James havia se tornado outra pessoa. Estava mais alto. Seus cabelos macios e dourados

haviam desaparecido por completo. Onde havia uma franja havia apenas uma faixa curta de

cabelos castanhos como os de um rato, e abaixo dela uma extensão de testa explodindo em

espinhas. Acima do lábio superior havia pequenas pinceladas de um bigode. Eles apertaram

as mãos e Byron deu alguns passos para trás porque foi como se estivesse conhecendo alguém

novo.

— Tudo pronto? — disse James. Levantava a mão toda hora para tirar a franja dos olhos,

então percebia que não havia mais franja e passava a mão na testa.

— Tudo pronto — disse Byron.

— Mas cadê sua mãe? — disse Andrea. Corria os olhos pela casa como se cada vez que

olhasse ela mudasse de forma.

Byron disse que Diana estava buscando a intérprete e sua filha. Omitiu a informação de

que devido ao fato de não ter relógio de pulso, estava atrasada.

— Que tragédia o que aconteceu com a filha dela — murmurou Andrea. James me contou a

história toda.

Para a surpresa dele, todas as convidadas chegaram. E não só chegaram como também

haviam claramente se arrumado para a ocasião. A nova mãe tinha secado os cabelos com

secador e moldado as pontas em ondas; Deirdre Watkins foi mais longe e fez um permanente.

Tocava os cachos como se eles pudessem cair e enrolava-os com os dedos.

— Bem, é claro que esse cabelo funcionou para Carlos I — disse Andrea.

Houve uma pausa na qual ninguém soube o que dizer. Andrea pegou o braço de Deirdre

para mostrar que não falara por mal, estava apenas brincando. As mulheres riram.

— Não me levem a sério — disse Andrea.

Elas chegaram com presentes, potes de Tupperware com salada e bolos. Tinha salada de

repolho cru, salada russa, rim de carneiro cozido, fatias de queijo, uvas recheadas, azeitonas,

cogumelos e ameixas. Tiravam frascos das bolsas, enchiam copos, passavam os frascos

adiante. Conforme as mulheres desembrulhavam a comida na mesa do jardim, um zumbido de

animação crescia. A ideia de se reencontrarem era tão boa, concordaram; quanta generosidade

de Diana sugerir uma apresentação. Falavam como se tivessem sido mantidas separadas por

anos. Falaram sobre as férias de verão, as crianças, a falta de rotina. Perguntaram-se o que

sabiam sobre o machucado terrível de Jeanie enquanto abriam tampas de plástico e

organizavam pratos de papel. Perguntaram o que Byron sabia sobre a pobre menininha com a

tala. Era terrível, concordaram, que algo daquele tipo pudesse acontecer com

uma criança

apenas por causa de um pequeno acidente. Ninguém mencionou Digby Road, mas seria apenas

uma questão de tempo até que descobrissem, ele tinha certeza disso. Mal conseguia se mover

de tanta preocupação.

Quando a mãe dele apareceu de carro na frente da casa com a intérprete e Jeanie, Byron

iniciou uma pequena rodada de aplausos porque não sabia o que mais fazer. Beverley e a filha

estavam no assento de trás do carro, com óculos escuros. Beverley usava um novo longo

preto, com a estampa de um coelho que pulava levemente na altura dos seios. Repetia: “Estou

muito nervosa”. Levantou Jeanie do carro e a colocou na cadeira de rodas, e as mulheres

abriram caminho quando ela entrou na casa. Byron perguntou como estavam as pernas e Jeanie

balançou a cabeça para mostrar que ainda estavam na mesma.

— Talvez ela não volte a andar — disse Beverley.

Várias mães murmuraram lamentos e se ofereceram para ajudar a empurrar a cadeira de

rodas dentro da casa.

— São as minhas mãos — comentou Beverley. — Tenho dores horríveis nas mãos. Mas

minha dor não é nada comparada com a dela. É o futuro dela que me preocupa.

Quando penso

no que essa pobrezinha vai precisar.

Byron achou que Beverley estaria nervosa, tímida com as mulheres, principalmente depois

daquela manhã no café quando a interromperam e riram dela, mas foi o oposto. Ela estava à

vontade. Apertou a mão de cada uma e disse que era maravilhoso conhecê-las. Teve o cuidado

de memorizar o nome de todas, repetindo-o assim que elas se apresentavam.

— Andrea, que gentileza. Deirdre, que gentileza. Desculpe — disse ela para a mãe nova

—, não ouvi seu nome.

Foi Diana quem pareceu deslocada. Agora que a via no contexto das outras mães da

Winston House, ele percebia como ela havia se perdido. Seu vestido azul de algodão lhe caía

dos ombros como se fosse de outra pessoa, e os cabelos estavam tão escorridos ao lado do

rosto que pareciam sem cor. Ela aparentava nem se lembrar do que devia dizer. Uma das mães

mencionou as Olimpíadas, e outra disse que Olga Korbut era uma querida, mas a mãe dele

simplesmente mordeu o lábio. Então James anunciou, em uma espécie de preparação, que

havia escrito algumas poucas palavras de introdução, mas Beverley insistiu que Diana era

quem devia falar.

— Ah, não, por favor — murmurou Diana. — Não poderia.

Tentou se sentar com as outras mães na plateia, mas elas insistiram também. Só algumas

palavras, cantarolou Andrea. James correu para oferecer seu discurso preparado para Diana.

— Ah — disse ela. — Meu Deus.

Ela se posicionou no pátio. Olhou para as palavras. O pedaço de papel tremia em suas

mãos.

— Amigas, mães, crianças. Boa tarde.

Havia alusões à caridade, à música e a mais outra coisa sobre o futuro. Independentemente

do que ela estava falando, mal conseguia ser ouvida. Teve que interromper e recomeçar frases.

Beliscava a pele em torno do punho e girava os dedos no ar. Era como se nem soubesse ler.

Incapaz de aguentar aquilo, Byron instigou mais uma onda de aplausos. Felizmente, Lucy, que

estava sentada em uma cadeira na sala de jantar, fazendo cara feia para Jeanie, claramente

achou que o show tivesse acabado e se levantou.

— Oba! Oba! A gente pode beber chá agora? — gritou ela. Foi humilhante para Lucy,

principalmente porque alguma coisa tinha acontecido com os cabelos dela desde que Byron os

lavara, pareciam cheios de laçarotes achatados, mas pelo menos a resposta quebrou o gelo e

as pessoas pararam de olhar para Diana.

Então esse foi o primeiro choque da noite; que ela estava tão publicamente fora de si. O

segundo — e foi mais uma surpresa do que um choque — foi que Beverley sabia tocar. Ela de

fato sabia tocar. O que talvez lhe faltasse em talento natural ela mais do que compensava em

postura. Quando Diana rastejou para uma cadeira para assistir, Beverley esperou que os

aplausos começassem e fossem se esvaindo. Caminhou com eficiência até sua posição no

centro do palco, segurando a partitura sob o braço e levantando a barra da saia longa com a

outra mão. Sentou-se na frente do órgão. Fechou os olhos, ergueu as mãos sobre o teclado e

começou.

Os dedos de Beverley correram pelas notas, e os teclados coloridos dançaram à sua

frente, como vários pequenos fogos de artifício. As mulheres ficaram sentadas com posturas

eretas. Assentiam em aprovação e trocavam olhares. Depois do número clássico, ela passou

para uma trilha sonora de filme mais popular, e depois tocou uma pequena composição de

Bach, antes de um medley dos Carpenters. Byron fechava as cortinas entre cada música para

que ela tivesse tempo de se recompor e de organizar as partituras enquanto lá fora James

passava bandejas com bebidas para as mulheres. A conversa era alta e houve gargalhadas. No

começo, Byron ficou de pé em um canto, esperando que Beverley se preparasse para a

próxima música, simplesmente fingindo que não estava ali. Ela estava visivelmente nervosa.

Assim que as cortinas se fechavam ela respirava fundo, arrumava os cabelos, sussurrava

palavras de incentivo para si. Mas conforme ficou mais confiante, conforme os aplausos

ficaram mais vigorosos e entusiasmados, ela também pareceu ficar menos isolada, mais ciente

de si no contexto da plateia. Quando ele fechou as cortinas no final da sexta música, ela olhou

para ele e sorriu. Perguntou se ele poderia fazer uma jarra de Sunquick para ela. E quando ele

encheu seu copo, ela disse:

— Que grupo adorável de mulheres.

Por uma pequena abertura nas cortinas, Byron viu James oferecendo biscoitos Party Ring

para Jeanie. Ela estava sentada bem no meio da primeira fileira com a tala de couro. James a

observava com atenção.

— Estou pronta para minha última música, Byron — disse Beverley.

Ele tossiu brevemente para pedir silêncio e abriu as cortinas.

Beverley esperou. E então, em vez de tocar o órgão, ela se virou no banco e encarou a

plateia. Abriu a boca para falar.

Começou expressando o quanto gostaria de agradecer às mulheres. O apoio delas

significava muito. Sua voz era fina e aguda, e Byron teve que cravar as unhas nas palmas das

mãos para não gritar. Foi um verão difícil, e sem a bondade de Di ela não sabia se teria

sobrevivido.

— Di esteve presente o tempo todo. Não mediu esforços para me ajudar. Porque tenho que

admitir que houve momentos em que... — Ela parou de falar e apenas sorriu corajosamente. —

Não é o momento de ficar triste. É uma ocasião feliz. Então minha última música é uma

favorita para mim e para Di. É de Donny Osmond. Não sei se vocês sabem quem é.

Conhecem?

A nova mãe se pronunciou.

— Você não é meio velha demais para Donny? Que tal Wayne?

Mas Beverley respondeu com:

— Ah, Di gosta dos jovens. Não é, Di?

As mães pareciam estar bebendo direto de cantis. Todas gargalharam, até Beverley.

— Bem, esta é para vocês — disse ela. — Qualquer que seja sua preferência. — Colocou

as mãos sobre o órgão e incentivou a plateia a cantar junto, se sentisse vontade. — E por que

você não vem aqui para a frente e dança para nós, Di?

A mãe de Byron ficou pálida como se tivesse sido atingida por uma pedra.

— Eu não poderia. Não posso.

Beverley parou. Compartilhou um olhar íntimo com a plateia.

— A verdade é que ela está sendo modesta. Mas eu já a vi dançando, e vocês têm que

acreditar em mim. Ela é a dançarina mais bela. Nasceu para isso. Não nasceu, Di? É capaz de

enfraquecer um homem.

— Por favor, não — murmurou Diana.

Mas Beverley não aceitou. Foi até a cadeira de Diana e ofereceu a mão para ajudá-la.

Quando Diana se levantou, Beverley retirou a mão para mais uma rodada de aplausos, mas

Diana estava se inclinando para se apoiar nela e acabou se desequilibrando.

— Opa! — disse Beverley, rindo. — Melhor largar esse copo, não é, Di?

As mulheres riram, mas Diana insistiu em ficar com o copo.

Era como assistir a um animal acorrentado sendo exposto e cutucado com uma vara.

Aquilo jamais deveria ter acontecido. Mesmo quando Beverley puxou a mãe dele, Diana

continuou tentando recusar, tentou dizer que não sabia dançar, mas agora as mulheres já

estavam decididas e continuaram insistindo. Ela tropeçou quando passou por entre as cadeiras

a caminho do palco. Byron tentou chamar a atenção de James. Tentou mover freneticamente as

mãos e balançar a cabeça. Tentou mover a boca em um “Para, para”, mas James não tinha

olhos para mais nada a não ser Diana. Ele a observou com um rosto tão corado que parecia

queimado. Mal se movia. Foi como se jamais tivesse visto algo tão bonito. Esperou que ela

dançasse.

Diana tomou sua posição no pátio, pálida e pequena no vestido azul. Parecia ocupar pouco

espaço. Ainda segurava o copo, mas claramente havia se esquecido dos sapatos. Beverley

estava sentada atrás dela, cabelos negros volumosos, mãos pousadas no teclado. Byron não

conseguia olhar. A música começou.

Foi a melhor performance de Beverley. Ela adicionou floreios, tocou um acorde

que era

tão triste que ela quase parou, e então tocou o refrão com tanto entusiasmo que várias mães

começaram a cantar. Enquanto isso, no centro do palco, a mãe de Byron vagou pelo pátio

como um trapo sobre a água. Levantou as mãos, mexeu os dedos, mas continuou tropeçando;

foi difícil dizer o que era dança, o que era erro. Foi como assistir a algo tão íntimo e tão

particular que não devia ser assistido. Foi como olhar bem dentro da mãe dele e ver apenas

sua terrível fragilidade. Era demais. Assim que a música parou, ela teve a compostura de ficar

de pé e fazer uma pequena reverência antes de se virar para Beverley, erguer as mãos e

aplaudi-la. Beverley fez uma pequena reverência e foi correndo abraçar Diana.

Nada foi dito sobre o acidente. Nada foi dito sobre Digby Road. Beverley apenas grudou

em Diana e a arrastou de um lado para outro de braços dados, e foi como assistir a mais uma

apresentação, dessa vez envolvendo uma ventríloqua e uma boneca.

A mãe deu desculpas para escapar. Precisava de um copo d’água, disse ela; mas ao ouvir

isso Andrea se ofereceu para ir até a cozinha e buscar. Um minuto depois, Andrea apareceu

rindo, com ótimo humor.

— Eu já vi coisas engraçadas, Diana, mas foi a primeira vez que abri a gaveta de uma

cozinha e encontrei meias.

Byron mal conseguia respirar. Beverley conversava animadamente com as mães, e Diana

foi para um canto e se sentou com as mãos no colo. Algumas das mães perguntaram se ela

precisava de alguma coisa, se estava bem, mas ela olhou para as mulheres como se não

estivesse entendendo. Quando Byron e James levaram as cadeiras de volta para a sala de

jantar, ele aproveitou para perguntar o que achava, agora que tinha visto o machucado de

Jeanie de perto, mas James não estava escutando. Só conseguia falar sobre o sucesso do show.

Ele não fazia ideia que Diana sabia dançar daquele jeito, disse ele.

Lá fora, Beverley estava sentada ao lado de Jeanie, no meio das mães. Ela expressou suas

opiniões sobre política, sobre o estado do país, sobre a possibilidade de greves. Perguntou o

que as mães achavam de Margaret Thatcher, e quando várias mulheres levaram mãos às bocas

e exclamaram “Ladra de leite”, ela balançou a cabeça.

— Escutem o que estou dizendo, aquela mulher é o futuro — disse ela.

Ele nunca vira Beverley tão segura de si, tão entusiasmada. Ela contou sobre o pai dela, o

vigário, e como havia sido criada em um vicariato lindo no interior, que na verdade se parecia

com Cranham House, pensando bem. Elas trocaram números de telefone, sugeriram visitas. E

quando uma das mães, talvez a nova, ofereceu uma carona para Beverley e ajuda com a

cadeira de rodas de Jeanie, ela disse que isso seria muito gentil, caso elas tivessem tempo.

— O problema são minhas mãos. É incrível que eu consiga tocar, minhas mãos doem tanto.

Olha para a coitada da Di. Está exausta.

Todas concordaram que o show fora um tremendo sucesso. “Tchauzinho, Di!”, disseram

conforme recolhiam seus potes vazios e voltavam para seus carros. Assim que foram embora,

a mãe se serviu um copo d’agua e vagou até o andar de cima. Quando ele checou, meia hora

depois, ela já estava dormindo.

Foi mais uma noite intermitente para Byron. Ele colocou Lucy para dormir e trancou as

portas. Havia tantas coisas a serem escondidas: a calota, o pagamento do órgão de Beverley, o

machucado de Jeanie, e agora a festa em Cranham House. Ele não via como aquilo poderia

continuar.

Naquela noite, o telefone começou a tocar às nove horas, mas a mãe não

acordou. Tocou

novamente logo cedo, na manhã seguinte. Byron atendeu esperando que fosse o pai.

— Sou eu — disse James. Parecia ter corrido muito.

Byron disse “oi” e perguntou como ele estava, mas James não respondeu a nenhuma dessas

perguntas.

— Vá pegar o caderno — disse ele.

— Por quê? O que houve?

— É uma emergência.

As mãos de Byron começaram a tremer enquanto ele folheava o caderno. Tinha alguma

coisa na voz de James que já o assustava. Os dedos dele escorregaram várias vezes e ele teve

que voltar ao começo do caderno.

— Anda logo, depressa — disse James.

— Eu não estou entendendo. É para procurar o quê?

— O diagrama. O que você desenhou da Jeanie com a perna engessada. Achou?

— Quase lá. — Abriu o caderno na página certa.

— Descreva o desenho.

— Não está muito bom...

— Só descreva o que você está vendo.

Byron falou devagar. Descreveu o vestido azul de verão com mangas curtas. As

meias

caídas porque não tinham ligas elásticas. Os cabelos em duas tranças pretas.

— Se bem que não estão muito boas no desenho. Parecem mais dois rabiscos...

James interrompeu abruptamente.

— Vai para o curativo.

— Está no joelho direito. É um quadrado grande. Eu desenhei com cuidado. — Houve um

silêncio, como se o ar tivesse engolido James. Byron sentiu o próprio queixo tremer de frio e

pânico.

— O que foi, James? O que aconteceu?

— Essa não é a perna machucada, Byron. A tala estava na perna esquerda.

16



Palavras como cachorros

— LEVANTE O PÉ, por favor — diz a enfermeira. Garante a Jim que nada

daquilo vai doer.

Eileen está de pé atrás dele. A enfermeira usa tesouras para abrir o gesso. Dentro do gesso, o

pé parece surpreendentemente limpo e macio. Acima do tornozelo a pele ficou seca e pálida;

os dedos têm um rastro de hematoma verde musgo. As unhas perderam levemente o rosado.

Um médico examina o pé dele cuidadosamente. Não há dano nos ligamentos. Eileen faz

perguntas práticas ao médico, se vai precisar de analgésicos, exercícios que deve fazer para

ajudar na recuperação. É tão novo ter alguém que se preocupe dessa forma que ele olha para

ela sem parar. Então ela faz uma piada sobre sua própria saúde e todo mundo ri, incluindo o

médico. Nunca passou pela cabeça de Jim que médicos pudessem gostar de piadas. Os olhos

azuis dela brilham, os dentes reluzem, até mesmo seus cabelos parecem se destacar. Ele

percebe que talvez esteja se apaixonando e é tão feliz, esse sentimento, que Jim também ri.

Nem precisa pensar nisso.

Depois, a enfermeira substitui o gesso de Jim por um curativo e uma bota maleável de

plástico para protegê-lo. Novo em folha, diz ela.

Jim leva Eileen a um pub para comemorar. Sem o gesso, seu pé parece feito de

nada. Ele tem

que parar de vez em quando e checar se ainda está lá. Quando está pagando pelas bebidas,

percebe que gostaria de dizer ao barman que está ali com Eileen, que ela aceitou ir com ele

tomar cerveja, que aceita todas as noites. Quer perguntar ao barman se ele tem esposa e como

é se apaixonar. Um homem está dando batatas crocantes para seu cachorro. O animal está

sentado no banco ao lado do homem e tem um cachecol de bolinhas em volta do pescoço. Ele

se pergunta se o homem está apaixonado pelo cachorro. Ele entende que há várias maneiras de

amar.

Jim entrega a bebida de Eileen para ela.

— Quer batata? — diz ele.

— Obrigada.

O salão gira. Ele se lembra de alguma coisa parecida com um cachorro, mas assim que lhe

surge a imagem que precede a formação da palavra, ela muda de forma. Jim fica zonzo com a

confusão. De repente, não sabe o que as palavras significam. Não consegue ver sentido nelas;

parecem partir as coisas ao meio no momento em que ele pensa nelas. Quando ele diz “Mais

batata?”, será que está falando outra coisa, algo do tipo “Amo você, Eileen”? E

quando ela diz

“Obrigada”, será que ela está falando outra coisa, como “Sim, Jim. Também amo você”?

O carpete onde pisa se move para o lado. Nada é o que parece. Uma pessoa pode oferecer

batatas e querer dizer amo você, assim como uma pessoa pode dizer amo você e

presumivelmente querer dizer apenas que quer batatas.

Sua boca se cala como se estivesse cheia de lã.

— Quer um copo d’água? — diz Eileen. — Você está com uma cara estranha.

— Estou bem.

— Meio verde. Talvez fosse melhor a gente ir embora?

— Você quer ir?

— Bom, estou pensando em você. Eu estou bem.

— Estou bem também — diz ele.

Terminam as bebidas em silêncio. Ele não sabe como chegaram àquela situação. Instantes

antes estavam possivelmente dizendo que se amavam, e agora pareciam dizer que preferiam

estar sozinhos. Ele fica surpreso com o tanto de cuidado que é preciso ter com as palavras.

— Você falou uma coisa uma vez. Sobre perder coisas — diz ele rapidamente.

— Ah — diz ela. E um tempo depois: — Falei.

— Me conte o que você perdeu?

— Bem — diz ela. — Por onde começar? Maridos.

Pelo menos estão trocando palavras novamente, apesar de ele não fazer ideia do que ela

está falando. Eileen dobra os braços.

— Dois — diz ela. — O primeiro era vendedor. Ficamos juntos por 13 anos. Aí um dia

ele foi fazer uma venda, começou a conversar sobre isso e aquilo, vendeu um apartamento

para ela e pronto. Foram juntos para a Costa del Sol. Fiquei sozinha muito tempo depois

disso. Não queria me magoar de novo. Então, alguns anos atrás, eu cedi, me casei. Ele foi

embora em seis meses. Pelo visto é impossível morar comigo. Eu ranjo os dentes à noite. Eu

ronco. Ele foi dormir no quarto de hóspedes, mas eu sou sonâmbula também.

— Que pena.

— Que eu sou sonâmbula?

— Que ele deixou você.

— *C’est la vie*. Minha filha.

O rosto de Eileen se comprime como se alguém tivesse lhe colocado um peso na cabeça e

a mandado não se mover. Ele não diz nada, então ela fixa os olhos nele. Ela pergunta se ele

escutou o que ela acabou de dizer. E ao dizer que sim, coloca a mão ao lado da dela na mesa,

da mesma forma que a assistente social fez com ele quando explicou sobre ser normal. E sobre

fazer amigos.

— Rea fugiu de casa um dia — diz ela. — Tinha só 17 anos. Eu tinha comprado uma

pulseira de aniversário para ela, uma daquelas prateadas, sabe, com pingentes. Ela disse que

ia na lojinha da esquina. Tínhamos brigado, mas foi uma briga boba. Sobre tomar banho. Ela

não voltou. — Eileen pega a cerveja, bebe e limpa a boca devagar.

Jim não entende. Não compreende como essas imagens na cabeça dele, da filha de Eileen

em uma lojinha com uma pulseira, se encaixa no detalhe de ela não ter voltado mais. Eileen

pega o descanso de copo e o coloca na linha exata da borda da mesa, e o tempo todo ela muda

o descanso de lugar, depois o realinha com a mesa, falando. Ela conta para Jim que não vê a

filha desde aquele dia. Procurou por ela, mas nunca a encontrou. Às vezes ela tem uma

sensação, pode ser no meio da noite, de que sabe onde Rea está, então entra no carro e vai até

o local, mas está errada. Nunca a encontra. Eileen pega o descanso de copo, que havia sido

colocado de maneira tão alinhada com a mesa, e o parte em pequenos pedaços.

— Tudo o que quero saber é se ela está segura, mas não sei, Jim.

Eileen segura a mesa. Pede desculpas, mas vai chorar. Ele pergunta se deve pegar alguma

coisa para ela, água ou alguma coisa mais forte, mas ela diz não para ambos. Quer apenas que

ele fique sentado com ela.

No começo ele não aguenta olhar. Escuta as respirações profundas que precedem a tristeza

e tem vontade de pular. Ele via gente chorando em Besley Hill. Às vezes eles simplesmente se

deitavam no chão como crianças, e ele tinha que dar a volta para passar. Mas é diferente

testemunhar o ataque de dor de Eileen. Ele se ajeita no banco, tentando achar o barman e o

homem com o cachorro, mas ambos desapareceram. Ele queria ter alguma coisa para dar a

ela, mas não tem nada, nem mesmo lenço de papel limpo. A única coisa que pode fazer é ficar

sentado. Ela continua se segurando na mesa, afasta um pé do outro, como se estivesse se

preparando para o pior. As lágrimas transbordam de seus olhos e descem pelas bochechas, e

ela não tenta impedi-las, apenas fica sentada, aguentando a tristeza e esperando que passe. Ao

observá-la, Jim sente os olhos formigarem, embora faça muito tempo desde que chorou pela

última vez.

Quando acaba, ela seca o rosto. Sorri.

— Posso mostrar a foto dela para você?

Eileen fica muito ocupada com o conteúdo de sua bolsa. Despeja na mesa uma bolsa de

couro, as chaves do carro, as chaves de casa, uma escova de cabelos.

— Aqui. — Seus dedos tremem quando ela abre uma velha carteira azul de plástico com

um tíquete de ônibus preso na proteção transparente. O tíquete venceu há anos, mas a imagem

desbotada mostra um rosto branco e gorducho, olhos de corça, uma juba de cabelos vermelhos

grossos. É inegavelmente parte de Eileen, só que uma parte frágil e jovial. A parte que ele já

imaginou algumas vezes, mas que jamais viu. — Viu? Todo mundo faz merda.

Eileen move a mão para tocar os dedos dele, mas Jim não consegue fazer isso. Não

consegue segurar os dedos dela. Ela recoloca a mão onde estava antes.

— Então o que aconteceu com seu amigo? Aquele que você me contou? O que você fez,

Jim, que foi tão terrível?

Ele abre a boca, mas não consegue verbalizar.

— Tenho todo o tempo que você precisar — diz Eileen. — Vou ficar esperando.

17



A pessoa de fora

AGORA QUE AS suspeitas de James sobre a perna de Jeanie tinham sido confirmadas, ele não

desistiria. Perguntou quando Byron confrontaria Beverley. Chegou até a escrever o cenário.

Por que Byron ao menos não desatava a tala de Jeanie enquanto ela dormia? Não queria salvar

a mãe? James continuou telefonando.

Mas Diana estava em outro espaço agora. Nos últimos dias das férias de verão, depois de

jogar fora o relógio de pulso, e depois do show desastroso de James, houve um abandono final

do tempo. Ela pareceu ficar cada vez menos substancial. Passava longos períodos de tempo

sem fazer nada. Byron tentou falar para ela sobre a tala, sobre o machucado original de Jeanie

ser na outra perna, mas ela olhava para ele como se ele não tivesse coração.

— Ela ainda não consegue andar — disse ela.

Era como estar em um barquinho que se distanciou do ancoradouro sem que ninguém

notasse. Em toda Cranham House, os relógio estavam silenciosos, ou mantinham suas próprias

versões da hora. Byron podia entrar na cozinha, onde seriam dez para as oito, e na sala de

estar descobriria que eram onze e meia. Eles iam dormir quando o céu estava escuro e comiam

quando a mãe se lembrava. E também a ideia de uma ordem certa para as refeições — café da

manhã, almoço, chá da tarde — parecia lhe escapar, ou pelo menos deixou de ser relevante

para ela. Todas as manhãs havia caminhos prateados de caracóis pelo hall inteiro. Havia teias

de aranha parecidas com nuvens macias, e pontilhados de mofo nos parapeitos. A charneca

entrava na casa.

— Isso era para acontecer — disse ela. — É meu destino.

— Qual é seu destino?

Ela apenas deu os ombros, como se soubesse de um segredo que ele era jovem demais

para entender.

— O acidente estava esperando por mim.

— Mas foi um acidente — lembrou ele. — Foi um erro.

Ela deu uma gargalhada que foi mais uma baforada de ar.

— Foi para isso que eu caminhei desde o começo. Todos aqueles anos tentando fazer a

coisa certa não significaram nada. Você pode correr e correr, mas no final não tem como fugir

dos deuses.

Os deuses, ele quis dizer; quem eram exatamente? Até onde sabia, ela nunca fora uma

mulher religiosa. Nunca a vira entrar em uma igreja; nunca nem a vira rezando. E, no entanto,

ela se referia a eles cada vez mais. Acendia pequenas velas nas janelas à noite. De vez em

quando ela xingava e depois olhava para cima e pedia perdão.

— Estranhamente, é um alívio — disse ela. Estavam comendo hambúrgueres no novo

Wimpy Bar na cidade porque estavam com fome. Lucy desenhava múmias com vestidos cor-

de-rosa e colocava os picles em um cinzeiro. Felizmente, a conversa entre Diana e Byron

parecia passar despercebida por ela.

— O que é um alívio? — disse ele.

— O acidente. Tudo se desmantelando. Eu tive medo disso por anos. Pelo menos não

existe mais esse medo.

— Eu não acho que você devia falar como se estivesse tudo acabado.

Ela pôs os lábios no canudo, e quando acabou de beber a água, disse:

— Nós não sabemos o que fazer com a tristeza. Esse é o problema. Queremos tirá-la do

caminho e não conseguimos.

O esforço de ser a mulher que tentara ser por tanto tempo finalmente chegara ao limite.

Falar com Seymour e Beverley sugara tudo o que tinha. Sem eles, ela parecia muito tênue. Era

como soprar um dente-de-leão e vê-lo vagando ao vento. Ela começou a se tornar a coisa

frágil que realmente era.

Logo após a conversa no Wimpy Bar, ela tirou os móveis da mãe da garagem. Ele observou

Diana passando pelo gramado com os móveis, em direção ao prado e presumiu que ela fosse

queimar tudo, como tinha feito com as roupas. Mas, para sua surpresa, ele a encontrou algumas

horas depois à margem do lago, sentada na cadeira da mãe com a pequena mesinha de madeira

aos pés e várias revistas. Ela chegou a posicionar o abajur, embora não estivesse ligado. Era

como uma sala com flores no lugar do carpete, uma fileira de freixos como parede longínqua e

as folhas cintilantes e sabugueiros como papel de parede. O céu sem nuvens era o teto.

Ao avistar Byron, ela acenou.

— Aqui! — Ela havia arrumado copos coloridos e uma jarra de alguma coisa que parecia

limonada. Levou até pequenos guarda-sóis de papel e uma bandeja de sanduíches de pepino.

Era como nos velhos tempos, exceto pelo detalhe da charneca. — Quer se juntar a mim? —

Ela apontou para um pequeno pufe estofado. Ele se sentou e o pufe afundou.

— Beverley não vem hoje? — disse ele. — Com Jeanie?

A mãe dele analisou as árvores.

— Talvez não venham hoje. — Ela se encostou na cadeira, apoiando a cabeça no descanso

e esticando os dedos como se as unhas estivessem úmidas e precisassem secar. — Minha mãe

se sentava nesta cadeira. Era o lugar favorito dela. Às vezes ela cantava. Era uma ótima

cantora.

Byron engoliu em seco. Nunca havia escutado Diana falar da mãe. Ele respondeu com

gentileza, torcendo para que uma pergunta não fizesse com que a mãe voltasse ao silêncio.

Queria muito saber sobre o passado dela.

— Sua mãe se sentava fora de casa?

Diana riu.

— Não. Ela se sentava dentro. Por muitos e muitos anos ela se sentou dentro de casa.

Nunca ia a lugar algum.

— Ela estava bem? — Byron não tinha certeza do que quis dizer com essa pergunta, mas

se sentiu compelido a fazê-la.

— Ela estava infeliz. Se é o que você está perguntando. Mas esse é o preço que se paga.

— O preço que se paga pelo quê?

Ela olhou brevemente para ele e depois voltou a olhar para as árvores. Uma brisa passou

por eles e fez com que as folhas se erguessem e chiassem como água. O céu era de um tom tão

profundo de azul que parecia ter sido pintado recentemente.

— É o preço que se paga por um erro — disse ela. — Olho por olho. Dente por dente.

Tudo o que vai, volta.

— Não entendi. Por que foi olho por olho? Qual foi o erro dela?

Diana fechou os olhos como se tivesse caído no sono.

— Eu — disse baixinho e ficou tão imóvel que ele teve que tocá-la para conferir se não

havia morrido nem nada.

Ele queria perguntar mais. Queria saber por que a mãe de sua mãe passara a vida dentro

de casa, e o que Diana quis dizer quando se descreveu como um erro, mas ela havia começado

a cantarolar bem baixo, como se para si apenas, e mais ninguém, e parecia tão

em paz com

isso que ele não interrompeu. Ele comeu vários dos pequenos sanduíches de pepino e se

serviu de um pouco da limonada dela. Estava tão doce que ele sentiu os dentes doerem.

Ainda havia aglomerações de papoulas vermelhas nas partes mais baixas da charneca,

como se a terra estivesse sangrando. Ele não queria pensar em papoulas desse jeito, mas já

era tarde demais e não havia como vê-las de outra maneira.

— Eu podia dormir aqui fora. — A voz da mãe o surpreendeu.

— Eu acho que você acabou de fazer isso.

— Não, eu podia trazer uma cama e um edredom. Eu podia dormir sob as estrelas.

— Você não estaria segura — disse ele. — As raposas podem atacar você. Ou as cobras.

Ela riu.

— Ah, eu não acho que elas iam me querer. — Pegou um dos sanduíches e tirou a casca

com o polegar e o indicador. — A verdade é que eu não acho que sou um tipo de pessoa muito

caseira. Talvez eu pertença ao ar livre. Talvez esse seja todo o problema.

Byron analisou o gramado em movimento; era entremeado de cravos, ervilhas, filetes de

ervas-coalheiras, escabiosas e das pétalas roxas dos gerânios do campo. Sob o azul do céu

havia um verde intenso e grosso, com filetes aveludados de lentilhas-de-água. Uma pequena

pétala rosa estava presa nos cabelos da mãe e uma imagem veio à mente dele, a mãe coberta

por flores do campo. Não era uma imagem assustadora. Era linda.

— Mesmo assim — disse ele —, não acho que você devia dizer para o papai, quando ele

telefonar, que você quer dormir ao ar livre.

— Você provavelmente está certo. — Ela assentiu e depois, para grande surpresa dele,

piscou. Como se eles tivessem compartilhado uma piada ou um segredo, só que não era o caso

porque ele não fazia ideia do que se tratava.

— *When I was young I asked my mother* — cantou ela — *what should I be? Will I be*

famous? Will I be rich?

Ele se levantou do pufe estofado em silêncio e voltou para a casa. A cada passo parecia

fazer os grilos fugirem da grama. Eles pulavam rapidamente, como bombinhas estourando.

Quando ele parou para olhar para trás, ainda viu a mãe perto do lago. Uma nuvem de

mosquitos de verão pairava sobre sua cabeça.

Na cozinha, Byron encheu copos com leite e ofereceu a Lucy o que havia sobrado dos

biscoitos. Pensou na mãe sentada lá fora, talvez dormindo ou cantando, ou talvez

um pouco

dos dois, e teve vontade de chorar, embora não soubesse o motivo. Ela não lhe pareceu infeliz.

Ele se perguntou se ela realmente dormiria a noite toda lá fora. Talvez ele devesse levar

cobertas para ela? Um travesseiro?

Ela estava certa, no entanto; ele sabia. Ela não era uma pessoa caseira. Quando pensava

nela, as gavetinhas com joias haviam sumido completamente, e ela não estava mais no

confinamento de paredes, nem mesmo em um carro. Ele sentiu que a havia perdido sem nem

mesmo vê-la partir. Que ela era parte de algo que ele não entendia e não conhecia. Mas não

havia como tirá-la daquele estado. Talvez ela estivesse certa em não ser uma pessoa caseira.

Talvez o problema tivesse começado aí. As pessoas tentavam se domesticar dentro de paredes

e janelas e tentavam encontrar bugigangas para fazer com que as paredes e janelas fossem

suas, quando talvez precisassem se libertar desses limites. Ele se perguntou de novo como

podia uma pessoa como ela se chamar de erro.

— Cadê a mamãe? — disse Lucy.

— Está lá fora. Ela foi dar uma caminhada, lindinha.

O telefone estava tocando de novo, e fosse quem fosse — James ou o pai —, ele

não

conseguia mais atender. Em vez disso, ele perseguiu Lucy até o segundo andar para criar

alguma diversão e depois preparou um banho de banheira para ela e achou a espuma maluca.

Depois ele a envolveu em uma toalha e a esfregou para que ficasse seca, como a mãe faria.

Limpou até os espacinhos entre os dedos dos pés.

— Você está fazendo cócegas — disse ela, mas não riu. Parecia triste.

— Mamãe vai voltar logo — disse ele.

— Ela fazia chá e contava histórias para a gente e era bonita. E outra coisa, ela tem cheiro.

— De quê? — Ele não havia notado nenhum odor na mãe.

— Couve-de-bruxelas fedorentas.

Ele riu.

— Você nem sabe qual é o cheiro de couve-de-bruxelas fedorentas.

— Sei, sim. É o cheiro dela.

— Bem, eu não sei como pode ter esse cheiro — disse ele. — Ela nem comeu couve-de-

bruxelas. Estamos no verão.

Lucy se enroscou nos braços dele. Encolheu as pernas e as dobrou embaixo do corpo

como um filhote de cervo.

— Ela era uma mamãe de verdade. Ela segurava a mão da gente e falava coisas

boas.

— Mamãe vai voltar logo — repetiu ele. — Agora que tal eu ler uma historinha para

você?

— Você vai fazer as vozes engraçadas?

— Eu vou fazer umas vozes muito engraçadas.

Depois de ler para Lucy, ele segurou sua mão pequena e quente na dele.

— Mamãe canta — disse ela abrindo um dos olhos e fechando-o rapidamente de novo.

Ele cantou a música que havia escutado a mãe cantando no campo, embora não soubesse

as palavras e o tom. Sentiu que, ao ecoar a música da mãe, ele também lançava uma corda

para ela, na poltrona entre as flores. Lá fora as nuvens estavam espalhadas pelo céu em grupos

que brilhavam na cor de pêssegos em calda.

Ele encontrou a mãe na beira do lago, encolhida na poltrona. Ele a levou até a casa, passo

após passo. Como havia feito para Lucy pegar no sono. Sentiu que devia tomar muito cuidado

com ela. Diana subiu a escada obedientemente e se deitou nas cobertas. Ainda estava com os

sapatos e a saia, mas dessa vez isso não importava.

— Pronto, pronto, meu amor — murmurou ele, mas não precisava. Ela já dormia

profundamente.

18



Adeus, Eileen

JIM PASSA O DIA ansioso pelo encontro. Desde a experiência inicial com o desodorante, ele

passou a evitar cheiros de qualquer tipo, mas lavou e penteou os cabelos. Quando Paula o

pegou conferindo o reflexo em uma janela de carro, depois do trabalho, disse:

— Vai em algum lugar especial, Jim?

Darren mostrou o polegar e deu uma piscada tão forte que deve ter doído. Mas não

estavam rindo dele. Faziam com que Jim se sentisse enturmado, então ele piscou e mostrou o

polegar também.

— Vou encontrar Eileen — disse ele. — Tenho um presente para ela.

Paula revirou os olhos mas, para a surpresa de Jim, não gritou.

— Tem gosto para tudo — disse ela.

— Bom para você, amigão — disse Darren, rindo.

A multidão se esbarra ao andar na calçada, são as últimas compras antes da noite de Natal.

Algumas lojas já iniciaram as liquidações. Na loja de doces, uma jovem assistente monta uma

vitrine de ovos de Páscoa. Jim fica observando enquanto ela coloca os ovos em ordem de

tamanho. Gosta da maneira como ela equilibra os menores no topo, e como posiciona cinco

pintinhos amarelos de pelúcia em torno das caixas. Talvez seja um pouco como ele. Talvez ele

não seja tão estranho, no fim das contas.

As canetas de Eileen estão seguras no bolso da jaqueta de Jim. Foi Moira quem ajudou a

embrulhar o presente com papel de Natal e depois amarrou tudo com um laço de papel

metalizado. Em uma sacola separada, ele colocou os ingredientes para seu próprio almoço de

Natal e fita adesiva extra. Seria bom não ter que carregar fita adesiva e o almoço de Natal

para o encontro. Seria bom pensar em uma coisa de cada vez. Mas ele entende que isso é outra

parte de ser normal, carregar várias coisas na cabeça ao mesmo tempo, mesmo quando não

combinam muito.

O pub está lotado de beberrões natalinos. Alguns claramente passaram a tarde toda ali. Usam

coroas de papel e gorros de Papai Noel. Gritam para serem ouvidos. Há luzes pisca-pisca e

pratos gratuitos de torta de carne moída no bar, em quentinhas. Um dos caras de um grupo de

homens engravatados está perguntando se eles têm Côtes Du Rhône, e a bargirl quer saber se

isso é vinho tinto ou branco, porque são os únicos tipos que eles têm. Abrindo caminho pela

multidão, Jim carrega uma bandeja com duas cervejas, mas seus dedos estão doloridos hoje,

então, quando ele chega à mesa, tem cerveja transbordando da bandeja. O carpete parece uma

esponja sob seus pés.

— Eu vou... eu vou buscar mais — diz ele.

Eileen ri e diz que se dane. Pega as duas cervejas e seca a base dos dois copos. Está

usando o casaco verde de inverno, mas adicionou um broche colorido feito de vidro. Jim

percebe que tem alguma coisa diferente no rosto dela, e depois percebe que é batom. Ela

também fez alguma coisa nova no cabelo. Está bem reto e molhado em torno do rosto. Notando

a direção do olhar dele, Eileen levanta as mãos e pressiona a lateral da cabeça. Talvez a coisa

que ela tentou fazer com o cabelo foi penteá-lo.

Eileen pergunta sobre os planos de Natal dele. Em resposta ele mostra o peru

supremo na

sacola e as batatas e couves-de-bruxelas semiprontas, bem como o pudim de microondas para

uma pessoa.

— Pelo visto você tem tudo de que precisa — diz ela.

Ele explica que não tem. Para começo de conversa, não tem micro-ondas.

— E nunca fiz um almoço de Natal.

Esta última frase demora bastante para sair, em parte porque ele está nervoso, mas em

parte porque tem que gritar. Ao ouvir isso, três jovens mulheres na mesa logo atrás de Eileen

se viram para olhar. É estranho porque elas parecer ter esquecido de usar roupas. Estão

vestindo roupas íntimas, ou fantasias que parecem roupas íntimas: bustiês de alças finas que

revelam peles macias e brancas e detalhes de tatuagens. Se tem alguém que devia estar

olhando, certamente é Jim.

— Na verdade, eu odeio o Natal — diz Eileen. — Todo mundo tem essa ideia de que você

tem que se divertir. Como se a felicidade viesse em um saco vermelho. — O rosto dela está

corado. — Uma vez — continua —, fiquei na cama o dia todo. Foi um dos meus melhores

Natais. Outra vez fui para perto do mar. Achei que Rea fosse estar lá. Fiquei numa pensão.

— Foi bom — diz Jim.

— Não foi, não. A pessoa no quarto do lado teve uma overdose. Fugiu para se matar no

Natal. Eu e a dona da pensão levamos horas para resolver o caso.

Jim explica que é seu primeiro Natal no trailer. Ele está ansioso para ver como vai ser,

diz. Eileen dá de ombros e bebe, sugerindo que gosto não se discute.

— Estive pensando — diz ela e gira o copo repetidas vezes sobre a mesa.

— Pen-pensando em quê?

Ao ouvi-lo gaguejar novamente, as mulheres compartilham uma risadinha, mas pelo menos

têm a generosidade de fazer isso por trás das mãos.

— Você pode dizer não — diz Eileen.

— E-eu não acho que tem alguém que d-d-diz n-n-não para você, Ei-Ei-Ei-Eileen. — As

palavras demoram uma eternidade para sair. É como vomitar várias consoantes e vogais. Mas

Eileen não interrompe. Ela observa, e espera, como se não tivesse nada para fazer a não ser

escutar Jim, e de alguma maneira isso faz com que as palavras idiotas sejam ainda mais

difíceis. Ele não entende por que se importa tanto. Não é nem engraçado. No entanto, quando

ele chega ao fim da frase, Eileen inclina a cabeça para trás e ri tanto que qualquer um acharia

que ele contou uma piada para ela, uma piada de verdade, como as que as enfermeiras

contavam no Natal. Ele vê as dobras macias do pescoço de Eileen. Até as jovens na mesa

atrás dela estão sorrindo.

Eileen dá um bom gole na cerveja. Seca a boca com as costas da mão.

— Na verdade, estou com vergonha — diz ela. Passa os dedos pelos cabelos alisados e

quando volta a colocar a mão no quadril tem uma ponta de cabelo em pé para o lado, como

uma aba laranja. — Merda, isso é difícil.

As meninas notaram o cabelo de Eileen. Elas se cutucam.

— O que é difícil?

As meninas repetem o que ele acabou de dizer. “O q-q-q-q”, dizem elas, e obviamente o

som disso na boca de cada uma é hilário e elas têm que rir.

— Estou indo embora — diz Eileen.

Ele tenta beber a cerveja, mas derruba um pouco no colo.

— Está ouvindo? — diz Eileen. — Estou indo embora.

— Indo embora? — Apenas quando repete as palavras percebe o que são, o que

significam. Eileen vai ser uma ausência, e não uma presença. — P-p-p-p? — Ele está tão

devastado, já tão solitário, que não consegue falar a palavra, não consegue perguntar por quê.

Ele tapa a boca para mostrar que já acabou.

— Vou embora no Ano-Novo. Não sei para onde. Eu vou... vou viajar de novo. — Agora é

Eileen quem não consegue colocar as palavras para fora, e ela nem é gaga. — O negócio, Jim.

O negócio... porra, por que isso é tão difícil? Eu quero que você venha.

— Eu?

— Sei que sou uma pessoa difícil de lidar. Sei que atropelei seu pé e tudo o mais, e isso

não é exatamente um bom começo. Mas já passamos por algumas coisas, Jim. Nós dois já

passamos por coisas, e o fato é que ainda estamos de pé. Então por que não? Enquanto

podemos? Por que não viajamos e nos damos uma chance? Podemos nos ajudar a tentar de

novo.

Jim está tão perplexo que precisa desviar os olhos para repassar o que ela acabou de falar.

Ela quer ir embora com ele. Do bar, um engravatado observa. Está com o grupo que quer

Cotes Du Rhône. Quando seu olhar encontra o de Jim, o homem murmura alguma coisa para os

amigos e se afasta deles. Vai na direção de Jim e Eileen. Está apontando para Jim.

— Eu conheço você. — Sua boca forma as palavras.

— Ah — diz Eileen sentindo a presença do estranho. Ela dá um sorriso, um

sorrisinho de

menina, e parte o coração vê-la intimidada de repente por esse homem de terno.

— Oi, tudo bem? Voltei para passar o Natal com meus pais — diz o homem. Tem a voz

alta e confiante de um menino da Winston House, um rapaz de faculdade, um rapaz que seguiu

os passos do pai e foi para a cidade. Ele nem nota Eileen. — Mas não consigo ficar naquela

casa velha por mais de cinco minutos.

Antes que o homem possa dizer qualquer outra coisa, Jim se levanta, cambaleando. Tira a

jaqueta do encosto da cadeira, rapidamente, mas a manga fica presa e ele tem que puxar com

tanta força que a cadeira cai no chão.

— O que está acontecendo? — diz Eileen. — Aonde você está indo?

Como pode recomeçar com Eileen? E os rituais? Ela diz que é difícil de lidar. Ela ronca.

Ela é sonâmbula. Mas ele está acostumado com tudo isso. Por anos, dividiu quartos com

pessoas que faziam tudo aquilo. O que ela não faz ideia é de quem ele é. O que fez no passado

e o que deve continuar fazendo para se redimir. Ela quer ajudar Jim? Ela não faz ideia. Basta

olhar as meninas observando, esperando ele tentar verbalizar o que sente, esperando para rir.

Ele só consegue ver os botões de Eileen e os cabelos vermelhos indomáveis.

Apesar do

alisamento eles já formam uma nuvem que parte de sua cabeça branca. Ele quer dizer para ela

que a ama.

— Adeus — diz ele.

O queixo de Eileen cai e ela solta um gemido. Abaixa a cabeça. Até o engravatado parece

desconfortável.

— Desculpe, gente. Erro meu. — Já está se afastando.

O casaco de Jim não está sequer jogado nos ombros, está enroscado nos braços enquanto

ele abre caminho até a porta. Ele tem que empurrar clientes, e eles gritam coisas do tipo

“Onde é o incêndio”, ou “Olha a minha cerveja, babaca”, mas ele não para, continua

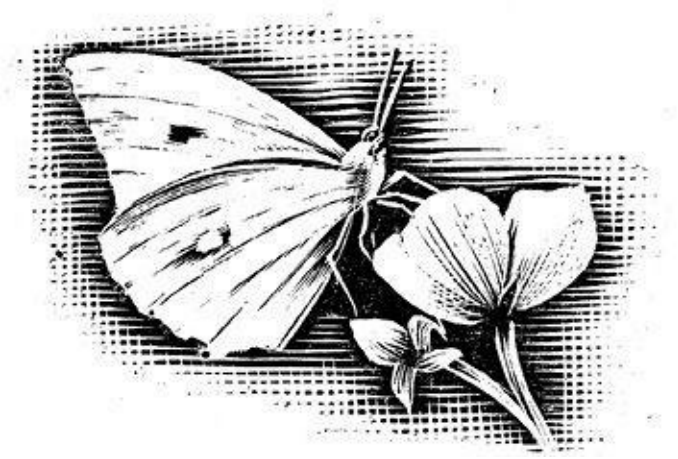
empurrando; passa pelos homens com coroas festivas e pelas meninas com roupas íntimas. É

só quando está no meio da rua que percebe que as mãos estão vazias. Ele ainda está com o

presente de Eileen no bolso e deixou a sacola com o almoço de Natal embaixo da mesa.

É tarde demais para voltar e buscá-la.

19



Jeanie e a borboleta

ERA TARDE DEMAIS para voltar. O verão havia adquirido uma energia própria. Byron não sabia

por quanto tempo mais conseguiria continuar. O calor, os dias longos, a culpa da mãe, a perna

de Jeanie e as visitas de Beverley.

Jeanie estava sentada em seu tapete de algodão, sob as árvores frutíferas. Suas pernas

estavam esticadas à frente. Estava com as bonecas Sindy, ou pelo menos os corpos empilhados

em um lado e as cabeças empilhadas em outro, e também tinha com ela os livros de colorir e

as canetas. Havia um copo de Sunquick e um biscoito, assim como algumas maçãs. Sempre

que Byron passava, ela estava cantando baixinho. O som de Beverley praticando uma nova

música em seu órgão vinha da casa, e ele sabia que a mãe estava descansando na poltrona à

beira do lago. Fora uma noite difícil. Todas as vezes que ele acordou, ouviu a

mãe escutando o

gramofone no andar de baixo. Ela provavelmente não havia dormido de novo. Lucy estava

dentro de casa. Recusou-se a sair do quarto.

Uma borboleta amarela pálida pousou perto do pé de Byron. Ele tentou tocá-la, mas ela

voou até uma flor branca e pousou nas pétalas, onde ficou batendo as asas. Ele sussurrou à

borboleta que não tivesse medo, e por um instante achou que ela havia escutado porque ficou

bem parada enquanto ele esticava o dedo. Então flutuou pelo ar novamente e pousou em uma

florzinha amarela. Ele a seguiu por algum tempo para cima e para baixo no jardim, até que

Beverley tocou uma nota grave no órgão e ela voou para o céu como uma pequena folha. Ele

continuou tentando pegá-la, estreitou os olhos cada vez mais, até que a borboleta ficou tão

pequena que não estava mais lá. Ele olhou em volta e percebeu que fora parar na ponta do

tapete de Jeanie.

— Desculpe — disse ele rapidamente.

Ela olhou para ele com olhos bem redondos e amedrontados.

Byron se ajoelhou na ponta do tapete para mostrar que não queria fazer nenhum mal. Não

ficava com Jeanie desde que a encontrara dormindo na cama de Lucy. Não sabia

o que dizer.

Olhou para o couro desgastado da tala, as alças e as fivelas. Aquilo parecia doer. Jeanie

fungou o nariz e ele viu que ela estava chorando. Ele perguntou se ela gostaria que ele

brincasse com as bonecas. Ela assentiu.

Byron deu chapéus para as cabeças e vestidos para os corpos. Disse que era uma pena que

estivessem todas quebradas. Ela assentiu de novo.

— Você quer que conserte?

Ela não assentiu, nem falou, mas sorriu.

Byron pegou uma cabeça e um corpo. Empurrou um contra o outro com força, e por alguns

instantes achou que não daria certo, até que a cabeça de repente se encaixou com um

estampido.

— Pronto — disse ele. — Consertamos.

Não era exatamente verdade dizer que ela ajudou, mas por algum motivo ele dizer isso a

fez sorrir novamente, como se ela pudesse ter consertado as bonecas se as circunstâncias

fossem outras. Jeanie pegou a boneca. Tocou a cabeça. Tocou os braços e pernas. Acariciou os

cabelos.

— Ah, mas o que aconteceu com essas coitadinhas? — perguntou ele de repente

e pegou

outro corpo e outra cabeça. Estavam cheios de marcas de canetinha.

Jeanie deu um gritinho e se encolheu. Foi um gesto tão nervoso e agudo que ele também

deu um pulo, como se ela esperasse apanhar dele.

— Calma, não vou machucar você — disse Byron com calma. — Eu não faria isso, Jeanie.

Ela deu um sorriso inseguro. Ele perguntou se a boneca estava com sarampo. Ela fez que

sim.

— Ah, entendi — disse ele. — Coitadinhas.

Ela concordou.

— Elas gostam de ter sarampo?

Ela balançou a cabeça devagar. Seus olhos estavam fixos nos dele.

— Elas querem melhorar?

Quando ela fez que sim de novo, o coração dele começou a bater tão forte que ele

conseguia senti-lo nos dedos, mas controlou a respiração. Que pena, disse ele, que aquelas

meninas tinham sarampo, e ela balançou a cabeça para dizer que sim, era uma pena.

— Elas precisam de ajuda para melhorar? — perguntou ele baixinho.

Jeanie não fez nada. Apenas olhou para Byron com seus olhos grandes e assustados.

Ele pegou uma canetinha vermelha. Desenhou três pontos na própria mão. Não falou nada

sobre o que estava fazendo, em parte porque não sabia o que era, estava apenas fazendo, e em

parte porque sentiu que os dois, ele e Jeanie, se dariam melhor sem usar palavras. Jeanie ficou

parada observando enquanto ele desenhava no punho, observando a canetinha vermelha e as

marcas que pareciam pequenas cerejas.

— Quer desenhar em mim? — disse ele. Entregou-lhe a canetinha. Ofereceu-lhe a mão.

Jeanie esticou os dedinhos finos e ele colocou sua mão rechonchuda na dela. A palma da

mão dela estava gelada como pedra. Ela desenhou um círculo na mão dele e o coloriu, depois

outro. Não fez força. Desenhou devagar e com cuidado.

— Você pode fazer pontinhos na minha perna se quiser — disse ele.

Ela concordou e desenhou mais marcas no joelho dele, depois na coxa, e depois até os

pés. Acima deles, a brisa quente sacudiu as folhas da árvore.

— Quer marcas também, Jeanie?

Ela olhou para a casa, onde a mãe tocava o órgão. Parecia confusa ou triste, ele não tinha

certeza. Ela balançou a cabeça.

— Ninguém vai ficar zangado — disse ele. — E eu ajudo você a tirar as marcas depois.

— Mostrou os braços e as pernas com marcas. — Olha — disse ele, rindo. — Você pode ter

sarampo como eu.

Jeanie deu a mão para ele. Foi como tocar uma pedra de novo. Ele fez quatro círculos

pequenos nas articulações dos dedos. Fez com cuidado porque estava com medo de machucá-

la. Quando ele terminou, ela colocou a mão perto do rosto. Examinou o trabalho dele com

cuidado.

— Gostou delas? — disse ele.

Jeanie fez que sim.

— Quer mais?

Ela olhou para ele com uma expressão estranha, uma expressão de questionamento. Ela

apontou para as próprias pernas.

— Essa? — disse ele.

Ela balançou a cabeça e apontou para a tala. Ele olhou para a casa e para o lago. Beverley

estava tocando a música nova. Parara e voltava ao começo para tocar tudo certo. Não havia

sinal da mãe dele.

As mãos de Byron tremeram quando ele desatou as fivelas. Abriu o couro, e a pele da

perna de Jeanie era macia e branca, com um leve cheiro de sal, mas não era um

cheiro

desagradável. Ele não queria deixá-la chateada. Não havia curativo. Não havia cicatriz em

nenhum dos joelhos.

— Coitadinho desse joelho — disse ele.

Ela assentiu.

— Coitadinha da Jeanie.

Ele desenhou uma marquinha no joelho dela. Era tão fraca, tão singela, que era apenas a

menor manchinha do mundo. Ela não se encolheu. Ficou observando com muita atenção.

— Quer outra?

Ela apontou para o tornozelo, depois para a canela, depois para a coxa. Ele desenhou mais

seis pontinhos. Sempre que ele desenhava ela esticava o pescoço e estudava o trabalho dele

com atenção. A cabeça dos dois estava quase se tocando. Ele viu que ela não estava mentindo

quanto às pernas. Estava apenas esperando que movessem de novo.

— Agora estamos iguais — disse ele.

Uma folha amarela flutuou em meio à luz do Sol. Pousou no tapete, e ele viu que era a

borboleta com asas amarelas. Ele não sabia se aquilo era um sinal, aquela borboleta, mas sua

reaparição certamente foi como a junção de dois momentos que em outra

situação estariam

separados. A música de Beverley estava chegando ao final. Ela atingiu o refrão com um

crescendo. Ele chegou a pensar ter ouvido a mãe chamando no lago. Teve a sensação de que

alguma coisa estava por vir, outro marco, e que se não o capturasse rapidamente ele iria

embora de novo.

— A borboleta está procurando uma flor — sussurrou ele. Esticou os dedos como se

fossem pétalas, e Jeanie o imitou. — Ela acha que nossas marcas são flores.

Ele segurou a borboleta com cuidado. Sentia as asas pálidas feito papel batendo na pele

das mãos. Ele a abaixou até as mãos dela e falou para ela ficar parada. A borboleta pousou na

palma da mão de Jeanie, e de alguma forma a borboleta também sabia como ficar parada; ela

não bateu as asas e não se assustou. Jeanie estava tão estática que nem respirava.

— Jeanie! — chamou Beverley no terraço.

— Byron! — chamou a mãe dele passando pelo jardim.

A borboleta parou nas pontas dos dedos de Jeanie.

— Ah, não — murmurou ele. — Ela vai cair. O que a gente vai fazer, Jeanie?

Em silêncio e muito lentamente ela começou a levantar os joelhos para formar uma ponte

florida. Quando a borboleta passou pelas suas unhas em direção às pernas, ela

levantou os

joelhos mais ainda. As mulheres estavam gritando, corriam na direção dos dois, mas ele

continuou dizendo “Mais alto, mais alto, querida”. A borboleta caminhou levemente pelos

joelhos pequenos e brancos de Jeanie, cada vez mais estendidos, e finalmente ela soltou uma

risada.

PARTE TRÊS

Besley Hill



Dança da chuva

A LUA NOVA do começo de setembro trouxe uma mudança de clima. O calor diminuiu. Os dias

estavam quentes, porém não mais abafados. Havia um leve frescor no ar da manhã, e uma

nuvem branca de condensação nas janelas. As folhas das clematites já estavam retorcidas,

secas e marrons nos caules, e as margaridas quase extintas. O Sol matinal olhou

para Byron

por cima da cerca viva, como se não conseguisse atingir o limite do céu.

A Lua Nova causou uma mudança na mãe de Byron também. Estava feliz novamente.

Continuava a enviar pequenos presentes para Beverley por correio, e a telefonar para saber de

Jeanie, mas não dirigia mais até Digby Road e Beverley não fazia mais visitas. James recebeu

a notícia da recuperação de Jeanie com silêncio. Havia informado a Byron que passaria o

último fim de semana das férias no litoral. Talvez visse algum show?, sugeriu Byron. James

respondeu de maneira estranha dizendo que não era esse tipo de viagem.

A resposta de Beverley foi o oposto. Foi um milagre, concluíra. Uma criança se

recuperando quando todos os médicos tinham desistido. Agradeceu profusamente a Byron.

Desculpou-se várias e várias vezes pela preocupação que causara. As coisas saíram do

controle, repetia. Queria apenas ser amiga de Diana, nunca quis que sofresse. Todo mundo

cometia erros, exclamara. Nunca se deu conta de que a perna manca de Jeanie era imaginada.

Prometera devolver os brinquedos de pelúcia, o carrinho, o vestido de caftan, as roupas

emprestadas. Houve muitas lágrimas, mas Diana a acalmou. Foi um verão estranho, disse ela.

Talvez o calor tenha afetado a todos? Parecia tão aliviada por terem chegado a uma conclusão

que não tinha espaço para culpa, nem para compreensão. Na última vez em que Beverley

telefonou, contou que Walt a havia pedido em casamento. Estavam pensando em se mudar para

o norte; seriam uma família de verdade. Ela também estava pensando em um pequeno negócio

de importações. Falou sobre agarrar oportunidades e pensar grande, mas com a ameaça de

greves, a ideia empresarial de Beverley não parecia muito próspera. Prometeu que buscaria o

órgão, mas por algum motivo, nunca foi.

Enquanto isso, Diana recuperou as saias de onde andavam escondidas aquele tempo todo

— jogadas ao lado dos sapatos — e passou todas elas. Estavam um pouco frouxas na cintura,

mas devolveram a Diana aquela maneira constrita de caminhar, com passos pequenos. Ela

parou de passar horas perto do lago, ou de dormir sob as estrelas. Retomou o caderno e os

pequenos bolos em formato de borboleta. Byron a ajudou a carregar os antigos móveis da mãe

de volta para a garagem; eles os cobriram com o pano para proteger da poeira. Diana regulou

os relógios. Começou a arrumar e limpar a casa. Quando o pai apareceu para sua primeira

visita, ela não o contrariou. Lavou suas roupas íntimas, e durante o jantar eles conversaram

sobre a viagem de caça e o tempo. Lucy repetia exercícios de piano no órgão elétrico. E

apesar de Seymour insistir que era um presente extravagante de aniversário para uma

menininha, Diana garantiu que nenhuma outra família tinha um Wurlitzer e, sendo assim, ele

deu o sorriso de sempre, com formato invertido.

As crianças voltaram às aulas. Agora que Jeanie não estava mais aleijada, James

raramente discutia o que havia acontecido e o fato de os meninos terem planejado salvar

Diana. Referiu-se uma ou duas vezes àquele plano de verão, mas foi com certo menosprezo,

como se os dois tivessem sido infantis. James deu a pasta da Operação Perfeito para Byron.

Ele não falou sobre truques de mágica, nem perguntou sobre os cartões Brooke Bond. Talvez

estivesse decepcionado com Byron; era difícil dizer.

Além disso, não era apenas James que parecia reservado ou tenso. Estar no ano em que

fariam a prova para a bolsa de estudos fazia com que os meninos virassem homens. Alguns

deles haviam crescido. Suas vozes alternavam tons agudos e graves. Seus rostos tinham

manchas, como mármore. Seus corpos exalavam cheiros e se moviam e se

esticavam de novas

maneiras que eram confusas e interessantes. Era como o calor que sentiam em partes que eles

não sabiam que tinham. Samuel Watkins tinha até bigode.

Em uma noite no meio de setembro, eles se sentaram ao ar livre, Byron e a mãe, sob um

céu limpo pontilhado de estrelas. Ele mostrou a constelação Ursa Maior e as estrelas

Plêiades, e ela olhou para cima, copo no colo, cabeça para trás. Ele apontou para o formato de

águia da Aquila, o Cisne e Capricórnio.

— Sim, sim — disse ela. Era óbvio que estava escutando. Ficou acenando com a cabeça,

olhando para cima, e se virava para olhar Byron.

— Eles estão brincando conosco, não estão? — perguntou ela.

— Quem?

— Os deuses. Nós achamos que entendemos, inventamos a ciência, mas não fazemos ideia.

Talvez as pessoas inteligentes não sejam as que acham que são inteligentes. Talvez as pessoas

inteligentes sejam as que aceitam que não sabem nada.

Ele não fazia ideia do que dizer. Como se tivesse lido a mente do filho, Diana deu-lhe a

mãe e tomou seu braço no dela.

— Mas você é inteligente. Você é muito inteligente. E vai ser uma pessoa boa. É

isso que

conta.

Ela apontou para um véu de luz opaca acima deles.

— Agora me fale sobre essa.

Ele disse que era a Via Láctea. E então, do nada, uma estrela brilhou na escuridão, como

se tivesse sido lançada, e depois desapareceu.

— Viu aquilo? — Ele apertou o braço dela com tanta força que ela quase derramou a

bebida.

— O quê? O quê? — Ela obviamente não vira a estrela, mas, quando ele explicou, ela

ficou imóvel, observando o céu e esperando.

— Eu sei que vou ver uma — disse ela. — Estou sentindo nos meus ossos. — Ele ia

começar a rir, mas ela levantou a mão para silenciá-lo. — Não fale mais nada ou vou querer

olhar para você. E não posso porque tenho que me concentrar. — Sentou-se tão ereta e ansiosa

que parecia Lucy.

Quando finalmente avistou uma estrela cadente, deu um pulo e ficou de pé, os olhos

arregalados, dedos apontando a noite.

— Olha! Olha! — disse para ele. — Está vendo?

— Que coisa linda — disse ele.

Era um avião. Ele via a cauda de vapor iluminada pela Lua, brilhando através do céu

como pontos de crochê com lã prateada. Byron esperou que a mãe percebesse, mas isso não

aconteceu. Ela riu e apertou a mãe dele e disse:

— Fiz um desejo para você, Byron. Agora que eu vi aquela estrela cadente, tudo vai ficar

bem. — Byron teve que assentir e desviar os olhos. Como ela conseguia ser tão inocente? Tão

burra? Ele foi com ela para a casa, mas Diana derrapou e ele teve que dar a mão para

estabilizá-la.

— Eu esqueci como usar saltos — disse ela, rindo.

Ver a estrela cadente pareceu animar a mãe ainda mais. No dia seguinte, trabalhou no

jardim enquanto as crianças estavam na escola. Cavou os roseirais e, conforme o Sol se

retirava do céu, Byron a ajudou a empilhar as primeiras folhas caídas em um carrinho de mão

para fazerem uma fogueira. Pegaram maçãs derrubadas pelo vento e molharam os arbustos

próximos à casa; precisavam de chuva. Depois, Diana falou sobre o Halloween; disse ter lido

em uma revista que eles esculpem rostos em abóboras nos Estados Unidos. Ela gostaria de

fazer isso, disse. Os dois pararam para observar o aglomerado de nuvens, dispostas como

torres de algodão doce sobre a charneca. A mãe disse que aquele fora um dia verdadeiramente

bonito. As pessoas não olhavam para o céu quanto deviam.

Talvez fosse bem simples, como acreditar que as coisas eram o que você queria que

fossem? Talvez essa fosse a solução? Se Byron aprendera alguma coisa naquele verão fora

que uma coisa pode ser não apenas uma, mas também várias — e distintas; às vezes até mesmo

contraditórias. Nem tudo tinha uma denominação. E se tinha, o melhor era estar preparado

para reavaliar tal denominação de tempos em tempos e colocar outra a seu lado. A verdade

podia ser verdadeira, mas não de maneira definitiva. Podia ser mais ou menos verdadeira; e

talvez isso fosse o máximo que um ser humano podia exigir. Byron e a mãe voltaram para a

casa.

Era quase hora do chá quando a mãe se lembrou de que havia deixado um cardigã lá fora.

Ela avisou que estava saindo para buscá-lo e voltaria em breve.

Byron começou a jogar com Lucy. Ele se ergueu para acender as luzes; se deu conta de que

estava ficando escuro. Fez sanduíches porque Lucy estava com fome; cortou-os

em triângulos.

Quando olhou novamente pela janela, a luz estava verde.

Disse a Lucy que ia buscar algo no jardim e preparou um novo jogo de Serpentes e

Escadas.

— Você tem que começar — disse para ela. — Conte com bastante cuidado. Eu já volto

para jogar a minha vez. — Quando ele abriu a porta da frente, ficou em choque.

Lá fora, a nuvem sobre a charneca estava negra como tinta. Uma tempestade se

aproximava, sem dúvida. Ele gritou pela mãe à porta, mas ela não respondeu. Checou os

roseirais e as perenes; nenhum sinal dela. Uma rajada repentina de vento lançou-se sobre as

árvores, e, conforme as nuvens corriam, os ângulos dos montes se iluminavam brevemente

com feixes dourados de luz, e depois caíam na escuridão. As folhas nos galhos começaram a

tremer. Ele correu pelo jardim em direção ao portão no mesmo instante em que as primeiras

gotas caíram.

Eram maiores do que ele esperava. A chuva caía em cortinas pesadas desde os montes

mais altos. Não havia como ela estar no lago. Ele voltou para a casa e tentou se proteger da

chuva colocando as mãos embaixo das axilas e abaixando a cabeça, mas a água começou a

deslizar rapidamente pelos cabelos e para dentro da gola. Ficou surpreso por ter passado de

seco a molhado tão rapidamente. Byron se apressou pelo jardim em direção à garagem.

A chuva batia no teto feito grãos de pimenta, mas os móveis ainda estavam cobertos e

Diana não estava lá. Por um momento, ele cogitou a possibilidade de ela estar no Jaguar, de

estar adormecida ao volante, mas as portas estavam trancadas e o carro estava vazio. Ela

devia ter voltado para a casa. Talvez estivesse secando os cabelos e conversando com Lucy

enquanto ele fechava as portas da garagem.

Lucy estava esperando por ele à porta.

— Aonde você foi, Byron? Fiquei esperando e esperando. Por que você demorou tanto?

— Ela estava com medo; ao vê-la assim, ele percebeu que também estava com medo. A chuva

invadira o chão do hall. Ele se virou e viu as poças de água atrás de si; só então percebeu que

ele molhara tudo.

— Cadê a mamãe? — perguntou ele.

— Achei que estivesse com você.

Byron começou a pensar de novo no que havia acontecido, tentando calcular o tempo que

passou desde que a mãe saíra. Abaixou-se para tirar os sapatos da escola;

estavam macios

feito polpas de fruta. Os dedos não conseguiam desatar os nós, ele teve que tirar os sapatos

sem desamarrá-los. Começou a vasculhar a casa. Começou devagar, depois foi mais rápido,

até que estava correndo de quarto em quarto, escancarando as portas. Nas janelas abertas, as

cortinas se inflavam como velas, e lá fora os galhos das árvores se sacudiam

desamparadamente para cima e para baixo. Ele fechou as janelas; a chuva atingiu os vidros e

se derramou sobre o telhado. Byron escutou o vento abrindo e fechando portas na casa toda.

— Cadê a mamãe? O que você está fazendo? — disse Lucy. Ela o seguia como uma

sombra.

Ele checou o quarto da mãe, o banheiro, o escritório do pai, a cozinha, mas não havia sinal

dela, nenhum sinal.

— Por que você está correndo por todos os cantos? — exclamou Lucy.

Estava tudo bem, disse ele repetidas vezes, estava tudo bem. Ele correu até a porta da

frente. O peito estava começando a doer. Pegou o guarda-chuva e o casaco impermeável da

mãe.

— Está tudo bem, Luce — disse ele. — Vou trazer a mamãe daqui a pouquinho.

— Mas estou com frio, Byron. Quero meu cobertor. — Lucy o abraçou com tanta força que

ele teve que se sacudir para escapar.

Enquanto levava a irmã para a sala de visitas e buscava seu cobertor, Byron se deu conta

da situação. O que estava fazendo? Não devia gastar tempo pegando um cobertor. Devia estar

lá fora. Não sabia nem por que tinha voltado.

— Fique sentada e espere — disse ele levando Lucy pela mão até uma poltrona. Depois,

tentou sair rapidamente, mas voltou para dar um beijo na irmã, que chorava muito. — É só

ficar quietinha, Luce — disse ele. Então de repente largou tudo, casaco, guarda-chuva,

cobertor, no carpete da sala de estar. Saiu correndo.

Ele pensou que aquilo tudo havia levado apenas alguns minutos, mas o céu já estava mais

escuro. A chuva caía pesada, afiada como estacas. Batia nas folhas. Achatara a grama. Jorrava

contra a casa como se quisesse machucá-la, e jorrava das calhas, caindo no pátio. O barulho

era ensurdecedor.

Ele correu gritando o nome da mãe, mas o barulho da chuva era tão alto que ele nem

parecia fazer som. Ainda estava no jardim. Não conseguia nem ver o lago. Com ombros

curvados, abriu o portão; nem parou para fechá-lo. Quando partiu em direção ao lago, não

corria mais. Estava deslizando e escorregando, braços esticados para se equilibrar; mal

conseguia levantar o rosto. O solo estava encharcado. A água transbordava pela grama. A cada

pisada, a água voava ao rosto.

Ele olhou o lago e não acreditou no que viu. Teve que bloquear a chuva com os braços

para enxergar direito.

— Mamãe! Mamãe! — Ele tentou chamar, mas ela não escutou.

Lá estava Diana, no lago. Cabelos, roupas e pele tão molhados que ela brilhava. Mas o

estranho foi isso: ela não estava no pequeno monte verde no meio do lago; estava se

equilibrando no espaço aquoso entre a ilha e a margem. Como era possível? Ele esfregou os

olhos para ter certeza. Com um copo na mão, ela estava de pé em um lugar entre os dois

pontos, um lugar que não era feito de terra, apenas de água. Movia-se lentamente, com os

braços esticados, como se estivesse dançando. Seu corpo parecia ceder e perder o equilíbrio

de vez em quando, mas ela se manteve de pé e continuou avançando — costas retas, queixo

erguido, braços abertos — por entre as linhas duras e prateadas da chuva.

— Aqui! — berrou ele. — Aqui! — Ainda estava no começo do prado.

Ela devia ter escutado, por que de repente parou e acenou. Ele perdeu o fôlego, achando

que a mãe cairia, mas não caiu. Permaneceu de pé, equilibrada na superfície.

Diana gritou algo em resposta, mas ele não conseguiu ouvir. Então, ela levantou a mão —

não a que segurava o copo, a outra — e ele viu que ela carregava alguma coisa branca e

pesada. Era um ovo de gansa. Ela estava gargalhando. Estava feliz por ter recuperado o ovo.

O alívio de encontrar a mãe que tomou Byron até doeu. Ele já não sabia o que era choro, o

que era chuva. Pegou o lenço no bolso para assoar o nariz. Estava encharcado, mas curvou o

rosto para o tecido de algodão; não queria que a mãe soubesse que ele estava chorando. Assim

que dobrou o lenço e o recolocou no bolso, ergueu o rosto e viu o exato momento em que algo

pareceu atingir as pernas da mãe. Ele achou que ela estava fazendo aquilo para que ele risse.

Então o corpo de Diana despencou repentinamente; as mãos pularam para cima, e tanto o copo

quanto o ovo lhe escaparam. Um movimento tomou a parte superior do corpo de Diana,

passando por um dos braços e pelo tronco, até o outro ombro. Foi como testemunhar o

nascimento de uma onda.

Ela gritou mais alguma coisa para ele e depois pareceu se dobrar ao meio e afundar.

Byron ficou parado alguns instantes, esperando que ela reaparecesse. Não conseguia se

mover. Foi como se o tempo tivesse ido embora ou desmoronado. E quando ela não retornou,

quando só restou chuva batendo na água, ele começou a se mover lentamente, depois mais e

mais rápido. Sabia que não queria chegar à margem do lago, mas deslizando pela lama mesmo

assim — os sapatos não faziam atrito algum. Sabia, mesmo enquanto deslizava para mais

perto, que quando chegasse, não ia querer ver.

Na manhã seguinte, plumas macias de névoa nasceram dos montes, como se pequenas

fogueiras fossem acesas por toda a charneca. O ar estalava e tamborilava, embora não

houvesse mais chuva, apenas a memória dela. Uma Lua desgastada pairava como um fantasma

do Sol, e pequenos mosquitos de verão tomavam o céu todo, ou talvez fossem pequenas

sementes. Fossem o que fossem, era um lindo começo.

Byron desceu o prado, onde poças de água ocupavam o solo como grandes pratos de prata.

Pulou o cercado e se sentou à margem do lago. Ficou olhando para o reflexo do

céu, o que

parecia outro mundo, ou uma verdade alternativa — uma verdade de cabeça para baixo em

tom coral. O pai já estava em casa conversando com a polícia no escritório, e Andrea Lowe

fervia água para os convidados.

Um bando de gaivotas voou para o leste, subindo e descendo como se fossem limpar o céu

com as asas.



Rituais

UMA MONTANHA DE nuvens está empilhada no céu noturno, e é tão sólida que parece um

segundo horizonte. Jim observa brevemente pela porta aberta do trailer. O relógio da igreja

bate nove vezes do outro lado dos montes, mas está escuro — então deve ser noite. Os rituais

voltaram, e piores do que nunca. Ele não consegue parar.

Está tudo acabado para Jim. Não há escapatória. Ele encena os rituais o dia inteiro e, no

entanto, eles não fazem diferença alguma. É como lutar com as barras de uma gaiola. Ele sabe

que não ajudam, sabe que nunca funcionam, mas tem que encená-los. Não dormiu, nem comeu,

desde que fugiu de Eileen.

Só de pensar nela, Jim fecha a porta e entra no trailer. Ela era sua única esperança. Ela

pediu a ajuda dele. Como ele foi capaz de abandoná-la daquele jeito?

O Natal veio e se foi. Os dias foram noites, e ele perdeu a conta de quantos passaram.

Talvez dois, três, ele não faz ideia. Ouviu chuva, vento; viu o interior do trailer iluminado por

feixes de luz do Sol, mas é só quando somem que ele percebe que os feixes talvez existam. Ao

notar seu reflexo na janela, Jim dá um pulo achando que tem alguém olhando para o interior do

trailer, alguém que quer machucá-lo. Seu rosto flutua, reto e pálido no quadrado negro de

vidro. Pequenos filetes de barba pontilham sua mandíbula. Sombras profundas estão sob os

olhos, pupilas escuras e inchadas. Se ele fosse outra pessoa e passasse por ele mesmo na rua,

desviaria. Fingiria que não o viu.

Como chegou àquele ponto? Quando começou, tantos anos atrás, os rituais eram

pequenos.

Eram seus amigos. Ele dizia “Oi, forninho” e tinha a sensação de que era um pequeno segredo

entre ele e sua pequena casa. Era algo fácil para consertar tudo. Mesmo quando percebeu que

tinha que dizer isso toda vez que entrava, era uma questão de instantes, e depois ele podia

seguir em frente. Se sentia um pouco de pânico, se sentia medo, dizia oi rapidamente em algum

lugar público e fazia com que parecesse uma piada. “Oi, xícara de chá!” dizia, rindo, e as

pessoas achavam que ele estava com sede, ou que era jovial — não que era estranho. Podia

disfarçar as palavras com uma pequena tossida.

O tempo modificou os rituais. Foi apenas quando pensamentos ou palavras erradas

passaram a lhe ocorrer que Jim começou a ficar ansioso com os rituais. Ele viu que se

quisesse todo mundo a salvo, não podia pensar que isso aconteceria apenas porque disse oi e

foi fazer outra coisa. Tinha que se esforçar para que tudo ficasse a salvo de verdade, caso

contrário não seria forte o suficiente. Isso era lógico.

Ele não sabe ao certo como chegou no número 21. A ideia surgiu como uma regra em sua

mente e ficou presa lá. Houve uma época em que morria de pavor quando o

horário não

envolvia um número 2 ou um número 1. Tinha que continuar fazendo os rituais até que os

ponteiros do relógio chegassem a um desses dois números. Seus horários favoritos eram uma

hora e dois minutos. Ou duas horas e um minuto. Às vezes, Jim programava o alarme para que

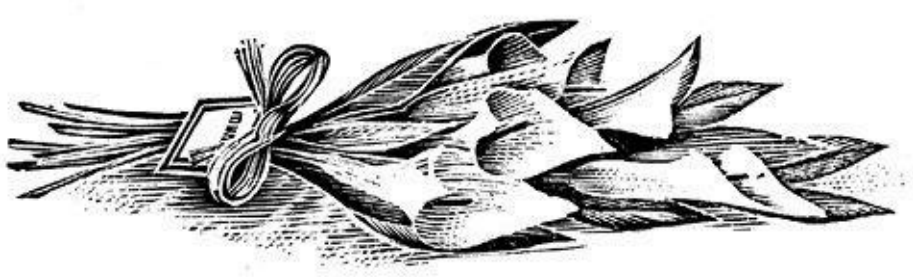
pudesse ver essas horas.

Sabão, oi. Tomada, oi. Sachês de chá, oi.

Ele pensou que estava curado. Pensou que podia ser normal. Mas a assistente social estava

errada, assim como a conselheira psíquica. Era tarde demais para Jim.

Não há nada, apenas ele e os rituais.



Um final

JAMES CONTINUOU FALTANDO às aulas após a notícia da morte de Diana. O funeral aconteceu

em uma segunda-feira no começo de outubro. Foi o mesmo dia do acidente, e apenas quatro

meses depois, mas tantas coisas importantes tinham acontecido naquele pequeno espaço que o

tempo se modificara de novo. Não era mais uma progressão linear de um momento a outro.

Fora desprovido de toda regularidade, de todo o sentido. Era um buraco selvagem e

maltrapilho no qual as coisas caíam indiscriminadamente e mudavam de formato.

Acima da charneca, o céu de outubro ficava cada vez mais macio com nuvens roxas

perfuradas ocasionalmente por um feixe de raio de Sol, ou pela passagem ligeira de um

pássaro. Era o tipo de céu que a mãe de Byron teria amado, e ele sofria ao vê-lo porque

conseguia imaginá-la apontando para cima e chamando-o para olhar. Às vezes, Byron sentia

que estava oferecendo oportunidades perfeitas para que ela retornasse, e o fato de ela não

retornar fazia com que sua ausência fosse ainda mais desconcertante. Ela certamente voltaria

em breve. Era só uma questão de ele encontrar o incentivo correto.

Então continuou procurando. Afinal de contas, o casaco dela ainda estava pendurado na

parede. Seus sapatos ainda estavam perto da porta. Sua retirada do mundo fora tão brusca que

era inacreditável. Ele esperava todas as manhãs na beira do lago. Chegou a passar com a

poltrona dela por cima da cerca. Sentou-se onde ela havia sentado, à margem da água, e o

estofado ainda tinha o formato e o cheiro dela. Ele não conseguia entender como algo tão

importante quanto a vida de uma mãe podia deixar de existir nos instantes em que um menino

assoava o nariz.

Todas as mulheres estavam presentes no funeral, e a maioria dos pais também. Alguns

levaram os filhos, mas as filhas não acompanharam. As mulheres decoraram a igreja com

lírios e fizeram presunto de York para a cerimônia. Haveria bastante comida. Tanta energia foi

gasta no planejamento que parecia um casamento, exceto que não haveria fotógrafos e os

convidados vestiriam apenas preto. Chá e suco de laranja seriam servidos, embora Andrea

tivesse conhaque em um pequeno cantil para casos de emergência. Não se esperava que as

pessoas sobrevivessem à manhã sem uma pequena ajuda.

Foi a bebida — Byron ouviu comentarem. Perto do fim, a pobre Diana mal ficava sóbria.

Ninguém mencionou a apresentação de Beverley explicitamente, mas era claro que estavam

pensando em ocasiões como aquela. Mesmo assim, era uma tragédia que a mãe de duas

crianças, que uma esposa morresse tão jovem. E então veio a autópsia trazendo mais um

choque. Seu estômago continha água e restos de uma maçã. Antidepressivos foram encontrados

no sangue. Os pulmões estavam cheios de água e solidão, assim como o fígado, o baço, a

bexiga e as pequenas cavidades dos ossos. Mas não havia álcool. Nenhum traço.

— Eu só a vi beber uma vez — disse Byron para o policial que foi entrevistar a família.

— Ela tomou uma taça de champanhe em um restaurante. Tomou só alguns goles e deixou o

resto na taça. Ela gostava mesmo de água. Bebia água com gelo o tempo todo. Não sei se você

precisa escrever isso, mas eu tomei sopa de tomate no restaurante. E ela também me deixou

comer coquetel de camarão. Não era nem hora do almoço.

Foi o máximo que falou sobre a mãe desde o acidente. O cômodo ficou em silêncio como

se o ar estivesse suspenso, esperando que ele continuasse. Olhou para os rostos adultos e para

o caderno do policial, e de repente a brecha que era sua mãe se abriu sob seus pés. Chorou

tanto e tão descontroladamente que se esqueceu de parar. O pai tossiu para limpar a garganta.

O policial fez um sinal para que Andrea Lowe fizesse alguma coisa, e ela foi buscar biscoitos.

Fora um acidente, disse o policial para Andrea. Ele nem baixou a voz, como se a dor

ensurdecesse os que sofriam. Fora um acidente terrível.

Um médico particular em Digby Road foi entrevistado. Confirmou que vinha fornecendo o

remédio Tryptizol para a sra. Diana Hemmings havia vários anos. Era uma senhora gentil,

disse ele. Foi consultá-lo quando descobriu que não conseguia lidar com seu novo ambiente.

O médico expressou os pêsames e mandou condolências à família.

Claro que surgiram outras histórias sobre o motivo da morte de Diana — a mais comum

foi que ela se afogou intencionalmente. Como explicar as pedras nos seus bolsos? Algumas

eram cinza, outras azuis, e outras brilhantes como balas. Byron ouviu as histórias. Sabia que

eram sobre sua mãe pela maneira como as pessoas olhavam para ele e se calavam, alisando

dobras imaginárias nas mangas das roupas. Mas aquelas pessoas não faziam ideia. Não

estavam lá na hora. Não viram o que ele viu naquela noite no lago, conforme a luz ficava mais

fraca e a chuva caía. Ela estava em pé na água, girando como se o ar estivesse cheio de

música, e então levantou os braços e os deixou cair. Retornara — não ao solo, mas à água.

A igreja da cidade estava tão lotada que os últimos convidados tiveram que ficar de pé.

Apesar do Sol de outono, a maioria das pessoas vestia casacos de inverno, luvas e chapéus.

Havia um cheiro preenchendo o ar, e era tão rico e doce que Byron não conseguia decidir se

era feliz ou triste. Sentou-se na frente, ao lado de Andrea Lowe. Notou como a congregação

olhou e abriu caminho quando ele chegou. Sentiam muito por sua perda, disseram em tons bem

baixos, e pela maneira como olhavam para o chão, Byron percebeu que a perda fizera dele

uma pessoa importante — foi estranho, mas sentiu-se orgulhoso. James estava sentado mais ao

fundo, com o pai, e embora Byron tivesse virado várias vezes para sorrir e mostrar que era

corajoso, James manteve a cabeça baixa. Os meninos não se encontravam desde antes do

acidente de Diana.

Quando os carregadores do caixão apareceram, a emoção foi demais para algumas

pessoas. Beverley ficou sem ar e Walt teve que ajudá-la. Andaram torto pelo corredor como

um caranguejo manco, esbarraram em alguns lírios no caminho, de modo que um rastro de pó

amarelado ficou nas mangas negras de suas roupas. Os convidados ficaram de pé, imóveis,

observando o caixão e cantando baixinho, enquanto lá fora, sob o Sol de outono, Beverley

gritava. Byron se perguntou se devia estar gritando também porque, afinal de contas, tratava-se

da mãe dele, e não da mãe de Beverley, e talvez fosse um alívio fazer tanto barulho, mas ele

viu o pai bem ereto ao lado do caixão e esticou a coluna. Ouviu a voz do pai cantando mais

alto do que todo mundo, como se estivesse mostrando o caminho que deviam seguir.

O Sol apareceu durante a cerimônia em Cranham House. Beverley e Walt se desculparam e

foram para casa. Foi exatamente o tipo de reunião que Diana teria apreciado, fora o fato de

não estar lá — eles a haviam colocado em um buraco tão profundo que a cabeça de Byron

girou quando olhou; depois tinham coberto o caixão com terra e com as rosas favoritas dela,

como se Diana fosse ver, e foram embora apressadamente.

— Você tem que comer — disse Andrea Lowe. A nova mãe buscou uma fatia de bolo de

frutas e um guardanapo. Ele não queria; teve a impressão repentina de que jamais voltaria a

comer, como se suas entranhas tivessem sumido. Mas seria falta de educação recusar o bolo,

então ele comeu tudo de uma vez, quase sem respirar, apenas enfiou tudo na boca. Quando ela

perguntou se ele estava melhor, ele disse que sim só para ser educado. Perguntou até se podia

comer mais uma fatia.

— Pobres crianças. Coitadinhas — disse Deirdre, chorando. Segurou-se em Andrea e

tremeu como um arbusto ao vento.

— Está sendo muito duro para James — murmurou Andrea. — As noites não têm sido

boas. Eu e meu marido decidimos... — Ela olhou de relance para Byron, como se estivesse em

uma conspiração, fazendo ele sentir que não deveria estar ali. — Decidimos que medidas têm

que ser tomadas. — Byron colocou o bolo na mesa e saiu de mansinho.

Encontrou James à beira do lago, que, sob ordens de Seymour, fora drenado. Um

fazendeiro local levara os gansos e os patos foram junto, ou fugiram voando. Byron ainda se

chocava com a aparência rasa e singela daquele local, sem água ou pássaros. O emaranhado

verde de urtigas, hortelãs e salsas paravam abruptamente onde a superfície da água começava.

A lama negra brilhava ao Sol, interrompida apenas pelos pedaços reminiscentes de madeira e

as pedras que Byron empilhara tão cuidadosamente certa vez para fazer uma ponte, e a ilha

verde no meio não era mais do que um punhado de terra. Era difícil entender como a mãe

pudera perder o equilíbrio e se afogar em algo tão insignificante.

James devia ter passado por cima da cerca e descido a encosta; suas calças de ir

à igreja

estavam sujas. Ele estava de pé no meio da lama, arrastando um dos galhos mais longos,

gemendo com o esforço. Estava inclinado segurando uma das pontas do galho com as mãos,

mas era quase do tamanho dele, então James não conseguia movê-lo. Seus sapatos estavam

cheios de lama, assim como as mangas do blazer. Mosquitos pairavam ao lado.

— O que está fazendo? — perguntou Byron.

James não levantou a cabeça. Continuou erguendo o galho, indo a lugar nenhum.

Byron pulou a cerca e desceu com cuidado. Ficou parado na margem porque não queria

arruinar os sapatos do funeral. Chamou James de novo, e dessa vez ele fez uma pausa. Tentou

esconder o rosto com o ombro, mas não havia como negar que estava chateado. Seu rosto

estava tão vermelho e inchado que parecia deformado.

— É grande demais para você — gritou Byron.

Um ranger veio do peito de James, como se a dor lá dentro fosse mais do que podia

suportar.

— Por que ela fez isso? Por quê? Não consigo parar de pensar... — Voltou a mover o

pedaço de madeira e a gemer, mas as mãos estavam tão sujas de lama que escorregavam; ele

quase deixou a madeira cair duas vezes.

Byron não estava entendendo.

— Ela não queria cair. Foi um acidente. — James chorava tanto que baba escorria de sua

boca.

— Por que... por que... por que ela estava tentando atravessar o lago? — chorou ele.

— Ela foi buscar um ovo. Não queria deixar que os corvos o pegassem. Ela escorregou.

James balançou a cabeça. O gesto foi descontrolado e fez o corpo todo tremer, de modo

que ele cedeu ao peso do galho e quase perdeu o equilíbrio.

— Foi por minha causa.

— Por sua causa? Como pode ter sido por sua causa?

— Ela não sabia que a nossa ponte era perigosa?

Byron viu a mãe de novo, acenando do lago. Mostrando o ovo de gansa. Não estava

andando na superfície da água, claro que não. Apesar do calor, a pele de Byron ficou gelada.

— Eu devia ter checado a sustentação do peso — disse James, soluçando. — Eu disse que

a ajudaria e fiz tudo errado. Tudo veio de mim.

— Não veio, não. Veio dos dois segundos. Foi isso que começou tudo.

Para a surpresa de Byron, suas palavras fizeram com que James uivasse de novo. Ele

nunca tinha visto James naquele estado; tão cru, tão desesperado, tão raivoso. Ainda tentava

mover a madeira, mas com movimentos tão pequenos e ineficazes que parecia quase

derrotado.

— Por que você me deu ouvidos, Byron? Eu estava errado. Você não vê? Errei até mesmo

quanto aos dois segundos.

Byron não sabia por quê, mas de repente ficou difícil colocar ar nos pulmões.

— Você leu no jornal.

— Depois que a sua mãe... — James não conseguiu falar. Tentou de novo. — Depois que

ela... — Também não conseguiu dizer dessa vez. Puxou o galho com mais força. Parecia

furioso. — Eu pesquisei mais. Os dois segundos não aconteceram em junho. Um foi

adicionado no começo do ano. O outro vai ser adicionado no final do ano. — Rangeu os

dentes enquanto soluçava. — Não existiam os segundos extras quando você viu.

Foi como um golpe físico. Byron apertou a barriga. Talvez tenha até cambaleado.

Lembrou-se de sua mão na frente do rosto da mãe quando tentou mostrar o ponteiro dos

segundos no relógio de pulso. Viu o carro virar para a esquerda.

O ar se partiu com berros vindos do gramado. Figuras de preto vasculhavam o jardim

chamando por James. Não chamavam Byron. E ao escutar as vozes, Byron percebeu que, pela

primeira vez, houve uma divergência, uma fenda entre os dois amigos que não podia ser

curada.

— Sua mãe está procurando você. Melhor deixar a madeira e voltar — falou calmamente.

James abaixou o galho na lama como se fosse um corpo. Esfregou a manga da blusa no

rosto com força e foi até a margem, onde Byron esperava por ele. Mas, quando Byron ofereceu

o lenço, James não o pegou. Nem conseguia olhar para ele. Disse:

— A gente não vai mais se ver. Minha saúde é preocupante. Tenho que mudar de escola.

— James engoliu em seco.

— Mas e a faculdade?

— A gente tem que pensar no meu futuro — disse James, soando cada vez menos como ele

mesmo. — A faculdade não é o melhor lugar para o meu futuro.

Antes que pudesse fazer mais perguntas, Byron sentiu um movimento brusco em seu bolso

esquerdo.

— Isso é para você.

Byron colocou a mão no bolso e sentiu um objeto liso e duro entre os dedos, mas não

havia tempo para olhar porque o amigo já estava fugindo. James correu desengonçadamente

pelo monte, quase usando mãos e joelhos, segurando os filetes mais longos de grama para se

impulsionar para a frente. Os filetes às vezes se partiam e James quase caía para trás, mas

continuou indo em frente. Praticamente se jogou por cima da cerca.

Byron viu James correr pelo gramado. O blazer estava por cima de um dos ombros, e ele

tropeçou várias vezes, como se a grama estivesse tentando puxar seus sapatos. A distância

entre eles ficou cada vez maior, até que James finalmente passou pelo portão e correu até o

grupo de pais na casa. Andrea avançou pelo gramado para guiá-lo para a saída enquanto o pai

dele trazia o carro. Ela colocou James rapidamente no assento traseiro, como se ele estivesse

prestes a quebrar, e bateu a porta. Byron sabia que estava sendo deixado para trás.

Em um último esforço para impedir o que ele sabia que estava por vir, Byron correu monte

acima e até a cerca. Abaixou-se para passar entre as divisões da cerca, e na pressa talvez

tenha batido a cabeça, talvez tenha esbarrado nas urtigas, porque as pernas de repente

começaram a arder e a cabeça estava latejando. Correu pela grama densa atrás do carro dos

Lowe, que seguia em velocidade pela entrada de carros.

— James! James! — gritou ele.

A respiração ofegante e as palavras berravam como feridas no peito, mas ele não parou.

Abriu o portão, passou apressado pelo jardim, sentindo o chão de pedras estalando sob os

pés. Correu toda a extensão da cerca viva, batendo nas folhas de vez em quando de tão tonto

que estava, e do gramado até o fim da entrada de carros. O carro deles já estava quase na

estrada.

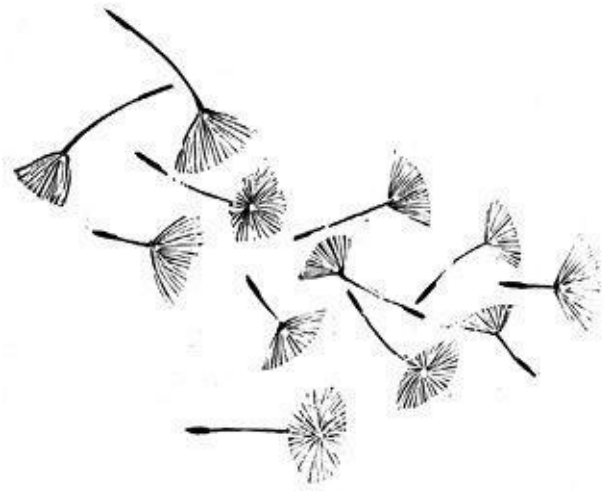
— James! James! — Byron distinguiu o amigo no assento traseiro e a silhueta alta de

Andrea Lowe ao seu lado, mas o carro não reduziu a velocidade e James não olhou para trás.

Virou na estrada e foi embora.

No momento em que os sentimentos ameaçavam emergir e inundá-lo, Byron percebeu que

se sentia completamente vazio.



O fim da fita adesiva

APESAR DA MUDANÇA de temperatura, do tempo estranhamente quente para aquela época do

ano, Jim não vai à charneca. Não vai ao trabalho. Não consegue nem ir à cabine telefônica

para explicar ao sr. Meade. Presume que vai perder o emprego e não tem energia para sentir,

muito menos fazer, algo a respeito. Não checa suas plantas. Passa todos os dias no trailer. Os

rituais nunca param.

De vez em quando, Jim olha pela janela e vê que a vida continua sem ele. É como se

despedir de algo que já foi embora. Os residentes de Cranham Village aparecem com seus

presentes de Natal. Há crianças com novas botas de neve e novas bicicletas. Há maridos com

aspiradores de folhas à bateria. Um dos alunos estrangeiros ganhou um trenó e, apesar da

ausência de neve, eles vão até o alto das rampas com chapéus e casacos grossos. O homem

com o cachorro perigoso tem uma placa nova do lado de fora da casa avisando aos invasores

que tem câmeras de segurança. Jim se pergunta se o cachorro está morto e se dá conta de que

nunca viu um cachorro, perigoso ou não; talvez a placa anterior fosse apenas um truque, longe

da verdade. O velho voltou à janela. Parece usar um boné de beisebol.

Então é isso que significa ser normal. Esse passar de dias. E apesar de ser algo bem

pequeno, Jim não consegue fazê-lo.

O interior do trailer está todo listrado de fita adesiva. Há apenas mais um rolo. Ele não

sabe o que vai fazer quando acabar. Então ele se dá conta, lentamente, de que não vai durar

muito mais do que a fita adesiva. Não tem comido, não tem dormido. Está dando fim a tudo,

inclusive a si mesmo.

Jim se deita na cama. Acima dele, o teto arredondado tem cruzes de fita adesiva. A cabeça

gira, o sangue bombeia, os dedos formigam. Ele pensa nos médicos de Besley Hill, nas

pessoas que tentaram ajudar. Pensa no sr. Meade, em Paula e em Eileen. Pensa na mãe, no pai.

Onde foi que aquilo tudo começou? Nos dois segundos? Na ponte no lago? Ou já

estava lá

desde sempre? Quando foi que seus pais decidiram que o futuro do filho seria de ouro?

O corpo treme, o trailer treme, o coração treme, as janelas tremem, tudo treme com o

desperdício das coisas. Jim, Jim, berra. Mas ele não é nada. Ele é oi, oi. Ele é fita adesiva.

— Jim! Jim!

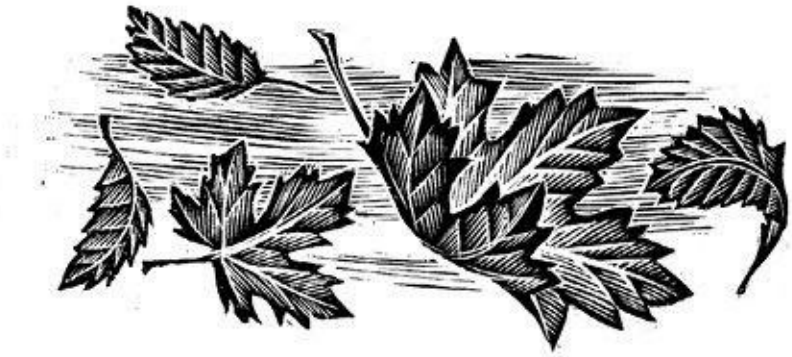
Ele está caindo no sono, na luz, no nada. As portas, as janelas, as paredes do trailer batem,

batem, como um coração pulsando. E então, no exato momento em que ele é nada, o teto solar

se abre. Ele sente um golpe de vento frio. Há céu, há um rosto; talvez seja uma mulher, talvez

não; o rosto tem medo, muito medo, e então vem um braço, uma mão.

— Jim, Jim. Vamos lá, amigão. Estamos aqui.



Ruim da cabeça

O PAI DE Byron contratou uma mulher de meia-idade para cuidar dos filhos. Seu nome era sra.

Sussex. Vestia saias de *tweed*, meias grossas, e tinha duas verrugas com pelos que pareciam

aranhas. Contou para as crianças que o marido era militar.

— Isso quer dizer que ele está morto, como minha mamãe? — perguntou Lucy.

A sra. Sussex disse que isso queria dizer que ele trabalhava em outro país.

Quando Seymour chegava, nos fins de semana, ela mandava ele pegar um táxi da estação,

caso não quisesse dirigir. Ela fazia travessas de comida, e tortas congeladas, e deixava

instruções para aquecerem o que fossem comer antes de ir para a casa da irmã. Às vezes

Byron pensava que seria convidado, e Lucy também, mas nunca eram. O pai passava os fins de

semana no escritório porque tinha muito trabalho acumulado para fazer. Às vezes caía na

escada indo para o segundo andar. Tentava conversar, mas as palavras tinham um cheiro

azedo. E embora Seymour jamais tivesse dito isso, tudo parecia culpa de Diana.

O que mais espantava Byron na morte da mãe era que, nas semanas que se seguiram, o pai

também morreu. Mas foi uma morte diferente da de Diana. Foi uma morte em vida, não uma

morte de enterro, e isso chocou Byron de forma diferente da perda da mãe porque essa ele

teve que continuar testemunhando. Ele descobriu que o homem que pensou que o pai fosse, o

homem que permanecia indiferente e ereto ao lado da mãe mandando que ela fosse para a pista

da esquerda agora, Diana, e vestisse saias antiquadas, não era mais a mesma pessoa depois

que ela fora embora. Após a morte da esposa, Seymour parecia desequilibrado. Em alguns

dias, não dizia nada. Em outros, ficava irado. Andava pela casa toda gritando, como se a raiva

por si só fosse suficiente para trazer a esposa de volta.

Ele não sabia o que fazer com as crianças, Byron o ouviu dizer certa vez. Era só olhar

para elas que via Diana.

Era muito natural, diziam as pessoas.

Mas não era.

Enquanto isso, a vida continuava, como se a perda da mãe não a tivesse tocado de forma

alguma. As crianças voltaram à escola. Vestiam seus uniformes. Carregavam suas mochilas.

No parque, as mães ficavam perto da sra. Sussex. Convidavam-na para tomar café.

Perguntavam como a família estava indo. Ela era reservada. Disse certa vez que estava

surpresa com o estado de Cranham House. Era um lugar frio, não um ambiente feliz para

crianças. As mulheres compartilharam um olhar que sugeria que tinham sorte por terem se

livrado.

Sem James, e sem a própria mãe, Byron se sentia deslocado. Esperou por semanas receber

uma carta de James com o endereço de sua escola nova, mas não recebeu nada. Tentara até

ligar para a casa dele uma vez, mas, ao ouvir a voz de Andrea, desligara imediatamente.

Passava aulas inteiras na escola olhando para os livros sem conseguir escrever. Preferia

passar o recreio sozinho. Escutou um dos professores descrevendo a situação como difícil.

Não podiam esperar muito dele.

Quando Byron encontrou um passarinho morto aos pés de uma planta no jardim, ele o

pegou porque finalmente havia mais morte; parecia um sinal de que Diana não estava sozinha

nisso. O que ele realmente queria não era um pássaro, e sim centenas. Queria vê-los caindo do

céu como pedras. Perguntou ao pai, no fim de semana, se podiam enterrar o pássaro, mas o pai

gritou dizendo que não era para ele brincar com coisas mortas. Ele era ruim da cabeça, disse

Seymour.

Byron não mencionou ao pai que Lucy havia enterrado as bonecas Sindy.

Não era verdade que Byron se preocupava demais. A mãe dele errara sobre várias coisas.

Ele às vezes a imaginava no caixão e achava a ideia da mãe cercada de escuridão quase

impossível de suportar. Tentou pensar na mãe enquanto estava viva, a luz em seus olhos, a voz,

a maneira de colocar o cardigã nos ombros, mas então sentia ainda mais saudades dela. Disse

para si mesmo que devia se concentrar no espírito da mãe e não na ideia de seu corpo preso

embaixo da terra. Mas sua cabeça frequentemente não obedecia, e ele acordava no meio da

noite coberto de suor, incapaz de afastar a imagem da mãe tentando voltar para ele; da mãe

batendo na tampa do caixão com os dedos e berrando para que ele a ajudasse.

Byron não contou para ninguém, assim como não conseguia contar que ele dera início à

sequência de eventos que levara à morte de Diana.

O Jaguar permaneceu na garagem, até o dia em que um caminhão de reboque foi buscá-lo.

Foi substituído por um pequeno Ford. Outubro passou. As folhas que a mãe de Byron um dia

viu se soltaram das árvores e giraram pelo ar, formando um tapete escorregadio aos pés dele.

As noites ficaram mais longas e trouxeram dias de chuva. Os corvos encaravam a tempestade

e se dispersavam por causa dela. Em apenas uma noite, a chuva foi tão pesada que o lago

voltou a existir; Seymour teve que mandar secá-lo de novo. As cercas vivas ficaram nuas,

negras e encharcadas, exceto pelas tramas fantasmagóricas da vegetação que pareciam a barba

de um velho.

Os ventos chegaram em novembro, e as nuvens passearam sobre a charneca até que

finalmente uniram forças e ficaram tão densas que o céu virou um teto de pedras negras sobre

a terra. A névoa retornou; pairava sobre a casa o dia inteiro. Quando uma tempestade de

inverno derrubou um freixo, a árvore ficou deitada, esquartejada no jardim. Ninguém foi

removê-la. Dezembro trouxe neve e granizo. Os meninos da Winston House passavam todos os

dias se preparando para o exame para a bolsa escolar. Alguns tinham professores particulares.

A tonalidade da charneca passou de roxo para laranja e para marrom.

O tempo ia curar tudo, disse a sra. Sussex. A perda de Byron ficaria mais suportável. Mas

aí estava o mais importante. Ele não queria perder sua perda. A perda era tudo o que havia

sobrado da mãe. Se o tempo fechasse a ferida, seria como se ela nunca tivesse existido.

Certa tarde, Byron estava conversando com a sra. Sussex sobre evaporação quando ela

deixou uma faca escapar da mão e cortou o dedo.

— Ai, Byron — disse ela.

Não havia conexão entre Byron e o machucado dela. Ela não o culpava. Apenas foi buscar

um curativo e continuou cortando batatas, mas ele começou a pensar. Pensar em coisas que não

queria e não conseguia parar. Vinham até quando ele estava dormindo. Pensou na mãe gritando

no caixão. Pensou na sra. Sussex lavando o dedo na pia, e em como a água ficou vermelha.

Começou a ter a certeza de que Lucy seria a próxima, e que, assim como o acidente fora culpa

dele, bem como o corte da sra. Sussex, o machucado de Lucy também seria.

A princípio, ele escondeu seus medos. Encontrava maneiras simples de sair da sala

quando Lucy entrava, ou então, se não tinha como sair, se era a hora do jantar, por exemplo,

cantarolava para se distrair. Passou a colocar uma escada do lado de fora da janela dela, à

noite, para que se alguma coisa acontecesse, ela tivesse uma saída segura. Certa manhã, ele se

esqueceu de tirar a escada a tempo e Lucy acordou, viu a escada em sua janela, foi para o

corredor gritando e levou um tombo. Precisou de três pontos logo acima do olho esquerdo. Ele

tinha razão. Ele machucava as pessoas mesmo quando não queria.

Os pensamentos que se seguiram foram sobre os meninos da escola, e sobre a sra. Sussex

e as mães. Até mesmo pessoas que ele não conhecia; pessoas que via da janela do ônibus

enquanto viajava atrás da sra. Sussex e de Lucy. Byron via que era um perigo para cada uma

daquelas pessoas. E se já tivesse machucado alguém sem perceber? Só por pensar nisso, em

machucar alguém, já devia ter machucado. Era o tipo de pessoa que seria *capaz* — senão, por

que teria aqueles pensamentos? Às vezes, fazia coisas pequenas consigo mesmo para mostrar

aos outros que não estava bem, talvez machucar o braço ou apertar o nariz até sangrar —, mas

parecia que ninguém estava preocupado. Envergonhado, puxava a camisa até cobrir os dedos.

Precisava de algo diferente para afastar aqueles pensamentos.

Quando a verdade sobre os pontos de Lucy veio à tona um dia, no parque, Deirdre Watkins

telefonou para Andrea Lowe. Ela sugeriu à sra. Sussex um homem maravilhoso que Andrea

conhecia na cidade. Quando a sra. Sussex disse que o menino precisava apenas de carinho,

Deirdre Watkins ligou para Seymour. Dois dias depois, a sra. Sussex se demitiu.

Byron se lembrava muito pouco da primeira visita ao psiquiatra. Não porque estivesse

drogado ou por ter sido maltratado de alguma forma. Longe disso. Para não ter medo, ficou

cantarolando, primeiro baixinho, só para si, e depois, por que o psiquiatra havia aumentado o

tom de voz, teve que cantar um pouco mais alto. O psiquiatra pediu que Byron se sentasse.

Perguntou se tinha pensamentos que não eram naturais.

— Eu causo acidentes — disse Byron. — Eu não sou natural.

O psiquiatra disse que escreveria aos pais de Byron. Ao ouvir isso, Byron ficou tão

calado e imóvel que o psiquiatra deu fim à sessão.

Dois dias depois, o pai de Byron disse que tirariam novas medida dele para um terno

novo.

— Por que preciso de um terno novo? — perguntou ele. O pai saiu da sala cambaleando.

Dessa vez, foi Deirdre Watkins quem acompanhou Byron à loja de departamento. Tirou

medidas para novas camisas, pulôveres, duas gravatas, meias e sapatos — tanto para usar em

casa, quanto para fora. Era um menino crescido, disse Deirdre ao vendedor. Ela pediu também

um baú, um kit completo de esportes e pijamas. Dessa vez, Byron não perguntou por quê.

No caixa, o vendedor fez a conta. Apertou a mão de Byron e desejou boa sorte na nova

escola.

— O internato é maravilhoso quando você se acostuma ao lugar — disse ele.

Byron foi mandado para uma escola no norte. Teve a impressão de que ninguém sabia o

que fazer com ele e não lutou contra isso. Na verdade, concordava. Não fez amigos porque

tinha medo de machucá-los. Não se envolvia em nada. Às vezes, as pessoas se assustavam

porque não faziam ideia de que ele estava no recinto. Foi ridicularizado por ser quieto, por

ser estranho. Levou surras. Certa noite, acordou e se viu sendo carregado para fora da escola

por um mar de mãos e gargalhadas, mas simplesmente ficou imóvel e não resistiu. Ficava

impressionado, às vezes, com quão pouco sentia. Nem sabia mais por que estava infeliz. Sabia

apenas que estava. Lembrava-se da mãe de vez em quando, ou de James, e até mesmo do

verão de 1972, mas pensar naquela época era como acordar de um sono com pedaços de

sonhos que não faziam sentido. Era melhor não pensar em nada. Passava as férias em Cranham

House com Lucy e uma sucessão de babás. O pai raramente os visitava. Lucy começou a

preferir passar as férias com amigas. Na escola, ele era reprovado nos exames. Seus boletins

eram péssimos. Parecia que ninguém se importava, fosse ele inteligente ou burro.

Quatro anos depois, ele fugiu do internato. Pegou vários trens noturnos e um ônibus e

voltou para Cranham Moor. Voltou para casa, mas estava trancada, claro; não havia ninguém

lá. Então ele foi até a polícia e se entregou. Eles ficaram confusos. Ele não havia feito nada,

mas insistia que talvez tivesse feito. Causava acidentes, disse ele. Chorou. Implorou para que

o deixassem ficar ali. Estava tão obviamente exaltado que não tinham como mandá-lo de volta

para a escola. Ligaram para o pai do menino e pediram que fosse buscar o filho. Seymour

nunca apareceu. Foi Andrea Lowe quem o buscou.

Quando Byron soube do suicídio do pai, vários meses já haviam se passado. As coisas

estavam muito diferentes àquela altura, e ele não tinha mais espaço para sentir nada. Como

uma medida de precaução, deram sedativos para ele antes e depois da notícia. Falaram sobre

uma arma e sobre uma tragédia terrível, e também as mais sinceras condolências foram dadas,

mas nessa época ele já havia escutado aquelas palavras tantas vezes que os sons não

significavam nada. Quando perguntaram se ele gostaria de ir ao funeral, ele respondeu que

não. Ele se lembrou de perguntar se a irmã sabia, mas disseram a ele que ela estava em um

internato. Ele não se lembrava disso? Não, disse ele, não lembrava. Não se lembrava de

muitas coisas. Então ele viu uma mosca morta, preta e de barriga para cima, no parapeito, e

começou a tremer.

Estava tudo bem, disseram. Ficaria tudo bem. Perguntaram se Byron conseguia ficar

parado. Será que podia não chorar e não tirar o sapato? Ele prometeu que sim. Então a agulha

espetou seu braço e quando ele acordou, estavam conversando sobre biscoitos.



O encontro

JIM FICA OLHANDO para o tênis. Não consegue definir se os pés cresceram ou não. Parecem

diferentes dentro de sapatos. Ele mexe os dedos e ergue os calcanhares e admira a maneira

como ficam lado a lado, como velhos amigos. Está feliz por seus pés terem um ao outro

novamente. É estranho não andar mancando, mas equilibradamente; ser como todo mundo.

Talvez ele não seja tão diferente, afinal. Talvez seja necessário perder algumas coisas, de vez

em quando, para vermos como eram perfeitas antes.

Ele sabe que deve seu salvamento a Paula e Darren. Preocupados com sua ausência no

trabalho, pegaram o ônibus até Cranham Village. Bateram na porta e nas janelas do trailer.

Primeiro, acharam que ele estava de férias. Foi apenas quando já estavam indo embora, Paula

admitiu depois, que outras possibilidades lhes ocorreram.

— A gente achou que você estava morto e tal. — Foi Darren quem subiu no telhado do

trailer e abriu o teto solar. Quiseram levá-lo direto para a emergência, mas ele tremia tanto

que, em vez disso, fizeram um chá. Removeram a fita adesiva das janelas, portas e armários

com dificuldade. Pegaram cobertor e comida. Esvaziaram o banheiro químico. Disseram que

ele estava a salvo.

É fim de tarde de Ano-Novo. Ele não acredita que esteve tão perto de desistir. O impulso

de se entregar existia nele. E, no entanto, agora que está do outro lado da situação, agora que

está de volta ao trabalho e usando o chapéu laranja, o avental laranja e meias, ele vê como

teria sido errado. Ele quase desistiu, mas outra coisa aconteceu e ele seguiu em

frente.

A chuva bate como pequenas contas nas janelas escurecidas do café do supermercado.

Logo será a hora de fechar. O sr. Meade e a equipe começam a embalar os salgados com papel

plástico. Os poucos clientes que restaram terminam suas bebidas e colocam seus casacos,

preparando-se para dirigir para casa.

Paula passou a tarde falando sobre o vestido chique que vai usar na festa em que Darren

vai levá-la, no Sports and Social Club. Ele, por sua vez, passou bastante tempo no banheiro

fazendo alguma coisa nos cabelos para dar a impressão de que não fez nada neles. Às cinco e

meia, o sr. Meade vai colocar o terno preto alugado na Moss Bross pela sra. Meade e vai se

encontrar com a esposa lá embaixo. Vão a um baile, onde haverá queima de fogos à meia-

noite. Ficam sabendo que Moira tem um encontro com um dos jovens da banda e que vai

acompanhá-los no micro-ônibus até um show de Ano-Novo. O café vai fechar e todo mundo

vai ter para onde ir, menos Jim, que vai voltar para o trailer e também para os rituais.

— Você devia vir com a gente — diz Paula. Ela tira os pratos vazios e as latas de Coca-

Cola de uma mesa. Jim pega o spray e o pano para limpá-la. — Seria bom para você. Talvez

conheça alguém.

Jim agradece, mas diz que não vai. Desde que ela o encontrou no trailer, ele tem que

assegurá-la de que está feliz o tempo todo. Mesmo quando está com medo ou triste, e às vezes

as duas coisas, tem que forçar o rosto a abrir um sorriso e mostrar o polegar em sinal positivo.

— Falando nisso, ela ligou de novo — diz Paula.

Jim diz para Paula que não quer saber de Eileen. Mas ela ligou três vezes, insiste Paula.

— Você não disse... — A frase perfura o ar. — Você não disse... não disse... que ela era p-

p-p...?

— Ela é problema — interrompe Paula. Como há apenas um cliente no café, ela coloca a

bandeja na mesa. Pega uma peruca azul da bolsa e a coloca na cabeça. Parece uma sereia. —

Mas ela é um bom problema. E o negócio é que ela gosta de você.

— Não é... não é b-bom. — Jim fica tão confuso com o que Paula diz, e também com o que

sente, que se vê limpando a mesa do único cliente que sobrou. O homem fica imóvel. Ainda

não terminou o café.

— Faça o que achar melhor — diz Paula. — Vou trocar de roupa. — Ela se

afasta.

— Com licença, você tem horas?

A pergunta é parte do café. Jim mal escuta. É parte da banda jovem que está terminando

seu repertório limitado de Ano-Novo, parte da árvore piscante de fibra ótica. É parte de

outras pessoas que seguem com a vida, mas Jim não considera a pergunta pertinente para ele,

então continua a limpar. O homem limpa a garganta. A pergunta é feita de novo, dessa vez um

pouco mais alta, um pouco menos solta.

— Desculpe a pergunta, mas você tem horas?

Jim olha para o cliente e, horrorizado, percebe que está sendo encarado. O café parece

congelar de repente, como se alguém tivesse apagado as luzes e diminuído o volume. Ele

aponta para o punho para mostrar que não tem relógio. Não há nem a marca da pulseira de um

relógio no braço dele.

— Ah, perdão — diz o estranho. Bebe o que resta no copo e seca a boca com o

guardanapo. Jim continua a borrifar e limpar.

O homem está vestido com roupas casuais: calça de brim, camisa quadriculada, jaqueta

impermeável. Parece o tipo de pessoa que tem que pensar em relaxar. Assim como as roupas,

os cabelos finos são de um tom indeterminado de castanho, quase ficando grisalho, e a pele é

macia e pálida, sugerindo que viveu a maior parte do tempo em ambientes fechados. Ao lado

do copo de café, o estranho dobrou suas luvas. É médico? Não parece provável que tenha sido

um paciente um dia. Tem cheiro de limpeza. É um cheiro do qual Jim lembra vagamente.

O estranho empurra a cadeira. Levanta-se. E então, quando está prestes a se afastar, faz

uma pausa.

— Byron? — sussurra ele. — É você? — Sua voz engrossou com a idade, um pouco mais

fluida nas consoantes, mas é inconfundível. — Sou eu, James Lowe. Você se lembra de mim?

— Oferece a mão. A palma está aberta, como um convite. Os anos ficam para trás.

De repente, Jim tem vontade de perder a própria mão, de não tê-la, mas James aguarda, e

há tanta gentileza em sua espera, tanta paciência, que Jim não consegue se afastar. Ele estica a

mão. Coloca-a na de James. A dele está tremendo, mas a de James parece limpa e macia, e

também quente, como cera de vela que acabou de derreter.

Não é um sacudir de mãos. Não tem nada sacudindo. É um segurar de mãos. Um abraçar

de mãos. Pela primeira vez em mais de quarenta anos, Jim aperta sua mão esquerda na mão

direita de James Lowe. Seus dedos se tocam, se unem e se travam.

— Meu querido amigo — diz James suavemente. E porque Jim começa a balançar a

cabeça e a piscar, James retira a mão e lhe oferece um guardanapo. — Perdão — diz ele.

Embora não fique claro se pede perdão por ter segurando a mão de Jim, ou por ter oferecido

um guardanapo usado, ou por tê-lo chamado de querido amigo.

Jim assoa o nariz para sugerir que está resfriado. Enquanto isso, James alinha o começo do

zíper do casaco. Jim continua secando o nariz, e James levanta o zíper até o pescoço.

— Estávamos passando por aqui a caminho de casa — diz James. — Eu e minha esposa.

Eu queria mostrar a charneca para ela, onde nós crescemos. Minha esposa está fazendo umas

compras de última hora antes de voltarmos para Cambridge. A irmã dela vai passar o Ano-

Novo conosco. — Tem alguma coisa infantil nele, com o zíper fechado até em cima. Talvez ele

perceba isso quando olha para baixo, pois franze o rosto e abre o zíper cuidadosamente até o

meio do casaco.

É tanta coisa para assimilar. Que James Lowe virou um cinquentão baixo de

cabelos ralos.

Que está ali, no café do supermercado. Que tem uma casa em Cambridge e uma esposa. Uma

cunhada que visita no Ano-Novo. Um casaco impermeável com zíper.

— Margaret me pediu para vir comprar um café. Eu a atrapalho. Acho que ainda não sou

um homem prático. Mesmo depois desses anos todos. — Desde o aperto de mãos, Jim não

consegue olhar James nos olhos. — Margaret é minha esposa — acrescenta ele. E depois: —

Sou o segundo marido dela.

Sem palavras, Jim assente.

— Foi um choque — diz James. — Foi um choque ver que Cranham House não existe

mais, e os jardins também. Não planejei dirigir até lá; o GPS deve ter errado. Quando vi o

bairro, não fazia ideia de onde estava. Aí lembrei de ter ouvido sobre o novo vilarejo. Só que

imaginei que teriam mantido a antiga casa. Eu não fazia ideia de que a teriam derrubado.

Jim escuta e assente como se não estivesse tremendo, nem segurando spray antibactericida,

nem usando um chapéu laranja. James faz pausas ocasionais entre as frases, oferecendo uma

abertura, mas Jim só consegue murmurar em concordância, respirar ruidosamente.

— Eu não fazia ideia, Byron, do tamanho de Cranham Village — diz James. — Não

acredito que os construtores conseguiram fazer aquilo. Deve ter sido tão ruim ver a antiga casa

sendo destruída. E o jardim. Deve ter sido muito difícil para você, Byron.

O uso de seu nome verdadeiro parece uma série de pancadas. Byron. Byron. Ele não

escuta o nome dito em voz alta há anos. É a maneira branda como James diz o nome que o

arrasa, como se estivesse ajudando Jim a colocar uma roupa velha, seu casacão azul de

algodão, por exemplo, alguma coisa que ele achou que havia perdido, ou que não cabia mais.

E ainda assim, Jim — que não é Jim, que no final das contas é Byron, apesar de ser outra

pessoa há muito tempo, essa outra pessoa, esse Jim, esse homem sem raízes, sem um passado

— não consegue falar. E ao perceber isso, James continua:

— Mas quem sabe você não estava pronto para se libertar daquele lugar? Talvez você

quisesse que eles derrubassem a casa. Afinal de contas, as coisas nem sempre acontecem do

jeito que a gente planeja. Eles nunca mais aterrissaram na Lua, Byron, depois de 1972. Eles

jogaram golfe lá em cima, eles coletaram amostras, e depois a coisa toda parou. — James

Lowe para de falar, o rosto franzido, concentrando-se como se estivesse repetindo a última

frase e escutando-a novamente. — Não tenho problema com golfe. Só me parece uma pena

terem jogado na Lua.

— É. — Finalmente. Uma palavra.

— Mas é fácil para mim ficar sentimental a Lua, assim como é fácil para mim sobre

Cranham House. A verdade é que não voltei. Não por muitos anos.

Jim abre a boca. Ela estala e apalpa as palavras que não aparecem.

— Eles... eles v-venderam.

— A casa?

Ele faz que sim. Mas James não parece confuso, nem constrangido, nem mesmo surpreso

com o gaguejo.

— Os administradores a venderam?

— Isso.

— Que pena. Sinto muito mesmo, Byron.

— Não tinha... não tinha mais dinheiro. Meu pai abandonou... abandonou tudo.

— Ouvi dizer. Que coisa terrível. E o que aconteceu com sua irmã, Lucy? O que ela fez?

— Londres.

— Ela mora lá?

— Ela-ela-ela se casou com um banqueiro.

— Ela tem filhos?

— Nós perdemos... nós perdemos... contato.

James assente como se compreendesse; como se a distância entre irmão e irmã fosse

inevitável, dadas as circunstâncias, mas, mesmo assim, algo a se lamentar. Ele muda de

assunto. Pergunta se Byron ainda tem notícias dos antigos amigos.

— Eu e minha esposa fomos a um daqueles encontros para antigos alunos da Winston. Vi o

Watkins. Lembra-se dele?

Jim diz que sim, ele lembra. Parece que Watkins foi para a cidade depois de Oxford.

Casou-se com uma francesa. James comenta que sua esposa é quem gosta de festas.

— Então, o que trouxe você para cá, Byron?

Ele explica que é seu trabalho, limpar as mesas, mas James não parece surpreso. Assente

ansiosamente, como se fosse uma notícia maravilhosa.

— Eu me aposentei. Comecei cedo. Não quis acompanhar as novas tecnologias. E o tempo

é uma medição tão precisa que não dá para cometer erros.

Jim sente os joelhos amolecendo como se alguém tivesse batido neles com algo duro.

Precisa se sentar, o café gira, mas não pode se sentar, está no trabalho.

— O tempo?

— Eu me tornei um cientista atômico. Minha esposa diz que meu trabalho era consertar o

tempo. — James Lowe sorri, mas não como se achasse que falou alguma coisa engraçada. É

mais um sorriso desengonçado. — Era um trabalho difícil de explicar. Ela achara que as

pessoas pareciam cansadas ou ocupadas. Mas você entenderia, é claro. Você sempre foi o

inteligente.

James Lowe fala de átomos de césio, menos o vigésimo quarto. Há uma menção ao

Observatório de Greenwich, assim como a fases da Lua, à força gravitacional e aos

movimentos da Terra. Jim escuta, ouve as palavras, mas elas não são registradas como sons

com significado. São mais como barulhos macios afogados na confusão dentro dele. Ele se

pergunta se ouviu direito; James Lowe disse que ele era o inteligente? Talvez ele esteja

olhando muito intensamente, ou fazendo alguma careta, porque James para de falar.

— É tão bom ver você, Byron. Estava pensando em você, e aqui está. Quanto mais velho

fico, mais tenho que admitir que a vida é estranha. É cheia de surpresas.

Durante todo o tempo em que James falou, o café deixou de existir. Ficaram

apenas os dois

homens, uma colisão assustadora de passado e presente. Então há o barulho do caixa, um ruído

da máquina de café, e Jim levanta a cabeça. Paula está olhando para ele. Ela se vira para o sr.

Meade, murmura algo no ouvido dele; o sr. Meade também para o que está fazendo e olha para

os dois velhos amigos.

James, no entanto, não vê nada disso. Está de novo concentrado no zíper. Realinha o fecho

com os dentes de metal. Diz:

— Tem uma coisa que preciso falar para você.

E enquanto ouve James Lowe, Jim também vê o sr. Meade. O gerente enche duas xícaras

de café e os coloca em uma bandeja. A voz de James e as ações do sr. Meade se misturam e

viram parte da mesma cena, como uma trilha sonora no filme errado.

— Isso é tão difícil — diz James.

O sr. Meade levanta a bandeja de plástico. Vai diretamente para eles. Jim precisa pedir

licença. Precisa fazer isso imediatamente. Mas o sr. Meade está tão perto; as xícaras emitem

um rangido nervoso nos pires de porcelana.

— Me perdoe, Byron — diz James.

O sr. Meade para à mesa com a bandeja de plástico.

— Desculpe, Jim — diz o sr. Meade.

Jim não faz ideia do que está acontecendo. É como outro acidente que parece não fazer

sentido. O sr. Meade coloca a bandeja na ponta da mesa. Tira as bebidas e também um prato

com tortas de carne moída.

— Trouxe algumas coisinhas, por conta da casa. Por favor, senhores, podem se sentar.

Chocolate?

— Desculpe, o quê? — diz James Lowe.

— Nos *cappuccinos*?

Os dois senhores concordam que querem chocolate. O sr. Meade pega um pequeno frasco

e coloca uma camada de chocolate em pó caprichada em cada bebida. Coloca facas e garfos

na mesa, bem como guardanapos limpos. Coloca os condimentos no meio da mesa.

— *Bon appétit* — diz ele. — Aproveitem. — E também: — *Gesundheit*. — Ele se vira

rapidamente, vai para a cozinha e só relaxa o passo quando já está longe. — Darren? — diz

ele com autoridade repentina. — Chapéu.

Jim e James Lowe olham por um instante para a cortesia de café e tortas, como se nunca

tivessem visto tal riqueza. James puxa uma cadeira para Jim. Jim, por sua vez, passa o café e o

guardanapo novo para James. Oferece o pedaço maior. Eles se sentam.

Por algum tempo, os dois amigos de infância não fazem nada além de comer e beber.

James Lowe parte a torta de carne moída em quatro e coloca cada pedaço na boca. As

mandíbulas mastigam, os dentes mordem, mas línguas lambem como se quisessem sugar todo o

sabor da comida oferecida. Eles são tão insignificantes, esses amigos de meia-idade, um alto,

o outro baixo, um de chapéu laranja, o outro de casaco impermeável, e, no entanto, cada um

espera, como se o outro tivesse a resposta da pergunta que não têm palavras para fazer. É só

quando acabam de comer que James Lowe começa a falar de novo.

— Eu estava dizendo — murmura ele. Dobra o guardanapo na metade, e na metade de

novo, e depois em um pequeno quadrado. — Tem um verão que nunca esqueci. Quando éramos

crianças.

Jim tenta beber, mas suas mãos tremem tanto que ele desiste do café.

James apoia uma das mãos na mesa para se equilibrar e cobre os olhos com a outra, como

se estivesse se protegendo do presente, como se só conseguisse ver o passado.

— Coisas aconteceram. Coisas que nenhum de nós entendia de verdade. Foram coisas

terríveis que mudaram tudo.

Seu rosto se fecha, e Jim sabe que James está pensando em Diana porque, de repente, ele

também está pensando nela. Ela é tudo o que ele consegue ver. Os cabelos que pareciam feixes

dourados, a pele pálida como a água, a silhueta dançando na superfície do lago.

— A perda dela... — diz James. Então a sua boca congela. Há um longo momento de

silêncio no qual os dois ficam sentados sem falar nada. James reorganiza a expressão do rosto.

— Eu ainda sinto a perda dela.

— Sim. — Jim mexe no spray antibactericida, mas ao segurá-lo, sabe que é inútil, então o

coloca na mesa.

— Tentei contar para Margaret sobre ela. Sobre sua mãe. Mas tem coisa que não dá para

falar.

Jim faz que sim, ou será que faz que não?

— Ela era como... — Jim para de falar novamente. De repente, Jim vê o menino

claramente, a imobilidade intensa que James Lowe sempre foi. É tão óbvio que ele não sabe

como deixou passar, a princípio. — Nunca fui um grande leitor. Só comecei na aposentadoria.

Descobri os livros. Gosto de Blake. Espero que você não se importe que eu diga isso, mas sua

mãe era como um poema.

Jim concorda. Era mesmo. Um poema.

Fica óbvio que continuar falando dela é demais para James. Ele tosse para limpar a

garganta, esfrega as mãos. De vez em quando, levanta o rosto, da mesma forma que Diana

fazia, e diz:

— E o que você faz, Byron, no seu tempo livre?

— Eu planto.

James sorri como quem diz sim. Sim, é claro que você planta.

— Puxou à sua mãe — diz ele. E então, sem nenhuma explicação, esse sorriso se

transforma em uma expressão de tanta dor, tanta tristeza, que Jim se pergunta o que houve.

James fala com dificuldade.

— Eu não durmo. Não durmo bem. Devo um pedido de desculpas a você, Byron. Devo

isso a você há muitos anos.

James fecha os olhos, mas as lágrimas caem mesmo assim. Fica sentado com os punhos

fechados sobre a mesa. Jim quer esticar os braços e segurar suas mãos por cima da mesa

laminada, mas há uma bandeja de plástico entre eles, sem mencionar os quarenta anos. E a

confusão em seu coração, em sua cabeça, é tal que ele não se lembra de como levantar os

braços.

— Quando fiquei sabendo do que aconteceu com você, quando ouvi falar sobre Besley

Hill, e seu pai, todas essas coisas horríveis que aconteceram depois, eu me senti péssimo.

Tentei escrever. Várias vezes. Quis visitar. Não consegui. Meu melhor amigo, e eu não fiz

nada.

Jim olha ao redor, indefeso, e vê o sr. Meade, Darren e Paula olhando da cozinha.

Constrangidos, eles tentam parecer ocupados, mas não há clientes, há apenas pratos com tortas

para serem arrumados; eles não enganam ninguém. Paula faz mímicas de pequenas palavras

com os dedos. Tem que fazer duas vezes porque ele não responde, fica apenas olhando. “Você

está bem?”, pergunta ela com movimentos dos lábios.

Ele faz que sim apenas uma vez.

— Byron, desculpe. Passei a vida me arrependendo disso. Se ao menos... meu Deus, se ao

menos eu não tivesse contado sobre aqueles dois segundos.

Jim sente as palavras de James o atingirem. Elas passam pelo uniforme laranja e tocam

seus ossos enquanto James sacode as mangas do casaco. Pega as luvas de dirigir, abre os

fechos e escorrega os dedos para dentro.

— Não — diz Jim. — Não foi culpa sua. — Em um movimento apressado, ele

coloca a

mão no bolso. Pega as chaves. James Lowe olha sem entender enquanto Jim tenta abrir o

chaveiro. Os dedos de Jim tremem tanto que ele não sabe se vai conseguir. Enfia a unha no aro

de prata, mas finalmente ele está livre e pousado na palma de sua mão.

James olha para o besouro de bronze. Ele não se mexe. Jim também olha. É como se os

dois homens estivessem vendo o objeto pela primeira vez. As asas lisas e fechadas. Os

pequenos dizeres esculpidos no tórax. A cabeça chata.

— Pegue. É seu — diz Jim. Ele o oferece de novo. Está desesperado para dar o besouro, e

ao mesmo tempo morre de medo do que vai acontecer quando voltar ao trailer sem o chaveiro.

Tudo vai se despedaçar. Ele sabe disso, e, no entanto, sabe que o chaveiro tem que ser

devolvido.

Mesmo sem entender nada, James Lowe assente.

— Obrigada — diz ele com calma. Pega o besouro e o gira nos dedos sem acreditar no

que acabou de receber. — Meu Deus... meu Deus — diz ele, sorrindo sem parar, como se o

que Byron devolveu fosse uma parte dele, perdida há anos. E então ele diz: — Tenho uma

coisa que é sua.

Agora é a vez de James tremer. Mexe no bolso do casaco, olha para o teto, boca

semiaberta, como se estivesse esperando os dedos acertarem. Acaba pegando a carteira. É

feita de couro gasto. Ele a abre e pega alguma coisa do meio de vários compartimentos

plásticos.

— Aqui. — Coloca um cartão amassado na mão de Jim. É o cartão Brooke Bond com a

imagem do Montgolfier Balloon. O número um da série.

É difícil dizer como a próxima sequência de eventos acontece. Em um instante estão

sentados um de frente para o outro, olhando para os objetos devolvidos. No instante seguinte,

James se levanta e alguma coisa parece amolecer nele, quando se ergue. Antes de ele cair, Jim

se levanta rapidamente e o segura. Os dois ficam de pé dessa maneira por alguns momentos;

dois adultos nos braços um do outro. E depois de se reencontrarem após tantos anos, não

conseguem se deixar. Eles se seguram com força, mesmo sabendo que assim que se afastarem

vão agir como se isso jamais tivesse acontecido.

— Foi bom — diz James Lowe ao ouvido dele. — Encontrar você de novo. Foi bom.

Jim, que não é Jim, que é Byron, no final das contas, murmura que sim. Foi bom.

— *Tout va bien* — diz James corajosamente. Ou melhor, sua boca faz o formato

dessas

palavras. Os dois homens se afastam.

Quando se despedem, apertam as mãos. Ao contrário do primeiro aperto de mãos, e ao

contrário do abraço, esse é rápido e formal. James Lowe tira da mesma carteira seu velho

cartão pessoal. Aponta o telefone e diz que o número do celular ainda é o mesmo.

— Se algum dia você for a Cambridge, tem que me visitar. — Jim faz que sim e responde

que vai, mesmo sabendo que jamais sairá de Cranham Moor, que vai ficar ali para sempre,

assim como a mãe; e agora que ele reencontrou o passado, não há como se desconectar dele.

James Lowe se vira e sai da vida de Jim da mesma maneira singela que acabou de entrar.

— Essa conversa pareceu intensa — observa Paula. — Você está bem? — Darren sugere

que talvez ele queira um gole de alguma coisa forte. Jim pergunta se eles podem lhe dar

licença por alguns instantes. Ele precisa de ar fresco.

Ele sente alguma coisa cutucando seu cotovelo; olha para baixo e vê que é o sr. Meade.

Corado, da cor de uma framboesa, ele sugere que talvez Jim se sinta mais confortável se, se

— não consegue dizer, está morrendo de vergonha —, se tirar o chapéu laranja.



Um nome

MUDAR DE NOME não foi algo que Byron planejou. Essa ideia nunca nem lhe passou pela

cabeça. Ele presumia que, uma vez com um nome, essa era a pessoa que você era, não tinha

como escapar. Seu novo nome aconteceu, assim como a morte de Diana aconteceu, ou Besley

Hill aconteceu, ou o movimento das nuvens sobre a charneca acontecia. Cada uma dessas

coisas apareciam no mesmo momento em que desapareciam. Não existia aviso. Só mais tarde

ele olhou para trás e pôs em palavras o que havia acontecido, tentando colocar ordem em algo

fluido; encontrar um contexto específico onde pudesse inserir.

Quando o pai de Byron não foi buscá-lo na delegacia, Andrea Lowe apareceu em seu

lugar. Ela explicou que Seymour telefonara de Londres e pedira sua ajuda. Byron ficou

sentado bem quieto ouvindo o policial responder que o pobre menino estava em uma cela

porque eles não sabiam onde mais colocá-lo. Viajara mais de 400 quilômetros de pijama,

blazer e sapatos escolares. Pela sua aparência, não comia havia dias. Byron tentou se deitar;

os pés tocaram o final do colchão. O cobertor que pinicava não o cobria por inteiro.

Andrea estava explicando que houvera problemas na família. Sua voz era aguda e rápida.

Ele teve a impressão de que ela estava com medo. A mãe dele havia morrido. O pai estava —

como poderia dizer? — tendo dificuldades para lidar com a situação. Não havia outros

parentes vivos, fora a irmã, mas ela estava em um internato. O problema, disse ela, era que ele

era o problema. Ele trazia confusão.

Ele não entendeu por que ela diria isso dele.

O policial informou que não havia como manterem o menino em uma cela só porque havia

fugido da escola. Perguntou se Andrea podia ficar com ele por uma noite, mas ela disse que

não. Não se sentiria segura com um menino com um passado como o dele.

— Mas ele tem 16 anos. E não tem nada de errado com ele — repetiu o policial. — Ele

diz que é perigoso, mas é só olhar para ele que a senhora vai ver que ele não machuca nem

uma mosca. Está de pijama, pelo amor de Deus. — Chegou a aumentar o tom de

voz.

A voz de Andrea, por outro lado, permaneceu baixa. Byron teve que ficar bem quieto para

conseguir escutar, tão quieto que quase não era ele mesmo. Ela falava com pressa, como se

não quisesse as palavras em sua boca. O policial não tinha ouvido? Byron fora mandado

embora porque era problema. Eram os fatos, disse ela. Ficou parado enquanto a mãe se

afogava e não fez nada. Chegou a comer bolo no funeral.

— Bolo — repetiu ela. E como se não bastasse, havia mais problema ainda. O menino

fora responsável por um machucado na cabeça da irmã. Os sinais sempre existiam. Quando

tinha 10 anos, quase matara o filho dela em um lago. Ela fora forçada a tirar James da escola,

disse.

A boca de Byron se abriu em um grito silencioso. Ouvir aquelas coisas era demais. Ele

quisera ajudar a mãe. Jamais machucaria James. E quando colocou a escada do lado de fora

da casa, estava tentando salvar a irmã. Era como se estivessem falando sobre outro menino,

não ele, apesar de parecer com ele. Talvez ela estivesse certa. Talvez fosse tudo culpa dele. A

ponte e o machucado de Lucy. Talvez ele realmente quisesse machucá-los,

mesmo que outra

parte dele jamais quisesse. Talvez ele fosse dois meninos. Um que fazia coisas terríveis e

outro que precisava evitar que acontecessem. Byron começou a tremer. Ele se levantou, chutou

a cama e o balde embaixo dela. O balde girou e girou, deixando Byron tonto, até que bateu na

parede. Ele pegou o balde e o jogou novamente contra a parede, mas já era demais porque o

balde já estava com partes amassadas. Acabaria quebrando o balde. Em vez disso, ele bateu a

cabeça na parede querendo parar de escutar, parar de sentir, para entrar em contato com algo

sólido — era como gritar consigo mesmo porque ele não queria ser mal-educado gritando

alto. A parede era fria e dura contra sua cabeça, e era uma loucura fazer aquilo — talvez por

isso ele não conseguisse parar. Ouviu gritos na porta da cela. As coisas pareciam estar

atingindo um nível máximo. E aconteciam de maneiras que não faziam sentido.

— Pronto, pronto, filho — disse o policial. Byron não parou, então o policial deu um tapa

nele. Andrea deu um berro.

Não era para machucar, disse o policial, era só para fazer o menino parar. Parecia

assustado por ter batido em Byron. Assistindo da porta, Andrea estava pálida. O policial

segurou a cabeça. Era demais, dizia, como se não acreditasse no que estava acontecendo.

— Eu causo acidentes — sussurrou Byron.

— Está ouvindo? — gritou Andrea.

— Preciso ir para Besley Hill. Quero ir para Besley Hill.

— O senhor ouviu o que ele disse — falou Andrea. — Ele quer ir. Está pedindo para ir.

Precisa da nossa ajuda.

Outra ligação foi feita, e Andrea foi buscar o carro. Estava claramente nervosa agora.

Insistiu com voz firme que era amiga íntima da família; ela tomaria conta da situação. No

entanto, não o deixou sentar no banco da frente. Quando ele perguntou aonde estavam indo, ela

não respondeu. Tentou falar outra coisa, perguntar sobre como James estava se saindo na

escola nova, mas ela continuou sem responder. Ele quis dizer para ela que estava errada

quanto ao lago, que a ponte não fora ideia dele, mas de James, mas as palavras eram difíceis

demais. Era mais fácil ficar sentado, cravando as unhas nas palmas das mãos e não falar nada.

O carro de Andrea passou pelas cercas de gado e a charneca se abriu diante deles. Era

selvagem e sem fim; ele não fazia ideia do que estava fazendo no carro dela. Não sabia nem

por que tinha fugido da escola, ou por que havia procurado a polícia, ou por que batera a

cabeça na parede. Talvez estivesse tentando mostrar para eles que não estava conseguindo

lidar com as coisas, que estava infeliz. Seria tão fácil voltar ao que era antes. Se ao menos

pudesse parar o carro, se ao menos pudesse parar tudo por um instante; não era tarde demais,

ele ainda podia voltar a ser quem tinha sido. Mas o carro virou na entrada e as pessoas já

estavam descendo a escada correndo para recebê-los.

— Obrigada, sra. Lowe — disseram eles.

Ela pulou do carro e correu para a porta do hospital.

— Tire ele do meu carro. Tire ele — disse ela várias vezes.

Eles foram tão rápidos que não teve tempo de pensar. Abriram a porta do carro. Foram

para cima dele como se ele pudesse explodir a qualquer instante. Ele afundou as unhas no

assento do carro, ele se agarrou com força ao cinto de segurança. Então alguém o segurou

pelos pés e outra pessoa puxou seus braços. Ele começou a berrar não, não, não, por favor.

Mais pessoas estavam vindo com casacos e cobertores, e diziam cuidado com a cabeça dele e

se perguntaram se conseguiam encontrar a veia dele. Estavam levantando as mangas da camisa

de Byron, e ele não sabia se estava chorando ou se estava em silêncio. “Quantos anos tem?”,

gritou alguém.

— Ele tem 16 — gritou Andrea Lowe em resposta. — Ele tem 16.

Andrea Lowe estava chorando, ou talvez fosse outra pessoa.

As vozes todas se misturavam porque a cabeça dele já não era mais dele. Eles o estavam

carregando para o prédio. O céu passava sobre ele como se estivesse sendo puxado, e então

ele estava em um salão com cadeiras, e então ele não era mais nada.

O primeiro dia em Besley Hill não foi muito movimentado. Ele dormiu e acordou e se lembrou

de onde estava; sentiu muita dor e dormiu de novo. No segundo dia, ele mostrou mais sinais de

calma, e foi quando uma das enfermeiras perguntou se ele gostaria de dar uma volta.

Era uma mulher pequena e arrumada. Talvez fosse a cor de seus cabelos, um dourado

brando, mas ele sentiu que ela era gentil. Mostrou o dormitório para ele, onde ele dormiria, o

lugar onde tomaria banho e também o lugar onde poderia usar o banheiro. Apontou o jardim lá

fora e disse que era uma pena que um lugar tão lindo fosse tão malcuidado. Ele ouviu vozes,

berros e às vezes gargalhadas, mas elas iam e vinham. Em geral, havia sempre silêncio. Um

silêncio tão profundo que ele conseguia acreditar que o resto do mundo havia desaparecido.

Ele não sabia se estava triste ou feliz com isso. Desde as injeções que lhe deram para acalmar

os nervos, ele sentia que suas emoções paravam logo antes de ele senti-las. Era como ver o

negro da tristeza e se encher de alguma coisa que não combinava com tristeza, talvez roxo,

leve como um pássaro que nunca pousa.

A enfermeira abriu a porta da sala de televisão, e, quando ele perguntou por que

mantinham o aparelho atrás de uma porta de vidro, ela sorriu e disse que ele não devia ficar

assustado. Ele estaria a salvo em Besley Hill.

— Nós vamos cuidar de você — disse ela. Seu rosto era rosado e cheio de pó, como se

ela tivesse recebido uma pitada de açúcar de confeiteiro. Ela fazia com que Byron se

lembrasse de um ratinho feito de açúcar, e foi então que percebeu que estava com fome. Era

tanta fome que se sentiu um buraco.

Ela disse que seu nome era Sandra.

— E o seu? — perguntou ela.

Ele estava prestes a responder quando alguma coisa o fez parar. Foi como se ao ouvir a

pergunta ele visse uma porta, como o vidro na frente da televisão, em um lugar onde antes ele

achou que só existia uma parede.

Byron pensou no que sua vida havia se tornado. Pensou em todos os erros que cometera, e

havia tantos que a sua cabeça girou. Considerando a vergonha, a solidão e a tristeza constante,

não havia como ele continuar sendo a pessoa que era. Isso era mais do que ele suportava. A

única maneira de continuar era sendo outra pessoa.

A enfermeira sorriu.

— Só quero saber seu nome. Não precisa ficar com essa cara de preocupação.

Byron colocou a mão no bolso. Fechou os olhos e pensou na pessoa mais inteligente que

conhecia. O amigo que era a parte dele que faltava e que adorava sua mãe tanto quanto ele a

amava. Passou os dedos em torno do besouro da sorte.

— É James. — O nome tinha uma textura macia e crua em sua boca.

— James? — repetiu a enfermeira.

Ele olhou para trás, esperando alguém aparecer e dizer que este jovem não era James, era

Byron, ele era um fracasso, ele era uma confusão. Mas ninguém apareceu de lugar nenhum. Ele

fez que sim com a cabeça para mostrar à enfermeira que era James.

— Meu sobrinho se chama James — disse a enfermeira. — É um nome bonito. Mas sabe

de uma coisa? Meu sobrinho não gosta. Ele faz todo mundo chamá-lo de Jim. —

O nome soava

engraçado, como gim, e ele riu. A enfermeira também riu. Finalmente estava compartilhando

alguma coisa; foi um alívio.

Ele se lembrou da mãe sorrindo no dia em que foram levar presentes em Digby Road, e da

história estranha sobre o homem que gostava de champanhe. Pensou nas diferentes vozes dela,

na voz macia para Seymour, na voz gentil para as crianças. Pensou nela rindo com Beverley e

em como conseguia se esvair, como uma poça por debaixo da porta, e virar outra pessoa.

Talvez fosse fácil. Talvez fosse apenas uma questão de dar outro nome ao que você era, e

então se tornar esse outro. Afinal, James dissera que se podia chamar um cachorro de chapéu,

e descobrir, ao fazer isso, que estivera deixando um detalhe passar.

— Sim — repetiu ele com um pouco mais de coragem. — Eu também sou Jim. — Já não

parecia uma mentira tão grande agora que ele abreviara o nome. Era como se o amigo

estivesse ali com ele em Besley Hill. Ele já não sentia medo. Não sentia nem fome.

A enfermeira sorriu.

— Vamos ficar mais confortáveis, Jim — disse ela. — Por que você não tira o cinto e os

sapatos?

Uma pequena fileira de homens vestindo pijamas passou, todos andando bem devagar. Ele

quis acenar, eles pareciam tão cansados. Cada um tinha duas marcas na testa, vermelhas como

papoulas.

— Está vendo? — disse a enfermeira. — Vários senhores usam chinelos enquanto estão

aqui.

Nas janelas, a charneca se erguia e tocava o céu de inverno. As nuvens estavam tão

pesadas que talvez nevasse. Ele se lembrou da maneira como o Sol entrava pelas portas

francesas em Cranham House em quadrados tão nítidos e quentes que ele ficava de pé dentro

deles e se sentia aceso.

Byron se ajoelhou para tirar os sapatos.



Um final diferente

NA CHARNECA, A chuva está caindo. Até mesmo no escuro ele percebe os primeiros traços da

primavera. Folhas retorcidas aparecem no solo, tão novas que são finas como grama. Ele

encontra uma celidônia amarela perfeita e pedaços de folhas que vão se tornar salsas de vaca

e urtigas. Na cidade, ele já viu cerejeiras brotando, amentos pálidos, pequenos botões do

tamanho de migalhas. A terra está mudando de novo.

Jim pensa em James Lowe e em Diana; na irmã Lucy, que ele não vê mais; no pai, em cujo

funeral não foi. Não fez diferença. Todos os anos de fita adesiva e verificações e o-oi. Ele vê

tudo com uma claridade que o deixa sem ar, dói muito. Jamais estaria a salvo.

Independentemente de quantas vezes fizesse os rituais, jamais se protegeria porque aquilo que

ele mais temia já havia acontecido. Aconteceu no dia em que olhou para o relógio e viu que os

segundos estavam sendo adicionados. O pior não está por vir. Já está ali. Esteve com ele nos

últimos quarenta anos.

Há tanto para assimilar. Ele fica imóvel respirando rapidamente, como se alguém

estivesse esfaqueando-o por dentro. Não sabe como vai voltar para o café, como vai retornar

à vida de antes. O abismo entre o passado e este momento é tão grande que é

como estar à

deriva em um bloco de gelo vendo outros fragmentos de vida flutuando ao lado, incapaz de

unir tudo. Às vezes é mais fácil, pensa ele, viver os erros que cometemos do que reunir a

energia e a imaginação necessárias para consertá-los.

Ele vê a mãe jogando o relógio no lago. Pensa nos anos que vieram e passaram desde

então, nos dias, nos minutos. A medida deles não significa nada.

James Lowe tem razão. O encontro deles esteve para acontecer o tempo todo. É algo que o

universo precisava fazer. Mas para que uma pessoa ajude a outra, para que um pequeno ato de

bondade tenha êxito, muitas coisas precisam dar certo, muitos detalhes precisam se encaixar.

Eles não se viram por quarenta anos, e no entanto o tempo em que não se viram não separou os

dois amigos. James Lowe achou um bom emprego, tem uma esposa e uma hipoteca; assim

como Byron teve vários empregos, nunca se casou e não tem uma casa. Eles se seguraram à

esperança de que algum dia aquele momento chegaria. Eles esperaram. Ele guardou o besouro

da sorte de James; James guardou o cartão Brooke Bond. As lágrimas enchem seus olhos, e as

estrelas perfuram o céu. Ele soluça, soluça muito, como uma criança. Pela perda,

pelo

sofrimento, pela dor. Pelo desperdício, pelas escolhas equivocadas, pelos erros. Pelo seu

amigo. Pelo perdão.

Em uma confusão de asas, um bando de passarinhos sobe ao céu, abrindo-se e se esticando

como um laço negro. Ele caminha pela charneca e entra mais e mais na noite.

Byron, diz o vento; a grama; a terra. E de vez em quando ele também tenta dizer "Eu sou

Byron. Byron Hemmings".

Ele não é mais duas pessoas. Não é mais duas histórias cortadas. Ele é um.

Epílogo



A subtração de tempo

É MANHÃ DE Ano-Novo e o ar está limpo. Nuvens gigantes passam lentamente pelas estrelas.

A terra está salpicada por uma geada cinzenta e cada lâmina de grama brilha sob

o luar. É

cedo demais para enxergar claramente, mas um vento passa pelas folhas mortas e pelos pés

das trepadeiras, que assobiam gentilmente. Do outro lado dos montes, o sino da igreja bate as

seis badaladas.

Byron se senta do lado de fora do trailer vestindo casaco e chapéu de lã. Já foi lá fora

checar o que plantou, já limpou um carpete congelado de folhas. Eileen ainda está dormindo

na cama dobrável, cabelos cheios no travesseiro. Quando ele se levantou, ajeitou o cobertor

ao redor dela, e ela rangeu os dentes, mas não acordou. Estava totalmente vestida. Ele ficou

maravilhado novamente com o tamanho tão pequeno de suas botas, com o verde vivo do

casaco atrás da porta. As canetas embrulhadas estavam no bolso dela. As mangas, notou ele,

estavam amarrotadas nos ombros. Ele parou. Pegou a borda da manga, onde a mão dela

estaria, e alisou a manga toda.

Ele se pegou pensando se seria necessário fazer isso 21 vezes. Seus dedos se retorceram.

Deixou o casaco onde estava. Fechou a porta do trailer com cuidado depois de sair.

Não fez o conjunto completo de rituais na noite anterior. Completou apenas uma

parte.

Depois de chegar à casa de Eileen, e de beber chá, eles foram de carro até a charneca e

andaram até o ponto mais alto para ver os fogos. Dali, a caminhada se estendeu até Cranham

Village, dali até o prado, e dali até o trailer. Nem conversaram sobre o que estavam fazendo.

Suas botas simplesmente seguiram. Foi apenas quando chegaram à rua sem saída que ele

percebeu o que estava acontecendo e começou a tremer.

— Você está bem? — perguntou Eileen. — Eu posso ir para casa.

Ele demorou bastante tempo para dizer que gostaria que ela ficasse.

— Talvez um passo de cada vez — disse ela.

Ele havia contado seu verdadeiro nome para ela e a história de James. Contou sobre Diana

e o acidente. Contou sobre Cranham House; que foi vendida aos investidores; que ele viu as

máquinas demolindo a casa. Contou sobre os tratamentos ao longo dos anos e, com

dificuldade, explicou que só está seguro se faz os rituais. Nada disso saiu com facilidade. As

frases foram como pedaços de vidro na garganta e na boca. Levaram horas. Eileen escutou o

tempo todo, esperando com a cabeça bem parada, os olhos azuis bem abertos. Não disse “Não

acredito”. Não disse “Tenho que dormir agora”. Não falou nada disso. A única

coisa que

mencionou é que gosta de Cambridge. Gostaria de ir lá um dia. Ele mostrou o cartão Brooke

Bond para ela.

Ao lado do trailer, ele arma a mesa dobrável e duas cadeiras, e mais uma chaleira, leite,

canecas e um pacote de mingau. A cadeira à sua frente é para Eileen, e o objeto fica ali,

olhando para ele, aberta como uma pergunta.

Ele arruma a caneca dela para que a alça fique de frente para onde ela se sentará.

Caso se sente.

Arruma a alça da caneca para que fique de frente para ele.

Coloca-a em um local neutro.

Diz caneca da Eileen, oi.

Ter o nome dela em sua boca é como tocar uma pequena parte de Eileen, uma parte que ela

não vai notar, como a ponta macia da manga do casaco dela. Ele pensa em se deitar ao lado

dela à noite, roupas farfalhando. O cheiro próximo da pele dela. A respiração dela ao lado da

dele. Ele se pergunta se algum dia vão dormir nus, mas o pensamento é tão grande que ele

precisa afastá-lo comendo um biscoito. A cabeça gira.

A verdade é que ele não dormiu. Já passava das quatro quando finalmente percebeu que

Eileen ia ficar. Ele explicou que não disse toalha de chá, oi, colchão, oi, e ela deu os ombros e

disse que não precisava se importar com ela. Ela esperaria, disse. Depois de dez rodadas

destrancando a porta e saindo do trailer — levando um susto toda vez com o formato sólido

dela ao lado da maçaneta dele —, ela finalmente disse:

— Você não falou nada para mim.

— Como assim?

— Você não falou, Eileen, oi.

— Mas você não é parte do meu trailer.

— Mas posso ser — disse ela.

— Você não é um objeto inanimado.

— Não estou dizendo que você tem que fazer isso, só estou dizendo que pode ser bom.

Depois disso, já não dava mais. Ele puxou a cama dobrável e pegou cobertores, na

esperança de terminar quando ela já estivesse dormindo. Ela se deitou e perguntou se ele

queria se deitar ao lado dela. Primeiro ele se sentou de um jeito casual na área perto dos pés

dela, depois ele levantou os pés com cuidado; depois suspirou como se não tivesse percebido

que estava deitado. Ela apoiou o rosto no braço dele e caiu no sono em alguns minutos.

Apertado contra Eileen, ele fechou os olhos, esperando que alguma coisa horrível

acontecesse. Sem a fita adesiva, o espaço parecia vulnerável e aterrorizante — se tinha

alguém sem roupa, era o trailer —, mas nada aconteceu. Ela não teve sonambulismo. Roncou

só um pouco. Ele achou que era mais fácil cortar o braço do que incomodá-la.

Ele come mais mingau. Está com tanta fome que um pacote não parece suficiente.

Quando Eileen sai para se unir a ele, um lado de seu rosto está vermelho e amassado. Ela

colocou o casaco — os botões estão errados — e o tecido está amassado como uma sanfona

na cintura. Os cabelos dela estão em pé como duas asas gigantes. Ela se senta na cadeira

oposta à dele sem dizer nada; olha para onde ele está olhando. Pega a caneca como se fosse

dela e coloca chá. Serve mingau para si própria.

— É legal — diz ela.

Só isso.

Já está amanhecendo. Ao leste, uma rachadura dourada parte a noite logo acima do

horizonte. As folhas das trepadeiras farfalham, farfalham, e não há necessidade de palavras.

Eileen se levanta repentinamente e abraça o próprio corpo. Bate os pés no chão.

— Está indo embora? — pergunta ele, tentando soar como se não se importasse.

— Preciso de um cobertor se você quiser ficar sentado aqui fora.

Ela entra no trailer e se vira. A mão descansa na moldura da porta como se já tivesse

pousado ali várias vezes. Como se fosse fazer aquilo mais centenas de vezes.

— Tem uma coisa que quero mostrar para você, Eileen. — diz ele.

— Me dê dois segundos, amor — diz ela e desaparece dentro do trailer.

Byron leva Eileen até o Gramado. A Lua ainda é visível, mas o céu pertence ao amanhecer

agora; o círculo branco está perdendo o brilho. A grama congelada estala sob as botas deles.

A grama brilha como se estivesse coberta de açúcar. Ele lembra que Eileen gosta de geada

mais do que de neve, e está feliz por ela estar tendo um dia como aquele. Eles não estão de

mãos dadas, mas seus ombros ou quadris se tocam de vez em quando. Eles não se afastam.

Eileen e Byron param ao lado da primeira casa na rua sem saída.

— Olha — diz ele. Tenta não rir, mas seu coração está cheio de animação.

Aponta para a casa dos alunos estrangeiros. Não tem ninguém acordado, embora uma caixa

de garrafas e latas de cerveja tenha sido deixada no tapete de entrada, ao lado de vários tênis.

Eileen está confusa.

— Não estou entendendo — diz ela. — É para eu olhar o quê?

— Olhe ali. — Ele aponta.

— Ainda não estou vendo nada.

Ele a leva para mais perto. Estão bem na frente da janela do primeiro andar, mas não há

nenhum barulho lá dentro. Ele toca o canteiro de flores da janela e afasta uma camadas de

folhas. Eileen olha mais de perto. Há dois açafrões roxos ainda fechados.

— Flores?

Ele assente. Leva o dedo indicador à boca e sussurra:

— Eu que fiz isso.

Ela fica confusa.

— Por quê?

— Não sei. Talvez tenha sido um pouco para você.

— Para mim?

— Talvez.

— Mas você não me conhecia.

— Bem, não sei. — Ele ri.

Eileen estica a mão e pega a dele. Ela é quente feito uma luva. Ele não sente medo. Não se

mexe.

— Seria melhor se fossem canetas?

— Não — diz ela. — Eu gosto disso.

Ele a leva até o próximo canteiro. Esse está escondido pelo varal e pelo cesto de roupas

sujas que nunca fica vazio. Eles passam por debaixo das toalhas congeladas e vão devagar à

janela. Também não há sinal de vida dentro dessa casa. Embaixo da camada de folhas

congeladas há dois caules finos e verdes. Ainda são muito fracos para florirem, mas o cheiro é

limpo, como o de pinheiros.

— Esses também? — pergunta Eileen. Ele diz que sim novamente. Esses também.

E finalmente Eileen entende a situação toda. Ela olha não apenas para as duas casas à sua

frente e para esses canteiros de flores. Com as mãos nos olhos, criando um túnel, ela olha

também toda a extensão branca da rua sem saída. Todas as casas são iguais. Embaixo da

superfície de folhas congeladas, haverá pequenos sinais de vida nova brotando da terra.

— Quando? — pergunta ela finalmente. — Quando você faz isso?

— Quando as pessoas estão dormindo.

Ela olha para ele. Por um instante, ele se pergunta se tem alguma coisa presa nos dentes,

como espinafre, embora não tenha comido espinafre.

— Bom para você — diz ela.

De mãos dadas, eles passam pelo lamaçal que os residentes chamam de gramado e

caminham em direção ao fosso cercado no meio do terreno. Dessa vez, ele não

precisa nem

falar, nem apontar. Instintivamente, Eileen parece saber o que vai encontrar. As folhas que ele

varreu mais cedo ainda estão em pilhas reluzentes na margem.

Dentro da área cercada, o punhado de terra brilha em várias corres. Há pequenos açafrões,

acônitos, campânulas-brancas, leite-de-galinha. Nem todas desabrocharam. Outras ainda são

apenas pequenos botões.

— Foi aqui que minha mãe morreu.

— Sim. — Ela seca os olhos.

— Nada crescia aqui. A água ficava voltando. Não muito. Só o suficiente para formar um

fosso. A água nem sempre faz o que as pessoas querem que ela faça.

— Não. — Mas ela faz que sim com a cabeça.

— Talvez seja isso que temos que aceitar sobre a água. Ela vem e vai.

Eileen tira um lenço de papel do bolso e assoa o nariz, fazendo barulho.

— Então eu trouxe terra. Carreguei estrume. Plantei os brotos. Chequei se estavam bem

todas as noites — diz ele.

— Sim — murmura ela. — Sim.

Eileen se liberta e vai até a cerca. Olha para a piscina de flores de verão, no mesmo lugar

onde o lago existia. Ao observá-la, alguma coisa desperta dentro dele. Ele vê

Diana de novo,

equilibrando-se na água. Sente o calor do verão de 1972, quando ela dormia sob as estrelas e

o ar estava entorpecido com a doçura dos goivos e das nicotianas brancas. Encontra os móveis

da mãe: o abajur com adornos, as mesas, a poltrona de chita. E é tudo tão claro que é difícil

lembrar que quarenta anos se passaram.

James Lowe tinha razão. A história era uma coisa inexata. Byron mal se atreve a piscar

para não perder o que os olhos estão lhe dando.

Mas está ao redor dele. À esquerda, não vê mais as filas de lares de dois quartos a preços

acessíveis, com antenas parabólicas que parecem chapéus. Tem uma casa georgiana que

permanece forte e sozinha na charneca. Onde há balanços de crianças, ele vê as roseiras da

mãe. Visualiza o pátio e escuta a música dela. Vê o banco onde se sentaram em uma noite

quente de setembro e ficaram olhando as estrelas cadentes.

Eileen se vira. De repente, em meio ao ar gélido, uma nuvem de moscas de verão aparece

e flutua acima dos cabelos dela, como pequenas luzes. Ela as afasta com a mão. Ele sorri —

naquele momento, a mãe, a casa, as moscas de verão desaparecem. Estavam todas ali, essas

coisas; foram dele certa vez, e agora acabaram.

Devagar, o Sol nasce no horizonte como um balão de gás hélio, jorrando cor por todo o

céu. As nuvens ficam em chamas, assim como a terra. A charneca, as árvores, a grama

congelada, as casas, tudo reluz em vermelho como se tivesse decidido ficar na cor dos

cabelos de Eileen. Os carros já estão passando. E pessoas com seus cachorros. Há desejos de

Feliz Ano-Novo. As pessoas param a fim de ver o nascer do dia, as torres de nuvens em tom

de açafrão, o restinho de uma Lua. Algumas pessoas notam as flores. Uma névoa se ergue

sobre a terra, e é tão suave que é como uma respiração.

— Vamos voltar para sua casa? — pergunta Eileen.

Byron vai até o lago e se junta a ela.

De dentro da casa, o velho analisa seu canteiro de flores. Franze o rosto, que está contra o

vidro da janela. Depois desaparece por alguns minutos e reaparece na porta da frente. Está

usando chinelo acolchoado e um roupão xadrez amarrado na cintura, além do boné de

beisebol. O velho coloca um pé para fora para testar a temperatura, o chão. Vai até o canteiro

de flores, frágil como um passarinho idoso, e olha.

O velho toca as duas flores roxas, uma e depois a outra; toma as duas nas pontas

dos

dedos. Sorri como se estivesse esperando por aquilo desde sempre.

E nos outros quartos, nas outras casas, há Paula e Darren, há o sr. e a sra. Meade, há Moira

com o menino que toca percussão. Há James Lowe e a esposa, Margaret; Lucy com seu

banqueiro. Em algum lugar, sim, deve haver até mesmo Jeanie, casada três vezes e cuidando

do negócio lucrativo da mãe com importações. Os alunos estrangeiros; o homem que tem ou

não o cachorro perigoso; todos os residentes de Cranham Village. Cada uma dessas pessoas

acreditando que naquela manhã de Ano-Novo a vida pode mudar um pouco para melhor. A

esperança é frágil, pálida como um broto novo. É o meio do inverno e Deus sabe que a geada

provavelmente vai matar esse broto. Mas pelo menos por um instante, ele está ali.

O Sol sobe cada vez mais, perdendo cor — até que a charneca fica azul feito poeira.

Agradecimentos

Meus agradecimentos vão para Susanna Wadeson, Kendra Harpster, Clare Conville, Alison

Barrow, Larry Finlay, Claire Ward, Andrew Davidson, Hope, Kezia, Jo e Nell, Amy e Em.

Mas, principamente, para Paul Venables, porque ele conhece esta história tanto

quanto eu.

Document Outline

- Folha de Rosto
- Créditos
- Dedicatória
- Epígrafe
- Prólogo – A adição de tempo
- Parte Um – Dentro
  - 1. Algo terrível
  - 2. Jim
  - 3. Talismãs da sorte
  - 4. Coisas que têm que ser feitas
  - 5. A senhorita contorcionista
  - 6. O chapéu laranja
  - 7. À beira do perigo
  - 8. Uma saída
  - 9. Lago
  - 10. Plantando
  - 11. Mães e psicologia
  - 12. Outro acidente
  - 13. O erro
  - 14. A tristeza de Jim
  - 15. A incineração do passado
- Parte Dois – Fora
  - 1. Uma ideia muito boa
  - 2. Anjos
  - 3. Dois pontos
  - 4. Papai Noel
  - 5. A visita à tarde
  - 6. Procurando coisas pequenas
  - 7. Amizade
  - 8. O aconchego
  - 9. Uma surpresa
  - 10. Charneca
  - 11. O órgão de Beverley
  - 12. Perfume e desodorante

    - 13. A captura de um ovo de ganso e a perda do tempo
    - 14. Saindo
    - 15. O show
    - 16. Palavras como cachorros
    - 17. A pessoa de fora
    - 18. Adeus, Eileen
    - 19. Jeanie e a borboleta
- Parte Três – Besley Hill
    - 1. Dança da chuva
    - 2. Rituais
    - 3. Um final
    - 4. O fim da fita adesiva
    - 5. Ruim da cabeça
    - 6. O encontro
    - 7. Um nome
    - 8. Um final diferente
- Epílogo – A subtração de tempo
- Agradecimentos